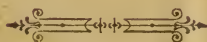
COIMBRA

ANTIGA E MODERNA

POR

A. C. BORGES DE FIGUEIREDO

Bibliothecario da Sociedade de Geographia

LISBOA,
LIVRARIA FERREIRA.
132, Rua Aurea, 134.

Á

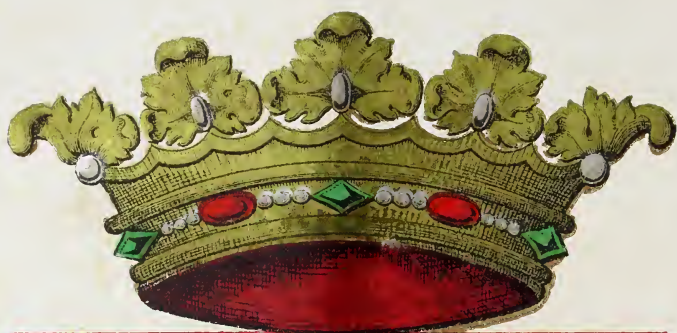
CIDADE DE COIMBRA

O AUCTOR

Ao seu am.º
Albino Maria Pereira Forjaz

COIMBRA

ANTIGA E MODERNA

Off. o auctor

AMIGO LEITOR,

NÃO te apresento uma obra de discussão, mas simplesmente um livro que o diabo me tentou a escrever, no intuito de tornar bem conhecida a minha terra. O bom Lafontaine, que tinha medo das obras longas, diz que

Loin d'épuiser une matière,
On n'en doit prendre que la fleur.

Ora eu, que não tenho medo das longas obras, mas que não deixo de avaliar bem a reflexão ou conselho expresso naquelles versos, nem esgotei a materia, nem creio que lhe tomasse apenas a flôr. Já vês que não te direi tudo quanto na formosa Coimbra tem havido ou acontecido em todos os tempos; mas que te darei conta das coisas que me parecerem mais importantes, *et quibusdam aliis*. Encontrarás no livro algumas novidades; se, porém, notares algumas vezes reminiscencias d'outros auctores, adverte que, como diz Horacio,

Dificile est propriè communia dicere.

Mereceu-me a archeologia especial cuidado, por ser o objecto principal dos

meus estudos; nem por isso, todavia, deixei de prestar muita attenção ao que é de nossos dias, nem ao que torna singular a velha e gloriosa cidade. Não receeies que o livro seja tão pesado como uma chronica religiosa, nem tão leve como um romance da actualidade. Não temas tambem que elle se filie na escola realista, se és sentimental; nem imagines que nelle predomina o sentimentalismo, se és realista. Se não me engano, qualquer que seja a escola a que pertenças, não te desprazerá inteiramente o livro; mas que elle te agrade complectamente, não o creio, nem o desejo: não o creio, porque tambem a mim não ha livro que por complecto me agrade; não o desejo, porque nesse caso era elle inteiramente máu... Para terminar, digo-te, leitor, que me lembrei de te chamar *benevolo, candido, illustrado* ou *pio*; mas preferi qualificar-te simplesmente de *amigo*; assim porque me podia enganar na attribuição do qualificativo e ferir teus melindres, como porque, se nada quer dizer geralmente falando o epitheto escolhido, em certo modo involve elle um agradecimento por teres naturalmente comprado o livro. *Vale.*

CAPITULO I

Chegada a Coimbra — *Senhor doutor* — D. Pedro V e a mendiga — Em Coimbra — Fala-se de escriptores e de cidades — O *Arco de Almedina* e os seus baixo-relevos — O brasão de Coimbra: lenda de Cindazunda — A *Torre da rrollaçom* — Memorias — O antigo recinto e as suas portas — Os bairros — Vista geral.

OIMBRA — a lusa Athenas dos litteratos, a rainha do Mondego dos poetas, a antiga côrte portugueza dos historiadores, a cidade universitaria de Portugal, como a designam os estrangeiros, — Coimbra é a cidade mais bella da patria do Camões, é aquella a que está ligado maior numero de nossas memorias gloriosas.

Se todo aquelle que durante algum tempo alli demorou, mórmente na mocidade, conserva d'ella uma indelevel recordação, quem a teve por patria quer-lhe muito, embora por apprehensão ou systema deixe de manifestal-o.

Eu não nego, nem alardeio, a minha affeição por Coimbra, mas decláro que, após muitos annos de auzencia, tive desejos de rever a terra natal. E, para que esses desejos se não convertessem naturalmente em nostalgia, parti para a cidade do Mondego, deliberado a passar lá alguns dias.

Embora sempre em mim produza somnolencia o *zum-tum* do

comboio, não cerrei os olhos em toda a viagem; e, talvez por isso, pareceu-me o caminho tão longo... tão longo como a um deputado parece o caminho que leva a ministro.

Finalmente soou o aviso que indicava estarmos proximos de Coimbra; e, alongando eu a vista por entre os salgueiros do rio, onde algumas lavadeiras se entregavam a seu labor nas ilhotas de areia dourada, reconheci essa pinha de casas, a cuja alvura de cal davam os raios do sol poente uma côr graciosa, e em cujas vidraças elles se reflectiam, fazendo-as parecer enormes carvões ardentes.

Confesso francamente, embora isso faça sorrir maliciosamente o leitor, que uma certa melancolia se apoderou de mim n'aquelle momento. É que me assaltaram então mais vivas as doces lembranças e as dolorosas recordações, succedendo-se e combatendo-se á porfia, deliciando-me ou maguando-me o coração...

Mas já o rio tinha sido transposto; atravessáramos uma floresta de elevados salgueiros e copados eucalyptos; parára a locomotiva em frente da estação.

Eu que antigamente, quando visitava Coimbra, encontrava logo um rosto amigo cujos olhos me procuravam anciosos, ou ao menos um semblante conhecido, não vi pessoa alguma que me trouxesse á lembrança o tempo antigo.

Uma vez na *gare*, no meio de grande multidão de pessoas apressadas, que se cruzavam em todas as direcções, acotovellando-se, empurrando-se, batendo com as malas nas pernas dos que encontravam, senti eu uma pequena mão, lenta, que me produziu, ao contacto com a minha, a mesma impressão que me produziria o corpo d'uma cobra, animal que me repugna tanto como repugnava a Virgilio.

Ao mesmo passo que a mão alheia buscava tirar da minha a pequena mala que segurava, uma voz branda e insinuante, evidentemente de pessoa de humilde condição, mas que tinha a graciosa entoação e a correcção de pronuncia que só possue o filho de Coimbra, uma voz me dizia:

— *Senhor doutor!* quer que lhe leve a mala? *Senhor doutor!*

Apezar de eu não ter a honra de ser *senhor doutor* (nem mesmo senhor bacharel, embora isto não venha para o caso), fiquei logo tão convencido de que o rapaz falava commigo, como se elle me houvesse chamado pelo meu nome. E a razão d'isto é extremamente simples: todos em chegando a Coimbra são doutores, ou porque julgam sel-o ou porque lh'o chamam. O moço de fretes, o gaiato, a aguadeira, a servente d'estudantes, seja qual fôr a pessoa *limpa* a quem dirijam a palavra, distinguem-na com o titulo de *senhor doutor*.

Conta-se, valha a verdade, que uma das vezes em que foi a Coimbra o rei D. Pedro V, indo vêr o jardim, succedeu que uma boa velha conseguiu estender a mão, por entre os cortezãos que acompanhavam o soberano, e pedira *uma esmolinha pelo amor de Deus*. Os cortezãos, que passam todo o dia a pedir, senão com a bocca ao menos com os olhos, *esmolas* a seu amo, acharam um procedimento inaudito que a pobre mendiga lhe pedisse uma *esmolinha*, e fizeram movimento de afastal-a. D. Pedro V, porém, deteve-os com um gesto e, tirando uns *ouros* (os reis não dão *cobres*; ou dão ouro ou não dão nada), depôl-os elle mesmo na mão tremula da velha, que lhe disse, com as lagrimas nos olhos e na voz:

— Muito obrigada, *senhor doutor*.

Revistadas as bagagens, e como ainda não estava construido o ramal que hoje liga a estação á cidade, metti-me n'um *coupé* que providencialmente appareceu, mas ao qual pouco bastava para o fazer desapparecer inteiramente, e eis-me seguindo a estrada que da estação conduz á cidade: essa estrada orlada de casas e quintas, vivendas campezinas e alegres, sem vasto horizonte, mas de muita belleza, que váe tomar o nome de rua da *Sophia* no sitio onde se vê o *gazometro*. É assim que lá chamam á fabrica do gaz. Em frente d'este ha uma egreja da invocação de Santa Justa acompanhada naturalmente de Santa Rufina, como S. Cosme anda sempre de braço dado com S. Damião.

Saindo da rua da *Sophia*, rua larga, horizontal, ladeada de

edificios desgraciosos — conventos antigos,— passei por esse pequeno largo *8 de Maio*, irregular, cujo lado oriental é occupado quasi inteiramente por dois edificios que sobremodo contrastam. Um, de construcção moderna, muito moderna mesmo, é o *Paço do Concelho*; o outro, de fabrica antiga, a egreja de *Santa Cruz*.

O ex-*coupé* foi arrastado pela rua da *Fonte-Nova* até o alto da cidade, onde já não encontrei uma antiga e conhecida pousada, onde me dirigia, o que fez com que eu tivesse de procurar outro albergue. Felizmente cheguei a porto e salvamento, do que fiquei muito admirado, chegando a dizer quando puz pé em terra:

— Eis-me em Coimbra.

Em Coimbra, na povoação cuja origem se perde na sombra dos tempos; no antigo oppidum romano; em *al-medina* com tanto trabalho defendida pelos filhos d'Ismael, como laboriosamente conquistada por Fernando Magno; na antiga capital de Affonso Henriques; na cidade que se remira graciosa nas margens do Mondego; na cidade portugueza mais celebrada, assim dos nacionaes como dos estrangeiros.

Entre os ultimos, dirigiram a Coimbra estimaveis elogios, gabaram a excellencia da sua posição, especialmente frei Vicente Justiniano, que d'ella disse: *Vidimus urbem undique ridentem*; Link, o principe de Lichnowsky, Kinzey, Landman, o conde Raczynski, e miss Julia Pardoe.

Quanto aos portuguezes que tem consagrado á lusa Athenas seus versos ou sua prosa, ou uma breve recordação, a lista d'elles, embora muito selecta, seria ainda immensamente longa.

É que a velha Coimbra, para os nacionaes não representa unicamente uma capital de districto, não é simplesmente uma terra bonita: esta pequena cidade foi a primeira capital do reino; alli se acha ha mais de trezentos e cincoenta annos o mais consideravel estabelecimento scientifico do paiz, a Universidade, uma das mais notaveis da Europa; é a nossa cidade formosa, a cidade da nossa poesia; n'uma palavra, ella é por excellencia a cidade portugueza das tradicções, das lendas da edade média.

A sua antiguidade dá ao historiador o thema para as mais profundas observações; seus monumentos ministram ao archeologo um vastissimo campo de exploração e cogitações; seus arredores prestam ao pintor muitas e variadas paizagens deliciosas, e ao poeta retiros magnificos; a sua situação admiravel encanta e arrebata a quantos d'ella se approximam.

Nas suas campinas fertilissimas, esmaltadas de mil flores, nos seus olivedos extensos, nos seus esplendidos laranjaes, onde os ramos das arvores vergam com o pezo dos pomos d'ouro, nas suas uberrimas insuas, no *Choupal* por tão diversos motivos célebre, nos sinceraes que orlam o Mondego e se debruçam languidos sobre as suas aguas, como que confiando-lhes segredos para o mar, por toda a parte alli se encontra uma luxuriante vegetação.

Coimbra é uma d'essas terras privilegiadas que detêm o viandante, quer fazendo-o meditar com os olhos fitos sobre os monumentos que encerram, quer seduzindo-os com a amenidade deliciosa, com as bellezas naturaes de que ellas são as balizas indicadoras.

Como Sevilha, como Lisboa, tambem a cidade do Mondego tem um dictado que a caracterisa:

Quem não viu Coimbra,
Não viu coisa linda.

Não se supponha, todavia, que esta antiga cidade é outra Lucca, onde se admiram tantas obras primas architectonicas; nem uma Florença, onde a esculptura é tão magnificamente representada; uma Veneza ou uma Genova, onde os palacios magnificos são tantos que não pódem contar-se: não é uma d'essas cidades que possuem preciosas collecções de quadros, ou um monumento d'esses que fazem a gloria da arte e o orgulho d'uma nação. Os monumentos de Coimbra são em pequeno numero, e modestos; mas, apezar d'isso, não póde pôr-se em duvida que elles são merecedores de muita consideração.

Assim como na fachada d'um palacio é costume pôr o escudo das armas de seu dono (ás vezes do que o não é), falando d'uma cidade deve o auctor começar por occupar-se do brasão d'ella, d'ordinario collocado á sua entrada, e reproduzido nos candieiros de gaz. Em Coimbra, demais, vê o viajante tantas vezes repetido nas frontarias dos edificios publicos e nas paredes d'alguns predios particulares um escudo notavel, que logo conclue ser o das armas da cidade, e naturalmente deseja ter a explicação dos emblemas que o compõem.

Um dos monumentos mais antigos da cidade é incontestavelmente o *Arco de Almedina*, a porta da cidade, segundo a significação da palavra arabe que lhe serve de nome. Era effectivamente uma das portas da cidade aquelle arco, o qual separava a cidade propriamente dicta, ou *o que estava comprehendido pelas muralhas*, do que ficava de fóra e que era designado pelo nome de suburbio ou arrabalde, como o provam documentos antigos, dos quaes se colhe que os habitantes de Almedina gosavam de privilegios que os suburbanos não tinham. [1]

Terminando em ogiva a uma altura consideravel, o Arco d'Almedina incute no observador um sentimento de veneração por sua antiguidade bem patente na sua estructura e na côr sombria da pedra. O arco não tem de moiro senão o nome, provavelmente; quanto a mim, creio-o portuguez e contemporaneo de Martim de Freitas. Uma das circumstancias que parece assignar-lhe esta epocha, é a auzencia dos castellos nas *quinas* que n'uma das arestas se vêem, averiguado como está que o symbolo que fórma a parte principal das armas portuguezas, não era circundado de castellos até o reinado de Affonso III.

Sob a arcada vêem-se quatro esculpturas: em primeira linha tres, que datam do tempo do rei venturoso, e que são as armas

[1] J. C. Ayres de Campos, *Questões forenses*, n.º 1, p. 72; Cf. *Indice chronologico dos pergaminhos e foraes existentes no archivo da Camara Municipal de Coimbra*, pelo mesmo auctor, p. 2, 3, et al.

de Portugal, a imagem da Virgem e o brasão da cidade; em segunda linha, e obra que pela execução mostra ser muito anterior, vêem-se uma serpente e um leão, no meio dos quaes já se não distingue o calix e vulto de mulher que, com elles compõe o brasão de Coimbra. Esta esculptura está muito damnificada.

É pois na phrase methodica e árida da heraldica, descripto o brasão conimbricense pela fórma seguinte:

Em campo de vermelho calix d'ouro; dentro em meio corpo donzella de mãos postas, de vestes de prata, coroada de corôa ducal; á direita serpe de verde, á esquerda leão de ouro, batalhantes: timbre — corôa ducal. [1]

Este brasão é bello seguramente; mas o què representa? Ninguem o sabe, embora graves escriptores nos tenham resolvido o problema. Ignacio de Moraes n'um poemeto, que intitulou *Conimbricae Encomium*, diz que a menina foi em tal tempo Pyrene, filha de Bebryx, pela qual se apaixonou Hercules, que um dia a encontrou comida da cinta para baixo pelas feras (então, não a achou), e que lhe guardou o resto n'uma urna, etc. O douto auctor termina dizendo:

Fundatore igitur tanto Conimbrica gaudet:
Cui cessere homines, indomitaeque ferae.

Gil Vicente fez uma *Comedia sobre a divisa da cidade de Coimbra*. O assumpto d'ella reduz-se ao seguinte: a princeza Colimena, filha de Ceridon, rei de Cordova e de Andaluzia, caiu em poder d'um selvagem por nome Monderigon que a encerrou num castello, d'onde, após longo captiveiro, a foram libertar uma serpente e um leão. A princeza edificando, depois de libertada, entende-se, uma cidade, deu-lhe por divisa a sua figura numa torre,

---

[1] A. M. Seabra de Albuquerque, *Considerações sobre o brazão da cidade de Coimbra*.

tendo aos lados as duas feras que lhe haviam dado a liberdade. E no fim da comedia, a princeza diz que o nome de Coimbra vem de Colimena, e que

> . . . o calix do meio é coisa errada,
> Porque ha de ser torre com uma prisão.

Pedro de Mariz apresenta outra versão. Conta-nos com toda a minucia que Hercules, o egypcio, fundou a cidade, e que trouxera comsigo lá da sua terra uma companha de astrologos para cuidarem das coisas grandes que na viagem lhe occorressem. Foram estes predecessores de mestre Guedelha e de Nostradamus que compozeram as armas da cidade. E, segundo as conjecturas verosimeis do mesmo senhor Mariz, os astrologos quizeram representar na serpente os mouros e outros barbaros que tantas vezes haviam de entrar a cidade, symbolisada pela donzella; sendo o leão o emblema dos castelhanos leonezes que muitas vezes a conquistaram. Esta versão é mais engraçada que a antecedente; mas ha ainda melhor.

Um tal Fr. Jorge Pinheiro, prégador encartado, no sermão, que recitou na festa que se fez para solemnisar a canonisação da rainha Isabel, asseverou que a donzella das armas de Coimbra é a rainha santa que está com os olhos no céo a pedir favor para a cidade. «Está saindo de um vaso,» disse o sapientissimo prégador, «e entre Leão e Serpente, como fazendo pazes entre elles, porque quando passou d'esta vida saindo do vaso de barro do corpo, pazes fez entre o Leão de Castella, e a Serpente de Portugal; que é este o seu timbre de suas armas, a Serpente de metal de Moysés figura de Christo crucificado,» etc.

Miguel Leitão d'Andrade, um escrevinhador estrambotico que vale tanto como Mariz, diz-nos com toda a seriedade d'este mundo que houve outr'ora uma terrivel serpente chamada Colubris, que foi morta por um cavalleiro que, por amores de uma princeza veiu provar ventura com a bicha; e que depois casando, e edificando uma cidade no logar da lucta, do nome de *Colubris* e do de *briga*

(que era o mesmo que dizer povoação) formou o nome de *Colimbriga*, dando á cidade este nome e por armas a serpente, e a sua dama, «tudo em uma salva d'ouro ou de prata».

— *Non plus ultra!* dirá alguem.

— *Plus ultra.*

— Ora essa!

— *Plus ultra!* Vejam. O grande estylista, e maior massador, fr. Heitor Pinto diz, na sua obra *Imagem da vida christã*, que a donzella não é donzella mas a alma de Portugal, que o vaso não é vaso, mas o corpo da nação portugueza, e que o leão e o dragão não são dragão nem leão, mas as tentações do diabo...; o diabo era fr. Heitor Pinto, que entre tantos disparates não disse ao menos esta verdade.

Finalmente, e deixando de falar d'outros auctores, fr. Bernardo de Brito, que conhecia as coisas da antiguidade e da edade média, melhor do que Plinio e Valerio Maximo, Idacio e Cassiodoro, apresenta outra versão.

Ataces, rei dos alanos estava muito sériamente occupado a fundar a cidade de Coimbra, aqui onde a vêmos (apezar de que ella datava já de epocha anterior ao dominio romano), quando o rei suevo Hermenerico veiu com suas tropas atacal-o. Estes nomes de Ataces e Hermenerico já mostram que d'aqui vae sair coisa grande, extraordinaria. Houve nessa occasião, segundo o gravissimo historiador, uma batalha campal, a tal ponto sanguinolenta que as aguas do Mondego pareceram transformadas em sangue, á maneira das do Nilo quando Moysés se entretinha a fazer pirraças ao mau Pharaoh, que não queria que os intrusos governassem mais do que elle no seu reino. Como devia ser para a anecdota ser bem feita, o vencedor foi Ataces; e Hermenerico poude retirar-se, não fugir, para o norte, um pouco arrependido de ter accordado o leão que dormia. O rei alano, porém, que ao parecer não era homem que deixasse as coisas em meio, não contente com a derrota do seu inimigo, foi em perseguição d'elle até ao Douro, que tratou de atravessar para effectuar a conquista das terras do rei dos suevos.

Foi então que o velho Hermenerico reconheceu o homem com quem se mettêra, que Ataces era, como o leão de Lafontaine,

un terrible sire,

e por consequencia que, se não conseguisse captar-lhe as boas graças, senão a amizade, seriam d'uma vez os seus estados como tinham sido as suas tropas, e a sua vida como os seus estados. Seguiu pois a célebre maxima do escravo egypcio: *beija a mão que não pódes cortar*; e resolveu pedir a paz. Mas pedir a paz ao rei alano que era a lucta personificada, e que além d'isso n'aquella occasião, estava cégo pela colera (fr. Bernardo de Brito assegura-nos que Ataces era muito irascivel), não era coisa de se fazer com facilidade. Mas, como não ha melhor mostarda do que a fome, o rei Hermenerico, que era homem experimentado, procurou e achou a maneira de acalmar os furores do seu temivel adversario. Convencido de que o bello sexo serve tão bem para semear a discordia, como para cimentar solidamente a alliança e a amizade, enviou embaixadores ao seu inimigo, encarregados da dupla missão de pedir a paz e offerecer-lhe a mão de Cindazunda, sua filha.

Fr. Bernardo de Brito, historiador indefeciente d'estes maravilhosos successos, não é infelizmente bem explicito sobre o modo como Ataces se enamorou da princeza Cindazunda; mas o nosso criterio nos leva a crêr que os plenipotenciarios iam munidos d'um fidelissimo retrato da formosissima princeza (fr. Bernardo de Brito assevera-nos tambem que ella era muito bella), retrato que despertou no furioso Ataces o prurito de possuir o original. O rei alano disse logo que sim, que fazia a paz e que casava com a princeza sueva, e portanto que o senhor rei Hermenerico lhe faria especial fineza conduzindo elle mesmo a seus braços a sua futura consorte.

O rei suevo obedeceu,—a expressão não é dura de mais. Talvez o velho rei hesitasse á ultima hora, desconfiando d'alguma cilada do amigo de fresca data. Mas, se hesitou, fez mal. Ataces

era homem de bem, e tinha palavra de rei; recebeu optimamente a noiva e o futuro sogro; e eis os noivos (segundo nol-os apresenta um poeta d'este seculo) a caminho de Coimbra, muito satisfeitos, de braço dado, e o papá atraz deitando-lhes a benção.

E foi então que, para memoria do extraordinario acontecimento, Ataces deu por brasão á sua cidade a imagem de sua mulher saindo d'uma taça que symbolisava a nupcia; e, como a sua alliança com o rei dos suevos resultara do enlace matrimonial, pôz á direita da joven rainha um dragão verde, á esquerda um leão d'ouro, ambos batalhantes; sendo o primeiro o emblema de seu sogro, o segundo a sua propria divisa.

Ainda algumas palavras, porém, antes de deixarmos o *Arco de Almedina*, afim de se dizer que o edificio que sobre elle está foi durante largos annos a *camara da vereação* segundo as informações que fornecem alguns documentos do municipio. Na *torre da rrollaçom*, como tambem se chamava o alludido edificio, estava o *sino de colher ou de correr*, conforme o mencionam as *Ordenações Affonsinas* e *Manoelinas*, e a cujo toque, a certa hora da noite, todo o cidadão devia recolher a casa, e as tavernas fecharem-se, sob pena de coima, na conformidade do *T.º a que oras se ha de corer o syno da cidade*, termo que se encontra a fl. 191 do livro chamado da *Correa* da Camara municipal de Coimbra.

Junto ao arco habitava tambem e tinha a sua officina, segundo todas as probabilidades, o impressor Antonio de Mariz pelos annos de 1556 a 1600. Este foi o pae de Pedro de Mariz, auctor dos *Dialogos de Varia Historia*, acima citado. Na frontaria da casa, hoje demolida, havia uma janella do seculo dezeseis, em estylo manuelino, reliquia da habitação do impressor.

Parece que junto da porta de Almedina, do lado de fóra mas ao pé da muralha, houve em plena edade média uma egreja da invocação de Santa Christina, á qual allude um documento do mosteiro de Lorvão, do anno de 933. [1] Não ha d'isso todavia certeza;

[1] *Port. Mon. Hist., Dipl. et Chart.*, vol. I, doc. n.º XXXVII.

nenhum outro documento d'ella falla, nenhuns vestigios d'ella se encontraram ainda.

Recordando todas estas coisas, passei por baixo do *Arco de Almedina*, bem certo de que, se não estava na cidade de Ataces, pelo menos estava na cidade de Affonso, *o conquistador*.

O primitivo recinto da cidade era muito limitado, segundo o uso dos tempos cavalleiros, em que a razão da defeza predominava.

Os limites d'*al-medina* conimbricense pódem ser com a maior facilidade indicados na cidade actual; no que nos soccorrem, além dos restos de muralha ainda existentes, as vistas de Coimbra que o seculo de quinhentos nos legou, especialmente a que se encontra no *Theatrvm vrbivm praecipvarum* de Jorge Braunio.

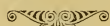
Exceptuando algumas porções de muralha, formava esta um hexagono, não muito irregular, cujos angulos, menos o que olhava o nordeste, eram occupados pelas portas chamadas de *Al-medina*, *Belcouce*, *Genicoca*, *do Castello*, e *Nova*. De todas ellas, unicamente a primeira conserva o seu caracter; as outras ou têm sido demolidas ou perderam a sua fórma primitiva. Tomando a porta de *Al-medina* como ponto de partida e seguindo para o sul, subiremos a rua das *Fangas*, entre a qual e a da *Calçada*, que occidentalmente lhe corre quasi parallela, ficava a antiga muralha, e iremos não encontrar a porta de *Belcouce*, de que nem vestigios existem, mas vêr de longe restos da torre que a defendia e que tinha o mesmo nome, e cuja conservação se deve a tel-a a communidade do collegio da Estrella aproveitado para fazer uma varanda. D'alli seguia o limite pelo lado sul da rua da *Couraça de Lisboa*, cujo nome claramente indica a posição da muralha adjacente, até ir soffrer solução de continuidade na *Porta da Genicoca*, mais tarde chamada da *Traição*, e cujo local hoje é apontado pelo começo da rua que da Couraça parte para o collegio de S.

Bento. Começa tambem n'aquelle ponto a rua dos *Militares* que vae até o largo do *Castello*, e cujos predios do lado do sul assentam sobre a muralha egualmente. Se até ao largo do Castello, pelo caminho que tomámos, não temos feito mais do que seguir passo a passo os rastos ou vestigios do muro, ou a directriz que lhe assignam antigas descripções e estampas, não nos succede o mesmo quanto á maior parte do que nos resta examinar, e que podemos chamar a porção septentrional da muralha. Ha porém todas as probabilidades de que, partindo do castello, inclinava para noroeste, formando angulo ao centro, pouco mais ou menos no sitio onde hoje se vê o *Laboratorio chymico* da faculdade de philosophia, até descer em linha recta pela *Couraça dos Apostolos* — que nos auxilia tão bem como já nos soccorreu a *Couraça de Lisboa*. Ao fundo d'esta abria a *Porta Nova*, depois denominada do *Collegio Novo*, e tambem de *Santo Agostinho*, por ter uma imagem d'este santo; e d'ahi, tomando a direcção do sudoeste, tambem angulosamente, ia a muralha fechar na porta de *Almedina*.

Das muitas torres e ameias da muralha quasi nada ao presente se vê. Apenas ao *Collegio Novo* existe uma transformada em casa de habitação, e que fôra em tempo adquirida pelo mosteiro de Santa Cruz, como diz a inscripção:

ESTA . CASA . MUROS . A
TE A TORRE . DO COLEG
IO. DE IHŨS . SAM . DO
MOESTEIRO . DE S. ✠ .
QUE . OVVE DA . CIDADE
POR ESCÃIBO . D . SS3.

Abaixo d'esta, na rua de *Sub-Ripas* ha outra torre, tambem desfigurada em domicilio; e finalmente, á *Estrella* vestigios da chamada de *Belcouce*, a que já alludi.

Tinha pois, como fica dicto, cinco portas a cidade antiga; mas, pelas subsequentes ampliações do povoado, foi necessario abrir mais duas que na verdade não eram portas da cidade mas do arrabalde: a da *Portagem* e a de *Santa Sophia*, diametralmente oppostas na direcção norte-sul, na baixa da povoação, e outras. Um dos arcos da porta do *Castello* e a da *Traição* foram demolidos em 1836; a de *Belcouce* em 19 de novembro de 1842; a da *Portagem* depois de 1850; a de *Santa Sophia* ou de *Santa Margarida*, caiu sob os golpes do camartello em 1826; a *Nova* existe ainda mas com toda a apparencia d'uma edificação recente.

A parte da cidade comprehendida no perimetro da antiga muralha é o que rigorosamente se chama o *bairro alto*. Tudo o mais que assenta ao oeste da porta d'*Almedina* compõe o *bairro baixo*. Além d'estes ha ainda, ao norte, o bairro de *Montarroio* (de *monte-rubio)*, ao oriente os bairros de *Sant'Anna* e de *S. José*, e na margem esquerda do Mondego os de *S. Francisco* e de *Santa Clara*. O mais nobre, o bairro do *high-life*, é o *alto*, o litterario, onde, segundo uma antiga ordenança, eram obrigados a habitar os professores e os estudantes da Universidade, o que já desde muitos annos não subsiste. O *bairro baixo* é o commercial; n'elle se vêem algumas lojas boas, de ourives, de fazendas, livrarias, etc.

As ruas da parte antiga da cidade são no maior numero ingremes, tortuosas e estreitas: as da porção formada pelo antigo arrabalde, embora não tenham todos os tres defeitos que acabamos de apontar nas da *alta*, têm geralmente outro muito menos desculpavel...

Se Coimbra nada tem de excepcional por estar situada a 40° 12′ 30 de latitude norte e 10° 45 de longitude occidental do meridiano de Paris, tem todavia uma feição muito especial, que lhe provém da sua antiguidade bem patente na irregularidade de muitas das suas ruas, dos seus monumentos medievaes, de possuir a

Universidade, do tradicional trajo academico, etc. No livro *Embaixada que fez o Excellentissimo Conde de Villar-Maior*... por Antonio Rodrigues da Costa, encontram-se alguns versos que seu auctor faz proferir á personificação de Coimbra, e que bem caracterisam a velha cidade:

Bellonam prius colui,
Quam Minervam,
Olim in libertatem vindicata
A bellatore
Qui decies, & septies Mauros vicerat.
. . . .
Instituta deinde fui,
A Joanne tertio,
Lusitaniae Academia,
Vt essem Europae magistra.
Ab aliis urbibus
Rebus omnibus differo;
Sunt enim mihi
Pro aedibus scholae,
Pro incolis Musae,
Pro divitiis scientiae,
Pro armis litterae,
Pro ducibus magistri,
Pro militibus discipuli
Suas in classes centuriati;
. . . .
Me tamen habitas,
Augustissima Sophia,
Sum enim domicilium sapientiae.

Podia ser dicto isto com maior elegancia, mas cada um exprime-se como póde. O facto é, que é verdadeiro quanto o latinista alli escreveu. Não disse tudo, porém. Para se conhecer bem a feição peregrina de Coimbra, é necessario consideral-a na sua vida particular como na existencia commum, nos seus usos e costumes como na sua posição official, nos seus elementos de vitalidade como nos germens de decadencia que infelizmente encerra.

Infelizmente... sim. O historiador não deve nunca empregar este adverbio, como não deve fazer uso do que se lhe oppõe, por-

que elle não póde saber quaes as vantagens ou prejuizos que adviriam do que não succedeu. Os factos são o que são: o que aos olhos de uns é infelicidade, é na opinião d'outros um bem; o que por estes é tido como prejuizo, é por aquelles considerado como vantagem.

Mas eu não sou historiador.

CAPITULO II

A praça e a egreja de *S. Bartholomeu* — As regateiras — Os açougues da cidade — A Egreja de *Sant'Iago* — Um archeologo norte-americano—Vandalismos e inscripções — O *consagramento* — Uma egreja sobre outra — Como a proposito de uma olaria se fala de autos-de-fé — A inquisição em Coimbra — O auto-de-fé de 4 de maio de 1625 e o respectivo sermão — A rua do *Corpo de Deus* e a sua lenda — Os sete peccados capitaes — Recordações — O padre José Pedro.

PRAÇA de *S. Bartholomeu*, officialmente Praça do *Commercio*, e por antonomasia *a Praça*, situada no bairro baixo, é limitada ao sul pela egreja da invocação do alludido santo, cuja primeira pedra foi lançada no dia 16 de julho de 1756. Este templo é de uma só nave, de muito simples architectura, e nada tem digno de nota. É já muito o fazer-se menção do retabulo da capella mór, representando o supplicio de S. Bartholomeu, e de mais duas pinturas, figurando o Christo crucificado e a Annunciação, devidas todas ao pincel de Paschoal Parente.

Anteriormente, porém, existira outro templo da mesma invocação naquelle local, havendo varios documentos do seculo decimo que já nos falam d'elle; como um *Testamentum de sancto bartolomeus in arravalde de colimbrie*, do anno de 957, onde se observa

que a egreja tivera antes a invocação de S. Christovam.[1] Segundo o auctor da *Coimbra Gloriosa*,[2] «pelo que davam a entender os alicerces, com esta (egreja) que ao presente existe, são tres templos que neste sitio se fabricaram. Tinha a porta principal voltada para o poente; sobre ella estava uma varanda com parapeito de pedra. Tinha tres naves.» Na capella-mór via-se uma sepultura com a inscripção que se segue, conforme vem na citada obra:

AQUI IAZ IOAM DE BEIA PRES-
TRELLO FIDALGO DE COTTA DE ARMAS
O QUAL SERVIO DE MOSSO FIDALGO
DO CARDEAL DOM AFFONSO QUE
DEUS TEM E DE TODA A SUA GERA-
ÇÃO. FALECEO DA VIDA DESTE
MUNDO NO ANNO DE...

É pena que a era estivesse illegivel, e ainda mais que a lapide se perdesse.

A Praça fórma um parallelogrammo, composto de construcções sem belleza nem caracter, tudo habitações particulares, cujo pavimento do rez-do-chão é quazi inteiramente occupado por lojas de fazendas e armazens de viveres. Nesta praça, que hoje está convenientemente arborisada, e que, se não póde servir de passeio, tem a utilidade de ser ponto de descanço, se fez, pelo menos desde o seculo decimo quinto, até 1867 o mercado. Abrigadas sob largas e quadradas tendas, ou sob algum pára-sol desmesurado, as *regateiras*, de mãos nos quadrís, apresentando o peixe, os legumes, os fructos, o enchido, levantavam frequentemente intermina-veis questões acompanhadas as mais das vezes de alguns exercicios de pugilato para desenvolver os musculos de seus vigorosos bra-

[1] *Port. Mon. Hist., Dipl. et Chart.*, doc. n.º LXXIV, Cf. Viterbo, *Elucidario*, v. Nodum.

[2] Mss. da Bibliotheca Nacional (B. 9, 24-26).

ços. As scenas ainda hoje continuam a repetir-se; o theatro é que já não é o mesmo.

Era nesta praça que estavam antigamente os chamados açougues da cidade, que serviam de corro dos touros, nas corridas que alli tinham logar nos dias das festas do corpo de Deus, da visitação de Santa Isabel e do Anjo Custodio, a que se referem muitos documentos do municipio.

Em 1441 já existiam estes açougues, de que hoje nenhum vestigio resta; assim como na *al-medina* havia, segundo se vê d'uma carta de D. Affonso III, de 28 de março de 1252, e d'outros documentos, armazens onde se vendia carne, peixe, vinho, fructas, etc. [1]

Sobre os açougues da praça estava o *paço dos tabelliães*, onde elles serviam quotidianamente os seus officios desde as 7 horas da manhã até ás 10, e da 1 ás 5 da tarde. Em 1590 esse paço encontra-se destinado ás audiencias do juiz dos orphãos, e para tribuna da camara em dias de jogos e corridas de touros; em 1678 servia de casa das arrematações e das juntas dos vinte e quatro dos mesteres; e, depois do terremoto de 1755, era o paço do concelho. [2]

Disse que a Praça só tinha edificios sem caracter; falei muito em absoluto, e vou reparar a falta.

Na extremidade norte d'ella, mas olhando para o occidente, eleva-se um templo notavel por sua antiguidade, por sua architectura e pelas memorias que lhe estão ligadas.

A egreja de *Sant'Iago*, é este o seu nome, foi edificada segundo todas as probabilidades, ou melhor, conforme nol-o indica o ca-

---

[1] J. C. Ayres de Campos, *Indices e Summarios dos livros e documentos... da Camara Municipal de Coimbra*, p. 2, not. 2.

[2] Id., *Ibid.*, p. 31, not. 1.

racter da sua architectura, no seculo undecimo ou nos principios do immediato. Naquella epocha empregava-se nas construcções religiosas do occidente o estylo romano-byzantino, e a egreja de que se tracta conserva d'elle exemplares. Se não se sabe ao certo a data do começo da edificação, sabe-se todavia, pela affirmativa respeitavel do sabio diplomatico João Pedro Ribeiro, constar do Livro dos Anniversarios d'aquella egreja que fôra sagrada sob a designação de *basilica* no anno de 1206, aos 28 dias de agosto.[1] É de notar que a egreja esteve até 19 de março de 1183 [2] sujeita á jurisdição do arcebispo de Compostella, data em que houve uma composição entre o arcebispo e o bispo de Coimbra D. Martinho, pela qual ficou pertencendo ao prelado conimbricense. De tudo isto se deprehende que a sagração da egreja em 1206 foi devida a alguma profanação que houvesse tido logar, ou a alguma reparação ou mesmo reconstrucção, mórmente sabendo-se que em 1131 já ella existia, porque apparece como prior d'ella um tal D. Onorio. [3] A egreja de tres naves, que exteriormente a illustrada junta de parochia mandou um dia caiar com todo o cuidado, por causa da fealdade do escuro da pedra que mostrava ser muito velha, foi tambem no interior muito modificada, no seculo decimo oitavo; embellezaram-na com estuque...

Tinha eu entrado na egreja e estava pensando no que fica dicto, quando alguem me dirigiu um *good morning, sir*, seguido immediatamente dest'outras palavras, em inglez:

—Isto não é da fabrica primitiva.

Ao mesmo tempo um index apontava para o retabulo da capella-mór.

---

[1] J. P. Ribeiro, *Observações historicas e criticas*... Parte I, p. 33.

[2] Id., *Reflexões historicas*... Parte I, p. 29. Cf. M. R. de Vasconcellos, *Noticia hist. do Mosteiro da Vacariça*. Parte II, p. 38 e 84.

[3] *Vita D. Tellonis* apud *Port. Mon. Hist.*, *Script.*

Quem assim me falava era um norte-americano, natural de Syracusa; não da Syracusa de Sicilia, mas d'outra que existe no estado de New-York, não muito longe do lago Ontario. Chama-va-se elle (e oxalá que hoje ainda se chame) Mr. Apollos Robinson, M. A., L. L. D., etc., conforme dizia o seu bilhete de visita. Eu já o tinha encontrado no hotel, ao almoço, como o tinha tido por companheiro de viagem, e havia trocado com elle tres duzias de palavras; mas suppozerá sempre que elle era algum empreiteiro de *rail roads*, ou coisa semelhante. Afinal saiu-me um archeologo — segundo m'o affirmou, e eu tive depois occasião de comprovar,— archeologo que conhecia as antiguidades americanas por fóra e por dentro, e que vinha estudar ao menos por fóra as antiguidades europeas.

Era alto, não tanto como a columna trajana, ou como a torre da Universidade; mas em summa era alto. Eu pará lhe vêr a cara tomava a posição de quem quer contemplar as pinturas d'um tecto; elle, quando me falava, quazi se diria que estava a procurar um alfinete no chão.

Depois de lhe ter notado que não gostava de falar inglez, e d'elle me ter dicto que não falava o portuguez (observações já feitas na primeira conversa que tivéramos, mas que um e outro esquecêra), entabolámos conversação na lingua de Voltaire; e tratei de responder á especie de pergunta que elle me dirigira.

—Effectivamente. A parte posterior da capella-mór era, ao que parece, muito humida, por causa da sua situação subterranea; d'ahi talvez o motivo de limitarem o santuario ao espaço actual, desprezando o resto que foi posto momentaneamente a descoberto por occasião do alargamento da rua do *Coruche*, em 1861, a qual foi chrismada com o nome rua do *Visconde da Luz*; ficando assim a cidade com uma rua melhor, mas perdendo uma designação mais pittoresca. A antiga capella-mór era um hemicyclo ornado de columnas semelhantes ás do portico principal, entre as quaes se elevavam as estatuas dos evangelistas.

—Desejo vêr isso, disse-me Robinson, dispondo-se a caminhar.

— A não ser que tenha o dom da dupla vista, nada verá.

— Porque?

— Porque em detrimento da archeologia, e em proveito não sei de quê, entulharam a cavidade descoberta, occultando, sepultando, para sempre sem duvida, essas estatuas muito provavelmente do seculo undecimo, e por consequencia de muita importancia para a historia da esculptura portugueza.

A dizer a verdade ha só a vêr restaurações vandalicas no interior da antiga basilica. Em 1758 as columnas de boa pedra foram encobertas com pedaços de pedra d'Ançã, muito friavel e de muito facil talho, substituindo-se d'esta maneira a sua primitiva fórma redonda pela quadrangular. Os tectos das tres naves são de estuque actualmente, do que se conclue que anteriormente eram de madeira. As unicas reliquias que subsistem da antiga fabrica são os portaes, principal e transversal, em bello estylo romano-byzantino, como fica dicto.

O templo tem quatro capellas, das quaes só tres merecem especial menção. Numa, da invocação de Santo Ildefonso, está o tumulo de Affonso Domingues, não o celebre architecto da *Batalha*, mas um seu homonymo, de Aveiro, que foi o primeiro instituidor da capella: tumulo mandado fazer pelo seu descendente Pedro d'Alpoim, no anno da graça de 1514, como pela respectiva inscripção consta:

EN HESTA SEPOLTURA JAZEM OS HOSOS DAFONS
O DOMĨGUEZ DAUEIRO PRIMEIRO JNSTITUJDOR
DESTA CAPELLA OS QUAEES FORAM AQUJ P
OSTOS PER PERO DALLPOI SEU TRESNETO
QUE ORA HE ADMJNISTRADOR DA DITA CAPEL
LA NO ANO DO NACIMẼTO DE NOSSO SENÕR
JHU XPO DE MJLL E QUJNHENTOS E QUATORZE ANOS.

Por sobre o arco da capella vê-se um brasão formado de cinco flores de lis, que tem por timbre um braço armado, cuja mão sus-

tenta um rotulo onde se lê: NOTRA DAME DE PVV; brasão do appellido de Alpoim.

A outra capella, dedicada a Santo Eloy, foi instituida em 1538 pelos ourives da cidade, que haviam nella sepultura privilegiada. Ainda numa das paredes se lê a inscripção:

ESTA CAPELLA
HE DOS OURI-
UES DESTA CID.E
TANTO DOS DE
OURO COMO
OS DE PRATA

A capella do Santissimo, tambem chamada do Bom Jesus, foi mandada construir por uma devota, como a inscripção, que passo a transcrever, memóra:

ESTA CAPELA MAN
DOV FAZER D. ESCOLAS
TICA TOSCANA V
IVVA DO COMEND
OR JOÃO PINTO RIB.
P.A SI E P.A SEVS ERDEIROS
TEM M. COTIDIANA
E P.A LENBRÃSA MANDOV
FZER ESTE TITVLO
EM 27 DE ABRIL DE 1505
ANNOS.

Inscripções sepulchraes dos annos de 1197 e de 1349 foram em 1861 encontradas,[1] por occasião das obras para o alarga-

[1] A. M. Simões de Castro, *Guia historico do viajante em Coimbra* . . . 1.ª edição.

mento da rua do Coruche, a que já acima se fez allusão. A primeira diz:

VI ⁝ NONAS ⁝ MAII ⁝ OBIIT ⁝ FAMV ⁝
LVS ⁝ DEI ⁝ PETRVS ⁝ FRANCVS ⁝
ANIMA ⁝ CVIVS ⁝ REQIESCAT ⁝ IN
PACE ⁝ AMEN ⁝ ERA ⁝ M^A ⁝ CC^A ⁝ $X^AX^AX^A$ ⁝ V^A

A segunda inscripção fala d'uma senhora:

XV ⁝ K ⁝ MAII ⁝ OB̊ ⁝
DONNA ⁝ MARIA ⁝
DE ⁝ ARCV ⁝ ERA ⁝
M ⁝ CCC ⁝ LXXX ⁝ VII

Pela mesma occasião, appareceu tambem numa sepultura um esqueleto de homem, tendo junto alguns fragmentos de vidro branco, o arco d'uma fivela, e um vintem de prata de D. Manuel. Observou-se que a cabeceira da sepultura correspondia á parede do altar da Conceição, «e que na pedra da campa havia aberta a figura d'uma custodia, ou cruz fechada, de sete palmos e meio d'altura, sem outra lettra ou emblema.» [1]

Emquanto Robinson fazia um rapido esboço do portico principal e da varanda que lhe está superior, a qual em 1547 substituiu um oculo por onde sómente penetrava a claridade no interior do templo, contei-lhe eu ter sido na egreja de Sant'Iago que o célebre infante D. Pedro, duque de Coimbra, regente do reino na menoridade de seu sobrinho D. Affonso V, jurou não sobreviver ao seu amigo e companheiro d'armas, o conde de Abranches D. Alvaro Vaz d'Almada, juramento, que este ultimo tambem fez, e que era designado pelo nome de *consagramento*. Resolvidos a não sobreviver um ao outro, dirigiram-se á antiga basilica, mandaram

[1] Id., *ibid.*

chamar o doutor Alvaro Affonso, clerigo de missa, como diz Viterbo, e pediram-lhe a communhão. Ao doutor lá lhe pareceu que, bem pesada a coisa, resultaria do convenio um *suicidio* (esta designação ainda não se inventara, mas o facto era usado de longa data); e empregou alguma rhetorica intentando convencer os dois grandes homens, que naquella occasião se mostravam tão pequenos. Nada porém conseguiu; e d'isso resultou que elles commungaram, tornando a confirmar seus promettimentos, e morreram ambos na hedionda batalha de Alfarrobeira.

Por cima da velha basilica, á qual não bastava o peso dos seculos, construiu outra egreja, em 1546, a confraria ou irmandade da *Misericordia*, para o que o bispo-conde D. João Soares contribuiu com grossa quantia. O célebre esculptor João de Ruão executou alguns trabalhos nesta egreja, que ao inverso da de Sant'Iago, tem sua frente para a moderna rua do Visconde da Luz, a que a liga uma escada insignificante. Junto da egreja e no prolongamento da antiga rua, havia um recolhimento para orphãs, começado em 4 de junho de 1692, e instituido pelo doutor Manuel Soares d'Oliveira.

Terminado o esboço, Robinson, que não mostrou desejos de vêr a ultima egreja de que falei, e que nada tem de notavel, mostrou desejos de percorrer algumas tortuosas e sujas ruas do bairro baixo; ruas que estão ao poente e ao norte da Praça, ruas invadidas pelas aguas do Mondego nas occasiões das cheias annuaes, e cujo nivel é inferior ao do leito do rio. Só por alli se vêem mediocres predios e lojas soffrivelmente providas e arranjadas. Robinson, porém, que tudo queria vêr, caminhava quasi incessantemente, fazendo-me passar por mil tormentos, para o acompanhar *non passibus aequis*, como o *puer Iulus* ao *pius Aeneas*.

Detivemo-nos alguns momentos numa fabrica de pucaros e testos, vendo a roda gyrar sob o impulso que lhe imprimia o pé calloso do obreiro. Saindo, mostrei ao meu companheiro, o local onde durante muitos annos se viu um padrão da infamia inquisitorial. Era a pedra commemorativa do arrasamento d'uma casa e do salgamento do respectivo terreno. O padrão quebrado, com a sua inscripção meio apagada, foi achado em 1841 [1] no quintal pertencente a uma olaria, ao extremo occidental da rua da *Moeda* (nome que nos faz recordar de que em Coimbra houve *casa da moeda)*; mas o fragmento do padrão foi tão bem guardado, que todas as investigações para descobril-o têm sido até hoje infructiferas.

Na casa demolida, segundo o dizer da *Sentença proferida pelo Tribunal da Inquisição de Coimbra, no anno de 1620, contra o doutor Antonio Homem, lente de prima, na Universidade, e cónego da sé da mesma cidade,* [2] — na casa demolida, alguns christãos novos se entregavam ás praticas da religião judaica. O desgraçado doutor, que era do numero, foi queimado vivo no auto-de-fé celebrado na Ribeira Velha de Lisboa no dia 5 de maio de 1624.

De caminho, Robinson conversou commigo ácerca da inquisição, e eu tive ensejo de falar-lhe d'uma pobre mulher que foi queimada em Coimbra no auto-de-fé de 28 de novembro de 1621, [3] porque fazia a cama com roupa lavada e ás vezes com lençóes novos á sexta-feira; d'outra queimada tambem porque, não sabendo outra oração, rezava o *Pater noster*, e porque limpava a sua candeia com azeite limpo; e d'uma terceira infeliz que foi condemnada ao *sambenito* perpetuo porque, entre outros peccados, proferia esta prece: «Deus adeante e eu atraz; Deus atraz e eu adeante.»

Falei-lhe ainda d'alguns infelizes que foram penitenciados no

[1] *O Antiquario Conimbricense.*
[2] *Ibid.*
[3] *Jornal do Commercio*, de 8 de novembro de 1866.

auto-de-fé de 4 de maio de 1625,[1] onde sairam além d'outros, os seguintes desgraçados, victimas não do fanatismo, porém da infamia do maldicto tribunal (segundo os documentos officiaes):

«Domingos Fernandes, christão velho, de 59 annos, de Valença do Douro, bispado de Lamego, casado com Brites Gonçalves, christã velha, *por adorar o demonio, e o ter por seu Deus, fallando com elle muitas vezes, e entrando por seu mandado em um forno muito quente para cozer pão, descalço, e sem chapeu, dizendo que era milagre: e curava de muitos males com ervas e palavras que o demonio lhe ensinou.— Carcere e habito perpetuo, e foi açoutado e degredado por tres annos para o Brazil, e que não tornasse mais para a sua terra.*

«Catherina Gonçalves, christã velha, de 30 annos, solteira, da freguezia de Santa Maria da Reguenga, bispado do Porto, filha de Gonçalo Jorge, e Antonia Gonçalves, christãos velhos, *por adorar o diabo e o ter por Deus, o qual lhe apparecia sempre em figura d'um estudante, e tinha com elle ajuntamento carnal, e curava por sua ordem de muitas enfermidades, e adivinhava as cousas occultas.— Carcere e habito perpetuo, e que fosse degredada por tres annos para o Brazil, e não entrasse mais no seu logar.*

«D. Catherina da Silva, christã nova, de 32 annos, de Coimbra, freira professa da ordem de S. Bernardo no mosteiro de Xellas... *Carcere e reclusão no mosteiro*, etc.»

E as seguintes nove pessoas que no mesmo auto foram queimadas vivas:

«Rui de Pina Cardoso, meio christão novo, de 56 annos...

«Amaro Mendes de Negreiros, meio christão novo, de 33 annos...

[1] *O Conimbricense*, n.º 2:586, de 7 de maio de 1872.

«Paulo de Pina Cardoso, meio christão novo, de 48 annos, irmão do sobredicto...

«Antonio Pinto, meio christão novo, de 49 annos...

«Alvaro Rebello, tinha parte de christão novo, de 52 annos...

«Branca Henrique, christã nova, de 61 annos...

«Leonor da Silva, christã nova, de 35 annos, de Coimbra, freira professa no mosteiro de Semide...

«Antonia dos Anjos, tinha um quarto de christã nova, de 39 annos...

«Luiza Gomes, christã nova, de 39 annos...»

Que terriveis mysterios, que infames tentativas de seducção nos revelam essas poucas linhas transcriptas?

O sanguinolento e ominoso tribunal teve seu começo em Coimbra em 1541, sendo ahi instituido por esse homem inepto que chegou a sentar-se no throno portuguez, por esse fanatico cardeal-rei D. Henrique que nos entregou ao *demonio do meio-dia*, e a quem, por occasião da sua morte, foi feita a seguinte quadra:

Viva o cardeal Henrique
No inferno muitos annos,
Que deixou no testamento
Portugal aos castelhanos.

Os encarregados da organisação e estabelecimento do tribunal em Coimbra foram um tal bispo de S. Thomé, D. fr. Bernardo da Cruz, e Gomes Affonso, prior de Guimarães, que por ainda não terem casa propria principiaram a exercer as suas funcções de roubo e infamia no dia 15 de outubro do apontado anno. Em 1572 começaram a occupar os collegios de Todos os Santos e de S. Miguel, na rua da Sophia, onde persistiu aquella mansão tenebrosa durante duzentos e oitenta annos, pois que foi abolida por decreto de 31 de março de 1821.

A trinta e um de maio d'este ultimo anno, foram abertas ao publico as portas do edificio, e toda a gente poude invadil-o e pe-

netrar nesses calabouços horrivelmente infectos, onde faziam apodrecer os desgraçados, quando não eram conduzidos atravez dos negros corredores á salla da tortura, para ahi lhes serem deslocados os membros na *polé* ou por outro semelhante meio, para lhes rasgarem as carnes com dentes de ferro, para lhes quebrar os ossos das pernas a maço e cunha, para lhes queimar os pés a fogo lento, ou para os conduzir á praça publica, para servirem d'espectaculo á multidão embrutecida, ardendo como pinhas inflammadas, á maneira dos christãos que serviam de fachos para illuminar os banquetes e os jardins do execravel filho da segunda Agrippina.

«No quintal do predio da ex.ma sr.a D. Julia Adelaide de Lemos, situado entre a rua da Sophia e o Pateo da Inquisição, ainda hoje existem, do lado do norte e parte do nascente... dois corredores (do antigo edificio), com as arcadas. A primeira ordem, ou andar de carceres estava ao nivel do quintal. E hoje esse espaço acha-se occupado por celleiros e um armazem de azeite. O segundo andar dos carceres foi transformado em dois espaçosos celleiros, ambos com entrada pelo Pateo da Inquisição. Em seguida á casa dos *tratos* havia um outro carcere, mais baixo, para o qual se descia por uma escada. Era de todos o mais escuro e apertado, sem luz, nem ventilação alguma. Passava-lhe por baixo um cano de agua, que o conservava em continua humidade. Chamavam-lhe o carcere do *Inferno*. Já ha muitos annos se acha entulhado. Os carceres do andar superior eram chamados da *Judia*. Segundo as informações dos que em 1826 arremataram o predio da inquisição havia alli para cima de 100 carceres, distribuidos em dois pavimentos. A já referida casa dos *tratos* estava collocada no fim de um corredor, tendo 4,m44 de largo, por 5,m11 de fundo. Era de abobada, com cimalha, rosetas e florões pintados, no mesmo gosto dos carceres; isto é, a preto sobre branco. Nos florões do tecto dos carceres achavam-se disfarçadas algumas espreitadeiras, por onde os presos eram vigiados. Contigua

á casa dos *tratos*, e dividida apenas por um arco de volta redonda, estava outra casa mais pequena, com uma janella gradeada, onde se collocava a meza dos inquisidores e notario, que assistiam á tortura. No tecto d'esta ultima casa achavam-se pintadas as conhecidas armas da inquisição...» [1]

Quando não houvesse outros muitos e poderosos motivos á nossa gratidão para com os heroes de 1820, bastava este serviço prestado á humanidade em geral e especialmente ao nosso paiz, para devermos tributar-lh'a.

As pessoas que então penetraram nas quadras sombrias, nos corredores tetricos, nos calabouços infernaes d'aquella morada do soffrimento e da ignominia, poderam vêr ainda (uma d'essas testemunhas oculares o asseverou a meu páe na minha presença), nas paredes das pestiferas enxovias, muitos vestigios de sangue, e signaes de arranhaduras. Quantos desgraçados maldisseram a sorte e pediram a Deus uma prompta morte no meio das terriveis trévas, e do silencio espantoso d'essas habitações da dor!

Quem isto viu, leu tambem nas paredes d'alguns carceres inscripções traçadas a carvão. Numa encontrou o seguinte distico das *Bucolicas* (*Ecl.* III, 104—5):

Dic quibus in terris, et eris mihi magnus Apollo,
Tres pateat coeli spatium non amplius ulnas.

E por baixo esta resposta:

Respondo que è aqui, pois não vejo mais que tres varas de ceo.

Noutro carcere mais tenebroso, leu a sentença:

Collocavit me in obscuro, sicut mortuos saeculi.

---

[1] *O Conimbricense*, n.º 3:967, de 29 de agosto de 1885.

Em outro logar tinham escripto estes versos tambem de Virgilio (*Eneida*, VI, 370—1):

Oh! mors,
Da dextram misero, et tecum me tolle per undas,
Sedibus ut saltem placidis in morte quiescam.

Pobres prisioneiros! Ao menos sabiam de cór o épico latino e a *Biblia*. Eram sabios alguns d'esses alli torturados, como o desafortunado Galileu?

Mas estas gaiolas infectas foram entulhadas ou transformadas em adegas ou armazens: nos logares onde outr'ora os soluços e os suspiros, e os gritos por mais agudos não eram ouvidos do exterior e apenas iam deliciar os corações impedernidos dos João de Mello, onde as lagrimas corriam em regatos, onde alguma mulher resistiu ás insolencias d'um Torquemada recusando as honras de ser sua amasia, preferindo a morte horrivel á infamia, e onde outras miseras creaturas tiveram de comprar pelo preço da sua honra alguns dias de vida sem liberdade, nesses logares penetra hoje o homem entoando alguma alegre canção, sem nem ao menos se lembrar d'aquelles que, cheios d'angustia e de desespero, se arrastaram sobre esse lagedo que elle agora pisa com tanta indifferença.

Um dos mais célebres autos-de-fé que tiveram logar na velha cidade do Mondego, é sem contradicção o de domingo 4 de maio de 1625, de que já atraz se falou. Teve logar na praça de S. Bartholomeu, e sairam nelle cento e oitenta e nove pessoas, em cujo numero entraram doze freiras, sendo uma d'ellas queimada viva, com mais oito pessoas. O jesuita Manuel Fagundes prégou neste auto; no fim do sermão, apostrophou da maneira seguinte os que deviam morrer pelo fogo:

«Estáe certos que se ficardes na vossa incredulidade, negando ser Christo verdadeiro Messias, negando ser verdadeiro Deus e

homem, não poreis pé, nem ainda tereis vista da bemaventurança que Deus nos tem apparelhado. Este é o *Dixi* de Deus por David. Esta foi a ultima clausula do Sermão da Fé, que fez aos judeus; isto é o que Deus promette aos que de verdade se não convertem: desterro do Ceu, fogos eternos, tormentos para sempre em companhia dos demonios.

«Eia pois, irmãos meus, eia, eia, abri esses olhos, que ainda estaes em tempo para de tudo isto poderdes escapar; e a vós em particular, que ahi estaes para serdes relaxados ao braço secular, vos declaro da parte do todo poderoso Deus, que antes de vinte horas esses corpos estarão feitos pó e cinza: e se vos não converterdes de verdade, essas almas serão sepultadas em companhia dos demonios nos fogos do inferno por toda a eternidade.

«Aproveitae-vos pois d'esse pouco tempo que tendes, pegae de coração com Deus, chamae vossos confessores, descobri-lhes com verdadeira contricção toda a vossa consciencia, fazei verdadeira confissão de vossas culpas, nem as queiraes encobrir com capa de innocencia fingida; ponde os olhos em vossos irmãos, em vossos filhos, em vossos parentes, que aqui estão confessos, e com mostras de arrependimento; confundi-vos e arrependei-vos, sendo confitentes verdadeiros de todos os vossos erros, porque d'este modo podereis ainda escapar do fogo do inferno que vos ameaça.»

Que uncção! Quantos gritos de maldicção não sairiam dos corações despedaçados d'esses miserrimos!

Não farei a lista de todos os autos-de-fé que tiveram logar em Coimbra; isso seria muito longo, e cançaria o leitor; vou até terminar esta longa digressão ácerca do maldicto tribunal, mas não resisto a dizer que em um auto que durou tres dias (13, 14 e 15 de fevereiro de 1667), sairam duzentas e setenta e tres pessoas, das quaes cento e trinta e nove mulheres, e que foram nelle queimados vivos cinco homens e quatro mulheres. E direi ainda que o auto de 28 de novembro de 1621, ao passo que Evora e Lisboa celebravam autos tambem, foi um dos mais afama-

dos; sairam nelle cento e setenta e quatro pessoas, sendo mulheres cem; foram queimadas quatro mulheres e oito homens, e doze estatuas.

O edificio da inquisição da cidade de Coimbra tinha tres entradas: pelo *Pateo da Inquisição* em Mont'arroio; pelo *Pateo de S. Miguel* que abria sobre a praça de Sansão; e pela porta da *Bica*, na rua da Sophia.

O Pateo de S. Miguel tinha duas frentes, uma para o largo de Sansão e outra para a rua da Sophia; comprehendia todo o terreno occupado hoje pelas casas da familia Manique. O pateo estava então á altura do primeiro andar das dictas casas, muito acima do antigo pavimento da rua. Dava-lhe entrada uma escadaria em meia laranja, situada no largo, exactamente no logar da entrada do predio actual, e era cercado por uma gradaria de ferro. Sobre o portão da entrada havia uma grande estatua de S. Miguel, e no topo da escada encontràva-se uma capellinha do mesmo santo.

Foram neste recinto celebrados alguns autos-de-fé, e lá se fizeram tambem muitas publicações das sentenças menos solemnes do maldicto Officio.

Pela extincção do tribunal e pela venda do edificio que occupava, não tardaram a desapparecer o pateo de S. Miguel e os seus accessorios: e no principio de julho de 1826 começaram naquelle logar a levantar-se novos edificios, o que se prova por uma vistoria da camara municipal de 15 do dicto mez, sendo concedidos ao bacharel Rodrigues Manique, para unir á propriedade que alli andava edificando, *uns pedaços de terreno lateraes á escada do dito pateo*, com quatorze palmos de frente.

Era pela porta da Bica, que os presos entravam, segundo consta pela tradicção e é confirmado pela formula do auto de entrega dos presos, que se encontra no *Formulario pratico para uso do secreto da inquisição de Coimbra*, feito em 1808 pelo notario da inquisição, o padre Bernardo Antonio Pereira, e hoje pertencente ao benemerito Joaquim Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense*.

Eis a formula alludida:

«Aos tantos dias do mez de (o dia e mez da entrada) de mil e... annos, em Coimbra, na porta da Bica da santa inquisição, ahi o familiar F. entregou ao alcaide F. o preso F., e sendo buscado na fórma do regimento se lhe achou o que consta do livro das entradas; e porque o dito alcaide se deu por entregue do dito preso, e se obrigou a dar conta d'elle, fiz este termo, que comigo assigou. B. P. o escrevi.

(Assigna o secretàrio que faz este termo e o alcaide).»

Num dos edificios que formam o *Pateo da Inquisição* ainda hoje se vê o emblema de que o tribunal usava: uma cruz entre uma espada e um ramo de oliveira.

Nem mais uma palavra ácerca do tribunal da infamia.

Dirigindo-nos á praça *8 de Maio* (denominação commemorativa da entrada da divisão liberal sob o commando do duque da Terceira em Coimbra, em 1834, durante as nossas lutas civís), praça chamada outr'ora de *Sansão*, por causa d'uma estatua do valente juiz de Israel que adornava uma fonte demolida em 1820, subimos a rua do Visconde da Luz, uma das melhores da cidade. Ao chegarmos ao cimo d'ella, onde começa a da Calçada, o meu companheiro parou, tirou o relogio e fez a judiciosa observação de que eram horas de jantar. Ao pôrmo-nos de novo a caminho, perguntou-me, indicando uma estreita rua que naquelle ponto sobe:

— Que rua é esta?

— É a rua do *Corpo de Deus*.

— É engraçado. Porque lhe pozeram esse nome?

Tive de prestar a informação pedida.

— A rua de que se trata fazia parte, em tempos que feliz-

mente já lá vão, da *judiaria*, ou bairro dos judeus, sob o nome de *rua do Principe*. Era lá que pelos annos de 1364, na sua qualidade de descendente de Abrahão, vivia certo homem que tinha o nome de José. Este homem, sapateiro talvez, talvez alfaiate, mas com toda a certeza sovina, como todos os da sua raça, pediu um dia ao sacristão da sé, que tinha o nome de João, algumas hostias consagradas. O sacristão perguntou-lhe qual o fim para que as queria, naturalmente; o judeu deu-lhe uma resposta com que o outro se contentou, e eis o sequaz da doutrina de Moysés, e do Talmud, na posse de cinco particulas. Note, Robinson; olhe que eram cinco.

— Já notei, respondeu o meu companheiro, redobrando de attenção.

— Desde que o israelita José viu na sua mão o que tanto ambicionava, a sua alegria transpareceu como nodoa de tinta em mata-borrão, e não pensou noutra coisa senão em tomar o caminho de sua casa, com muita mais pressa do que tinha ao sair d'ella. A proposito, amigo: vamos um pouco mais devagar.

— Pois, sim; vamos um pouco mais devagar, repetiu Robinson automaticamente.

— Chegando a casa, o judeu pôz as hostias consagradas na prateleira, e esperou a noite. Apenas as trévas com o seu véo envolveram o nosso hemispherio, accendeu o fogareiro, que por signal era de barro (José não era rico), e pegando numa certa pôl-a ao lume com boa porção de azeite. Esperou que o azeite fervesse, e fervesse bem, e lançou-lhe dentro as hostias. Os sabios chronistas que d'este grande caso se têm occupado (como o auctor do *Agiologio Lusitano*), hão procedido a muitas e seriíssimas indagações para apurar que especie de experiencia o judeu José queria fazer; infelizmente, porém, todos têm confessado tacitamente a sua ignorancia a tal respeito, pelo que estão ainda involtas no véo do mysterio as causas determinantes do caso. Mas embora isso se não saiba ao certo, embora haja differenças essenciaes nos auctores, é incontestavel, como diz Cervantes no seu immortal *D. Quixote*,

que por conjecturas verosimeis se deixa ver que José queria fazer com as hostias um pastel catholico.

—Tem graça! E depois?

—Apenas o judeu deitou as hostias na frigideira...

—Não disse que era uma certã?

—É verdade; era uma certã. Apenas José deitou as hostias na certã, saltaram ellas para fóra, como gafanhotos, mas com a particularidade de ficarem dispostas em cruz.

—É por isso que eram cinco?

—Exactamente. Ora este resultado não era provavelmente o que esperava o judeu, o qual desfazendo a cruz deitou de novo as hostias na péla.

—Na péla?

—Sim, na certã. Mas, deixe-me proseguir.

—As hostias, apenas cairam novamente no azeite, saltaram segunda vez para fóra; com o que o cabeçudo judeu ainda se não deu por vencido. Foram tantas, porém, as tentativas que fez infructuosamente que, afinal, desistiu de levar a effeito o que queria; e, cheio de despeito, pegou na cruz milagrosa e foi deital-a num monturo em frente da sua casa—onde hoje está uma capella chamada da Senhora da Victoria, que substituiu a *Ermida do Corpo de Deus*.

—Continue.

—José deitou as hostias no monturo e metteu-se em casa. Ainda, porém, mal tinha elle fechado a porta, quando já a rua toda se alvoroçava. Era o caso que as cinco hostias em cruz, ou a cruz das cinco hostias, deitava um resplendor, uma luz celeste, que era um céo aberto; os anjos em pelotões cercavam as hostias e o resto, entoando canticos e hymnos suavissimos. A rua parecia illuminada *a giorno;* e, milagre sobre milagre, um regato de sangue começava no monturo e ia perder-se, atravessando a rua, no interior da casa de mestre José.

«Num instante a gente da visinhança sabe do caso, a noticia passa de bocca em bocca, corre de rua em rua, rapida como os

dias d'um ministro (segundo a opinião do interessado), e correcta e augmentada, como as noticias de qualquer guerra, chega aos ouvidos do bispo, que estava todo entregue á composição d'uma homilia, que devia recitar no dia seguinte, e em cuja elaboração o ajudava o mestre de ceremonias da sé, homem grave e circumspecto, como todos os mestres de ceremonias.

«Apenas os tympanos dos reverendos ouvidos foram abalados pela noticia, adeus homilia, adeus paz da alma episcopal; o mestre de cerimonias chegou a perder a sua gravidade, para correr a mandar tocar a reunir cabido; os conegos apressaram-se a comparecer, vindo alguns em chinellos por causa da precipitação, outros vindo cançados e d'olhos mortiços, sem que tivessem feito grande caminhada nem adormecido ainda, os meninos do côro apresentaram-se esfregando os olhos, um porta-maça appareceu com uma vassoura debaixo do braço, um sacristão trouxe uma panella em vez da caldeirinha, e depois de toda a companhia se pôr em ordem, apezar de tanta desordem, lá se foram todos em procissão até o local do milagre.

— Como o senhor tem presentes todas essas particularidades! disse-me Robinson.

— Pois eu, respondi, ainda estou mais admirado de poder andar. Mas vamos ao caso. O bispo, como bom pastor, foi o primeiro a ajoelhar deante do monturo, tomou nas suas mãos as hostias que por tantos vaivens haviam passado, e toda aquella gente outra vez em procissão, solemnemente, psalmodiando, cantando, acompanhou o virtuoso prelado até á sé, onde as particulas consagradas foram recollocadas no seu logar. E nisto mesmo houve milagre, porque nem o judeu nem o sacristão infiel ainda tinham revelado cousa alguma.

— *All right!* e o judeu?

— Applicaram-lhe a tortura, fizeram-lhe as pernas em marmellada, e afinal rodaram-n'o vivo ou fritaram-n'o, não me recordo agora d'esta particularidade.

— *All right!*

—A coisa foi muito celebrada, muito commentada, e muito historiada.

—E o sacristão? tambem foi castigado de certo.

—A historia nada diz a esse respeito, o que não admira; porque, como elle sempre d'algum modo pertencia á egreja, era necessario guardar o decóro, e sobre tudo impedir que elle désse com a lingua nos dentes a respeito de certas coisas.

A capella da Senhora da Victoria, que seus possuidores têm ornado convenientemente, quazi nada conserva do antigo. Apenas lá se vê ainda por detraz da banqueta uma esculptura sem importancia, representando dois anjos que levantam um calix com hostia sobreposta, e por baixo uma inscripção em gothico minusculo [1], que diz:

✠ SENIFICA . CORPOZ . DÑI
. AÑO . DÑI . M . CCCC . XXXX
. IIJ . ALŮ . FRZ .

E alli se vê ainda, gravada em volta d'uma sepultura no pavimento, uma inscripção tambem em gothico que se refere a um fidalgo do seculo XVI:

AQVY . JAZ . JORGE . MEN
DEZ . DE VASCÕCELOS . CAVALEI
RO . FFIDALGO . DA CASA . DIL REY .
DO MANVEL . NOSO . SOR . O QVALL
SE FINOV . NA ERA . DE MILL . E QVINH
EMT . E VINTE . E DOVS . E III . DIA .
DE . MAIO .

[1] *O Antiquario Conimbricense.*

A capella foi edificada no logar do desacato á custa da devota Anna Affonso, duas vezes viuva....

Estavamos á sobremesa.

Um estudante tinha vindo jantar ao hotel, para fazer companhia a um sujeito seu parente, homem de cincoenta annos, rico e jovial, que teve de pagar tambem o jantar a dois amigos que o primo lhe apresentára, os quaes se desfaziam em comprimentos e attenções para com o seu amphitrião. Além d'estes quatro personagens, de Robinson e do sujeito que tivera a honra de servir de *cicerone* ao dicto Robinson, estava tambem á meza um velhote, cuja edade não podia facilmente ser determinada, mas que tinha a particularidade de se parecer extremamente com o fecundo e finissimo orador Mirabeau, se é exacto o retrato que os escriptores e pintores do tempo nos legaram.

Quando notei que eramos sete á mesa, lembrei-me de que poderiamos perfeitamente representar os sete peccados capitaes, dos quaes o da gula se tinha encarnado no retrato de Mirabeau. Lembro-me muito bem de que pelo exame das physionomias cheguei a identificar os outros seis commensaes com os restantes peccados; e tenho a certeza de que a mim me não couberam nem os dois primeiros nem os dois ultimos.

— Pois declaro-lhes, meus senhores, disse o primo do estudante para os seus convidados, que tive immenso prazer em tornar a ver Coimbra: e, tendo andado lá por longes terras, asseguro-lhes que muitas vezes me lembrei d'esta cidade onde passei tão bons dias da minha mocidade.

— V. Ex.ª esteve aqui em...? perguntou um dos estudantes.

— De 1848 a 1855. Estavam ainda os animos impressionados com a morte do *Campeão*. Em 11 de março de 1848 terminou a audiencia geral em que foram condemnados á forca os assassinos. O *Campeão*, cujo nome era José Antonio da Silva Rocha, e que

tinha loja de cambio na rua da Sophia, recebera certa porção de dinheiro para pagamento de premios; e quatro artistas, um sapateiro, um carpinteiro e dois alfaiates, assassinaram-n'o, para o roubarem. Praticado o crime em 24 de janeiro de 1846, embrulharam-n'o em uma esteira e foram pelas mais sombrias ruas do bairro baixo enterral-o no Choupal. Diz-se que, no transito, notando que alguem se aproximava, encostaram o cadaver a uma parede, rodearam-n'o e fingiram estar conversando tranquillamente. Foi uma mulher do campo que vinha para o mercado quem descobriu o cadaver. A pena, porém, não chegou a ter execução. Um dos assassinos morreu na prisão, e os outros foram degredados para Africa perpetuamente.

—Antes assim, disse um dos estudantes, que pretendia ter suas ideias adversas á pena de morte, e citou a proposito não sei o quê de Victor Hugo.

—Tolice! murmurou o americano.

Eu não formulei opinião, embora tambem seja ardente adversario do assassinato juridico.

—Em 9 de abril de 1848, proseguiu o viajante, a academia conimbricense, cujos animos se exaltaram como os dos academicos d'outros paizes, em consequencia da proclamação da republica franceza, que tivera logar em fevereiro, revolveu demonstrar claramente qual o seu sentir; e por isso dirigiu uma felicitação aos estudantes das universidades de Paris, Italia, Berlim e Vienna, a qual levava quatrocentas e seis assignaturas. Em novembro de 1849, tivemos o divertimento das eleições para o conselho da Academia Dramatica. Embora houvesse muito reboliço e alguns socos, não houve desgraças a lamentar. Diversos partidos se guerreavam mutua e ardentemente, e cada um tinha deffensores pela imprensa. Quer anonymos, quer assignados, varios folhetos fizeram chiar os prélos. O verso, como a prosa, tomou á sua conta o caso. O Ferreira Girão (pelo menos attribuiam-lh'o) fez um soneto engraçado; e creio que elle tambem compoz uma poesia intitulada *As Eleições do Theatro*, parodia á satyra *O Bilhar*

do Nicolau Tolentino. Começava ella, se bem me recórdo, d'este modo:

> Por fugir da *lithographa sebenta*,
> Que nas aulas impinjo a todo o panno,
> Combinando, assim, a pachorrenta
> Cabula, c'o meu — A — no fim do anno;
> Largando o pobre mocho, em que se assenta
> O misero estudante,— todo ufano,
> Fui sentar-me num canto da janella
> Espreitando, qual timida donzella.

—Apostaria ser o senhor tambem poeta, disse um estudante.

— Perderia a aposta; tornou o antigo academico, proseguindo: Em 1851, a 12 de abril, entrou em Coimbra o duque de Saldanha que se revoltára contra o governo cabralista, e que encontrou todo o apoio nos habitantes da cidade, os quaes em 19 do mesmo mez fizeram uma representação á rainha, pedindo a demissão do ministerio presidido pelo conde de Thomar; a representação dois dias depois foi apresentada ao rei, que viera a Coimbra para defender o ministerio, e que teve de voltar para Lisboa no dia 29 por ter sido abandonado por grande parte da divisão que commandava. Não trato de discutir se o paiz ganhou ou perdeu com todos esses acontecimentos, que formam a epocha chamada cabralista; mas o que é certo é que os estudantes da universidade ganharam com a coisa. O duque de Saldanha, regressando do Porto, depois de ter triumphado na cidade invicta a revolução contra o conde de Thomar, teve uma extraordinaria ovação, e mandou logo no dia da sua chegada, 6 de maio de 1851, lavrar uma portaria concedendo dispensa dos actos aos academicos.

—Quem me dera um *perdão d'acto* este anno! disse um dos estudantes.

—No anno seguinte tivemos outro. A rainha D. Maria II, entrou na cidade universitaria em 23 de abril de 1852, e foi recebida com grande enthusiasmo. Era quasi meio dia quando chegou á ponte, a antiga ponte de pedra, aquella ponte que sempre foi

para a academia d'outras eras um ponto de reunião e de que têm saudades quantos por ella passaram. Estavamos sentados nos parapeitos da ponte em numero superior a oitocentos, desde os *quintanistas* até aos *caloiros*, para quem esse dia foi de regabofe. Apenas o prestito chegou, pozemos-nos de pé, descobrimos-nos e soltámos muitos vivas á familia real. A rainha vinha em coche com o pequerrucho infante D. Luiz, e atraz a cavallo o rei e o principe D. Pedro. Houve muitas festas que seria longo e aborrecido descrever, e no dia 25, em que teve logar o doutoramento do Dr. Luiz Albano, de que foi padrinho o principe real, a rainha concedeu-nos *perdão d'acto*, o que nos foi mais agradavel do que seria nomear-nos commendadores. Como demonstração de agradecimento, a academia acompanhou o cortejo real, na sua retirada para o Bussaco no dia seguinte, até á ponte de Aguas Maias. Mas, para dizer a verdade inteira, asseguro-lhes que o que penhorou a academia muito mais do que o perdão d'acto, foi o donativo de duzentos mil réis feito pela rainha á Sociedade philanthropico-academica, que tanto honra os seus fundadores.

—Foi nesse anno, creio eu, que teve logar a *entrudada*, de que tenho ouvido falar?

—Não, senhor; a chamada *entrudada*, isto é, as mais graves desordens que houve pelo carnaval entre os estudantes e os *futricas*, teve logar em 1854. Não ha interesse algum em referir esses desgraçados acontecimentos. Apenas direi que, tendo a academia resolvido abandonar Coimbra e ir a Lisboa pedir ao governo que transferisse para lá a Universidade, saimos no dia 2 de março em direcção á capital. Como aos senhores, hoje, não nos sobrava então o dinheiro; pelo que, para haver *egualdade* e em virtude da *fraternidade*, embora com detrimento da *liberdade* dos que tinham alguns vintens, saimos todos da cidade ás 9 horas da manhã. Eramos mais de quatrocentos, e ainda depois se nos juntaram alguns. Contar-lhes o que passámos pelo caminho, necessidades, cançaços, fomes, miserias, seria longo. Quando chegámos a Thomar, um commissario do governo taes coisas nos disse que, apezar do de-

sejo de proseguir viagem, e apezar das insinuações da commissão que nos dirigia, voltámos para Coimbra. A dizer a verdade, estavamos tão cançados, tinhamos padecido tantas necessidades, que, embora apparentando desgosto por não ir ávante, confessavamonos *in petto* extremamente satisfeitos por nos convencerem de que deviamos voltar para traz.

—Não é tambem do seu tempo a morte d'um tal Lazaro? perguntou ao velhote o primo estudante. Tenho ouvido falar nisso.

—Teve logar esse desgraçado acontecimento em 16 de junho de 1854; chamava-se o rapaz Lazaro Tavares Affonso e Cunha. Lembro-me d'isso como se tivesse succedido hontem. Foi no Choupal, onde o levaram a pretexto de caça, que covardemente o assassinaram para lhe roubarem algum dinheiro que tinha. O assassino cujo appellido era Santa Barbara, foi tempo depois preso num botequim, e denunciou os cumplices. Lembro-me de que na occasião em que os presos eram conduzidos pela rua da Calçada ao tribunal para comparecerem na audiencia em que deviam ser julgados, o páe do assassino estava jogando num bilhar d'essa mesma rua...

Houve um momento de silencio, após o qual, um dos estudantes perguntou ao que tinha gosado de dois perdões d'acto:

—E o padre José Pedro tambem era do seu tempo? Era um grande ratão o tal padre, segundo dizem.

O commensal que, por me não recordar do seu nome, chamarei o *retrato de Mirabeau*, e que representava a gula, repito, tinha-se conservado silencioso durante todo o jantar; apenas de vez em quando se lhe arqueavam os labios com um sorriso, o que é o mesmo que dizer que fazia horriveis esgares.

Robinson já me havia dado, por varias vezes, uma respeitavel joelhada afim de chamar a minha attenção para o velho, quando de subito uma risadinha zombeteira fez com que todos os olhos se voltassem para o *retrato de Mirabeau*.

O estudante, que fizera a pergunta ácerca do pádre José Pedro, franziu os sobrolhos, e encarou com modos arrogantes o ve-

lho. Effectivamente todos acreditámos que elle se rira da pergunta, e não nos enganámos.

— O padre José Pedro! disse em exclamação o velho; elle nunca existiu.

A cara do velho era tão comica, mas ao mesmo tempo os seus olhos denotavam tanta intelligencia, que o proprio estudante, que se considerára ferido pela hilaridade d'elle, se sorriu e lhe perguntou apenas:

— Como sabe o senhor isso?

— É natural que existisse um padre d'esse nome, homem que por algum facto se tornasse mais ou menos célebre, mas a quem se attribuiram depois muitas bobices e dictos engraçados que são communs a muitos paizes. Padre José Pedro de Coimbra é o Firrazzanu da Sicilia, o Eulenspiegel allemão, o Nasr-Eddin da Turquia.

— Quando eu andava na universidade, disse o primo do estudante, contavam-se as anecdotas do padre José Pedro como acontecidas em mil oitocentos e vinte e tantos, ou mil oitocentos e trinta.

— Pois no meu tempo, que foi precisamente essa epocha, falava-se do padre, como de pessoa que vivera nos começos do seculo.

— Mas o que é facto é que algumas das anecdotas são engraçadas, disse um estudante.

— Contam, disse outro, que elle costumava andar até altas horas da noite divagando pelas ruas, apezar da prohibição; e que d'uma vez, a deshoras, fez accordar o meirinho para communicar-lhe, como promettera, que ia recolher-se.

— Como essa, contam-se dezenas de anecdotas do padre.

— E a do burro?

— Essa vem já no vocabulario de Bluteau, disse o retrato do grande orador francez.

— Ouvirei com gosto essa anecdota, disse Robinson.

O velho satisfez o desejo do americano.

—Estavam, certa occasião, alguns estudantes na ponte de Coimbra, e avistaram um homem conduzindo pelo cabresto um jumento carregado.

—«Ó Fulano, disse um d'elles a outro (o padre José Pedro da lenda) tu não és capaz de roubar o burro áquelle homem.

— «Sou, respondeu.

— «Apostas?

— «Aposto. Quanto?

«Combinou-se a aposta e o estudante chegando-se ao jumento, e tirando-lhe subtilmente o cabresto, prendeu-o ao seu pescoço d'elle e foi seguindo o homem. Apenas os estudantes esconderam o jumento, o que ia encabrestado parou de repente retezando a corda: o pobre homem, voltando-se para applicar á sua alimaria algumas pauladas, afim de a obrigar a andar, ficou estupefacto ao ver que levava pelo cabresto um estudante. Este disse-lhe immediatamente com voz terna e insinuante:

—«Ó meu senhor, não se espante; eu sou um homem bem nascido, mas mal parado: uma bruxa me transformou no animal a que vocemecê tem dado tantos maus tratos. Agora foi Nosso Senhor servido fazer com que o meu fadario se acabasse. Peço-lhe que nada diga; e que me perdôe o dinheiro que deu por mim e que lhe faço perder, por não ter meios para o reembolçar.

—«Perdi no senhor, como burro, o meu ganha-pão; disse o pobre homem, acreditando o embuste, e tirando o chapeu; mas não serei eu quem o faça padecer por mais tempo. Peço-lhe perdão, pelo ter maltratado tantas vezes; mas que quer? o senhor fez-me desesperar tanto!... A gente nem sempre é senhor de si!

— «Eu que o diga!

—«É verdade. Adeus.

«O homem foi-se embora; e, precisando d'uma azemola para substituir a que perdera, pediu dinheiro a um compadre e foi no dia seguinte á feira, onde os estudantes mandaram tambem o burro roubado para vender. O homem, vendo-o, pediu ao que o condu-

zia licença para dizer um segredo ao asno; concedida ella, aproximou a bocca a uma das orelhas do animal e disse-lhe:

—«Olhe, senhor burro, quem não o conhecer que o compre; saberá a bestà que leva.»

O archeologo Robinson gostou immensamente de ouvir estas anecdotas, e declarou-me que iria tomar nota d'ellas ainda naquella noite.

Eu tambem tomei nota do convite que nos foi feito para um jantar na *Lapa dos Esteios*, que devia ter logar dois dias depois. Quem fez o convite foi o primo do estudante que certamente não symbolisava a avareza.

CAPITULO III

O *Mosteiro de Santa Cruz* — Algumas palavras d'historia antes d'entrar: D. Manuel e Julio II — O portico da egreja — O pulpito — Os tumulos reaes — O bispo negro — Resurreições de D. Affonso Henriques — Os quadros da sacristia — A Capella de S. Theotonio e seus tumulos — O claustro do Silencio e seus baixo-relevos — A Capella de Christo — O côro e o orgão — O Santuario: o que elle possuia e o que possue hoje — O claustro da Manga — Frei Antonio — Em que se transformou o mosteiro — S. João das Donas — A Quinta de Santa Cruz — Um epitaphio.

ÓRA dos muros da cidade de Coimbra (referimo-nos sempre ao recinto primitivo), para o noroeste, havia em 1131 um sitio e uma fonte que designavam pelo nome de *banhos d'el-rei*, denominação cuja origem hoje se ignora, mas que datava com todas as probabilidades da epocha wisigothica. Era, ao que parece, um logar muito aprazivel, motivo pelo qual o arcediago D. Tello o escolheu para local d'um mosteiro da regra de Santo Agostinho, que a sua devoção o impellia a fundar.

Segundo se diz, o bispo D. Bernardo achou inconveniente que os conegos da sé vivessem em communidade: naturalmente os santos varões não se davam bem, e eu faço ideia de que elles deviam ter razão. O bispo ordenou, dividindo entre elles os bens da communidade, que cada um dos conegos vivesse em separado, *dans ses meubles*.

D. Tello, porém, que era no dizer das chronicas um homem dignissimo a todos os respeitos, e que por conseguinte nenhumas questões teria com os seus confrades, resolveu continuar na vida de clausura, e tratou de fundar um mosteiro. Para esse fim, formou sociedade com alguns homens tambem de devoção extrema e comportamento exemplar,— como por exemplo, o mestre-escola D. João Peculiar, que foi mais tarde o revolucionario e intrigante bispo do Porto e arcebispo de Braga,— e como homem que sabia bem o valor dos symbolos, assentou que a companhia não excederia o symbolico numero doze, não querendo, por modestia, ou não se atrevendo a elevar o numero a treze.

Eis o motivo da fundação do mosteiro de Santa Cruz, de que foi primeiro prior um dos doze associados, D. Theotonio.

Foi lançada no dia 28 de julho de 1131 a primeira pedra do mosteiro, que devia chegar a ser durante tantos annos o principal do reino, por causa de suas vastas proporções, pela enorme quantidade de bens devidos ás larguezas dos monarchas, e pela copia de privilegios que a Cadeira de Roma lhe dispensou.

O mosteiro não floresceu sómente no tempo em que era Coimbra a capital do reino; ainda depois dos descendentes de D. Affonso Henriques transferirem para Lisboa a sua habitual residencia, a sua importancia foi extraordinaria: a tal ponto que, tendo D. João II eleito arcebispo de Braga um dos priores, este não acceitou a mitra, para não deixar o priorado. Um dos privilegios concedidos por Anastacio IV e por Celestino III ao prior de Santa Cruz, foi o de poder usar de insignias episcopaes.

Alguns reis portuguezes frequentaram muito outr'ora o mosteiro: mas nenhum d'elles como o primeiro Affonso.

O *conquistador*, que tanto contribuiu para a edificação do mosteiro, quiz gosar da honra de intitular-se conego de Santo Agostinho fez-se admittir na communidade; assistia no côro ás solemnidades, vestido do habito e sobrepeliz monastica; e muitas vezes o viram passear pelo valle e encosta de Mont'arroio, de braço dado com D. Theotonio. É verdade que o proprio D. Theotonio

tambem era guerreiro, e por varias vezes combateu ao lado do rei, nas luctas contra os mouros, como observa o Camões (*Lusiadas*, c. VIII, est. 19):

> Um sacerdote vê brandindo a espada
> Contra Arronches, que toma por vingança
> De Leiria que d'antes foi tomada
> Por quem de Mafamede enrista a lança:
> É Theotonio, prior...

E por isto, bem pesadas as coisas, parece-nos que deve ver-se no procedimento do grande homem unicamente um meio de chegar aos seus fins: basta considerar que, sendo naquelles antigos tempos a religião um grande auxiliar, um poderoso elemento de conquista, o monarcha tinha engrandecido o mosteiro para d'elle haver uma proficua assistencia. Os dois reis Sanchos, além d'outros, seguiram o exemplo do velho monarcha.

Mas occupemo-nos do edificio.

Veriamos muito provavelmente hoje ainda o edificio tal qual era do tempo de D. Tello, na sua primitiva simplicidade, se o papa Julio II não houvesse querido favorecer um de seus sobrinhos.

Tendo D. Manuel sollicitado do pontifice um bispado e um chapeu de cardeal para o prior-mór de Santa Cruz, D. João de Noronha e Menezes, ao qual elle estava ligado pelo sangue e pela amizade (já se vê que D. Manuel estava no mesmo caso que o papa e que alguns ministros d'hoje), o papa aquiesceu, dando ao proposto o bispado de Ceuta, com o primado de Africa, e a purpura com o titulo de *cardeal de Ceuta* ou de *Santa Cruz de Portugal*. Todavia, como é coisa estabelecida que um papa não dê coisa alguma, mas que venda tudo, Julio II ao mesmo tempo determinou que seu sobrinho, o cardeal Galiotto Franciotto de la Rovere, succedesse no priorado a D. João, quer no caso d'este pedir a sua demissão, quer dada a circumstancia de fallecer; e ao mesmo tempo ordenou tambem aos conegos que reconhecessem o

dicto seu sobrinho como prior-mór, sob pena das mais graves censuras.

D. Manuel não ficou muito satisfeito com o titulo secundario concedido a D. João de Noronha, que morreu alguns annos depois sem ter largado o priorado, visto não haver o papa satisfeito inteiramente os desejos do rei portuguez. Depois da morte do prior, os conegos regrantes ficaram indecisos sobre se haviam de acceitar o prior imposto pelo papa, ou se deviam nomear outro: mas, intimidados pelas censuras, acabaram por obedecer á curia romana, dando posse a um procurador do cardeal la Rovere, e nomearam prior triennal a D. Braz Lopes. O rei, porém, no seu despeito, procedeu de modo que Julio II ficou ludibriado. Ordenou que se demolisse a antiga egreja, a sala do capitulo e o principal claustro do mosteiro, e ao mesmo tempo mandou ao prior triennal que fizesse construir de novo estes edificios, empregando para isso as rendas do priorado-mór; determinou-lhe tambem que escrevesse ao papa declarando que, sendo ainda insufficiente para as obras o rendimento, nada podia enviar para os cofres do sobrinho de sua santidade.

Não está averiguado qual o numero de vezes que o papa mandou ao diabo D. Manuel; mas sabe-se que afinal entendeu que o melhor partido a seguir era ordenar a seu sobrinho Galiotto Franciotto que desistisse do priorado, o que elle fez.

De tudo isto resultou que alguns annos mais tarde a egreja e as outras dependencias do mosteiro se achavam reedificadas; o que succedeu sob o prior-mór o bispo da Guarda, D. Pedro Gavião, sendo préviamente concedido em 1507 a D. Manuel o direito de apresentação pelo mesmo papa Julio II, que estava escarmentado e tratava de adoçar a bocca ao rei *venturoso*.

Foi assim que desappareceu a antiga egreja que era talvez (bem o podemos crer) um bello specimen da architectura romano-byzantina.

Actualmente não resta da antiga fabrica do mosteiro mais que uma torre quadrada, sobre a qual edificaram um campanario. Esta

torre é, póde dizer-se, um monumento historico: entrava no numero das que defendiam a muralha que cingia o mosteiro, para o salvaguardar das irrupções mouriscas, caso ellas podessem ter logar; mais tarde tornou-se a habitação dos priores-móres. Em 1539 achou-se nella um thesouro composto de moedas francezas e arabes; pertencentes as primeiras aos reinados d'um Pepino e d'um Filippe.

O frontispicio da egreja de Santa Cruz tem sido apreciado de diversas maneiras. Têm-n'o chamado um primor d'arte; e alguem disse que elle é uma *extravagancia artistica.* Grandes architectos foram do estrangeiro chamados para a reedificação alludida — João de Ruão, Thiago (Jacques) Loguim, Filippe Uduarte (Edouard?), e mestre Nicolau: todos elles alli deixaram obras admiraveis; todavia a fachada da egreja é de muito mau effeito no conjuncto, embora as particularidades dos ornatos sejam de grande belleza: o que provem da sujeição ao estylo chamado *manuelino.*

O portico da egreja e a janella que lhe está superior, com os seus baldaquinos, e estatuas, com os seus florões, modilhões e grinaldas, apresentam tanta sumptuosidade, como o resto da fachada tem de simpleza, (affectada, todavia; convêm confessal-o); formando, assim, um tão extranho contraste o adornado portal com o fundo chato e pesado, que o conjuncto produz o effeito desagradavel de muitos modelos de gêsso pendentes da parede lisa, uniforme, d'uma aula de desenho. Se, porém, applicarmos a nossa attenção a contemplar as particularidades, acharemos uma tal elegancia e perfeição nas esculpturas ornamentaes profusamente variadas com um gosto não vulgar, que se tem sincera pena de ver todas estas bellezas quazi inteiramente destruidas, o que é sobretudo devido á pessima qualidade da pedra.

Uma coisa que ainda augmenta o aspecto desagradavel do frontispicio, é um guarda-vento do mais extravagante gosto, que se eleva a dois passos do portal, impedindo a vista e obstruindo

o pequenissimo adro para onde hoje se desce do largo *8 de Maio* por tres escadas de sete degraus. A constante elevação do leito do Mondego, além d'outras causas naturaes, tem obrigado o homem a levantar o pavimento de muitas ruas da cidade baixa. Em 1540 o pavimento da egreja era ainda superior de quatro degraus á praça de Sansão.

Entrando no templo, soffre-se uma enormissima decepção, apezar da desvantajosa impressão recebida no exterior. Vê-se uma egreja pouco vasta, e uma abobada em estuque ou caiada; as paredes, caiadas tambem ou cobertas de insignificantes azulejos, são cortadas por capellas sombrias, ou, para melhor dizer, onde a luz do dia jámais penetra.

Foi por isto que eu, entrando na egreja com o meu amigo Apollos Robinson, a quem servia de *cicerone*, lhe chamei immediatamente a attenção para um tumulo, que ao lado direito se depára, e onde repousam as cinzas de D. Fernando Cogominho, e de sua mulher D. Joanna Dias. Este tumulo é alto, não desprovido de elegancia, e está mettido na parede.

Tem esta inscripção em gothico quadrado que, por illegivel num ponto, completei com a transcripção que vem nos *Estrangeiros no Lima*:

AQUI IAZ DOM FERNANDO FERRZ CO
GOMINHO SENHOR DE CHAVES E
ALCAIDE MOR DE COIMBRA ⁝ E IOANA
DIAS SVA MOLHER OS QUAES DEIXA
RAM A ESTE MOSTEIRO O AZAMBUJAL
E DUAS MIL LIURAS O PRIOR E CÕ
VENTO SAM OBRIGADOS A DIZER
EM CADA HVV ANO DOOS ANIVE'
SAIROS E CADA DIA HVA MISSA
PERA SEMPRÉ E POR SVAS AL
MAS ⁝ ELA SE FINOV APOS ELLE
NO ANO DO SÕR M . CCC . LXXVII ⁖

Emquanto o americano fazia rapidamente um esboço do tumulo, onde se vêem as armas de Chaves, occupei-me eu em fazer o parallelo entre a egreja antiga e a moderna, e cheguei á conclusão de que a primeira seria muito melhor do que a existente.

D. Nicolau de Santa Maria descreve-nos o antigo templo, cuja capella-mór foi fundada por D. Tello e seus primeiros onze companheiros, que a fizeram de abobada «e tão grande e formosa, que fosse capaz de caber nella o côro». Transcrevo a descripção do antigo templo, cortando porém, a relação das reliquias que, segundo o costume, se haviam posto por baixo dos altares:

«O corpo da Igreja tambem era de abobeda, tinha tres naues, casa grande aonde hauia oito Capellas, quatro por cada banda. A primeira Capella proxima, & collateral à Capella mòr da parte do Euangelho, era dedicada ao Espirito Santo... Aqui nesta Capella esteue sepultado o nosso Venerauel Arcediago D. Tello por muitos centos de annos, atè se passarem seus ossos pera a Claustra noua... A segunda Capella collateral da parte da Epistola, era da inuocaçaõ do nosso Padre S. Agostinho...

«Alèm destas duas Capellas collateraes hauia mais seis Capellas no corpo da Igreja, tres de hũa parte, & tres da outra. As tres da parte do Euangelho eraõ: A Capella do Principe dos Apostolos S. Pedro, á qual deixou El-Rey D. Sancho I, em seu testamento cem marcos de prata, pera se lhe fazer hum frontal de prata, & outro pera a Capella de nosso Padre S. Agostinho, por particular deuaçaõ, que tinha a estes dous Santos... A Capella do Martyr S. Vicente... A Capella de S. Antão Abbade... Esta Capella ornou, & tomou pera fi a Infanta D. Constança.

«As outras tres Capellas do corpo da Igreja da parte da Epistola eraõ: A Capella do Archanjo S. Miguel... A Capella do Apostolo S. Andre, onde depois o Prior mòr D. Gomes poz as Reliquias dos Santos sinco Martyres de Marrocos, em hũa caixa grande de prata, & se mandou enterrar ao pè do Altar... A vltima Capella era a do Apostolo Santiago Maior, que depois or-

nàraõ, & fizeraõ de nouo D. Fernando Cogominho senhor de Chaues, & Alcaide mòr de Coimbra, & sua molher D. Ioanna Dias, senhora da Villa d'Atouguia, & escolhèraõ pera sua sepultura, que muitos annos depois em tempo del-Rey D. Manoel se passou pera junto da porta da Igreja noua, onde estaõ ambos, em sepultura alta metida na parede; lugar que lhe deu o dito Rey, dizendo, que pois tinhão por armas sinco chaues de prata em aspa, estiuessem à porta da Igreja.

«Sagrou esta Igreja o nosso Cardeal D. Ioaõ Bispo Sabinense, a 7. de Ianeiro do anno de 1228. vindo a este Reyno por Legado á latere, como consta do Breuiario antigo do Mosteiro de S. Cruz, onde anda a reza da dedicaçaõ desta Igreja com Oitauario, & de hum letreiro que està no alto da parede da primeira coluna da claustra, cujas letras em pedra, já quasi gastadas da antiguidade, começão assi: *Ioannes Dei gratia Sabinensis Episcopus, Romanae Ecclesiae Cardinalis, Apostolicae Sedis Legatus, etc.*»

Depois de falar dos claustros, o chronista diz:

«Naõ nos consta ao certo das medidas, & tamanho da dita Igreja, & Claustras, mas sem duuida que aquelles nossos primeiros Padres, como tam obseruantes dos Decretos dos Summos Pontifices, guardariào no edificio deste Mosteiro de S. Cruz as medidas, que o Sũmo Pontifice Nicolao XI. assinou no Concilio Lataranense, celebrado no anno de mil & sincoenta & noue pera as Igrejas, & Claustras dos Conegos Regrantes,» e que são: «*que as Igrejas, & Capellas maiores tenhão de circuito quarenta passos, & as Capellas menores trinta, & as Claustras tenhaõ em circuito da Igreja quarenta passos.* A medida de cada passo destes era de sinco pès.»

Quando o meu companheiro terminou o esboço, fil-o rapidamente percorrer o maior espaço do templo, deixando-o parar só

em frente d'uma obra prima da esculptura em pedra, a mais perfeita que ha na peninsula e talvez na Europa. Designemol-o pelo nome sob que é tão célebre: *o pulpito de Santa Cruz.*

Do lado do evangelho, ao pé do que se chama transepto (não existe este, rigorosamente, nesta egreja), apenas á altura d'um metro e meio, o pulpito parece ter alli sido collocado expressamente para ser visto, examinado e apreciado com toda a facilidade. Talhado um só canto, sob a fórma d'um meio prisma octogono regular, assente sobre a base d'um cone voltado, é d'uma belleza extraordinaria, inexcedivel. O cone, cujo vertice é formado por uma hydra alada, compõe-se de algumas fileiras de arabescos, de frizos, de sphinges e cherubins, na mais bella disposição. Nas quatro faces do pulpito vêem-se, em elegantes nichos, estatuetas representando alguns doutores da egreja; eil-os por sua ordem, começando do lado da entrada: Santo Ambrosio, mitrado; S. Jeronymo, com chapeu de cardeal, tendo a seus pés um leão; S. Gregorio o magno, com a thiara; cada um d'estes com um livro na mão: por ultimo, vem Santo Agostinho, de mitra, e sustentando com ambas as mãos um templo. Cada uma das arestas do meio prisma octogonal é ornada de duas estatuas, uma sobreposta á outra, representando as de cima a Religião e as Virtudes cardeaes (mas não as dos cardeaes), e sendo as outras as dos quatro prophetas maiores, Isaias, Jeremias, Ezequiel e Daniel, e a d'esse santo rei que fez morrer Urias para lhe ficar com a mulher. David tem nas mãos a harpa inseparavel; os quatro prophetas sustentam *volumina.* Os pedestaes, os baldaquinos, as estatuetas, o arrendado da pedra, tudo emfim, desde os mais insignificantes cinzelados até ás mais importantes figuras, é d'uma perfeição que não póde ser excedida e muito difficilmente egualada. Por cima dos baldaquinos dos nichos centraes, vêem-se dois escudos de differente fórma, sustentados por anjos; um tem a cruz da ordem de Christo, o outro a esphera armilar, uma e outra, como se sabe, divisas do rei D. Manuel. No escudo da esphera notam-se as duas lettras I e R, que se suppõe, com a maior probabilidade, serem as iniciaes de

João de Ruão, cabendo pois á França a gloria de contar entre os seus mais illustres filhos um tão insigne artista. Os pulpitos de Pistoia são muito bellos; mas este de Santa Cruz de Coimbra é-lhes muitissimo superior, tanto por sua elegancia como pela sua delicadeza. Não terminarei este rapido esboço do famoso pulpito sem reproduzir o elogio tantas vezes repetido que lhe fez o conde de Raczinsky, tão grande entendedor em bellas artes: — *é uma verdadeira joia, que faz nascer o desejo de a encastoar num medalhão ou num annel.*

As capellas lateraes, esses antros escuros a que já alludi, não têm coisa que prenda, ou, para mais exactamente falar, que chame o visitante.

Depois do pulpito, os grandiosos tumulos reaes, na capella-mór: um do fundador da monarchia portugueza, outro de seu filho e successor,— construidos em pedra de Ançã, por occasião da reedificação do templo, tambem no estylo *manuelino*, e que pela sumptuosidade são dois monumentos dignos das cinzas que encerram. O de D. Affonso Henriques fica do lado do evangelho; o de D. Sancho, melhor conservado, fica-lhe fronteiro.

São elles eguaes no geral delineamento; apenas differindo nas particularidades, e tendo o de D. Affonso maior grandiosidade, ainda nos mais pequenos ornatos.

Elevando-se quazi até ao mais alto da parede, dois pilares ladeiam a arcada que abriga o tumulo. Estes pilares em que predomina a fórma conica, mas a que a opulenta e variadissima ornamentação dá uma apparencia prismatica, tem suas bases enfaixadas e com saliencias angulosas de optimo effeito. Acima da base vêem-se tres medalhões, cada um em sua face do prisma, com bustos de guerreiros, em baixo-relevo, emmoldurados por troncos enlaçados e torcidos, e com folhas de carvalho. Seguem-se-lhes em cada pilar duas ordens de peanhas de delicadissimo lavor, cada uma com sua estatueta de primorosa esculptura; e são em extremo graciosos os rendilhados dos baldaquinos superiores ás estatuetas, que representam bispos, papas, santos, etc. Os pilares terminam

superiormente por elegantes agulhas, entre as quaes, e ladeadas ainda por estatuas, por columnas torcidas e outros variadissimos ornatos, folhagens, cogulhos, frisos, florões, de apurado gosto e dispostos caprichosamente, se ostentam as armas reaes portuguezas, sustentadas por dois anjos ajoelhados.

Entre os pilares, desde o solo até quazi á altura dos medalhões está o tumulo de pedra, em cuja parte superior se vê deitada a figura do rei com armadura completa, apoiada a cabeça em almofadas sobrepostas e os pés no flanco d'um leão. Á ilharga tem cingida a espada; mas o capacete, como as guantes, pende ao lado na parede. A attitude da figura é imponente; tem as mãos erguidas sobre o peito, com toda a naturalidade, e a cabeça nua. É pena que a ambas as figuras tenham imposto corôas de metal, que destoam inteiramente do resto. Ambas as estatuas são polychromicas.

A arcada, que fica eminente aos tumulos, é ornada com prodigalidade de arabescos, de bestiães, de graciosos festões de folhagens e fructos de carvalho, entrelaçados de parras e cachos d'uva, de trabalho admiravel. No vão do arco do tumulo do fundador da monarchia, ha ao centro a estatueta da Virgem da Conceição; e em correspondente logar do arco do tumulo de D. Sancho, outra estatueta da Virgem sentada e com o menino ao collo. Ambas estas estatuetas são ladeadas por outras de santos; todas assentam em peanhas de grande belleza e são abrigadas por baldaquinos de lavor aprimorado. Ainda, acompanhando os lados do arco, se notam de cada banda dois nichos sobrepostos, com estatuetas.

No vão do arco, que corresponde á volta, está a esphera armilar entre duas cruzes da ordem de Christo, tudo cercado de lavores.

Por muito que se diga destes dois tumulos, muitissimo fica ainda por dizer. É preciso contemplal-os de espaço para devidamente os apreciar.

Na face do tumulo do *Portugalensium Rex* está escripto o seguinte hyperbolico epitaphio, incorrecto quanto aos annos de rei-

nado e á edade de D. Affonso, por quem o compôz seguir a chronica de Duarte Galvão:

ALPHONSO HENRICO I. PORTUGALIAE REGI, REGIO SANGUINE, RELIGIONE ET | ARMIS CLARISSIMO, QUI IMPERATORE ALPHONSO CASTELLAE REGE PRO PATRIA, AC VIGINTI POTENTISSIMIS MAURORUM REGIBUS CUM | MAXIMIS COPIIS, PARVA MANU, SED FIDE, ANIMOQUE INGENTI DIVERSIS PRAELIIS PRO CHRISTIANI NOMINIS AUGMENTO JUSTA ACIE SUPERATIS: | OLYSIPONEM, SANCTARENAM, EBORAM, ALIAQUE QUATUORDECIM MUNITISSIMA OPPIDA ET UNIVERSAM FERE LUSITANIAM AB INFIDELIUM MANU | RECUPERANS CHRISTI PECULIO ADJECIT. HOC, ET ALCOBATIAE, PLURAQUE ALIA CAENOBIA EXTRUXIT, DITAVITQUE: NEC REGNO SOLUM POSTERISQUE | INSIGNIA CHRISTUM, QUI EI APPARUIT, CRUCIFIXUM REFERENTIA SED CUNCTIS ETIAM MAXIMUM EXEMPLUM RELIQUIT. CUIUS VIRTUS SUIS CONTENTA FACTIS | CAETERA EXEQUI NON PATITUR. DE FIDE, DE PATRIA, DE REGNO, DE SUIS BENEMERENTI, PIENTISSIMI HAEREDES HOC SEPULCHRUM POSUERE. | OBIIT ANNO DOMINI CIↃCLXXXV. REGNI SUI LXXIII. ET AETATIS XCI. VI. DIE DECEMBRIS. | R. I. P.

Este epitaphio data do tempo de D. Manuel.

O antigo, conforme o transcreveu Gasco e segundo se lê num manuscripto de D. Timotheo dos Martyres [1], conego regrante, constava de seis disticos latinos, cuja traducção é dada, na *Monarchia Lusitana*, por fr. Antonio Brandão.

«Um curioso conego d'este mosteiro,» diz D. Timotheo, «por ordem e mandado do serenissimo rei D. Manuel, o escreveu com letras de ouro com seus rasgos, em huma taboa com os quatro

[1] D'este importante mss. póde ver-se noticia no *Boletim de Bibliographia Portugueza*, vol. I, n.º 3, p. 42—47. Vem extractos d'elle no *Guia historico do viajante em Coimbra*, já citado, e em *Os Tumulos de D. Affonso Henriques e de D. Sancho I*, por A. M. Simões de Castro.

disticos a principio, e a pendurou no arco da sepultura nova. Esta taboa ainda hoje está no mesmo logar neste presente anno de 1650 em que isto se escreve, donde se trasladou, e tem já de antiguidade 130 annos, e diz assim:

IN LAUDEM ALPHONSI PORTUGALIAE REGIS:
LOQUITUR EPITHAPHIUM

AUREA ME QUONDAM LEGERUNT SAECULA REGIS
HENRICI SCULPTUM MARMORIO IN TUMULO.
DEINDE MANUELIS VENIT MEMORABILIS AETAS,
QUI MAUSOLEUM HOC STRUXIT ITERUNQUE NOVUM
IS ME POSSESSA SUBMOVIT SEDE PER ANNOS,
SUCCESSIT MEO PROXIMA PROSA LOCO.
HUNC POSTLIMINIO REVOCATUM, COLLOCOR, ECCE,
HAC TABULA PENSANT, SIC MEA FATA VICES.

EPITHAPHIUM ANTIQUITUS INSCULPTUM URNAE
INCLITI REGIS ALPHONSI HENRICI

ALTER ALEXANDER JACET HIC, AUT JULIUS ALTER,
BELLIGER, INVICTUS, SPLENDIDUS ORBIS HONOR.
PACIS, ET ARMORUM CAUTO MODERAMINE DOCTUS,
ALTERNARE VICES TEMPORA TUTA DEDIT.
QUID PIETAS CHRISTI, VEL QUANTUM DEBEAT ISTI,
AD FIDEI CULTUM REGNA SUBACTA DOCENT.
POST REGNI FASTUS FIDEI DULCEDINE PASTUS,
IN MISEROS INOPES ACCUMMULAVIT OPES.
QUOD CRUCIS HIC TUTOR FUERIT, NEC NON CRUCE TUTUS
IPSIUS CLYPEO CRUX ÇLYPEATA DOCET.
VIVAX FAMA, LICET TIBI TEMPORA LONGA RESERVES,
DIGNA TUIS MERITIS DICERE NEMO POTEST.

O grande homem bem merecia effectivamente que as musas o tomassem á sua conta.

D. Sancho I, o *povoador*, que consolidou as conquistas do páe, teve de contentar-se com a simples inscripção seguinte:

SANÇIUS I. LUSITANIAE REX
II . DIFFICILLIMIS TEMPORIB.
REGNANS, CEU PATRIAE PATER, RE
GUMQUE EXEMPLAR EGREGIUM.
OBIIT ANNO CIↃCCXI. AETAT . LVII.

Os tumulos foram executados por tres dos artistas atraz mencionados: João de Ruão, Thiago Loguim e mestre Nicolau.

D. Manuel assistiu com a côrte á trasladação dos restos mortaes de seus avós, dos antigos jazigos para os sumptuosos mausoleus que mandára construir. Por essa occasião, conforme conta D. Timotheo dos Martyres, achou-se «o corpo do devoto Rey D. Affonso Henriques inteiro, incorrupto, a carne secca, a cor pallida, e macilenta, mas de aspecto severo que parecia estar vivo =do qual sahia cheiro suavissimo: Tinha vestido huma Garnacha comprida de pano de lam branca, e huma sobrepelis de pano de linho, isto tão inteiro, e são, como se naquella hora lhas vestissem. Era el-Rey de estatura de dés palmos em comprido, e de dois e meio de largo pellos peitos, e a perna que quebrou nas portas de Badajós, era mais curta que a outra tres dedos =O Senhor Rey Dom Manoel o fes mostrar á nobreza, e povo desta Cidade, estando iunto delle em pee descarapussado com hum cirio aceso na mão, assistindo com elle todos os Senhores, e fidalgos com tochas acesas nas mãos, e com elles todos os religiosos conegos do Convento: e assim como o achou, cantando-lhe primeiro hum responso, o meteo, e depositou no sepulchro novo que lhe tinha mandado fazer na capella-mór á parte do Evangelho; e no dia seguinte, 17, de Julho (*de 1520*) pella menham lhe mandou cantar hum officio de deffuntos de nove liçõens com sua Missa beneficiada com toda a solemnidade, e apparato que a cousa em si pedia. Esta memoria deixou escripta João Homem, Cavaleiro fidalgo da Casa

del-Rey Dom Manoel, que com elle se achou presente, e vio tudo com seus olhos.»

Duas vezes ainda foram patenteados os restos mortaes de D. Affonso Henriques.

Uma d'essas occasiões foi em setembro de 1732; abriu-se o tumulo para certas averiguações com respeito á canonisação do *conquistador*, sollicitada pelo freiratico rei João V. Em 23 de outubro de 1832, foi tambem aberto o moimento para satisfazer a curiosidade de D. Miguel de Bragança, rei absoluto de facto. Por esta occasião reconheceu-se que a estatura de D. Affonso era realmente de dez palmos.

A ideia da canonisação, a que se allude, manifestou-se officialmente no tempo de D. João III, que foi o primeiro que a sollicitou do papa: depois, nas côrtes de Lisboa de 1641 pediram os procuradores a D. João IV que fizesse tratar da canonisação com todo o interesse. O rei *magnanimo* tambem acceitou a missão, e o seu successor proseguiu no intento, chegando a ter começo no seu reinado o processo respectivo. Mas a coisa não foi levada a effeito, do que resultou ficar o grande rei uma especie de semi-santo, e o thesouro nacional com alguns mil cruzados que lhe fizeram muito arranjo.

Quando em 1832 se abriu o tumulo, segundo a noticia official publicada no n.º 258 da *Gazeta de Lisboa* d'aquelle anno, «se achou hum pequeno Cofre de madeira de cedro, junto a outro maior, existindo sómente no menor alguns restos de ossos pequenos, que indicavam ter sido de algum menino, mas tudo o mais reduzido a terra ou cinzas; e no segundo Cofre maior, que se achava ainda coberto com um resto de tella rica de ouro e prata, com franjas desta qualidade, se vio sobre a tampa, que teria 3 e meio até 11 palmos de comprimento, huma chave de ferro a qual tinha sido dourada; e no mesmo hum frasco de vidro faceado, com a baze de 3 pollegadas quadradas, e 7 de altura, rolhado e lacrado, com as Armas Reaes em cima, e huma inscripção em baixo dizendo = Noticia do que se passou em o mez de Setembro de

1732: =tendo este frasco dentro hum embrulho escuro, e com lettras, mas pegado ao fundo do vazo, o qual se poz de parte para depois se examinar...

«...se proseguiu no exame dos caixões do Tumulo, e se reconheceo com favor da Chronica do Convento, estarem no segundo Cofre os Despojos mortaes da Senhora Rainha de *Portugal, D. Mafalda*,... e por estarem muito arruinadas as madeiras e mesmo os ossos, Ordenou Sua Magestade, que se passassem para melhor Cofre.

«Logo por baixo se achou outro caixão tambem de cedro, e com outra chave como a primeira, e restos de cobertura de tella igualmente de prata e ouro, com xadrez de cores já muito amortecidas. Abrio-se a tampa d'este terceiro Cofre, que teria seis palmos de comprido e nelle se achárão os ossos do... Senhor *D. Affonso Henriques*. A Sua caveira estava inteira, e mostrava ainda todos os dentes no seu lugar menos hum; as dimensões do craneo, e mais partes da cabeça erão grandes, e proporcionados os ossos dos braços e pernas, os quaes comparando se com os da figura superior ao tumulo, se achou perfeitamente coincidirem com as dimensões respectivas, tendo esta figura 10 palmos de comprimento, como refere a Historia haver tido de altura o Heróe...

«Do Hospital foi Sua Magestade visitar o Muzeu, e alli fez extrahir pelo Doutor *Franco*, o que o frasco trazido do Tumulo tinha dentro, e se achou serem duas Escripturas em pergaminho muito destruido, confuzas ou mal legiveis as letras, porque a humidade havia atacado a pelle em que estavão, e se poude perceber, que huma era em *Portuguez*, e de carater de letra moderna, isto he, de pouco mais de hum Seculo; e outra em *Latim*, tambem de igual similhança, sendo provavel explicarem ambas referencias a mais antigos Titulos, quando em Setembro de 1732 se abrio o Tumulo...»

Como resposta a algum impertinente que me pergunte quaes os merecimentos que tinha para ser canonisado o rei *conquis-*

tador, vou contar dois feitos famosissimos praticados pelo santo monarcha, duzentos e tantos annos depois de nascer.

Robinson, a quem eu disse isto, abriu uns olhos enormes e uma bocca immensa, signaes do espanto assim nos europeus e nos americanos, bem como em todos os povos que têm bocca e olhos.

— Então elle viveu tantos annos? perguntou o americano.

— Não; viveu apenas a terça parte d'elles, pouco mais ou menos.

— Então como foi isso?

— É que D. Affonso Henriques resuscitou.

— Resuscitou! exclamou elle rindo estrondosamente, com grave escandalo para um sacrista que estava mettendo na algibeira uns cotos de velas para... se não perderem. Conte-me isso.

— Eu lhe conto. Era uma vez um bispo tão confiado, que quiz intrometter-se nas coisas do mosteiro de Santa Cruz; e, para melhor conseguir o seu fim, foi a Roma, e alcançou a protecção e auxilio do papa, com o que regressou á cidade do Mondego, forte da sua força, e não do seu direito.

«Estava o prior de Santa Cruz a rezar matinas no côro, quando lhe foram dizer:

— «Dom prior, chegou o bispo.

— «Hein?!

— «Voltou de Roma o bispo.

— «Deixal-ò voltar.

— «Mas, segundo dizem, traz bullas de Sua Santidade que lhe conferem o direito de...

«O prior não quiz ouvir mais, atirou o breviario para cima da estante, deixando aos outros o cuidado de rezarem por elle as *matinas* e foi desesperado para o claustro passear. E já chorava de raiva por ver que o bispo lhe ia dar leis, a elle, e pedia a Deus que o livrasse de tal, quando de subito se lhe deparou, encostado a uma columna, um vulto de homem de elevada estatura, que lhe disse *ipsis verbis:*

— «Não te afflijas, eu te darei aquelle remedio que buscas;

por intercessão minha será meu mosteiro livre. Ámanhã te chamarão, que vás por esse cruel bispo, e o enterrarás.

«Dito isto, desappareceu o vulto, e o prior ficou esfregando as mãos de contente. Ora a alma de D. Affonso Henriques tinha o dom da ubiquidade, porque no mesmo momento, em que appareceu ao prior, appareceu tambem ao bispo a quem disse *irado e não facundo*:

— «Dize-me, como tiveste o atrevimento de impetrares contra minha egreja bullas, vindo a ella para quebrar os privilegios e liberdades, que lhe tenho dado, que tanto sangue e trabalho me têm custado?

«E sem esperar resposta do bispo começou a dar-lhe lançadas, tantas e tão crueis, que o pobre homem accordou gritando por soccorro. E o dom prior foi chamado, e rogou a Deus pelo bispo, e o bispo morreu, e foi enterrado numa capella do mosteiro, etc.»

— Que tenebroso mysterio póde essa historia de milagre encobrir? exclamou Robinson.

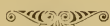
— Tem razão. A segunda resurreição de D. Affonso I tambem deu que falar. Certo dia, depois de matinas, os conegos estavam ainda rezando no côro (note-se que o côro era então em baixo na egreja; pelo costume, assim devia ser), quando viram dois homens, armados de ponto em branco, approximar-se da capella-mór. Os conegos não tinham, a falar a verdade, motivo algum para se admirarem ou para recearem; naquelle tempo, a cada passo se encontravam guerreiros vestidos de tal modo: mas os religiosos conegos regrantes, conforme refere o seu gravissimo chronista D. Nicolau de Santa Maria, tiveram medo: a historia dil-o, e não sei para que se ha de requerer coragem em tão devotas pessoas.

«Sabe-se que as creanças, quando têm medo, cobrem a cabeça e tratam de occultar o rosto, para não verem. Os conegos regrantes imitaram as creanças: curvaram-se, com o rosto por terra, para se livrarem de ver o que viam a toda a hora, com a indifferença que dá o habito. Mas, tendo os dois guerreiros reparado em

que eram elles proprios a causa do medo, que os santos varões manifestavam, o mais velho dos dois elevou a voz e lhes disse textualmente:

— «Não temais nada, servos do Senhor: porque eu sou el-Rey D. Affonso, e este que aqui está commigo é meu filho, o rei D. Sancho: nós fomos, segundo a vontade de Deus, prestar auxilio a el-Rey D. João, afim de que elle tomasse Ceuta aos moiros.

«A estas palavras, os conegos tranquillizaram-se; e um d'entre elles teve o valor de levantar um pouco a cabeça e de deitar uma olhadella furtiva aos dois reis resuscitados; e viu que elles, depois de fazerem reverencia deante do altar-mór, se deitaram nos seus tumulos, muito socegados da sua vida... ou da sua morte.

«A terceira vez que o santo rei resuscitou... mas bastará, para amostra, as resurreições de que lhe falei.»

Consta tambem da obra de D. Timotheo que no reinado de D. Manuel se trasladaram para o tumulo de D. Sancho as cinzas da rainha D. Dulce, sua esposa, assim como as da filha natural do mesmo rei, D. Constança Sanches. No mesmo tumulo, mas em ataudes differentes, foram egualmente collocados os restos de D. Sancha, D. Branca, D. Beringuella, e D. Henrique, filhos tambem de D. Sancho; D. Branca falleceu em Castella, mas foi trasladada para Santa Cruz de Coimbra, como diz Faria e Souza na *Europa Portugueza*.

D. Dulce, que falleceu aos 12 de agosto de 1198, havia sido tambem sepultada no mosteiro, e a inscripção gravada na pedra do seu tumulo dizia:

HIC IACET INCLITA REGINA DOMNA DULCIA E . M . CC . XXXVI .

D. Constança foi prioreza do mosteiro de S. João das Donas, onde falleceu aos 8 de agosto de 1269. No primeiro tumulo, que

conteve os seus ossos, na capella de Santo Antonio ou Santo Antão, da antiga egreja, lia-se o seguinte epitaphio em versos leoninos:

CONSTANS SPONSA DEI IACET HIC, CONSTANTIA DICTA,
QUAE SPE NON FICTA, FIRMITER HAESIT EI.
SANCIUS HANC GENUIT PRIMUS, REX PORTUGALENSIS,
LAUDIBUS IMMENSIS, REGIA VIRGO ALUIT.
MUNDUM VITAVIT OB VERAE GAUDIA LUCIS,
ET SE CLAUSTRAVIT HUJUS IN AEDE CRUCIS.
DIVITIJS TANDEM MULTIS DITAVIT EANDEM,
QUOD MAGIS EXCEDIT SE SIBI MORTE DEDIT.
ANTONIO SOCIO, SANCTUS FRANCISCUS EIDEM,
CONFIRMAT FIDEM, SIC AIT, ORE PIO:
TE SCITO, NE PAVEAS, SEDES REGINA POLORUM,
DUCET IN AETHEREAS, VIRGINUMQUE CHORUM.

Em seguida, passámos á sacristia, que fica ao sul da capella-mór e lhe corre immediatamente parallela. É vasta, e muito bem illuminada; e a sua abobada, ornamentada, tem grande altura.

Varios quadros de merecimento alli se encontram. Tres principalmente prendem a attenção: um *Ecce Homo*, um *Christo crucificado* e um *Pentecostes*, todos pintados em madeira e incontestavelmente do XVI seculo. Robinson — não o meu inseparavel archeologo, mas um seu homonymo, consultor de bellas-artes do Museu South-Kensington, de Londres,— procedendo a um demorado exame nestas pinturas, descobriu na lança d'um soldado do *Ecce Homo* a palavra OVIA, e pertende, com razão, ou sem ella, que é a assignatura do auctor. O mesmo Robinson, na sua importante memoria sobre a antiga escola portugueza de pintura, elogia muito o quadro do *Pentecostes*, o mais notavel dos tres; attribue-o ao pintor hispanhol Velasco, porque na pintura encon-

trou a assignatura *Valascos*, onde outros porém lêm *Valascus*, traduzindo por Vasco, vendo em consequencia uma obra do célebre *Grão Vasco*.

Robinson (agora refiro-me ao meu companheiro transatlantico) viu e examinou muito á sua vontade as pinturas, e tendo tomado os indispensaveis apontamentos e feito muitas considerações, que nada adiantaram na averiguação de quem foi afinal o auctor do *Pentecostes*, passámos á *casa do capitulo*, cujo topo é occupado pela sumptuosa capella de S. Theotonio, executada pelo architecto Thomé Velho em 1582, por ordem de D. Pedro da Assumpção, prior geral. Vêm-se nesta capella tres tumulos: o da frente contem o corpo do santo, a quem a capella é dedicada, e que para alli foi trasladado em 7 de abril de 1638; o da parte do Evangelho, que encerra os despojos do principal fundador do mosteiro, esse D. Tello, de quem já falámos, tem a seguinte inscripção, actualmente muito damnificada:

IV IDVS SEPTEMBR. OBIIT. D. TELLO PB'R. ARCHIDIAC. COLIMB. CANO
NICVS ET FVNDATOR HVIVS MONASTERII S. CRVCIS. ET SOCI
VS S. P. THEOTONII. ANN. DNI M. CXXXX. TRANSLATA
FVERVNT EIVS OSSA E CLAVSTRO IN HVNC LOCVM
DIE SEPTIMA APRILIS. ANNI DNI M. DCXXX.

No tumulo, que a este corresponde do lado da epistola, estão as cinzas do segundo prior, D. João Theotonio: tem gravado o seguinte lettreiro:

IIII KL'N'BRIS. OBIIT. D. IOANNES THEOTONII. SECV
NDVS PRIOR. MONASTERII. S. CRVCIS. ANNO D'NI
M. C. LXXXI. TRANSLATA FVERVNT EIVS OSSA E
CLAVSTRO. IN HVNC LOCVM. DIE SEPTIMA. APRI
LIS. ANNI DNI. M. DC. XXX.

Lidas as inscripções dos tumulos, que nada têm de interes-

sante, e examinada a decoração magnifica da capella,— em razão de que todo aquelle que longo tempo se demorou no interior d'um templo, ainda que contemplando coisas bellas, acha prazer vendo o céo e aspirando o ar puro de fóra, saimos para o *Claustro do Silencio*, aquelle que foi reedificado por ordem do rei D. Manuel, para fazer pirraça ao papa, claustro muito bello, e do estylo predominante na epocha em que foi feito. Cada um dos seus lados tem cinco arcos em ogiva, divididos por columnas de diversa fórma, mas sempre graciosas, que na altura dos capiteis se ramificam formando olhal e apoiando-se no fecho e na arcada.

Do primitivo claustro do Silencio diz o chronista dos conegos regrantes o seguinte:

«A principal Claustra foi fabricada junto da Igreja, conforme ao Decreto do nosso Summo Pontifice Eugenio XI. que refere Graciano no Capitulo Necessaria 12. q. I. & diz assi: *Necessaria etenim res exigit, vt juxtà Ecclesiam Claustra constituantur, in quibus Clerici disciplinis Ecclesiasticis vacent, itaque omnibus vnum sit refectorium, ac dormitorium, seu caeterae officinae ad vsus Clericorum necessariae, &c.*.. Em cumprimento deste Decreto se edificou logo ao principio hũa Claustra junto da Igreja de S. Cruz, & hum Dormitorio no mesmo andar da Claustra, & hum Refeitorio, & mais officinas; depois edificou El-Rey D. Affonso Henriquez, sendo ainda Infante, outra Claustra da outra parte da Igreja, como temos dito, & nella outro Dormitorio, & sobre estas Claustras fez sobre-claustras, com mais cellas pera os Conegos, que por todas eraõ oitenta & quatro.»

Ao centro do claustro ha uma fonte, do bom gosto da renascença; nós porém preferimos contemplar as tres esculpturas que existem nos topos das galerias, e que representam: *Jesus caminhando para o Calvario*, o *Ecce Homo* e *A deposição no sepulchro*. O auctor d'estas esculpturas de bella execução é desconhecido: direi, comtudo, que ha quem as attribua, com algum fun-

damento, a João de Ruão e ao artista portuguez João de Castilho.

Passámos em seguida a outra capella, que abre tambem para o Claustro do Silencio, e denominada *de Christo*, onde se vêm tres tumulos. Um encerra os ossos de D. Pedro, bispo da Guarda, a quem o mosteiro deveu muitos melhoramentos, como se lê na inscripção tumular, que transcrevo:

AQVI IAZ DOM PEDRO BISPO DA GVARDA PRI
OR DESTE . MOESTEIRO E CAPELLAM MÓR DE
EL REI DOM MANVEL . HO QVAL MANDOV FAZE
R . A . IGREIA . COM . A . CAPELLA E CAPITOLO DESTA .
CASA E OVTRAS MVITO BOAS OBRAS COM QVE
A ENNOBRECEO . FALECEO EM HO ANNO DO SE
NHOR DE MDXBI . EM OS XIII DIAS DE AGOSTO :·

O outro sarcophago é de D. João de Noronha e Menezes, tambem prior do mosteiro, como diz o epitaphio:

AQVI IAZ DOM IOÃO DE NORONHA . E . MENE-
ZES . XXXV . PRIOR MOR DESTE MOSTEIRO .
FILHO DE DOM PEDRO DE MENEZES
PRIMEIRO MARQVES DE VILLA REAL . E DA
MARQVEZA DONA BRITES DE LARA . FALECEO A .
24 DE AGOSTO . ANNO DO SENHOR . 1506 .·.

No terceiro tumulo estão os restos de D. Rodrigo Lopes de Carvalho, que fundou em 1540, na rua da *Sophia*, o collegio de S. Pedro, e que ao deante foi bispo de Miranda. Este tumulo que estava mettido numa catacumba da egreja do alludido collegio, fora conduzido para Lisboa, destinado a fazer parte do Museu dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes; mas a camara municipal de Coimbra reclamou-o e fel-o collocar no logar onde actual-

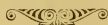
mente se vê. É em fórma de urna; e os bustos, brazões e florões, que o adornam, são dignos de notar-se.

Do Claustro do Silencio podiamos ter-nos encaminhado directamente para o célebre *Santuario*; mas como ainda não tinha mostrado o côro á minha sombra, quero dizer, ao meu norte-americano, voltámos á sacristia; e d'ahi atravessando uma pequena e insignificante capella, por uma longa escadaria subimos ao côro, que assenta sobre uma valente abobada no terço anterior do templo.

O côro, onde havia cadeiras para setenta e dois gravissimos conegos regrantes, tem a adornar-lhe a cornija excellente obra de talha, em madeira mandada vir da Allemanha por D. Manuel. As esculpturas, douradas, representam castellos, cidades, navios, espheras, armas, animaes, etc.

No côro passámos uma agradavel meia hora.

—Assistindo á terceira ou quarta resurreição de D. Affonso Henriques? perguntará o leitor ingenuo ou malicioso.

—Não, senhor. É que, no meio do silencio que nos cercava, subitamente resoou pelas abobadas um conjuncto de harmonias. Ora uma deliciosa melodia, ora umas notas de extensa e enorme gravidade resoavam em nossos ouvidos, causando-nos uma impressão extraordinaria. Um musico hispanhol, a quem andavam a mostrar a egreja, pedira licença ao sacrista, que o acompanhava, para conhecer *auricularmente* as excellencias do orgão magnifico de Santa Cruz, situado no corpo da egreja do lado do Evangelho, e que fora construido de 1719 a 1724 por um seu compatriota, de nome D. Manuel Benito Gomes de Herrera. O hispanhol depois d'um bello preludio, executou a famosa marcha do *Propheta*, em seguida um *motivo* da *Favorita*, e depois um largo trecho do *Stabat Mater* de Rossini, que até fez saír da sua fleuma habitual a Robinson, o qual teria applaudido com palmas o *maestro*, se eu não houvesse ousado ponderar-lhe que isso offenderia os ouvidos do semi-tonsurado, que nos acompanhava... e vigiava.

O tempo passava—*fugit irreparabile tempus*,—e havia ainda muito que ver; por conseguinte dirigimo-nos para o *Santuario*.

Emquanto transpunhamos a distancia que medeia entre o côro e o Santuario, tive ensejo de indicar ao meu companheiro uma porta que dava entrada para a capella chamada *dos Meninos de Palha Vã*, capella que era de muita magnificencia, mas se encontra presentemente em pessimo estado.

O Santuario, de fórma elliptica, optimamente illuminado por grandes janellas, e cuja ornamentação de relevo dourado é soberba, é obra do decimo oitavo seculo. Tem todavia sido mais afamado pela quantidade e qualidade de reliquias que encerra e pelos seus notaveis relicarios, do que pela architectura.

As maiores preciosidades desappareceram, e algumas que restam estão em logar mais seguro. Ainda assim ha lá muito que ver: doze pyramides não desprovidas de elegancia, urnas, molduras e bustos, contêm grande numero de reliquias; ha alli dois espinhos da corôa de Jesus; um pedaço da cruz; quinze cabellos e leite da Virgem; algumas faixas de seu filho; ossos de S. Pedro e de S. Paulo; uma costella de Santo André, um braço de S. Vicente; um femur de S. Dionysio, dois ossos de S. Lourenço (e, por signal, um d'elles meio queimado); uma costella de S. Jorge; um pedaço do craneo de Longuinhos; um dente de S. Sebastião; etc., etc., etc., como mais desenvolvidamente se póde ver lá mesmo ou ler na *Chronica dos Conegos Regrantes*, do veridico fr. Nicolau de Santa Maria, prototypo dos chronistas. Apollos Robinson calculou quantos corpos e esqueletos se poderiam formar com tantos occiputs, frontaes, costellas, femurs, phalanges, unhas, cabellos, pelle, carne e sangue que no Santuario se conservam; e achou quanto aos corpos um numero tão comprido que eu já o esqueci; e, quanto a esqueletos, uma innumerabilidade. O americano fez tambem a muito judiciosa observação de que cada um dos santos, que poderiam ser por tantas reliquias *compostos*, seria tantas vezes santo, quantos fossem os pedaços que entrassem na sua composição—*Sanctus a Sanctis*.

A espada e escudo de D. Affonso Henriques tambem durante muitos annos se conservaram no Santuario, até que o desgraçado rei D. Sebastião se lembrou de pedil-as ao mosteiro, afim de servir-se d'essas armas na jornada d'Africa. A carta em que elle fazia o pedido, e que está hoje na *Torre do Tombo*, diz o seguinte:

«Padre Geral. E Conuẽto do mosteyro de Scta Cruz de Coimbra, Eu ElRey Vos enuio m^{o} saudar, Eu me tenho Pubricado em auer de fazer por mi cõ aiuda de nosso S^{or} hũa empresa em Africa, por muitas e mui grãdes Razoẽs, mui Importantes ao bem de meus Reinos, E de toda espanha, de que tambem Resulta beneffiçio á xpãdade. o q̃ me pareçeo escreueruos, assi pera encomendardes a nosso S^{or} o bom suçesso desta empresa, que por seu ser^{ço} faço, como pera Vos dizer que desejo leuar nella a Espada E escudo daquelle grande E Valleroso Primeiro Rei deste R^{no} Dom Afonso Anrriquez cuia sepultura está nesse most^{o} porque espero ẽ nosso Sõr que cõ Estas Armas me dẽ as vitorias que ElRey dõ Afonso cõ ellas teve: Pello q̃ vos encomendo muito que loguo mas mãdeis; por dois Relligiosos desse Convẽto que pera Isso Ellegereis. E como eu embora tornar as tornarei a Enuiar a Esse mosteiro, pera as terdes na Veneração E guoarda que hé devido a cuias forão, E por tudo E por aqui entendereis q̃ as não quero senão Emprestadas pera o effecto a q Vou, E de quam grãde Contentamẽto isto he pera mỹ. Scrita ẽ Lix.^{a} A 14 de março de 1578.—Rey.

«Pera o padre geral E conuẽto do most^{ro} de Scta Cruz de Coimbra.»

Em vista do pedido, o prior enviou as armas do *conquistador*.

Dizem as chronicas que estas armas, tendo por esquecimento ficado na armada, voltaram nella a Portugal, e por ordem do Cardeal rei foram remettidas ao Mosteiro de S. Vicente, e d'ahi conduzidas a Santa Cruz de Coimbra, por D. Francisco das Neves. Balthasar de Monconys, que veiu a Portugal em 1628 e em

1645, diz no seu livro *Journal des Voyages*: «Ie vis aussi l'espée du Roy Dom Alphonse I. & vne Chappelle d'os de morts, dont on fait cas sans raison.»

Os portuenses conservam uma espada que em tempo perteneu ao *Santuario*, e que dizem ser a do fundador da Monarchia Portugueza.

Robinson quiz ver tambem o que se conserva em logar seguro, e lá fomos contemplar, além de um braço de prata que encerra um osso do bispo de Hippona, um busto de prata, onde está encerrado o craneo de S. Theotonio, e que tem o seguinte lettreiro:

CAPUT. S. P. THEOTONII, QVI PRIMUS HVIVS CÆNOBII S. ✠ PRIOR ET MAGNI REGIS ALFON SI PRIMI A SACRIS CONFESSIONIBVS ET CONSILIIS EXTITIT: A CORPORE SEPARATUM. ANNO. DÑI. 1621. PRIORE GNÃLI DONO MICHAELE. A. S. AVG.

E ainda lá vimos tambem outros dois meios corpos egualmente de prata, onde estão as reliquias dos Martyres de Marrocos, Bernardo, Pedro, Otto, Acursio e Adjuto, que costumam ser exhibidos na sua festividade, que tem logar a 17 de janeiro. A data da fabricação d'estes relicarios sabe-se pela seguinte inscripção gravada nelles (cinco linhas num e cinco no outro):

ESTES DOS BULTOS MÃDOU FAZER
GASPAR FERNANDEZ P̃OR C̃S^{T}
DE SANTA CRUZ P̃ MÃ
DADO DO BP̃O DA
GOARDA P̃OR

MOR DO DITO M^{RO} A HÕRA E LOUUOR DOS SY
QÚE M̃TERES Q̃ IAZẼ SEPULTADOS
Ẽ O DITO M^{RO} FEZERAOSE NA ERA
DE MIL E QUINHẼTOS
E DEZ ANOS.

A proposito da festa dos Martyres de Marrocos, direi que no dia respectivo costumava haver uma procissão cuja origem data do primeiro quartel do seculo XV. Foi o caso que um tal Vicente Martins, do logar de Falla, grassando em 1423 a peste, fez voto de ir todos os annos, elle e seus filhos nus da cinta para cima, visitar aquellas reliquias, se por ventura não fossem attacados da peste. O homem e a sua familia foram felizes, e cumpriram o voto; e *ipso facto* ficou instituida a procissão *dos Nus*, a que em cada anno concorriam muitos homens e creanças com o peito e costas ao fresco. O bispo D. Francisco de Lemos, de quem teremos occasião de falar ainda, prohibiu que os homens fizessem tal penitencia, pelo que d'ahi em deante só appareciam penitentes impuberes.

Quando eu era pequeno, havia ainda nesta procissão outra comedia diversamente ridicula. Era a representação dos cinco martyres e do seu algoz, o rei de Marrocos. Appareciam cinco creanças de oito a dez annos, vestindo um habito imaginario, ás vezes com o alto da cabeça rapado e o cabello em ferradura, presos uns aos outros por uma corrente (leve, valha a verdade), a qual segurava com a mão esquerda um estafermo, trajando umas roupagens vistosas, com uns sapatos de bico levantado e com um turbante enorme, e que na mão direita levava (ou trazia, á escolha do leitor) um desmesurado alfange reluzente, feito de pau e coberto de papel prateado...

Mas, voltando ao Santuario, ainda alli se encontram algumas coisas dignas de attenção e exame. São as pinturas, entre as quaes quatro medalhões, muito provavelmente do mesmo pincel; ácerca de dois d'elles exprime-se, muito honrosamente para o desconhecido auctor, o conde de Raczyncki na sua obra *Les arts en Portugal*. Diz assim: «As pinturas mais dignas d'attenção, do Santuario da egreja de Coimbra, e talvez de todas as egrejas que tenho visitado neste paiz, são quatro cabeças emolduradas por medalhões: num as de *S. Pedro* e *S. Paulo*; noutro, as de *Christo* e de *S. João*; são um pouco menores que o natural; e conservam-

nas sob vidro. Não consegui descobrir-lhes o auctor; mas trouxeram-me á memoria o retrato de *Holzchur* por Alberto Durer, e não hesito em as suppôr vindas de Allemanha e serem da epocha d'este pintor. O que é certo é que são admiraveis, tanto pelo desenho como pelo colorido.»

Além d'estas possuia outr'ora o Santuario muitas outras telas, e algumas preciosas, que hoje pertencem ao Atheneu da cidade do Porto (para onde foram levadas em 1834); lá tambem se guarda um tinteiro de tartaruga marchetado d'ouro, que se diz ter servido no concilio de Trento.

Antes de sairmos do convento onde estudou o célebre *prior do Crato*, esse D. Antonio que chegou a ser rei de Portugal, e que formaria dynastia, se não existisse no seu tempo em Hispanha o mais infame dos homens da edade moderna — *o demonio do meio-dia*, — fomos ver o claustro da *Manga*, que d'esta maneira se denomina porque, no dizer da lenda, o proprio D. João III, esse rei inepto, que chamou a inquisição e os jesuitas, lhe delineou a planta na manga do seu roupão.

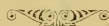
Este claustro tem ao centro uma fonte sobre um plano elevado e octogonal, subindo-se para ella por quatro escadas, a que correspondem outras tantas ruas, que começam ao centro de cada um dos lados do claustro: estas ruas são ladeadas por tanques rectangulares que communicam entre si. Cobre a fonte um zimborio circular sustentado por columnas. Nos quatro lados alternos do octogono, que não têm escada, começam pequenas pontes que unem o corpo central a quatro capellas circulares. Botareos, apoiados em misulas nos portaes das capellas, vão terminar na architrave do zimborio.

Apezar de ser delineada pelo *rei piedoso*, ou talvez por isso mesmo, nem tem belleza nem elegância.

Pois que alludi á estada do infeliz rei de Portugal D. Antonio no convento de Santa Cruz, não cabe mal aqui o lembrar a entrevista de *frei* Antonio com D. João III e a rainha D. Catharina no dia 7 de novembro de 1550; em que o mancebo foi muito

honrado e recitou uma oração latina que compozera em louvor de D. Affonso Henriques e do amigo d'este, S. Theotonio.

D. Antonio, filho do infante D. Luiz, quarto filho de D. Manuel e de sua segunda mulher, nasceu em Lisboa em 1531. Sua mãe, Violante Gomes, dotada de peregrina belleza, era conhecida pela alcunha de *Pelicana*. D. Antonio teve a sua primeira educação no convento da Costa, de monges de S. Jeronymo, proximo de Guimarães; passou em 1548 para o mosteiro de Santa Cruz.

Por longa, não é aqui transcripta uma carta do infante D. Luiz a seu filho, na qual se refere á visita real.

Depois da extincção das ordens religiosas em Portugal, em 1834, o vasto mosteiro começou a ser occupado por varios estabelecimentos publicos, associações, a prisão civil, etc. O *Paço do Concelho*, edificio ultimamente construido, cuja frontaria principal á direita da fachada do templo está voltada para o largo de Sansão, e que é um bom edificio, substituiu uma grande parte do velho convento.

Do lado esquerdo da egreja, onde hoje se vêm construcções particulares, existiu durante alguns seculos o *mosteiro de S. João das Donas enclaustradas, ou canonicas reclusas de Santa Cruz*, desde o seculo XII até XVI, em que foi extincto (1534), passando as religiosas para o mosteiro de Sant'Anna. Além de D. Constança Sanches, de que já falei, foram tambem *donas* d'este mosteiro sua irmã D. Maior Sanches; a infanta D. Maria Affonso, filha de D. Affonso IV e da rainha D. Beatriz de Gusmão; D. Maior Dias, de quem ainda hei de tratar; etc.

Tambem em pertenças do mosteiro se acha hoje installado o correio, e a repartição de obras publicas com edificio proprio, que fica ao fundo da antiga *Horta de Santa Cruz*, hoje mercado denominado *de D. Pedro V*, o qual se inaugurou em 17 de novembro de 1867.

Atravez do espaço que deixam livre as *bien entretenues* tendas das regateiras, Robinson e eu dirigimo-nos para a *Quinta de Santa Cruz* pela rua da *Fonte-Nova.*

Esta fonte é provavelmente a chamada *dos judeus* em antigos documentos. Pelo auto da demarcação da parochia de Santa Cruz, que foi ordenada por D. Affonso Henriques, e accordada em junho de 1137 por varios bispos, auctoridades e cidadãos da cidade, com esse D. Theotonio, primeiro prior do mosteiro tanta vez já mencionado, se conhece que os limites da alludida parochia comprehendiam parte da riba e bairro dos judeus, e o seu almocavar, situados ao sudoeste do mosteiro, abrangendo egualmente a porta mourisca, a ribeira do banho real, uma parte de Montarroio, e o terreno da fonte dos judeus, continuando d'ahi a demarcação ainda até á muralha da cidade, ao sudoeste, e indo terminar acima da Porta Nova.

A fonte foi reformada em 1725, o que é memorado pela seguinte inscripção, que ainda alli se vê, com as armas da cidade: a inscripção, em maiusculas romanas, apresenta muitas conjunctas e abreviaturas:

NO ANNO AVREO DA LEI DA GRAÇA DE MDCCXXV POR PROVI | DẼCIA DIV. SẼDO S. P. BENEDICTO XIII. ANNO I. PONT. S. PONT. CCXLVI | REINÃDO O AVGVST.º IOÃO V POR GRAÇA DE DEOS REY DE PORT. E DOS AL | GARV. DOS REYS XXIII E DO SEV REYNADO XVIII. O DE S. IDADE XXXVI MÃDOV | PELLO DÕR PEDRRO ROIS DE ALMEYDA SEV DEZ^{OR} SVRTẼDẼTE DAS OBRAS PER | TẼĆ. A ESTA INCLITA CID. ATHENAS DA LVSIT.ª DE QUE HE ALVMNO REFORMAR ESTA FÕTE | NOVA NA ORIGẼ MAS VELHA PELLO TẼPO COMO FAENIX RENASCIDA APPARECE HE NESTE | MARMORE ESTE EPIGRAFE MEMORIAL A POSTERID^{E} OBELISCO A MAG^{E} LAVREA A CID^{E} | DECORO OS PATRIC^{OS} VTIL ABONO AO POV. EM TRÃSPARẼTE LAMINA DE CRISTAL O ESTÃPA A FONTE | E CÕ LINGOAS DE PRATA............

Parece, porém, que já antes havia sido reformada, passando

então a ter o nome de Fonte Nova; o que supponho em vista d'uma carta do Infante D. Pedro, attribuida ao anno de 1429, na qual ella é já assim chamada.

A quinta de Santa Cruz,—que primeiro (em 1836) andára arrendada, que em 1839 foi vendida por cerca de cinco contos de réis, passando no anno immediato a outro possuidor; e que foi em 18 de janeiro de 1885 arrematada pelo Municipio, pela quantia de 22:001$000 réis, com destino a um novo bairro,—a quinta de Santa Cruz era uma vivenda magnifica—magnifica demais para frades, no intender do vulgo e de muita outra gente.

Essas sumptuosidades de que ainda existem restos; essas largas e longas ruas, as vastas escadarias, os elevados porticos, as altas e graciosas cascatas, as fontes de fórma elegante, o lago enorme cercado d'uma formosa muralha de cedros, artisticamente dispostos, gigantescas arvores, copado arvoredo, e exoticas plantas que admiraram o célebre allemão Link, todas essas magnificencias mal cabiam áquelles que se dedicavam á vida religiosa...

Quem ordenou tão grandes e notaveis obras foi o reformador da Congregação dos Cruzios, o célebre D. fr. Gaspar da Encarnação, que foi ministro de D. João V.

Entrámos na quinta e fomos fazer uma estação no *jogo da bola*, onde os reverendos conegos de Santo Agostinho davam tratos á bola que tinham sobre os hombros para ganhar uma partida. A cascata que lhe forma o fundo está em deploravel estado; todavia, ainda mostra quanto ha sido magnifica.

Divagando pela quinta, onde se nos deparavam magestosos escadorios, em cujos vastos patamares, orlados de assentos de pedra, algumas fontes conservam ainda restos da antiga elegancia, fomos descançar mais demoradamente na fonte da Nogueira, sitio delicioso que faz lembrar algumas das deliciosas paragens de Cintra e mesmo do Bussaco.

Alli, meio deitados, deixámos em silencio durante algum tempo divagar a imaginação, ouvindo o chilrear d'algumas avesinhas que compunham seus ninhos nos altos ramos dos loureiros indicos, e Deus sabe que multidão de pensamentos me accudiam á mente, e me embeveciam, quando de subito a voz do americano soou a meus ouvidos:

—Que fariam os conegos por aqui, deitados á suave sombra d'estas arvores tão bellas,—*sub tegmine fagi?*

—Não sei ao certo, meu caro; mas imagino que por varias vezes algum d'esses senhores fez resoar os echos d'estes logares com estrepitosas gargalhadas, promovidas pela leitura do *D. Quixote*, ou do *Decameron* do Boccacio.

—Ah!

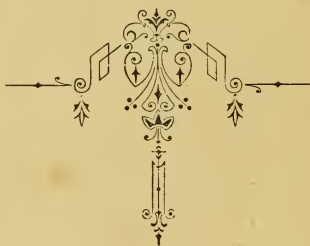
—E quantas vezes um *Dom*... note que os conegos regrantes não se diziam *freis* mas *dons*; quantas vezes um D. Gervasio contou a um D. Timotheo alguma rapaziada, ou alguma historia de frades, que o fez rir à bandeiras despregadas! quantas vezes...

Percorrendo a vivenda condemnada a desapparecer, deparou-se-nos uma lage sob a qual jaz um joven official inglez que morreu affogado no Mondego. Se já transcrevi epitaphios de reis, não devo passar em silencio o d'uma pobre creança de vinte annos morta em terra extranha:

SACRED
TO THE MEMORY OF
ENSEIGN R. J. MASSEY
4, OR THE KING'S OWN REG.TE
THIS STONE WAS PLACED
AS A TRIBUTE
OF AFFECTION AND REGARD
BY HIS BROTHERS OFFICERS.
OBIIT 15.THE MART. A. D. 1827

AETAT. 20 C. MOORE.

—A paz seja comtigo! murmurei eu, seguindo o meu companheiro, e lembrando-me d'um amigo que alli repousa, mas de quem debalde procuraria a lapide funerea...

Foi um suicida, a quem a *religião* recusou o ir descançar ao lado dos seus, ao lado do ente que mais amára.

CAPITULO IV

Ao Mondego! — As *aguadeiras* — A ponte — Conventos que já não existem — O sino milagroso — O Mondego — Os conventos da margem esquerda — Recordações historicas, e anecdotas — Santa Isabel — A capella de Nossa Senhora da Esperança — D'onde deve ser vista Coimbra — A *Quinta das Lagrymas* e a *Fonte dos Amores* — Ignez de Castro — O *mosteiro de S. Jorge* — A *Lapa dos Esteios* — Jantar poetico e poesia gastronomica — Volta para a cidade pelo rio — Cheias do Mondego — Miss Julia Pardoe e o Camões.

ONDEGO! Oh! como és bello, meu Mondego, orlado de salgueiros, de olivedos copados e frondosos laranjaes, de campinas ferteis e de encostas verdejantes, discorrendo brandamente, docemente, sobre as tuas areias douradas!

Quem pode ver-te sem prazer! Que o digam os cantos dos que te hão celebrado, as lembranças dos que têm sido detidos pelas tuas margens floridas, as saudades d'aquelles cujas primeiras vozes se confundiram com o murmurio de tuas aguas tão puras.

Como és bello, meu Mondego! O teu curso não é longo, nem tuas aguas copiosas, como o Tejo imponente, ou como o Douro profundo; mas tu és portuguez, portuguez todo; tuas aguas não banham terra extranha. Não tens que invejar ao Tejo porque banhou as quilhas d'esses enormes galeões que dobraram o cabo da Boa-

6

Esperança e foram á descoberta da India, mas é tua a gloria de banhar a cidade que encerra o corpo d'aquelle «sem o qual não existiria a nação que abriu os mares»: não tens que invejar ao Tejo a honra de banhar a capital, pois primeiro que elle o fizeste; não tens que invejar-lhe as florestas de navios que o cobrem, porque tens o delicioso de tuas margens encantadoras, esmaltadas de flores perfumantes, porque tens o limpido cristal das tuas aguas que serve de espelho á tua formosa cidade, porque te ufanas de ter assistido a muitas acções famosas, a muitos dramas commoventes, porque ás tuas aguas se hão misturado muitas lagrymas purissimas de amor.

Tu nasces num sitio agreste, e são agrestes as tuas margens por largo espaço; mas isto mesmo faz com que tu aprecies melhor as bellezas que depois atravessas; é por isso que, tendo percorrido com rapidez essa primeira parte do teu caminho, depois deslisas lentamente.

Quantas vezes, por noites serenas, por bellos dias de ventura, sem tristeza do passado, nem cuidados para o futuro, eu voguei sobre as tuas aguas prateadas pela claridade da lua melancolica, ou douradas pelos raios vivissimos do astro-deus! Quantas vezes, sobre a tua velha ponte, eu descobri a minha fronte ardente ao vento da tempestade, e ergui os olhos para a amplidão, vendo os fogos celestes fenderem as trévas espessissimas da noite!...

Emquanto eu murmurava taes coisas, que ao leitor de certo não adeantaram muito ácerca da historia de Coimbra, o meu companheiro entretinha-se a ver as *aguadeiras* encher seus potes da agua do rio, de que se serve uma grande parte da população, de preferencia á das fontes. Confundidas com as creadas, das quaes não se differençam, ellas vão, descalças quasi sempre, com as capoteiras traçadas, o pote á cabeça, para casa dos freguezes, onde de ordinario prestam outros pequenos serviços mediante uma diminuta retribuição.

Meu phantasiar teve um termo, como todas as coisas d'este mundo (e de qualquer outro, sem duvida). Foi então que eu, olhan-

do á minha direita, vi Robinson, que é um habil desenhador, esboçando uma bonita rapariga, aguadeira, que tinha uma côr de pelle rosada como a d'uma ingleza, mas cujas mãos e pés causariam inveja a todas as inglezas do reino unido da Grãn-Bretanha e Irlanda.

O sitio em que nos achavamos, o começo da estrada da Beira, onde uma escada desce para o rio, chamava-se antigamente o *chão barrocal*, tendo a par o *logar do cerieiro* e o *poço dos cães*, conforme se colhe d'um documento de emprazamento do anno de 1419, que existe na camara de Coimbra.

Terminado o esboço, como tinhamos resolvido ir até *Santa Clara*, e a outros pontos da margem esquerda do Mondego, antes do jantar na *Lapa dos Esteios*, pozémo-nos a caminho.

Tres pontes atravessam o Mondego nas proximidades de Coimbra: duas de pavimento metallico e de supportes de pedra, e outra do systema tubular, servindo ao caminho de ferro. Uma das primeiras, de Schewelder, que faz parte da estrada real n.º 14, e que dá facil communicação entre a cidade e as villas da Beira, está situada a uns seis kilometros ao oriente de Coimbra, no sitio denominado a *Portella*; neste logar o rio não é ainda orlado de campinas dilatadas, mas de collinas e montes cobertos de verdura e de bosques formosos. Essa ponte, que não é desagradavel á vista, foi inaugurada em 13 de julho e 1873.

A outra ponte, a que une á cidade os bairros de S. Francisco e de Santa Clara, é do systema de rotulo, isto é, tem os *tramos* assentes em pilares de cantaria e ligados e suspensos por *madres*, as quaes são formadas de laminas de ferro cruzadas a modo de rede, e ficam superiores ao taboleiro interno e aos passeios exteriores. Por isso tem o aspecto d'uma extensa *jaula*, o que fez com que o norte-americano, quando de longe a avistou ao descermos a Couraça de Lisboa, e sem reparar no rio, me perguntasse se alli era o jardim zoologico da cidade.

Esta feiíssima ponte, que foi construida desde junho de 1873 até fins de abril de 1875, e que foi aberta ao transito em 8 de

maio de 1875, substituiu a outra ponte de pedra cuja reconstrucção se devia ao rei D. Manuel, conforme a inscripção que passo a transcrever:

O SSERENISIMO P'NCIPE: ALTO HE MVI PODEROSO REI DOM EMANVELL NOSO SÕR O P'M[RO] Ẽ ESTE NOME HE QVATORZE NA DINIDADE REALL: MÃDOV FAZER DE NOVO ESTA PÕTE ATE AS ESPERAS HE REDIFICAR ATE A CRVZ DE SÃ FF[CO] HE DA DITA CRVZ ATE SÃTA CRARA DE NOVO E ACRECẼTAR ESTA TORE HE MVRO ERA DE MILL HE B[C] E XIII ANOS.

A velha ponte, reformada pelo rei *venturoso*, era a attribuida a D. Affonso Henriques pelo *chronicon conimbricense*, e para cujas obras contribuiram ainda, depois da morte do *conquistador*, D. Sancho I, que no seu testamento destinou «Ponti Collimbriae mille morab»; D. Constança Sanches, em cujo testamento apparece o legado «item mando ponti Colimbriae decem libras»; e o mestre Estevam, deão da Sé de Coimbra, que outro tanto legou para o mesmo fim, como se vê do seu testamento feito em 1285.

Em 1457, como consta d'uma carta regia de D. Affonso *o africano*, tinha sido feita certa reparação na ponte, que conforme diz o documento respectivo, estava a ponto *de se vyr a terra.* [1]

O terreiro que precede a ponte conserva desde muitos seculos o nome de *Largo da Portagem.* Em 1656, procedendo-se a umas escavações em um jardim a cavalleiro do Mondego, se encontrou uma porta que dava para a ponte antiga, e sobre a volta d'um arco d'esta um crucifixo esculpido, cuja tosca execução denotava muita antiguidade.

A ponte começava por um grande arco quadrado, que sustentava a torre, a que allude a inscripção acima transcripta collocada por cima do arco, do lado da ponte, correspondendo-lhe do lado

[1] J. C. Ayres de Campos, *Indice chronologico* . . . p. 41.

da Portagem um nicho com a imagem de Santo Agostinho. Esse arco foi demolido em 1836.

Esta imagem do bispo de Hippona era a terceira que naquelle local se collocara. Tendo a mais antiga sido derrubada por uma tempestade em 1604, os padres de Santa Cruz immediatamente lhe substituiram outra, que representava o santo com habito de conego regrante. Os eremitas do collegio da Graça, embirraram com isso, porque embirravam com os *cruzios*, e foram queixar-se ao senado da cidade da gravissima offensa, que se fizera ao santo, dando-lhe fato de talho differente do que elle usara quando andava por este valle de lagrymas. Os vereadores, cujos nomes se conhecem, mas que não é indispensavel transcrever, tiraram logo a imagem, pondo em seu logar um quadro, emquanto se não fazia outra com o trajo competente. Dois conegos regrantes, que então passaram pela portagem, montados em suas mulas, e que deixaram de fazer ao santo a reverencia do estylo, cairam por castigo, ficando descompostos e maguados, e...

Esta ponte, por causa do pregressivo levantamento do leito do rio, obstava havia muito á navegação; foi este o motivo por que se demoliu, pois, quanto ao seu estado de conservação, é certo que ainda poderia persistir por muito tempo.

Dizia-se que sob esta ponte outra existira, sendo essa tambem já construida sobre uma que a precedera. Está hoje demonstrado que isto não passa de exagero, pois «sendo a differença hoje de nivel entre a superficie da agua junto á ponte na estiagem, e a do mar na Figueira, dezesete metros, a altura de duas ou tres pontes, devendo ser superior a esses dezesete metros, a agua teria de correr a um nivel muito inferior ao do oceano, o que é absurdo.[1]» No espaço de mil annos o alteamento não passou de oito metros, como está hoje averiguado; pelo que fica inteiramente desfeita a fabula das tres pontes sobrepostas. Mas não se conclua

[1] A. Filippe Simões, *A ponte de Coimbra*, no «Portugal Pittoresco», n.º 10.

d'isto que a ponte actual não seja a quarta que n'aquelle sitio ha sido construida.

Como noutro trabalho [1] eu disse, a ponte de D. Affonso Henriques foi construida sobre os pilares accrescentados d'outra mais antiga, certamente romana; assim como a de D. Manuel foi apenas uma reparação da do fundador da monarchia. D'este modo e de nenhum outro póde ser explicada a tradicção das pontes.

Mas o que é certo, todavia, é ter o rio em tempos atrazados corrido muito mais baixo, como se prova pela existencia incontestavel dos conventos de Sant'Anna, de S. Domingos e de S. Francisco, que foram cobertos pelas areias, do mesmo modo que a antiga egreja de Santa Justa.

A historia do primeiro d'esses conventos é a seguinte, conforme se crê geralmente:

Uma sobrinha do bispo D. Miguel Salomão, religiosa do mosteiro de S. João das Donas, e por nome D. Joanna Paes, lembrou-se um dia de fundar um convento dedicado a Sant'Anna, de quem era muito devota. Eu estou mais inclinado a crer que a *dona* se não deu bem com as suas companheiras de claustro, onde decerto ella era o chefe do partido da opposição; como estava em minoria, tratou de retirar-se do campo. Retirar não é fugir, — temos um exemplo na célebre *retirada dos dez mil*, — mas ainda assim é necessario fazer retirada honrosa. D. Joanna d'esta maneira o entendeu seguramente, e achou o meio de subtrahir-se ao predominio do partido governamental. O meio era ir fundar um novo estado.

Deu parte ao senhor seu tio da resolução que tomára, e pediu-lhe a sua valiosa protecção para conseguir o que desejava. O bispo deu immediatamente a sua approvação, prestou o auxilio sollicitado, e a primeira pedra do edificio foi lançada no dia 26 de julho de 1174 (segundo os melhores auctores), a montante da

[1] OPPIDA RESTITUTA: *Aeminio;* Bol. da Soc. de Geog. de Lisboa, 5.ª série, n.º 2.

ponte, na margem esquerda do Mondego. Parece que o bispo morreu antes do termo da obra, que foi acabada por mestre Martinho; este, que era sobrinho do alludido prelado, chegou ao deante a ser bispo da mesma diocese.

Em 1184 entrou para o novo mosteiro D. Joanna Paes e o seu partido, quer dizer, mais duas religiosas. D. Joanna, como era natural, ficou sendo prioreza, e as outras *donas* com os cargos de mestra e de vigaria, accumulando esta ultima o logar de porteira.

É provavel que ás tres santas creaturas desde logo se juntassem outras, o que era indispensavel para a prioreza mostrar toda a extensão do seu poder, para a mestra ter a quem ensinar, e a porteira a quem servir de cão cérbero: mas decerto que a tranquillidade e o silencio requeridos no claustro se deviam resentir muito do augmento das religiosas.

Ha documentos que provam que as religiosas d'este mosteiro eram das chamadas *emparedadas*.

O convento foi alli subsistindo até ao anno de 1561, em que as successoras de D. Joanna viram não poder elle continuar a ser habitado; pelo que tiveram de recorrer ao bispo D. João Soares, que lhes fez doação da quinta chamada de S. Martinho, afim de nella se recolherem emquanto se lhe não construia outro.

Do antigo convento, abandonado em 1561, já nada resta. As areias do Mondego o foram invadindo, até que afinal o cobriram inteiramente. Póde ver-se a sua posição no panorama de Coimbra que se encontra na obra de Jorge Braunio, THEATRUM URBIUM PRAECIPUARUM.

Outro convento de que hoje apenas resta memoria, por ter tido a sorte do precedente, foi o de S. Domingos, fundado pelas duas filhas de D. Sancho I, D. Thereza e D. Branca. Em 1227 já estava terminada, ou pelo menos muito adeantada, a obra do convento, pois ha noticia de que já naquelle anno os frades alli viviam.

Um dos mais elegantes estylistas portuguezes, frei Luiz de

Sousa, na sua *Historia de S. Domingos*, diz-nos, «que na ribeira direita do Mondego, que lava a cidade, no plano onde hoje vemos assentada grande parte da povoação da ponte pera baixo, havia em tempos antigos muita frescura de pomares, que chamavão o Figueiral. Entre elles pareceo á Infanta Dona Branca logar accommodado pera fundar Convento, um posto que havia nome a Figueira Velha. Porque por huma parte pera a communicação da cidade não ficava longe, e por outra senhoreava o rio, que naquella idade, (quem o crerá hoje?) corria fundo e alcantilado: e vinha o sitio muito a proposito pera a communidade, e recreação dos religiosos.»

Alli (hoje se chama ao local *chão da torre*) se conservou o convento até que (ninguem nos levará a mal transcrever outras passagens do grande escriptor, indispensaveis ao nosso proposito), «sendo corridos trezentos annos da fundação vieram a ser tão grandes as enchentes do Mondego, que acontecia de inverno estar o convento muitos dias feito ilha, e posto em cerco. Seguírão annos invernosos, continuárão, e crecêrão as agoas com novo mal, que foi trazerem comsigo grande poder de arêas, e cegarem com ellas a madre do rio, de maneira, que d'onde antes corria tão fundo, que o sitio do convento lhe ficava sobranceiro, e senhor, veio a igualar a corrente ordinaria com elle, e a força da agua começou a lançar as arêas por cima das mais altas margens, senhoreando-se do campo, e entupindo cerca, e officinas. E acontecia pela muita abundancia das arêas, sobir o rio a tanta altura com qualquer pequena inchente que não só cobria os campos, e alagava o convento, mas lançava por cima da ponte. D'onde naceo, que temendo-se ficar brevemente vencida das areas, como já se hia sumindo nellas, tratou a cidade de fazer com tempo outra... Ajuntava-se ao mal dos diluvios, que as agoas de muito tempo embarcadas deixavão o convento apaúlado: e quando com o verão vinha a enxugar, era sómente na face da terra: e ficava do interior lançando vapores, que causavão graves doenças.... Quando veio polos annos de 1540, era já o mal tamanho, e tão

continuo, que parecia tentar a Deos assistirem mais em tal casa homens sisudos.»

Eis as noticias que do antigo convento de S. Domingos nos restam; o illustre chronista não nos fala da sua fabrica, e apenas se limita a dizer de varios religiosos notaveis que viveram nelle.

Não me occuparei do célebre S. frei Gil, que nelle residiu antes de ser elevado a provincial no anno de 1233, e que foi uma especie de *doutor Fausto*; mas vamos ouvir contar como se fundiu o sino do convento, coisa nunca antes vista, nem posteriormente presenceada. É ainda frei Luiz de Sousa que toma a palàvra:

«Quiz um prior d'este convento fazer um sino maior que o que servia: chamou mestres, lançárão contas, ajuntou metal, quanto pareceu bastante pera o corpo que se pretendia. Feitas as formas, e posto o metal no fogo, tornou o official sobre si, e achou que se enganara na conta com tamanho excesso, que lhe faltava pera encher a forma, quando menos huma terça parte do que já estava prestes, e derretido. Fazia-se a fundição no convento. Vírão os religiosos que assistião o mestre alcançado, e confuso: ficárão-no elles muito mais, quando lhes confessou o erro. Porque além do tempo, e feitio perdido, vião-se sem sino velho, nem novo, nem modo com que remedear tamanha falta com a brevidade, que convinha em convento que vivia d'esmolas. Nesta perturbação foi-se hum dos religiosos como inspirado do Céo á cova do Santo (São frei Paio, que falleceu, segundo a opinião vulgar, em 1257), e pedindo-lhe com a efficacia, e sentimento, que o caso obrigava, se compadecesse da pobreza da casa, em que vivera, e da desconsolação dos frades seus irmãos, lança mão á terra, e fazendo alforge do escapulario, e levando quanta pode colher nelle, entra polo meio dos frades que rodeavão o fogo, arremessa-a sobre o metal, que fervia. Pasma o fundidor, julgando-o feito por genero de desesperação, ou desatino, grita, queixa-se, acode a remedear o dano, que tem por certo da mistura. Mas eis que pasma de novo o

porque vê ir empollando e crescendo o metal com tanta préssa e abundancia, que quasi não cabe já no vaso, e saltando de prazer, e espanto, affirma que grande segredo era o d'aquella terra, que seu entendimento não pode penetrar: mas qualquer que seja, não teme já falta no metal, ainda que muito maiores forão as formas. E assim aconteceo, porque o sino ficou feito em toda a grandeza do molde, e sobejou cantidade de metal, que pesado pera testimunho do milagre, chegou a duas arrobas e vinte arrates... Se lhe enxerga *(no sino)* a logares o metal areoso da mistura da terra: e ao tanger faz um som notavelmente differente dos outros sinos...»

Ainda aqui não pára o milagre: o chronista conta mais que, quando tocavam o sino, este abalava a torre de tal modo que na base fazia uma abertura «que podia receber o grosso de hum dedo polegar», produzindo por consequencia no alto do campanario uma atterradora inclinação. O infante D. Luiz, páe do prior do Crato, vindo uma occasião a Coimbra, de passagem para Sant'Iago, subiu á torre, e mandou dobrar o sino. «Tal foi o cabecear do campanario com pendores a huma, e outra parte, que lhe pareceu o perigo demasiado: havendo-o por indigno de sua pessoa, e bastante pera a experiencia poucos balanços: pera que cessassem, levou da espada, e cortou a corda, que movia o sino.»

Antes de chegarmos á margem esquerda, tive tempo para dizer a Robinson ainda algumas palavras ácerca do Mondego, que nasce na Serra da Estrella, junto da villa de Manteigas, a mil e duzentos metros acima do nivel do mar, e que tem de comprimento duzentos e quatro kilometros, sendo: cento e vinte desde a nascente até á foz do rio Dão, quarenta e dois d'esse ponto até Coimbra, e outros tantos d'esta cidade até que se lança no Oceano Atlantico.

Falei-lhe tambem das providencias tomadas pelos nossos reis,

desde muito longe, para tornar melhores as condições de navegação do rio, e para a conveniente cultura nas suas margens.

Em 1461, aos 22 de julho, estando D. Affonso V em Tentugal, restabeleceu a prohibição de *queimadas* na distancia de uma legua, a contar das margens do rio, desde Coimbra até Cêa; pretendendo com isto impedir a alluvião de novas areias, quando já estava tão entulhado o alveo do rio «que uma pequena enchente fazia grandes estragos no campo até Montemór, e na cidade e mosteiros do seu arrabalde, e que para occorrer a tão grandes damnos se tinha feito construir uma estacada *entulhada*, com grandes despezas e trabalhos, que de pouco aproveitou.»

No anno de 1491 foi por D. Manuel creado o logar de *couteiro dos fogos e maçadas* do Mondego; e em 1538 o rei que nos mimoseou com o tribunal da Inquisição, fez proceder ao estudo da obra de uma muralha que indo ao longo da cidade terminasse em frente de Santa Margarida (onde hoje é a *Ladeira da Forca*); era esta muralha destinada a evitar os prejuizos causados na cidade pelas cheias, a regular a corrente do rio, e a forçar as aguas a arrastarem as areias depositadas. Dois annos depois foram tambem por alvará real prohibidas as *maçadas* para a pesca de lampreias.

Em 1565 o cardeal D. Henrique, então regente, encarregou Antonio Mendes, mestre de suas obras, de estudar os trabalhos, não só da ponte, e encanamento do Mondego, como da canalisação da rua da Sophia, resultando porventura d'esse estudo a ordem que o mesmo regente deu em 1567 para se construirem oito marachões; contra o que o povo se revoltou, a ponto de se ver obrigada a camara a pedir em 1568 a suspensão da obra, requerimento que foi indeferido.

A historia circumstanciada do Mondego e de suas obras, póde ver-se num artigo do distincto engenheiro A. Ferreira de Loureiro, que tem por titulo *Memoria sobre o Mondego e barra da Figueira*, de que me servi nestes rapidos apontamentos sobre o poetico rio, e d'onde são extrahidos ainda os seguintes dados:

Por um documento de 1575 sabe-se que as obras do encanamento não foram por deante; não tendo tambem consequencia a vistoria feita em 1627, cujo auto fornece comtudo curiosas noticias ácerca do estado do rio e seus campos naquella epocha.

Em 1638 pediu a camara ao rei que enviasse um dos seus architectos a fim de dirigir a construcção d'um caes em frente da cidade: foi Luiz de Frias o architecto encarregado, que fez vistoria ao local respectivo no dia 24 de fevereiro de 1639.

Em 12 de maio de 1694 foi dada ordem para que se procedesse á ordenação d'um plano de encanamento, coisa que dez annos antes fora determinada pelo rei ao reitor D. Simão da Gama. A estas obras foi em 1695, por deliberação da junta dos tres estados, mandada applicar a quantia de cincoenta mil réis, que a camara municipal de Coimbra havia offerecido para resgate dos captivos de Argel.

Depois d'estas ultimas obras do seculo XVII, muitas outras foram ordenadas em varias epochas, até que o decreto de 26 de dezembro de 1867 providenciou sobre a administração das obras do rio. Seria muito curiosa a revista d'ellas, mas não permitte o plano d'este trabalho maior extensão neste ponto.

Chegados a terra firme, quero dizer, á margem esquerda do Mondego, a primeira coisa que mostrei ao meu archeologo norte-americano foram as ruinas do antigo mosteiro de Santa Clara.

Como o convento de Sant'Anna, de que já falei, o de Santa Clara foi fundado por uma *dona* do mosteiro de S. João de apar Santa Cruz. Esta, de nome D. Maior Dias, dama de distincção e possuidora de grandes haveres, tinha tomado o habito em S. João, sem comtudo fazer profissão solemne, e declarando que poderia, se bem lhe aprouvesse, dispôr no futuro com toda a liberdade de sua pessoa e bens. Tempo depois resolveu fundar um mosteiro, e pediu para isso auctorisação ao vigario geral do bispado, D. João

Martins de Soalhães, o qual a concedeu, e lançou a primeira pedra do edificio, no dia 28 de abril do anno de 1286, sobre um annel onde se tinha mandado gravar uma cruz.

Os conegos regrantes, porém, vendo que, com a saida de D. Maior Dias do convento de S. João das Donas, lhe escapavam os haveres d'ella, que já consideravam seus, allegaram logo que ella era dona professa na sua ordem canonica, e que como tal por conseguinte não tinha auctoridade para mudar de estado, não podia fugir á sua obediencia, nem dispôr de seus cabedaes. Acabaram por mover demanda contra a dama, demanda que afinal foi decidida a favor dos conegos, quando já D. Maior era fallecida, sendo arbitro o bispo de Lisboa. Se a instituidora, em vez de ser uma nobre dama, fosse alguma *Clara Fernandes*, teria o prelado dos alfacinhas dado voto a favor d'ella; mas, como era pessoa virtuosa, decidiu que ficassem pertencendo ao mosteiro de Santa Cruz os bens que ella doara ao de Santa Clara, e que fosse supprimido este, dando-se o edificio aos frades franciscanos, e distribuindo-se as freiras por outros conventos.

Isto iria a effeito, se a rainha D. Isabel, esposa do rei *lavrador*, não interviesse, chegando a alcançar para o convento de Santa Clara apenas alguns casaes, d'entre os muitos bens que compunham a doação de D. Maior Dias. O que não pôde rehaver substituiu-o, ou compensou-o, desvelando-se em tornar o convento o mais florescente possivel.

Fez edificar, pegado ao mosteiro, um hospital, que collocou sob a protecção de Santa Isabel de Hungria, e cuja egreja foi sagrada pelos bispos D. Raymundo e D. Arnaldo, o primeiro de Coimbra e o segundo de Vizeu; e, como o paço que habitava era paredes meias com o mosteiro, sua existencia se passava em praticas religiosas num e em obras de caridade no outro. Mais tarde, enviuvando, começou a viver vida de religiosa, trocando os vestidos da nobreza pelo habito de S. Francisco, sem todavia se obrigar por voto. D'alli saiu a virtuosa rainha em 1336 para ir a Extremoz interpôr a sua voz conciliadora na discordia que trazia em guerra

seu filho D. Affonso IV e seu neto, o rei de Castella. Os incommodos da jornada aggravaram os seus padecimentos de modo que falleceu a 4 de julho d'esse anno.

Coelho Gasco traz no seu livrinho sobre Coimbra o seguinte lettreiro, evidentemente viciado, que diz copiou d'uma lapide de marmore negro com lettras doiradas, a qual estava collocada por cima da porta que dava entrada para o sacrario:

ERA M. CCC. XXXVI. DIE QUARTA JULII IN CASTRO D'ESTREMOS, OBIIT INCLITA ELISABELLA REGINA PORTUGALLIAE, ET FUIT SEPULTA DIE DOMINICI DT. MENS. IN MONASTERIO S. CLARAE. QUOD IPSA FIERI JUSSIT, ET DONAVIT. FUIT UXOR DOMNI DIONISII ILLUSTRIS REGIS PORTUGALLIAE, ET FILIA REGIS DOMNI PETRI ARAGONIAE, ET REGINAE D. CONSTANTIAE ATQUE MATER DOMNI ALFONSI ILLUSTRIS REGIS PORTUGALLIAE, ET D. REGINAE CASTELLAE, CUJUS ANIMA REQUIESCAT IN PACE.

D'este antigo mosteiro, apenas presentemente resta parte da egreja, meio enterrada já nas alluviões do Mondego. Era o templo vasto, de tres naves, elegante e de estylo gothico. Nos artezões da abobada vêm-se escudos com as quinas de Portugal, e com as barras que formam as armas de Aragão.

Em breve deixarão de ver-se os ultimos restos d'esse convento, onde successivamente habitaram tantas princezas illustres, e d'esse templo notavel por tantas memorias.

Alli residiram D. Isabel, irmã da alludida rainha, e ainda outra princeza do mesmo nome, filha de D. Affonso *o bravo*; e alli foi constrangida a tomar o habito essa pobre creança, filha de Henrique IV de Castella e Leão, que D. Affonso V tomara por esposa nos seus sonhos de dominio, essa triste victima do grande mas tenebroso D. João II, numa palávra, D. Joanna, a *excellente senhora*.

Naquelle templo foi sepultado o cadaver da misera D. Ignez de Castro, que no dia 25 de abril de 1361 foi trasladado para Alco-

baça; e nesse templo tambem, junto do tumulo da rainha D. Isabel, o real auctor do *Leal Conselheiro* tomou por esposa D. Leonor de Aragão.

Ainda alli, segundo refere Ruy de Pina, o infante D. Pedro foi orar (como o fez tambem na Sé), antes de partir para os plainos de Alfarrobeira: e alli, em presença d'esse rei que nos comprometteu em Al-Kasser-Kébir, prégou o virtuoso arcebispo de Braga, D. fr. Bartholomeu dos Martyres.

Ao sul das ruinas da obra de D. Maior Dias e da rainha D. Isabel, ainda se vê a egreja do convento de S. Francisco, que não chama a attenção do archeologo nem do artista, e que data de 1602. em que o bispo conde D. Affonso de Castello Branco lhe lançou a primeira pedra aos 2 de maio; e onde os frades entraram em 29 de novembro de 1609.

Este convento, hoje transformado, substituiu outro, fundado pelo infante D. Pedro, filho de D. Sancho I, e parece poderem-se assignar ao começo de sua construcção os fins de 1247 ou principios do anno immediato. A egreja foi sagrada em 20 de fevereiro de 1362 por D. Vasco arcebispo de Toledo, refugiado em Portugal por causa de Pedro *o cruel*.

Como o mosteiro e templo de Santa Clara, a egreja e convento antigos de S. Francisco tambem foram theatro de grandes acontecimentos.

Naquelles muros reuniu D. Diniz as suas tropas, d'onde as mandou a combaterem e submetterem á obediencia o principe D. Affonso, quando se rebellou contra o pae.

Alli se aquartelou com a sua gente D. Diniz, filho de D. Ignez de Castro, quando veiu pelejar contra D. Fernando seu irmão, por causa da célebre pertensão do duque de Lencastre á corôa de Castella: e lá tambem se albergaram o conde de Barcellos, João Affonso Cabeça de Vacca, e João Rodrigues Portocarreiro, da comitiva do rei de Castella, quando este veiu a Portugal defender os suppostos direitos de sua mulher D. Brites e de sua sogra D. Leonor Telles.

Finalmente alli tambem se reuniram em 6 de abril de 1385, essas celeberrimas côrtes, em que se decidiu a sorte do Mestre de Aviz e de Portugal. D. João havia chegado a Coimbra aos 3 de março antecedente, sendo esperado a distancia d'uma legua por grande multidão de povo, entre o qual eram de notar muitos rapasotes montados em canas, que gritavam: «Portugal! Portugal! por el-rei D. João: em boa hora venha o nosso rei!»

Sabe-se o grande serviço que Johannes a Regulis nessas côrtes prestou ao Mestre d'Aviz, elevando a sua voz eloquente. O illustre filho de Pedro *o justiceiro* foi aclamado no paço das Alcaçovas com o nome de D. João I.

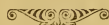
— Desse antigo convento nada resta? perguntou-me Apollos Robinson.

— Nada absolutamente: foi tragado pelo rio como os outros: no tempo de Coelho Gasco ainda estava desenterrada parte das claustras d'elle.

— E d'este novo convento que ha digno de saber-se?

— Nada.

— Nada?!

— Ah! espere... Em quanto subimos esta ingreme ladeira até o novo mosteiro de Santa Clara, contar-lhe-hei alguma coisa.

Começámos a subir; Robinson dispoz-se a ouvir e eu a falar.

O convento que em tempos fôra habitado por uns duzentos frades, era-o em 1827 por cinco unicamente.

Quatro officiaes d'um regimento inglez haviam sido aquartellados naquella santa casa, cujos proprietarios não encobriam de modo algum o desejo em que ardiam de se verem livres dos seus hospedes forçados. Levados pelo espirito da inhospitalidade, e não achando nenhum outro meio de se livrarem dos nossos fieis alliados, resolveram reduzir a guarnição pela fome: em consequencia

do que recusaram aos seus hospedes tudo quanto poderam: pozeram apenas á disposição dos seus patricios...

—*I belong by birth to United States of America*, interrompeu immediatamente Robinson.

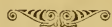
—Tem razão, tem, disse-lhe eu: os frades pozeram á disposição dos inglezes sómente uma estreita cella, uma pequena mesa e uma cadeira velha! Se este era o procedimento dos santos hospedeiros, os mundanos hospedes procuravam todos os meios de tirar a desforra; e por vezes houve polemica entre uns e outros, postas de parte desde muito todas as conveniencias de cortezia.

Quando os officiaes á noite vinham de jantar, encontravam sempre os corredores desertos, estando, ao que parecia, os frades retirados em suas cellas, entregues não ao doce repoiso do somno, mas ás contemplações mysticas e ás macerações da penitencia. Neste *statu quo*, succedia haver poucos encontros entre os religiosos e os militares.

Ora, aconteceu uma noite que um dos officiaes, sentindo-se indisposto, deixou a mesa uma hora antes da ordinaria, e dirigia-se para o seu aposento, quando, ao atravessar um corredor, esbarrou num corpo, que occupava grande espaço no chão. Ao embate das pernas do official nesse corpo, um suspiro, ou melhor, um grunhido saiu da immensa mole d'um frade que alli jazia tranquillamente.

—*Alone in his glory!* disse Robinson.

—Precisamente. O hospede falou ao piedoso varão, mas não obteve resposta; applicou-lhe um ponta-pé sufficiente para quebrar as costellas a um homem, mas o frade não se moveu, e apenas um segundo som, ainda mais significativo de ebridade do que o primeiro, saiu das cavernas immensas do franciscano. Então, chamou o official o seu creado, que appareceu com luz, e auxiliado d'esta poude certificar-se do que já presumia, isto é, de que o piedoso varão estava tão bebedo que não podia ter-se em pé. Ajudado pelo creado conseguiu levantal-o; e, guiados por uns murmurios alegres e hilariantes que lhes chegaram aos ouvidos, levaram ou

arrastaram, para mais justamente falar, a pesada carga para uma cella onde encontraram... encontraram o resto da communidade, isto é, os outros quatro frades, de copo em punho, sentados a uma banca, sobre a qual se ostentavam algumas borrachas e canecas ainda com vinho, alluminada esta scena edificante por duas candeias, cuja elegancia não honrava de modo algum o gosto do artista que as fabricara. Faça ideia da consternação dos quatro religiosos ao verem-se surprehendidos nos seus exercicios de penitencia. Coitados! No dia seguinte os officiaes inglezes foram presenteados com um fornecimento de ovos frescos e de fructas; e d'ahi em diante, em quanto residiram no convento, os seus mais insignificantes desejos eram satisfeitos por aquelles reverendos padres em... Baccho.

Chegámos ao cimo da ladeira; e o meu archeologo perguntoume a serventia d'uma cadeia que por terra alli á direita se via, soldada por uma das extremidades ao muro do pateo do actual mosteiro de Santa Clara.

Satisfiz a curiosidade do archeologo. Aquella corrente representava um privilegio de asylo, de que o convento gosava: todo o perseguido pela justiça, que conseguisse transpôr a corrente, ficava sob a protecção do mosteiro.

O pateo quadrilongo que precede o convento é espaçoso e abrigado; a sua entrada é do lado do nascente; fecha-o do sul o corpo da egreja, e do poente a entrada do convento campeando alli um mirante, a que outro corresponde na extremidade opposta do mosteiro, que se estende de levante para poente no cimo do monte da Esperança.

Este mosteiro é muito vasto, e por esta qualidade como pela sua posição tem um aspecto majestoso.

Em 3 de julho de 1649, foi collocada a primeira pedra do edificio sobre algumas moedas d'ouro, de prata e de cobre, umas lançadas em nome do rei pelo reitor da Universidade, Manuel de Sal-

danha, outras deitadas pelo juiz de fóra, em nome da cidade e da camara. Na pedra fundamental tinha-se gravado, segundo refere fr. Manuel de Sá, na sua *Noticia dos Conventos do Bispado de Coimbra*, a seguinte inscripção:

JOANNES IV . D . G . PORTUG . REX .
AD HONOREM DOMINI AC DEIPARAE
GLORIOSISSIMAE SUAEQUE PROGENITRICIS
SANCTAE ELISABETHA REGINE OBSE
QUIUM PRINCIPEM HUNC LAPIDEM
IN REDIVIVI B . CLARAE ÇENOBII
FUNDAMENTUM NOMINE SUO PER
RECTOREM ACADEMIE JACI FELICITER
IMPERAVIT . SAB . 3 . JULII 1640 .

O edificio, cuja planta foi feita pelo engenheiro-mór do reino, fr. João Turriano, da ordem de S. Bento e lente de mathematica na Universidade, ainda não estava terminado em 29 de outubro de 1677. Apezar d'isso teve logar neste dia, do antigo mosteiro para o novo, a trasladação dos restos mortaes da rainha Isabel, cuja beatificação D. Manuel conseguira de Leão X no anno de 1516, e cuja canonisação, muito sollicitada por D. Sebastião, só teve logar, sob o governo de Filippe IV de Hispanha, em 25 de maio de 1625, sendo papa Urbano VIII. Em 1612, aos 26 de março, tinha sido aberto o tumulo a fim de se proceder ao exame indispensavel para a canonisação; estiveram presentes ao acto, além d'outras pessoas, o bispo-conde, que então era D. Affonso de Castello Branco, D. Martim Affonso de Mexia, bispo de Leiria, e o lente de prima da Universidade, padre Francisco Soares.

O cadaver estava num caixão de madeira perfeitamente conservado, assim como as insignias de romeira a Sant'Iago de Compostella, que eram a bolsa e bordão, da primeira romaria, e da segunda uns alforjes de linho. O corpo, que fora envolto numa colcha branca e cosido num encerado de linho, estava vestido de es-

tamenha parda escura, cingido por cordão; a cabeça, envolta em pannos de linho, estava coberta por um véo de seda.

Os medicos examinaram o corpo, encontrando-o em bom estado de conservação, segundo refere a *Historia Serafica*. D. Isabel tinha o rosto comprido, fronte larga, e cabellos louros. Como o olho esquerdo estava aberto, poude ver-se que os tinha verdes.

Ainda hoje se conserva no mosteiro, num supporte de prata, parte do bordão de romeira.

A trasladação para o novo convento foi coisa muito digna de ver-se pela pompa extraordinaria com que se executou.

O corpo foi encerrado num cofre de prata e cristal, que havia mandado fazer o bispo-conde D. Affonso de Castello Branco, a quem custou quinze mil cruzados; o cofre foi fechado com tres chaves, uma que se enviou ao principe regente, outra que foi entregue ao bispo de Coimbra, ficando a terceira em poder da abbadessa do mosteiro. O cofre tem uma inscripção em lettras d'ouro que diz (segundo Coelho Gasco): *Dom Affonso de Castello Branco, bispo de Coimbra, fez esta obra em louvor da Rainha Sancta. Anno de 1614.*

Desde a data da trasladação, no dia 29 de outubro costumavam annualmente o cabido e camara da cidade ir assistir a uma missa na egreja de Santa Clara. O cabido ainda hoje continua esse costume; mas a camara ha muito se deixou d'isso.

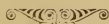
A egreja, que foi sagrada em 26 de junho de 1696 pelo bispo de Coimbra D. João de Mello, e para onde em 3 de julho seguinte foi transferido o cofre funebre, que estivera numa capella provisoria, a egreja é vasta e de bom estylo. Sendo apenas de uma nave, com seus treze altares lateraes, ornados de retabulos em madeira, de bella esculptura e de alto relevo, apresenta ella um aspecto gracioso. O sarcophago de pedra, que ao fundo da egreja, do lado da epistola, se depára aos olhares do visitante, contêm o corpo d'essa neta da Rainha Santa, D. Isabel, a quem já mencionei. O tumulo de pedra que lhe fica fronteiro, encerra, segundo se crê, o despojo mortal da filha de D. Pedro I e de sua mulher D. Cons-

tança, a princeza D. Maria, que foi casada com o marquez de Tortoza, filho de Affonso IV de Aragão, e que tendo enviuvado regressou a Portugal.

O antigo tumulo da santa acha-se actualmente no côro.

É talhado em pedra e riquissimo em esculptura; em suas faces lateraes se vêm bellas estatuetas de freiras e outras imagens, e na face superior tem a figura da rainha D. Isabel em habito de freira, com bordão e alforge de peregrina, mas com a corôa real na cabeça. Lêm-se gravados em redor os seguintes versos:

ELISABELLA JACET SACRO HOC REGINA SEPULCHRO,
QUAE MERITIS NITIDI FULGET IN ARCE POLI;
NEMPE ITA, DUM VIXIT, CAECO SEGESSIT IN ORBE:
VIRTUTE UT MORUM VIXERIT OMNE GENUS.
QUO FUIT UT A SUMMO, DIVA HAEC SELECTA TONANTE
REGNET, ET ANGELICO NOS JUVET USQUE CHORO.

Antes de deixarmos o convento-fidalgo, fomos comprar alguns doces que alli se fazem e que são optimos, principalmente uns pasteis em fórma de chapeu armado, dos quaes o archeologo jurou não esquecer-se nunca [1].

Apartando-nos um pouco de Santa Clara, parámos em frente d'uma pequena capella da invocação de *Nossa Senhora da Esperança*, que data de 1702, e que nada tem de notavel.

—Olhe para este lado, disse eu ao companheiro, estendendo o braço na direcção da cidade: quem quer ver Coimbra vem a este logar, ou, melhor ainda, vae além, áquelle sitio da antiga estrada de Lisboa, a *volta das calçadas*.

---

[1] Agora (março de 1886), com o fallecimento da ultima freira, tomará a fazenda nacional conta do mosteiro. Tambem o destinarão para quartel?

Panorama esplendido! A cidade em amphitheatro, coroada pelo vasto edificio da Universidade, se destaca admiravelmente do fundo que lhe formam elevados montes revestidos de perpetua verdura, e povoados de florestas de copadas arvores e de alvejantes cabanas. Nalguns logares a continuidade dos edificios da povoação é quebrada pelo arvoredo dos quintaes; a cor pardacenta das velhas construcções se entremeia ás cores vivas das novas edificações, produzindo uma variedade agradavel. E que verdura em derredor! que vegetação opulenta, desde os salgueiros da margem até aos olivedos e laranjaes da encosta! Como são bellos os pinheiraes do fundo do quadro, como são bellos esses campos floridos, de messes exuberantes!

E o Mondego! Elle deslisa docemente, mas orgulhoso, offerecendo á cidade as suas aguas como espelho.

São bellos sempre, Coimbra e o Mondego; quer seja durante as estações das flores, quer seja quando a terra se vê privada de suas galas. Doure o sol ou prateie a lua as casas e as arvores, ou, em noite negra, nada mais se veja que mil lumes dispersos numa escura massa, produzidos pela illuminação publica e pelas luzes dos interiores, sempre é, sempre, encantador o panorama da rainha da Beira.

Descemos a encosta, e, atravessando o *Rocio* de Santa Clara, onde no dia 23 de cada mez tem logar uma feira de gado, dirigimo-nos para a *Quinta das Lagrymas*.

Quem não conhece os amores de Ignez de Castro e do principe D. Pedro? Quem pode ignoral-os, quando o episodio dos *Lusiadas*, de que formam o assumpto, ha sido traduzido em todas as linguas da Europa, e nalgumas da Asia, Africa e America? Quem desconhece esse idyllio delicioso que teve um desenlace tão tragico? Quem não idealisou ainda a imagem suave e encantadora de Ignez, a figura melancolica e sympathica de D. Pedro, o aspecto severo e antipathico de D. Affonso IV, e as sombrias e hedion-

das cataduras dos matadores? Quem ignora o nome de *Quinta das Lagrymas*? Quem desconhece o nome de *Fonte dos Amores*?

O palacio das Lagrymas, vivenda d'uma antiga e nobre familia, é uma habitação magnifica, apezar de haver sido meio destruido por um incendio na noite de 21 para 22 de dezembro de 1879. Alli se viam preciosos quadros, ricas tapessarias, riquissimas baixellas, curiosidades historicas e artisticas de varias epochas, e uma bibliotheca valiosa tanto pelas obras impressas como pelos manuscriptos. Desgraçadamente, uma grande parte de tantas riquezas se perdeu. Toda a porção do edificio voltada ao oriente foi presa das chammas, com tudo o que encerrava. Conseguiu-se salvar a bibliotheca, mas numerosas obras ficaram damnificadas.

Entremos no jardim, que conserva a sua belleza. Aqui plantas raras, de esquisitas e delicadas flores, exhalam perfumes que vão casar-se com o aroma das larangeiras: as latadas graciosamente dispostas, entremeiadas de roseiras e trepadeiras dão-nos uma sombra deliciosa: agua em caprichosos canaes ora se nos mostra limpida ora desapparece sob pontes elegantes, para mais adeante se patentear de novo: bancos e cadeiras revestidos de cortiça conservando o seu aspecto natural se offerecem para descanço dos passeantes; alvos e negros cysnes parece que, cheios de vaidade, ostentam suas bellas plumagens. Bello jardim pela arte; mansão magnifica por suas naturaes bellezas.

Mas passemos adeante, transponhamos o limiar d'essa porta, pequena e vulgar, aberta no muro que fecha o jardim.

Estes logares agora formam um perfeito contraste com os que vimos de deixar. Sentimo-nos transportados da animação, da alegria, para a solidão, para a tristeza.

Cedros gigantescos, elevando seus pincaros altivos e estendendo suas ramagens achatadas, prestam sombra a estes logares que floridos arbustos embellezam, juncando o solo de suas seccas folhas; um tanque quadrado, de simplicidade extrema recebe d'um pequeno canal a agua, que por elle deslisa brandamente ao sair das entranhas da terra.

Eis a *Fonte dos Amores*, eis a *Fonte das Lagrymas*: ella tem estes dois nomes, como para nos lembrar que o amor e as lagrymas andam quasi sempre juntos.

Vós, que amaes e sois felizes, passareis aqui momentos deliciosos; vós, que tendes penas do coração, podereis mitigar aqui vossos soffrimentos; vós, que vos dizeis insensiveis aos doces espectaculos da natureza, sentireis neste logar a melancolia apoderar-se de vossas almas.

Aqui

> Estavas, linda Ignez, posta em socego,
> De teus annos colhendo doce fruito,
> Naquelle engano da alma ledo e cego,
> Que a fortuna não deixa durar muito.

Pobre Ignez! Quantas alegrias nestes logares, e quantas tristezas! Que doces commoções, quando confiavas a um barquinho de cortiça, que os levava pela agua d'um estreito canal, esses bilhetes mensageiros de tão grandes esperanças e de tamanhos receios! Que de goso, que de ventura, quando ensinavas aos montes e aos campos floridos, ás aguas purissimas da fonte e aos zephyros, que murmuravam no arvoredo, o nome querido do teu principe bem amado! Que delicias de prazer entre as innocentes caricias de teus filhos e os ardentes beijos do teu amante!

Misera Ignez! victima da covardia d'um velho rei e da carniceria dos aulicos, teu *collo de garça* foi lacerado pelas espadas que não brilharam nos combates, esse teu

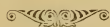
> collo de alabastro, que sustinha
> As obras com que amor matou de amores
> Aquelle que depois *te* fez rainha,

aquelle que, sentindo o coração dilacerado, e aniquilada a felicidade, se vingou cruelmente de teus homicidas.

Mas, quem ousará hoje contar a historia do teu amor e as tuas desgraças, se ao mundo a ensinou o maior poeta dos tempos mo-

dernos? Amaste, e por amor morreste. Ao menos, pobre Ignez, a voz potente do altissimo poeta immortalisou a tua belleza, o teu amor, e o teu infortunio, que, repetidos em todas as linguas da terra, commoverão os corações menos ternos e arrancarão lagrymas de piedade dos olhos d'aquelles que sacrificam no altar do amor!...

> As filhas do Mondego a morte escura
> Longo tempo chorando memoraram;
> E, por memoria eterna, em fonte pura
> As lagrymas choradas transformaram.
> O nome lhe pozeram, que inda dura,
> Dos amores de Ignez, que alli passaram.
> Vêde que fresca fonte rega as flores,
> Que lagrymas são a agua, e o nome amores.

Adeus, sitio encantador! Oxalá que jámais o homem erga as suas mãos destruidoras contra ti, onde vive a memoria da pallida donzella; tu és a *fonte dos amores*, tu és a *fonte das lagrymas*.

Robinson quiz fazer um esboço da fonte e do principal cedro que lhe presta sombra, apezar de eu lhe observar que em Coimbra podia fazer acquisição de optimas photographias d'aquella recordação historica. Em 1841 foi derribado por um furacão um gigantesco cedro, em cujo tronco haviam entalhado estas palavras: *Eu dei sombra a Ignez formosa*. Quiz tambem o meu companheiro saber se effectivamente a desditosa D. Ignez de Castro fora assassinada no local onde estavamos, do que o desenganei, notando-lhe que todos os antigos escriptores referem que o caso teve por theatro os paços reaes, que existiram junto do antigo convento de Santa Clara, e de que já no tempo de Coelho Gasco só restavam ruinas, a que chamavam o *Culgo*, e onde habitavam proletarios.

A trasladação do corpo de D. Ignez de Castro da egreja de Santa Clara para a de Alcobaça, contam os velhos chronistas que se rea-

lisou com a mais extraordinaria pompa, dizendo (não sabemos se hyperbolicamente) que, em toda a extensão do caminho, o cortejo «passou sempre por entre brandões e tochas accesas, que de uma e outra parte estavam postas em mãos de muitos mil homens.» Diz-se tambem que D. Pedro, antes da trasladação, fizera revestir o cadaver das roupagens reaes, cingindo-lhe a fronte com a corôa, e que toda a côrte beijára a fria mão

da misera e mesquinha
Que, depois de ser morta, foi rainha.

Quando iamos para a *Lapa dos Esteios*, o meu companheiro, que ouvira falar ou lera uma pequena noticia ácerca do *mosteiro de S. Jorge*, situado alli perto, perguntou-me se valia a pena ir lá. A minha resposta foi negativa; essas ruinas nada tem já que nos chame.

O mosteiro duplice de S. Jorge foi fundado em 1084, e substituiu uma ermida mandada edificar quatro annos antes naquelle local—*a mata de Mirleus*—pelo conde D. Sesnando, agradecido ao santo, por havel-o livrado d'um grande perigo que correra andando á caça. Em 1526, o prior D. Martinho de Portugal, em vista do arruinado da egreja, fel-a reconstruir inteiramente; e ainda houve posteriormente outra reedificação.

A *Lapa dos Esteios*, sitio muito deleitoso da margem esquerda do Mondego, a cêrca de dois kilometros acima de Coimbra, é pertença da *Quinta das Cannas*, propriedade particular, que, se não tem o interesse historico da das Lagrymas, nem com ella pode competir na belleza, possue comtudo muitos attractivos.

D'alli se gosa um limitado mas gracioso panorama. Banhando a falda da collina, as aguas cristallinas do Mondego; em frente, a margem verdejante de messes e laranjaes, entremeados de vivendas aprasiveis; mais longe, a cidade tão elegante, tão louçã, tão vaidosa das bellezas que a cercam.

Desde 1822 tem sido sempre aquella estancia muito celebrada dos mancebos que cursam as aulas da Universidade e ao mesmo tempo cultivam a poesia. Foi Antonio Feliciano de Castilho quem começou a consagrar a *Lapa dos Esteios*, celebrando alli, com mais onze companheiros, no mencionado anno, ao começar a primavera e no primeiro dia de maio, as festas *da Primavera* e *de Maio.*

Transcrever aqui algum soneto, decima, ou esparsa, dentre as innumeraveis poesias que a *Lapa* tem inspirado, seria para o leitor um specimen de taes composições; estou porém certo de que todos levarão a bem o deixar de fazel-o, pois que essas composições, ficando envoltas no véo do mysterio, conservarão por mais tempo todo o seu interesse.

Quando chegámos á *Lapa dos Esteios*, com impaciencia eramos esperados pelos nossos companheiros, que já haviam dado uma volta pela quinta, bizarramente patenteada sempre ao publico, como a das Lagrymas.

Robinson, visto haver tempo para isso antes de jantar, fez commigo uma rapida visita á vivenda, voltando logo a juntar-nos aos outros convivas.

Reunidos os sete peccados capitaes e chegado o jantar, desnecessario será dizer em que nos entretivemos durante tres horas. Succederam se com toda a exactidão as tres phases do jantar, indicadas pelo célebre dictado: *primò, silentium; secundò, stridor dentium; tertiò, rumor gentium.*

Quando chegou esta ultima parte do jantar, um dos estudantes estava convencido de que este mundo é um paraizo, e cantava: — *Vive l'amour! Vive le champagne!* —; outro, a quem o pequerrucho de Cupido ferira com uma de suas hervadas settas, lastimava-se das ingratidões da sua beldade que, segundo as tradições da Lapa, se devia chamar Lilia ou Delmira, e contava minuciosamente a historia do seu amorio; o estudante primo do amphitrião conservava toda a lucidez do seu espirito, e sorria-se á custa dos seus condiscipulos. O *retrato de Mirabeau* comia ainda; o amphitrião deliciava-se preguiçosamente com um calix de Porto; Robinson,

já um pouco mais inglez do que americano, fallava dos *mormons* e do Parque Nacional dos Estados Unidos; e eu saboreava uma tijellinha de *manjar-branco*, esse mimoso doce, do feitio *das obras com que amor matou de amores* a D. Pedro I, e é capaz de matar outro qualquer,—doce que só em Coimbra sabem fazer, e que só faziam bem-bem as freiras do mosteiro de Cellas.

Seria imperdoavel, em um jantar na *Lapa dos Esteios*, a falta d'um versejador: effectivamente não faltou. O academico, que seguia a opinião do doutor Pangloss, compoz um soneto de que só me lembram os dois primeiros versos:

D'este empadão enorme nas cavernas
Que do atroz Polyphemo o antro excede . . .

Pelo dedo se conhece o gigante; não lastimo pois a minha falta de memoria.

O *retrato de Mirabeau* entreteve-nos largo tempo contando anecdotas, e falando-nos do poeta Rozendo, célebre nos fastos conimbricenses.

Rozendo (Rozendo Antonio de Carvalho) que fora cirurgião militar d'um dos regimentos, enviados a França, e obtivera a medalha da guerra peninsular, era natural de Coimbra, onde nasceu em 1765, e onde falleceu aos noventa annos d'edade.

Era o bobo da academia, que lhe dera o cognome de *causa nostrae laetitiae*. Como specimen das poesias d'elle, aqui transcrevo uma decima por elle *dedicada á saida das freiras de Pereira*:

Cem bodes e uma toupeira,
Trezentos mil gafanhões,
Tudo, tudo aos bofetões,
Mettidos numa peneira;
Trinta doninhas á carreira,
Tres mil c'rujas a carpir,
Trezentos ratos a ganir,
As pulgas alvoroçadas,
Os persevejos ás facadas
Porque as freiras vão fugir.

Em 13 de janeiro de 1855 falleceu em Coimbra este desgraçado, que passou na miseria os seus ultimos annos, valendo-lhe comtudo a generosidade d'alguns amigos, e que, se era esquisito de espirito, tambem o era de figura—com o seu corpo desairoso, tacanho, a testa curta, o cabello ruivo, que a tesoura raras vezes atacava.

A conversação prosegue animada, e interessante, e

Sol ruit interea, et montes umbrantur opaci.

—Voltemos: o barco espera-nos, dizemos todos.

E d'ahi a momentos eis-nos vogando sobre as aguas placidas do Mondego, não tardando que a lua, alta, nos alumie.

Lembraes-vos ainda, vós que passastes em Coimbra alguns dias da mocidade, das deliciosas serenatas no Mondego?

Eis que uma harmonia repassada de melancolico sentimento chega a nossos ouvidos, harmonia a que por espaços se junta um canto melodioso. Um batel se cruza com o nosso, e lá váe subindo o rio, que nós descemos lentamente e em silencio para não perder uma só nota d'aquella musica adoravel.

Mas o barco já váe longe; os sons da *flauta* e das *violas* tangidas por alguns estudantes deixam de ser ouvidos; e após ainda um momento de silencio, uma unanime exclamação manifesta que a serenata nos impressionara agradavelmente.

Então foi ainda thema de palestra o Mondego.

—Nós assim o vemos agora, disse o primo do estudante: mas elle tambem é muito bello, talvez mais ainda, quando, engrossado pelas aguas do inverno, corre furioso e rapido, arrastando barcas, arvores e choupanas; quando se arroja ás margens, as vence, as transpõe, cáe imponente sobre os campos, e penetra arrogante na cidade.

Falou-se das cheias do rio, e mencionaram-se as de varias epochas por mais memoraveis, como a do anno de 1872.

Depois fez-se a lista dos poetas que o têm celebrado; e o *retrato de Mirabeau*, que se lembrava de ter visto em 1828, sendo ainda muito novo, miss Julia Pardoe, recitou a mimosa poesia que esta endereçou ao rio de Coimbra, e que começa com a estrophe que segue:

Sweet Mondego! Sweet Mondego! when thy sparkling waves were glowing
As the sunlight looked in beauty on thy bosom calm and clear;
By thy banks I loved to wander when the summer winds were blowing,
And the distant sound of convent belles broke sweetly on mine ear.

Estavamos já proximo do caes, quando o nosso companheiro terminava a recitação:

Oh! may'st thou glide in beauty still, though I no more behold tee,
For sweetly thy memory for ever dwell with me!

E eu, entretanto, repetia com o grande poeta:

Vão as serenas aguas
Do Mondego descendo,
E mansamente até o mar não param;
Por onde as minhas maguas
Pouco a pouco crescendo
Para nunca acabar se começaram.

CAPITULO V

O antigo *Collegio da Sapiencia; a Misericordia* — A rua de *Sub-Ripas* e o seu arco — Uma casa mysteriosa — Um licenciado quinhentista e conservador — Uma tradição medieval: D. Maria Telles — A rua de *Quebra-Costas* — Uma rua com tres nomes — Vandalismo — O *Theatro de D. Luiz* — A antiga egreja de *S. Christovam*.

UBINDO em toda a sua extensão essa rua do Corpo de Deus, que o leitor já conhece, e tomando em seguida á direita por uma rampa, encontra-se um arco — a antiga *porta nova* — denominado do Collegio Novo, situado na extremidade da rua do mesmo nome. O edificio que fórma o lado occidental d'essa rua, e cuja frontaria principal olha ao sul sobre um pequeno largo, chamou-se em tempo o *Collegio da Sapiencia*, *Collegio de Santo Agostinho*, e *Collegio Novo*; hoje, sem ter perdido este ultimo nome, tem tambem o de *Misericordia*. Poucas vezes se dá o facto de um edificio, que teve um optimo destino, ser depois applicado a um fim tão sympathico. Que melhor se desejaria, para succeder á sapiencia, que a misericordia?

Este collegio, cuja primeira pedra foi lançada em 30 de março de 1593, pelo bispo-conde D. Affonso de Castello Branço, foi mandado construir pelos conegos regrantes do mosteiro de Santa

Cruz, com destino especial aos estudos, a cursos de artes e sciencias. Era então prior geral D. Accurcio de Santo Agostinho, principal promotor da fundação.

O vasto edificio, construido sobre o traçado do architecto italiano Filippe Terzo, e cuja simplicidade exterior é excessiva, está hoje sufficientemente adequado á instituição nelle installada. Os dormitorios são amplos, as officinas espaçosas, e o panorama urbano e campestre que se disfructa da parte occidental é devéras formoso. A egreja, de uma só nave, embora de architectura simples, é ornada com gosto e perfeição.

A piedosa instituição da Misericordia, que em Coimbra data do anno de 1500, que teve a sua primeira séde na Sé, depois (como já fica dicto) na egreja que está sobre a de Sant'Iago extendendo-se pela rua do Coruche (hoje do Visconde da Luz), foi transferida em 19 de julho de 1842, para o collegio supracitado. Acha-se em excellentes condições, por differentes legados importantes, como o d'um conego de nome Caetano Correia de Seixas, que deixara disposto que se fundasse um seminario com a invocação de S. Caetano, o qual foi aberto em 15 de janeiro de 1804 na Rua dos Cartinhos.

A Miserieordia educa mancebos e donzellas, ás quaes dota, quando se casam, se o seu procedimento é irreprehensivel. É digno de nota o aceio e boa ordem que reinam neste estabelecimento, no seu genero um dos que se encontram em melhores condicções em Portugal.

Saindo da Misericordia, e passado o pequeno largo a que já me referi, entra-se na rua de *Sub-Ripas*, cuja denominação provêm de *Sobre-a-Riba*. Á entrada d'esta rua eleva-se um arco que estabelece passagem entre os dois predios que naquelle ponto a ladeiam.

Esse passadiço é margetado de medalhões esculpturados, de

diversos tamanhos, uns redondos outros quadrangulares. Semelhantes medalhões se vêm nas duas casas de que falei, e tanto nas paredes que dão para a rua, como naquellas que olham um pateo da casa da esquerda.

Estes medalhões, representam bustos viris e femininos, sendo muito de notar um em que se ostenta o rei David dedilhando a harpa, outro em que se mostra a rainha Dido, um terceiro que tem a figura d'uma mulher chamada Martha. Varios outros medalhões, encerrando apenas a cruz da ordem de Christo, têm embaraçado muito os archeologos, que não poderam descobrir ainda qual a proveniencia d'elles, porque não ha memoria de em Coimbra ter havido casa alguma d'aquella ordem militar, anteriormente ao reinado do fanatico rei D. João III.

A casa da esquerda (ou do lado oriental) é posterior aos principios do seculo dezeseis, porque ali existiam em 1514 uns pardieiros, pertencentes ao licenceado João Vaz, o qual por varios documentos se sabe ter tido a predilecção, ou mania, de aforar ou adquirir muros e torres naquelle ponto. Na data alludida requereu elle á camara licença para construir o indicado passadiço, de modo a ficarem ligados os seus pardieiros com uma torre da muralha de Almedina, que lhe doaram Catharina Fernandes, Bastião Gonçalves, e a mulher d'este Catharina Annes. Esta torre partia do lado norte com a torre chamada do prior do *Ameal*, a que já me referi quando tratei do antigo recinto da cidade, e que hoje se acha transformada em habitação proximo da porta do Collegio Novo; da parte do poente partia com a barbacã da cidade, do lado do sul com umas *casas do senhor D. Filippe*, do qual só se conhece o nome e a senhoria; da parte do nascente com caminho publico e com os pardieiros do licenciado.

Vê-se que a rua de Sub-Ripas era naquella epocha muito differente do que hoje é.

Depois de 1514 é que, portanto, se construiu a casa que fica do lado do poente: alli se vê um bello portal em estylo *manuelino*, assim como as janellas do primeiro andar; sendo porém as janel-

8

las do segundo de maior simplicidade, mas ainda indubitavelmente do mesmo seculo.

Não é provavel que todos esses medalhões e outras esculpturas varias e emblematicas, fossem intencionalmente executados para aquellas casas; pelo contrario parece que se fizeram as janellas de modo a serem-lhes accommodadas essas pedras com lavores. D'onde vieram os medalhões e as outras esculpturas, ninguem o sabe. O licenceado era porventura um antiquario famoso, que fez das paredes de suas casas um museu. Levamos-lh'o muito a bem, porque nos conservou essas reliquias d'algum edificio de que não ha memoria.

Não são, todavia, os factos mencionados que durante muitos annos hão movido o homem a contemplar essas velhas paredes, esse torreão vetusto, esse portico elegante, esses medalhões mysteriosos, com curiosidade misturada d'um certo sentimento de terror e de piedade. É que uma tradição fazia d'esta casa, não se póde conceber porquê, o sombrio theatro d'um drama sanguinoso. Em 1871, porém, cessou o erro, em consequencia da publicação, no *Conimbricense*, de varios documentos interessantissimos que ministraram as informações dadas. Ora, havendo a tragedia tido logar em 1377, vê-se que foi apenas a imaginação, despertada pela extravagante ornamentação da casa, que attribuiu a esta o ter presenceado aquella. E o erro de designar este edificio como theatro da tragedia é tanto mais merecedor de reparo, que o velho chronista Fernão Lopes, que narra o successo, o diz passado junto da egreja de S. Bartholomeu, no arrabalde da cidade, «nas casas Dalvaro Fernamdez de Carvalho.»

Eis o drama, um verdadeiro drama da edade média.

O infante D. João, o mais velho dos filhos da tão bella como desgraçada Ignez de Castro, havia secretamente contraido o vinculo matrimonial com D. Maria Telles de Menezes, viuva de Alvaro Dias de Sousa, e irmã d'essa infame D. Leonor, a quem o

inconstante e pussilanime rei D. Fernando sentou no throno, essa mulher, á qual tão bem cabe o nome de Messalina portugueza, e que tantas vezes manchou de sangue as suas bellas mãos.

Logo que a antiga esposa do senhor de Pombeiro, João Lourenço da Cunha, soube do enlace, conheceu com terror que sua irmã se approximava do throno; porque, morto D. Fernando — e a doença definhava este já, — o sceptro portuguez facilmente caíria nas mãos do infante D. João, estimado do povo como descendente do rei *justiceiro*, e, assim, sua irmã tomaria o logar que ella occupava.

Nestas circumstancias, a infame rainha teve a ideia não só de perder sua irmã, senão tambem de tornar odioso o infante D. João. Formado este hediondo projecto, restava pôl-o em execução. Fel-o da maneira seguinte:

Servindo se de seu irmão D. João Affonso Telles, a perversa aventureira começou por fazer acreditar ao infante que podia ainda um dia chegar a ser elle o esposo d'essa D. Beatriz, fructo do seu casamento com D. Fernando, e cujo casamento estava já contratado com o duque de Benavente. Ella pensava, como se vê, em despertar a ambição no coração do mancebo; e o extratagema surtiu o pretendido resultado. D. João, deslumbrado pela perspectiva do throno, convenceu-se de que sua mulher era o maior obstaculo á sua futura elevação e começou a fazer votos pela sua propria viuvez. D. Leonor, entretanto, estava tomada da maior impaciencia; não podendo supportar demora, mandou dizer ao infante que D. Maria Telles commettia infidelidade para com elle. Treme-se de indignação e de horror, em presença de tamanha infamia.

A mécha estava accesa; o tiro ia partir.

Decidido ao crime, o infante D. João assistiu a um jantar em casa de seu tio D. Alvaro Peres de Castro, onde se achava o moço conde de Barcellos que cortejava a filha de D. Alvaro.

Alli, pela tarde, o conde fez presente ao infante d'uma rica cota de malha, d'um bulhão e d'uma faca de matto, objectos estes

de proveniencia ingleza. A amizade armava assim a mão assassina: mas ha todos os motivos para crer que o conde não fazia parte da conspiração. Terminado o festim, dirigiu-se o infante ao palacio real, aonde durante muito tempo conversou particularmente com a rainha, sem que nunca se soubesse o que elles disseram. No dia seguinte, porém, ao despontar da alvorada, saiu D. João de Lisboa, e tomou o caminho de Coimbra, aonde D. Maria Telles residia.

Chegou o infante ao romper da manhã do dia 28 de novembro de 1377 á margem do Mondego, e passada a ponte «chegamdo aa coyraça, chamou o Iffamte huum dos seus, e disse: «Vos sabees esta çidade, e as emtradas e sahidas della, melhor que outro que aqui vaa, por que estevestes ja aqui no estudo: Dona Maria pousa nas casas Dalvaro Fernamdez de Carvalho, emcaminhaae per tal logar, per hu possamos hir a ellas, mais apressa e fora de praça que seer poder.» E el respomdeo que assi o faria: e emtom os levou aa Igreia de Sam Bertolameu, domde naçe huuma estreita rua que dereitamente vay sahir aas portas daquellas casas.» [1]

D. Maria, ao que parece já tinha sido avisada de que o infante meditava contra ella algum sinistro projecto, por seu proprio filho D. Lopo Dias, que, na sua qualidade de mestre da ordem de Christo, habitava em Thomar: este mancebo desconfiava de seu padrasto, porque este não lhe fizera visita como costumava, na occasião de passar para Coimbra, e tinha talvez ouvido até alguma coisa que lhe causara inquietação. Mas a gentil dama, não fazendo caso do aviso, não só porque tinha a sua consciencia inteiramente tranquilla, como tambem porque não podia suppôr da parte de seu marido nenhum mau procedimento contra si, D. Maria não esperava o infante.

Batem á porta; abrem-n'a; o infante, ébrio de ambição e enfurecido pela suspeita, transpõe quasi d'um salto a escada, chega num momento, acompanhado de seus homens d'armas ao aposento de sua mulher.

---

[1] Fernão Lopes, *Chronica de D. Fernando,* c. III.

Quando o Infante entrou, D. Maria Telles «o conheceu no rostro e falla; e quamdo o vio, cobrou já quamto desforço e ousamça, e disse: *Oo senhor, que vijmda he esta tam desacostumada?*

—«*Boa dona*, disse elle, *agora o saberees: vos amdastes dizemdo que eu era vosso marido, e vos minha molher; e enxemprastes o reino todo, ataa que o soube elRei e a Rainha, e toda sua corte; que era aazo de me mandarem matar, ou poer em prisom por sempre; e vos deverees demcobrir tal razom comtra todollos do mundo: e se vos minha molher sooes, por tamto mereçees vos melhor a morte...*» [1]

D. João para motivar esta ultima asserção, allegou a supposta infidelidade da esposa, e ao mesmo tempo lançou mão nella.

«Dona Maria veemdo taaes razoões, respomdeo ao Iffamte, e disse: *Oo senhor, eu emtemdo bem que vos vijndes mal comssellhado, e perdooe Deos a quem vos tal comsselho deo: e se prouguer aa vossa merçee, de vos apartardes comigo huum pouco em esta camara, ou se façam estes afora, eu vos emtemdo de mostrar mais proveitoso comsselho do que vos deram comtra mim; e por merçee vos ouvijme, e tempo teemdes pera fazer o que vos prouguer.*

«E el nom lhe quis ouvjr suas razoões, nem lhe dar espaço pera se escusar do erro que nom fezera, mas disse: *Nem vim eu aqui pera estar comvosco em pallavras.*

«Emtom deu huuma gram tirada pella pomta da collcha, e derriboua em terra, e parte de seu muj alvo corpo foi descuberto, em vista dos que eram presemtes, em tamto que os mais delles em que mesura e boa vergonça avja, se alomgaram de tal vista, que lhes era doorosa de veer, e nom se podiam teer de lagrimas e salluços, como se fosse madre de cada huum delles: e em aquel derribar que o Iffamte fez, lhe deu com o bulhom que lhe dera seu irmaão della, per amtre ho ombro e os peitos, açerca do coraçom;

[1] Id., *ibid.*

e ella deu humas altas vozes muj dooridas, dizemdo: *Madre de Deos acorreme, e ave merçee desta minha alma:* e em tirando o bulhom della, lhe deu outra ferida pellas verilhas; e ella levantou outra voz, e disse: *Jesu filho da Virgem accurreme:* e esta foi sua postumeira pallavra, damdo o sprito, e bofamdo mujto samgue della. Oo piedade do muj alto Deos, se entom fora tua merçee de botares aquel cruel cujtello, que nom dampnara o seu alvo corpo, inoçemte de tam torpe culpa.»

O infante foi o unico que poude assistir impassivel á morte de sua mulher. Mas em breve os remorsos se apossam de D. João; a embriaguez da ambição a pouco e pouco se desvanece, e a verdade em toda a sua nudez toma o seu logar. A mira, que a infame rainha queria attingir, vae ser por elle emfim conhecida. D. João sae precipitadamente da cidade, que foi theatro do seu crime, e foge para a provincia da Beira, cheio de desgostos e de remorsos. O rei ordena o seu castigo, a que elle consegue esquivar-se; a rainha zomba da sua cegueira; o povo portuguez o censura, o tem em horror.

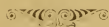
A rua de Sub-Ripas tem uma de suas extremidades (a opposta áquella de que falei) a meio da rua de *Quebra-Costas*. Esta rua de Coimbra é muito falada; a sua inclinação de quarenta e cinco graus pelo menos a torna uma perfeita fabrica de quédas. É raro que alguem não tenha nella escorregado, e por consequencia raro é o que não conserve lembrança de ali ter maguado alguma costella ou feito escoriações num cotovello. Garrett disse na fabula *O gallego e o diabo* (se bem me lembro):

Eu tambem no Quebra-Costas
Minha vez escorreguei.

Esta rua estabelece o mais curto caminho entre a das *Fangas*

e o largo da *Sé Velha*, e por tanto entre o bairro baixo e o alto. Esta denominação das *Fangas* indica a antiga casa e mercado das farinhas, mencionados no foral de Coimbra de 1516. Proximo ás fangas da farinha morava no seculo XVII o impressor flamengo Pedro Craesbeeck.

A rua de Quebra-Costas é uma perfeita rua de cidade mediaval obrigada a occupar o menor espaço possivel em posição elevada, para a conveniente defeza nas incessantes luctas d'aquella epocha. Pouco mais do terço superior da rua é formado de escadas com seus patins, indo desembocar como já se disse no largo da Sé Velha, ao lado d'uma casa que foi muito falada por ali estar um *botequim do Marques* com seu bilhar, onde a rapaziada se juntava.

No largo, em frente das escadas de Quebra-Costas ha um chafariz sem elegancia nem perfeição, chafariz velho, collocado de encosto á muralha, que sustenta o adro da Sé Velha.

Proximo d'esta entrada da rua de Quebra-Costas, e no mesmo largo, está a embocadura d'outra rua, que com ella faz um angulo agudo, e vae terminar na extremidade superior da *das Fangas*, formando assim as tres um triangulo quazi equilatero. Essa rua teve successivamente os nomes de *Rua de S. Christovam* e *do Correio*, e ultimamente foi-lhe dado o *de Joaquim Antonio d'Aguiar*, que conservará até que alguem se lembre de novamente a baptisar.

Esta mania de mudar os nomes ás ruas, praças e largos, que actualmente se tornou epidemica, é muito extravagante. Pois porque, se querem celebrar algum personagem notavel a qualquer respeito, não impõem o nome d'elle a qualquer rua que de novo se rasgue? Para que ir alterar designações que conservam antigas memorias, e que tão uteis são muitas vezes para averiguação das coisas que passaram?

Para que baptisaram aquella velha rua com o nome do illustre ministro, quando outra melhor prova de consideração lhe podiam tributar, sem detrimento d'um nome antigo e memoravel?

O vandalismo ainda tem ministros. Quem, dentro em pouco, se lembrará de que a moderna *rua de Joaquim Antonio d'Aguiar* se chamou *de S. Christovam*, e que este nome lhe provinha d'uma egreja, que tambem debalde procurará?

As paredes do antigo templo foram desmanchadas para alli se construir, com seus proprios materiaes por alicerces, um theatro, que foi denominado *de D. Luiz*, o qual, começado em fevereiro de 1860, abriu a 22 de dezembro do anno seguinte com o drama de Mendes Leal, *O dia da redempção*. O theatro não é muito pequeno, mas defeituoso, desprovido de elegancia, e suas dependencias são muito acanhadas. Para isto se destruiu um dos melhores specimens que havia não só em Coimbra, mas ainda em Portugal, da architectura romano-bysantina.

A egreja de S. Christovam, com uma casa annexa de religiosos da regra de Santo Agostinho, foi fundada por D. João Peculiar, que do conde D. Henrique sollicitou a devida licença para o fazer. D. João Peculiar, que viera de França nos começos do seculo duodecimo, *capitaneando* alguns religiosos, tornou-se mais tarde muito célebre, quando arcebispo de Braga, pelas suas desavenças com os bispos de Coimbra, D. Bernardo e D. João Anaia, e pelos roubos e sacrilegios que praticou em sua propria casa e egreja.

Esta egreja de S. Christovam, cuja frontaria estava voltada para o occidente, segundo o costume do tempo em que foi construida, e que era guarnecida de ameias, tinha tres naves; as suas dimensões orçavam por cento e quinze palmos de comprimento, cincoenta e oito de largura, e uns sessenta de elevação. As columnas que sustentavam a abobada eram seis. O côro tinha quatorze ca-

deiras, e davam-lhe luz oito frestas, cinco das quaes foram abertas em 1754. As columnas eram de uma só peça, com capiteis semelhantes aos da *Sé Velha*; e a cada uma das naves correspondia um altar semi-circular, segundo todas as probabilidades, da fabrica primitiva. Tinha a egreja uma crypta, de planta analoga á do templo, mas metade menor. Nella se erguiam dois valentes pilares de fórma quadrangular e toscamente aparelhados, sobre os quaes assentavam as duas primeiras columnas do templo. As paredes da crypta eram adornadas de frescos, de que appareceram vestigios; e a entrada para ella era junto da porta. Era uma crypta muito semelhante á da Sé de Lisboa, tambem situada perto da entrada.

D'esse monumento apenas resta hoje um desenho da frontaria, que o distincto professor de desenho Luiz Augusto Pereira Bastos se apressou a tirar, ao constar-lhe que iam demolir o templo; esse desenho com a planta do edificio foi publicado nas *Reliquias da Architectura Romano-bysantina em Portugal*... de Filippe Simões. Salvou alguns capiteis e varios ornatos um illustre collector, o Conde, hoje Marquez, da Graciosa.

No *Diccionario Geographico Manuscripto*, que se conserva no Archivo Nacional, menciona-se uma sepultura que estava junto da porta da egreja, mas da parte de fóra, com a seguinte inscripção: *Obiit Mariana cui sit beata requies U. Idus Decembri Era M. C2XX* (anno de 1132).

Conserva-se no *Museu de Archeologia do Instituto* de Coimbra, tambem procedente do mesmo templo, uma lapide memorativa do passamento d'um presbytero, em 21 de dezembro de 1169:

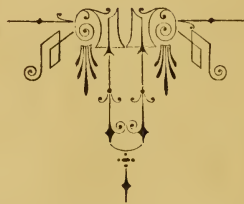
: XII : K̄ : IANVAR : OBIIT :
DOMNVS : IH̄NS : PATER : SCI :
: XP̄OFORI : PB̄R : E : M : CC : VII :
REQVIESCAT : IN PACE : AMEN

Esta lapide foi achada em 10 de agosto de 1747, ao proce-

der-se á refórma da sacristia; e para memoria do achado ajuntaram-lhe superiormente outra lapide com inscripção allusiva. E a seguinte:

XP AO
17 47

⁝ AN ⁝ D ⁝ M ⁝ D ⁝ CC ⁝ XLVII ⁝
X . DIE . AVG . IN REFO
R MATIONE . HVIVS . S
ANCRISTIAE . FVIT . INV
ENTA . INSCRIPTIO . IN
FRA . POSITA . SVP̃ . SE
PVLTVRAM . D . IOÃS

Eis, além de mais uma ou duas menções em documentos antigos, o que hoje resta do templo fundado pelo turbulento Peculiar, e que devera ser conservado como um monumento precioso.

CAPITULO VI

A *Sé Velha* — Os seus architectos e os seus beneficiadores — As fachadas e os porticos — D. Sesnando — Fragmento da epigraphia moirisca — Os absides — No interior — Epitaphios e tumulos célebres — O bispo-conde D. Jorge de Almeida — A capella-mór e o seu retabulo — A capella de S. Pedro e a do Santissimo — Pinturas — A sacristia e o côro — O bispo negro — A missa do dia 1 de janeiro de 1246 — O claustro — Epitaphios antigos — Convite ao leitor.

MAIS notavel dos monumentos de Coimbra é esse velho templo situado mesmo no coração da cidade, ao qual tantas memorias se acham ligadas em todas as epochas.

A *Sé Velha*, onde subsistiu a séde episcopal até aos derradeiros dias do mez de outubro de 1772, é contemporanea da fundação da monarchia portugueza.

Julgaram-n'a uns edificada pelo bispo D. Gonçalo entre os annos de 1109 a 1128; outros a consideraram construcção do conde D. Henrique; e houve ainda quem a olhasse como uma antiga mesquita adaptada ao culto christão.

Todavia, d'um documento do célebre *Livro Preto*, consta que ella foi edificada durante o reinado de D. Affonso Henriques pelo bispo D. Miguel. Além d'isso, os caracteres e estylo architectonicos,

tanto interiores como exteriores, do edificio assignam aquella epocha como sendo a da sua construcção.

Começou a obra com os donativos bizarros do bispo e dos conegos.

O bispo deu quinhentos morabitinos e uma junta de bois muito formosa no valor de doze d'aquellas moedas; e, para augmento do retabulo de prata do altar, sete marcos e meio de prata, no valor de sessenta e oito morabitinos. Deu mais das rendas da Sé mil e quinhentos morabitinos e outra junta de bois tão valiosa como a antecedente; mais dois morabitinos para uns sapatos com que em logar de sandalias, se celebrasse a missa; e para o pavimento dos absides feito de pedras quadradas, assim como para o trabalho do altar da Virgem, quarenta morabitinos... Seria ainda muito extensa a lista das dadivas do bispo D. Miguel; notarei porém sómente que, depois da sua renuncia ao episcopado, ainda deu para a Sé varias quantias prefazendo a somma de mil trezentos e vinte e cinco morabitinos.

O primeiro architecto, de nome Bernardo, e que não era um mestre consummado, dirigiu pelo espaço de dez annos a construcção, recebendo além de cento e vinte e quatro morabitinos, um fato completo no valor de tres morabitinos, e comendo ainda por cima á mesa do bispo. Hoje os architectos vestem-se á sua custa e comem em suas casas... ordinariamente. No mesmo tempo, porém, parece que tomou encargo de parte da obra outro architecto, Roberto, de Lisboa, o qual quatro vezes a Coimbra foi chamado para emendar a obra, e principalmente para o trabalho do portal. «Este antecessor de Miguel Angelo», disse Rebello da Silva em 1853 no *Panorama*, «trazia comsigo um estado de quatro moços e quatro jumentos, que o bispo pelo contracto estava obrigado a sustentar. Além da cevada, do pão, da carne e vinho necessarios para o consumo dos homens e dos asnos, o mordomo episcopal pagou a mestre Roberto a somma avultadissima, visto o preço do dinheiro n'aquelle tempo, de 1:510 morabitinos (2:416$000 réis!). O architecto Bernardo, que sob a tutela do mentor de Lisboa, diri-

gia a obra, falleceu durante ella; e o seu successor mestre Soeiro, varão menos importante ao que parece, não obteve as honras lucrativas do talher á mesa do bispo, dando-se-lhe em compensação um vestido por anno, um quintal de vinho e um moio de pão.

«O architecto Roberto, incumbido do desenho e lavor do portal e da correcção da obra, não foi o unico artista de fóra que veio trabalhar na Sé de Coimbra. Entre outros apparece um estrangeiro, mestre Ptolomeus (nome byzantino), como auctor do famoso retabulo dourado do frontal, e do quadro em lavores de ouro da Annunciação da Virgem. Ptolomeus tinha por anno 150 morabitinos (240$000 réis) e o ourives Felix que fez o jarro e a bacia de prata para o serviço da missa, recebeu pela mão de obra sete morabitinos (11$200 réis). Tanto na composição e ornato das armas e columnas do altar de Santa Maria como no pavimento do absides, lageado de mosaico em xadrez, dispensaram-se 40 morabitinos (64$000 réis). A cruz de ouro fino, dadiva do bispo, era a maravilha do templo. Algumas lascas do santo lenho, embutidas no metal precioso, e duas laminas tiradas da pedra do monte Calvario, tornavam-na extremamente devota. Em uma das laminas, ao meio da cruz estava esculpida com grande primor a figura de Christo crucificado, e do outro lado a da Mater Dolorosa.»

A fachada principal é magestosa na sua simplicidade austera, e com a sua corôa de ameias que faz pensar num castello dos tempos cavalleiros. A nobreza e perfeição da sua architectura revelam que mestre Roberto era um grande artista. Os annos e os seculos têm carcomido a pedra do portico romano-bysantino, mas o que resta dos lavores dos arcos e dos capiteis das columnas, como de suas bases e fustes, mostra a correcção e gosto aprimorado de seu auctor.

É pena que nos fins do seculo XVII tenham sido rasgadas aos lados do portico duas grandes janellas, que discordam da primitiva

traça, e que, dando mais luz ao templo, lhe furtaram alguma coisa da sua mystica e sublime obscuridade. O accrescento feito em 1839 ao corpo principal da frontaria, para ahi collocar os sinos, denota sobre tudo a falta de gosto e de respeito para com a antiga e veneravel cathedral.

Anteriormente a torre dos sinos, cujo tecto era de azulejo, ficava ao sul e separada da egreja; tinha serventia pelo claustro, e das suas nove ventanas tres olhavam ao nascente, tres ao norte e tres ao poente. Um dos sinos extraordinariamente grande, de sessenta e quatro quintaes de peso, era chamado o *balão*. Superiormente, noutra ventana, estava o relogio.

Em epocha relativamente moderna se construiram os dois porticos da fachada septentrional, por ordem de D. Jorge de Almeida.

O maior d'estes porticos, chamado *Porta Especiosa*, e no qual se nota a transição do estylo manuelino para o do renascimento, crê-se devido ao celebrado architecto João de Castilho. Elevando-se até ás ameias, apresenta muita elegancia e é profusamente ornado de arabescos, balaustres, imagens e medalhões. A janella e a varanda superiores ao portal merecem ser examinadas, assim pela sua sumptuosidade como pela sua perfeita execução. O tympano do portal é de puro estylo do renascimento.

O segundo portico lateral ou porta de *Santa Clara*, que abre no transepto, é de simples architectura, e mascarou sem duvida um portal mais antigo de que se encontram vestigios. Este portico é encimado d'uma falsa janella ornada de sete columnas em estylo romano-bysantino.

Acima desta porta, e na parte posterior do templo vê-se o abside norte, onde está a capella de S. Pedro; na sua parede circular são de notar uma janella e uma cornija de estylo romano-bysantino. A parede, circular tambem, da capella-mór está escondida em parte pela sacristia de fabrica moderna.

O zimborio, do seculo decimo oitavo, tambem fórma um desagradavel contraste com o estylo geral do edificio; o coruchéo de

grande altura, que o precedeu, foi mandado demolir pelo bispo conde D. Antonio de Vasconcellos e Sousa, porque ameaçava ruina.

Nesta mesma fachada, e ao pé do angulo do edificio, a conveniente altura, se nos depára um tumulo de pedra não muito primorosamente lavrado, e no qual se lê a inscripção seguinte em lettras minusculas allemãs, que lhe assignam uma data entre os annos de 1400 e 1520, e que é evidentemente, pela construcção grammatical, mera traducção d'um epitaphio latino:

AQVY . JAZ . HUN . QUE . EM . OUTRO . TEMPO . FOY . GRANDE . BAROM SABEDOR . E . MUITO . ELOQUENTE . AVONDADO . E . RICO . E . AGORA HE . PEQUENA . CINZA ENÇARADA . EM . ESTE . MOIMENTO E . COM . EL . JAZ . HUUM . SEU . SOBRINHO . DOS . QUAES . HUN . ERA . JA . VELHO . E OUTRO . MANCEBO . E O NOME . DO . TIO SESNANDO . E PEDRO . AVIA NOME . O . SOBRINHO .

Foi este grande barão Sesnando o primeiro governador de Coimbra, ao qual Fernando o Magno confiou a sua conquista. Foi homem que teve a fortuna de poder fazer-se chamar *alvazir*, *comes*, *consul*, *proconsul*, *dominus dux*, *gubernator*, *imperator* e *praeses*; homem que fez muitas coisas boas, e provavelmente muitas coisas más; que possuiu enormes riquezas; que foi sabedor e muito eloquente; que teve por pae o mosarabe David, senhor de Tentugal e d'outras terras; que no tempo de Iben Abbad chegou, na côrte de Sevilha, a occupar o cargo de wasir do diwam; que entrou ao serviço de Fernando o Magno, não se sabe porquê; que promoveu a agricultura; que restaurou umás egrejas e fundou outras; que reedificou castellos e povoou muitas terras; e finalmente morreu ignorando-se de quê, no dia 25 de agosto do anno da graça de 1091.

O tumulo primitivo, talvez por muito deteriorado, foi substitui-

do, naturalmente em tempo do bispo-conde D. Jorge de Almeida, pelo que actualmente existe.

Na mesma fachada e entre os dois porticos de João de Castilho, e em sitio elevado, fazendo parte da parede, se vê uma pedra com alguns caracteres arabes. Foi esta lapide um dos argumentos que produziram em seu favor os propugnadores da origem moirisca do templo; mas, além de que a inscripção não mostra referir-se ao templo, está incompleta; e sobre tudo é inadmissivel que, se a inscripção tivesse relação com o edificio, a fossem collocar a tão grande altura e num dos pontos menos apparentes da fachada.

A inscripção diz apenas, segundo a traducção feita pelo distincto arabista hespanhol D. Pascual de Gayangos, que não conseguiu ler nem o começo nem o fim:

...edificou-o com solidez Ahmed Ben Ismael por mandado de...

Gayangos com razão opinou que a inscripção estava mutilada, porque lhe falta a formula que abre, com rarissimas excepções, toda a escriptura mahometana—Só Deus é Deus e Mohammed é o seu propheta. Quanto á proveniencia da pedra, nada nol-o indica. Talvez no local hoje occupado pelo templo existisse anteriormente um edificio arabe, uma mesquita, cujos materiaes foram aproveitados na construcção christã. Entre os acontecimentos mais ou menos célebres que tiveram logar na velha cathedral, a tradicção contava o de ter Fernando o Magno ahi armado cavalleiro ao Cid, Ruy Diaz de Bivar, e egualmente a oito centos e noventa e nove *fidalgos*, depois de tomar Coimbra e haver feito purificar a mesquita.

Mas entremos no templo aonde o rei D. Sancho I e sua mulher D. Dulce foram coroados por esse bispo D. Martinho que tantas disputas teve depois com o mesmo rei; aonde o mestre de

Aviz foi recebido com honras de rei no dia 3 de março do anno de 1385; aonde foi orar o infante D. Pedro, primeiro duque de Coimbra, no dia 6 de maio de 1449, pouco antes de terminar a sua gloriosa carreira na batalha de Alfarrobeira, victima dos odios e das machinações, a que, é necessario confessal-o, não era estranho o seu proprio irmão o *navegador* D. Henrique; aonde emfim, aos 13 de outubro de 1570, se ajoelhou e orou esse fanatico mancebo que, oito annos depois, foi perder a corôa, e talvez a vida, no desastre de Al-Kasser-Kébir.

O interior do templo é magestoso, embora d'uma architectura simples; o seu caracter antigo e a pouca claridade que lá dentro reina incutem um sentimento de respeito e de devoção em quem percorre esse severo transepto, essas sombrias capellas com obras de talha do seculo dezesete, e essas altas naves, cujas columnas, de formosos capiteis byzantinos, como uma grande parte das paredes, são revestidas de azulejos, notaveis por seu desenho e por seu brilho. Estes azulejos foram mandados vir de Sevilha pelo bispo D. Jorge d'Almeida.

Ao epigraphista depara-se logo ao entrar no templo uma lapide que memora o fallecimento d'um arcediago por nome D. Paschasio Nunes no anno de 1290; diz o seguinte, com muitos breves:

Eª : Mª : CCCª : XXVIIIª : VIº : NONAS : OCTOBRIS : OBIIT : DONNUS : PASCHASIUS : NUNIS : ARCHIDIACONUS : DE SENA IN ECC̃A : COLĨBRIẼSIS : E : IACET : INTUS : ECC̃A : COLIBRĨE : CIRCA PAUIMENTŨ PORTE OCCIDENTALIS IPSIUS ECC̃E CUIUS : AĨA : REQIESCAT : IN PACE : AMẼ.

Este D. Paschasio legou ao cabido conimbricense «a sua quintãa de *Mogofores* com sete casaes, e mais um no *Avenal*; um calix de prata de nove onças, e uma vestimenta sacerdotal.» [1]

Tambem commemorativa do passamento d'um cantor d'esta

[1] *O Antiquario Conimbricense.*

egreja, oriundo da Lombardia, e por nome D. André João, o qual jazia, segundo o *Livro das Calendas*, «sub campana de ere ubi sunt leones et gallii figurati» [1], existe a seguinte inscripção ao pé do arco da primeira capella, e perto da cornija da primeira columna da nave do lado da epistola:

⁝ IIIª ⁝ DIE ⁝ MEÑ ⁝ STBR̃ ⁝ DE ⁝ E ⁝ MCCCª ⁝
LªXXXIII ⁝ OBIIT ⁝ DOÑ ⁝ ANDREAS ⁝ IOHIS ⁝ CAN
TOR ⁝ HUIUS ⁝ ECCE ⁝ NEPOS ⁝ DOÑI ⁝ ACCURSII ⁝ ET
DOÑI ⁝ GUILHLI ⁝ MILITŨ ⁝ MAR̃OS ⁝ IN IUR̃ ⁝ CA
NOĨCO ⁝ ET CIUILI ⁝ CUIUS ⁝ AĨA ⁝ REQIESCAT ⁝ IN PACE

Muitos tumulos notaveis ha ainda na velha egreja. No extremo do cruzeiro, da parte do evangelho, num vão da parede formando arco, está um moimento com estatua de prelado, que encerra as cinzas de D. Egas Fafes, o qual governou a diocese desde 1247 até 1268. Este descendente de D. Fafes Luy, alferes do conde D. Henrique, tendo ido a Roma tratar de varios negocios de alta importancia, e conseguindo transferencia para a diocese de Compostella, falleceu em Montpellier aos 9 de março de 1268. Segundo diz Gasco, defronte do tumulo, em «hum marmore dourado, com letras gothicas», se lia:

ERA M . CCVIII . IDUS MARTII OBIIT APUD MONTEM PERSULANUM DOMINUS EGEAS FAFES ARCHIEP . COMPUSTUL . QUIDAM EPISCOPUS COLIMBRIENSIS, CORPUS DUCTUS & HONORIFICE FAMILIA SUA CIVITATE COLIMBR, HIC EST SEPULTUS, PRIMI FEBRARI X.ª ALTARE.

Ao pé do tumulo do bispo vê-se outro semelhante, onde foi sepultada D. Vetaça, neta do imperador da Grecia Theodoro Lascaris.

Esta princesa veiu em 1282 para Portugal na qualidade de da-

[1] *Ibid.*

ma de honor da rainha D. Isabel, a esposa tão virtuosa do rei D. Diniz.

Sobre o tumulo vê-se a estatua de D. Vetaça com habito religioso; na face d'elle tres aguias de duas cabeças, insignia imperial; e consta que havia nelle a seguinte inscripção: *Aqui jaz Dona Bataça, neta do Imperador da Grecia.* Rezende tambem traz a inscripção, dando-a em latim: *Heic sita est Bataza imperatoris Graeciae neptis.*

Pela epocha, é mais natural que o rotulo fosse latino. O tumulo estava antigamente no meio da egreja; foi d'alli retirado por causar estorvo.

D. Vetaça, que foi casada com Martim Annes, da illustre casa de Soverosa, legou ao cabido de Coimbra o melhor de seus muitos haveres, por testamento de 21 de abril de 1336.

No outro topo do cruzeiro, sob uma arcada, e tambem em vão da parede, a muito pequena altura, está uma figura de bispo com paramentos pontificaes, já muito deteriorada; indica estarem alli as cinzas d'esse perfido bispo D. Tiburcio, que no concilio de Leão em 1245 apresentou a Innocencio IV os informes e representações da nobreza desleal e do clero ingrato, tendentes a obter a deposição do desgraçado monarcha D. Sancho II, e a sua substituição pelo irmão d'elle, D. Affonso, conde de Bolonha.

Além d'estes prelados outros foram sepultados na velha cathedral. D. Bermudo teve seu tumulo collocado debaixo do côro «á parte da epistola, mettido na parede» [1], com este epitaphio que transcrevo de Gasco litteralmente:

ANNO ABHINC INCARNATIONE DOMINI M . C . L . XXXI . OBIIT DONUS VERMUDUS BONAE MEMORIAE, HUJUS CIVITATIS OCTAVUS EPISCOPUS, AD NONAS SEPTEMBRIS, VIR INCOMPARABILIS SCIENTIAE, & OMNIUM VIRTUTUM TUNC HONESTATE CONSPICUUS, ANNO EPISCOPATUS SUI QUINTO, REQUIESCAT IN PACE.

---

[1] Coelho Gasco, *Conquista, antiguidade e nobreza da... cidade de Coimbra.*

Raymundo Everard, regeu a Sé de 1319 a 1334; o seu tumulo, no pavimento e em campa rasa, está á entrada d'uma das portas lateraes, que abre no cruzeiro, e tem este epitaphio:

RAIMONDO I NATIONE AQVITANO
QVI SEDIT IN HOC EPATV ANNIS
FERE 5 ET OBIIT ID . IVL . ANNO
DÑI 1334 POSVIT CAPITVLV
EPO BENE MERENTI .

Finalmente alli jaz tambem, na capella de S. Pedro, o bispo D. Jorge d'Almeida, sob uma campa aonde, além do brazão do prelado, se esculpiu o seguinte lettreiro:

DIVINI . NVMINIS
PIETATE . EPISCOPVS
COMES . GEORGIVS
DALMEIDA . HIC . SITVS
VIXIT . ANNIS . LXXXV
OBIIT . VIII . KL. SEXTILES .
ANN . D . M . D . XXXXIII
ANNIS . LXII . VTRAQZ
DIGNITATE . PRAEDITVS .

D. Jorge d'Almeida foi filho de D. Lopo de Almeida, primeiro conde de Abrantes, e irmão do vice-rei da India, D. Francisco d'Almeida, que tantos dares e tomares teve com o não menos célebre Affonso d'Albuquerque. Foi o segundo bispo de Coimbra que gosou do titulo de conde de Arganil. O primeiro fora D. João Galvão, ao qual para si e seus successores D. Affonso V fizera mercê d'aquelle titulo, por carta dada em Coimbra a 25 de setembro de 1472, em attenção aos serviços que o mesmo D. João prestára nas suas conquistas em Africa no anno antecedente, ajudando-o mesmo pessoalmente.

Gosou sempre D. Jorge d'Almeida de grande acceitação junto de D. João II e de D. Manuel: assistiu aos ultimos momentos do primeiro, e baptisou em 1512 o infante D. Henrique. Quando no seu tempo teve logar em Roma a celebração do conclave para a eleição do papa, D. Jorge d'Almeida foi muito votado; e, pela bulla *Venerabilibus fratribus Colimbriensi, et Lamecenci, ac Ceptensi Episcopis* de 23 de maio de 1536, foi um dos bispos nomeados por Paulo II inquisidores-móres do reino.

Este prelado empenhou-se sobremodo em dar o maior esplendor á sua sé; e como entendesse que seria bom, além de fazel-o, dizel-o, fez pôr no arco do transepto este lettreiro, extrahido dos Psalmos:

«DOMINE, DILEXI DECOREM DOMUS TUAE.»

Além das obras a que já atraz alludi, ao falar da fachada norte do edificio, deve-se ao mesmo prelado o retabulo da capella-mór, o da capella de S. Pedro, onde jaz, como se lhe deveram muitissimas e riquissimas alfaias e largas quantias. Entre as alfaias, merecem nota especial riquissimos pannos de ráz, tres dos quaes representavam «a historia de Troia», avaliados em quarenta e cinco mil réis, e «hum cales que pesava onze marcos q o bispo mandou concertar e dourar; levou douro dez mil réis, e de feitio dezeseis mil réis»; este calix, que ainda hoje faz parte do thesouro da cathedral, é de subido valor artistico; tem no pé varias figuras de vulto, como Nossa Senhora da Piedade, a Virgem com o menino ao colo, a Magdalena, e anjos, e tem o nó em fórma de castello, muito bem trabalhado, tambem com figuras; o vaso é ornamentado de formosissimos florões, entre os quaes, em alto relevo tambem, sobresaem anjos em attitude de oração: a patena correspondente é debuxada na borda.

Mesmo ao pé dos degraus que dão accesso á capella-mór, encontra-se uma lapide sepulchral aonde se vêem vestigios d'um brazão que foi picado, e que constava d'um escudo oval atravessado

por cinco faixas ondeadas de agua, tendo na do meio um delfim nadante, cercado pelo rotulo BISPO CONDE. Repousa alli o despojo mortal do prelado D. João Mendes de Tavora. A monstruosa sentença que condemnou os Tavoras, a titulo de complicidade no enigmatico attentado contra o rei *faineant* D. José, ordenou que fossem picados os escudos d'aquella familia, por toda a parte onde os houvesse. Mesmo este escudo, da sepultura d'um dos antepassados dos infelizes odiados pelo marquez de Pombal, foi destruido. Quantas vezes o ridiculo apparece alliado á infamia!

Volvamos agora nossos olhos para a capella-mór.

Quantas vezes sobre esse altar consagrou o turbulento D. Martinho, que sustentou contra D. Sancho I uma lucta que lhe custou durissima encarceração e tão longos trabalhos! Quantas vezes do alto d'esse altar deu D. Tiburcio a benção pastoral ao pobre rei, que elle já premeditava vender! Quantas vezes oraram alli o bravo D. João Galvão, o illustre D. João Soares, o edificador D. Affonso de Castello Branco, o munificente D. Jorge d'Almeida, D. Manuel de Saldanha, e tantos outros bispos notaveis!

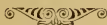
O retabulo do altar-mór é um primor d'arte da esculptura em madeira. Foi feito nos fins do decimo quinto seculo ou principios do seguinte. O conde A. Raczynski o considerou como do estylo gothico mais puro; e este parecer do notavel critico é por toda a gente seguido. Um grupo de estatuetas representando a Assumpção fórma o centro do retabulo; em volta, em nichos de diversos tamanhos e de varia e formosa ornamentação, outras estatuetas em grande numero se vêem, sobresahindo as de dois evangelistas. Figuras grutescas e ornatos da maior elegancia, tudo delicadissimo, concorrendo em profusão, encantam a vista e arrebatam o espirito.

A abobada, como as paredes lateraes são egualmente ornadas

de obra de talha, que não é tão perfeita como a do retabulo, mostrando ser-lhe muito posterior.

A capella de S. Pedro, que fica do lado do evangelho, tem esse retabulo a que já me referi, representando o martyrio do guarda-portão celeste; é obra muito bella de esculptura em pedra, porventura de João de Castilho.

A capella do lado da epistola, onde está o Sacramento, é de fórma quasi circular e guarnecida de duas ordens de nichos com as estatuas, de tamanho pouco menor que o natural, do Christo, dos doze apostolos e outras ainda, todas de trabalho notavel. Tambem nesta capella estava antigamente uma imagem da Virgem, digna de menção pelo consideravel volume do seu ventre. A capella termina superiormente por uma elegante cupula hemispherica e esculpturada com perfeição. Foi construida em 1566 pelo bispo conde D. João Soares, que occupou a séde desde 1545 até 1572, e que teve a honra de ser confessor e prégador de D. João III, etc.

Entre os diversos quadros que decoram algumas das capellas lateraes, ha dois que, sem serem obras de subido valor, merecem aqui nota. Um é o retrato da rainha D. Isabel; o outro, mais bem pintado, representa Santa Ursula e as suas companheiras. Raczynski julgou o do principio do decimo sexto seculo. A figura da santa é notavelmente bella: sustenta na mão direita uma haste em cujo cimo fluctua uma bandeira branca, na qual se lê CHRISTUS; grupos de anjos espargem flores sobre as suas companheiras martyrisadas. Este ultimo quadro é evidentemente d'um artista portuguez.

A sacristia, cuja porta fica perto da sepultura de D. Tiburcio, é espaçosa, a sua aboboda tem bellos lavores, e ali se deve notar

uma fonte de marmore muito formosa. Foi ordenada a construcção d'ella por D. Affonso de Castello Branco, bispo-conde.

O côro foi mandado fazer pelo mesmo prelado, superiormente á entrada do templo, no primeiro terço da nave do centro, e a meia altura. É de madeira de carvalho, e no tecto vêem-se as armas do edificador. Antigamente havia um côro em baixo, dezoito cadeiras por banda, para os conegos, meios conegos e tercenarios, tendo num segundo andar inferior egual numero de assentos para os capellães e meninos do côro. Esta obra, assim como varios paineis que a adornavam, com molduras de talha dourada, foram obra do bispo D. João de Mello.

Encostado a uma das elegantes columnas do *triforium*, ou galeria destinada ás mulheres, repassei na memoria as scenas, assim sagradas como profanas, quer grandiosas quer mesquinhas, que tiveram por theatro o antigo templo. Recordei-me das epochas cavalleiras, do tempo em que aquellas abobadas resoavam com os pezados passos dos guerreiros calçados de ferro; do tempo em que o bispo envergava as vestes sacerdotaes por cima da cotta de malha; lembrei-me da longa série de prelados que desde D. Gonçalo subiram áquelle altar.

Na serie dos bispos de Coimbra é sempre esquecido (com razão? não sei) o prelado D. Çolcima, o *bispo negro*.

O bom rei D. Affonso, aquelle que resuscitou, foi excommungado pelo bispo D. Bernardo, em conformidade d'uma ordem do papa, porque o monarcha não quizera desencarcerar sua mãe, D. Thereza. D. Bernardo fez pôr na porta da Sé um pergaminho, em lettra grauda, que era nem mais nem menos que a carta de interdicção; feito isto, por cautela, saiu de Coimbra.

Ao romper do dia, foi o rei avisado do que se passava; mandou logo tocar a reunir cabido sob pena do maior castigo para quem não camparecesse. Reunido o cabido no claustro da Sé, D.

Affonso perguntou aos conegos se sabiam qual o motivo por que elle ali estava; e, como ninguem lhe respondesse, disse:

—Venho aqui assistir á eleição do bispo da minha cidade de Coimbra.

O deão, homem velho, com todo o respeito redarguiu que a Sé não estava vaga, por isso que tinha como bispo a D. Bernardo.

D. Affonso, cuja colera estava já a ponto de rebentar, lançou aos conegos um olhar tão fero, que fez gelar-se a todos o sangue nas veias e no coração, e disse:

—Esse rebelde nunca mais tornará a pisar terra de Coimbra. Nunca mais empunhará o baculo, nem ensinará a fé quem é rebelde a seu rei. Elejam bispo.

—Senhor, repetiu o deão, temos bispo; não ha eleição a fazer.

E um unisono *amen* resoou em confirmação das palavras do velho conego.

—Por Sant'Iago! rugiu D. Affonso como se dissesse *por um milhão de diabos.* Sáiam immediatamente; sáiam, que o mando eu, senão... Alguem elegerá bispo.

O ultimo dos conegos a sair, um negro já velho, de alvos cabellos, que durante a scena referida se conservára um pouco afastado dos seus collegas, e que tinha por alguns meneios de cabeça manifestado approvação ás palavras do rei, foi chamado por D. Affonso Henriques, com um gesto.

—Como te chamas? perguntou-lhe o conquistador com sobrecenho carrancudo.

—Senhor, respondeu, é meu nome Çoleima.

—És clerigo exemplar? interrogou o rei fitando os seus olhos no rosto do negro, como querendo inquirir as profundezas do seu coração.

O negro não baixou os olhos; mas transpareciam nelles de tal modo os dotes da alma, que o rei lhe disse:

—És bispo, D. Çoleima. Prepara-te para me dizeres a missa.

E D. Çoleima cantou logo naquelle dia missa, que o rei ouviu devotamente, assim como as pessoas que o haviam acompanhado.

Quem quizer saber o que depois succedeu, como consequencia d'esta summaria eleição, póde vel-o no romance de A. Herculano, *O Chronista*. Quanto á verdade da existencia do bispo negro, deve-se notar que em um documento do anno de 1088 apparece um *presbytero Zoleima* que faz doação de certos bens á Sé de Coimbra.

No primeiro de janeiro do anno de graça de 1246, teve logar neste templo uma scena de profanação.

Os soldados de varios ricos-homens e infanções, que se conservavam fieis a D. Sancho II, haviam-se sublevado contra os clericaes; a refrega, começada na vespera nas ruas da cidade, terminou na cathedral. Julgando-se em segurança no recinto sagrado, os clerigos se tinham ahi refugiado; mas, vendo-se no proprio templo accommettidos e tendo primeiramente opposto resistencia sem successo, acabaram por abrir a porta, experimentando pôr dique á soldadesca desenfreada com uma missa.

Na occasião em que se abriu a porta da egreja, um conego revestido dos paramentos sacerdotaes subiu os degraus do altar-mór.

Foi em vão.

O que ia celebrar o officio, assim como os outros sacerdotes foram arrancados do templo, e trucidados uns, outros duramente ultrajados e lançados nos calabouços do castello. Os soldados aquartelaram na cathedral, e cada um de per si procedeu á avaluação do despojo que tinha alcançado nas casas dos clerigos.

Os espiritos, porém, estavam ainda na maior agitação: era lhes preciso um espectaculo qualquer que mudasse o curso de suas apprehensões.

Eis que se faz ouvir uma voz forte que domina a vozeria: todos os olhares se dirigem para um mancebo de rosto agradavel, mas energico. Chamava-se elle Gomes Annes; todos o conheciam pelo seu genio alegre, por todos era tido como um rapaz de espirito, de *humour*, como observou Robinson.

— Rapaziada, disse elle; então é bonito que hoje, dia de anno bom (que me parece não o será muito), é bonito que o povo fique sem missa? Isso não póde ser. Não sois da minha opinião?

— De certo, confirmaram algumas vozes no meio da geral hilaridade.

— Vejo que concordaes commigo. Se é convicção vossa, estimo-o muito; se é deferencia para com a minha pessoa, em occasião oportuna verterei algumas lagrymas de ternura e agradecimento pela consideração que vos apraz dispensar-me.

— Bravo! gritaram varias vozes.

— Amigos e camaradas, proseguiu Gomes Annes, é indispensavel que se celébre missa. Mas não ha quem a diga, pois que não devemos consentir que esses clericaes de má morte, que um frade ahi de qualquer ordem ponha os pés neste sagrado recinto.

— Sim! Sim! gritou a turba em côro.

— Mas deveis saber que pessoa apresentada por mim é por força digna de toda a consideração. Por isso recebereis, como verdadeiro ministro da egreja e com todo o acatamento que lhe é devido, o bispo que d'aqui a momentos subir aquelles degraus, para celebrar o officio da missa. Já está na sacristia, e eu vou ter com elle para acompanhal-o.

Gomes Annes desappareceu pela porta da sacristia mal acabou de dizer aquellas palavras. E pouco tempo havia decorrido, quando appareceu na egreja um bispo, em vestes pontificaes, precedido por certo numero de conegos que cantavam comicamente, com vozes de baixo roufenho e de falsete esganiçado, a antiphona:

— *Ecce sacerdos magnus.*

Este bispo, que era o proprio Gomes Annes, chegando á cadeira prelaticia, sentou-se e conservou-se ali immovel por alguns momentos; em seguida ergueu-se magestosamente, lançou a benção ao povo, e disse com toda a seriedade:

— *Ego sum episcopus conimbricensis.*

E subindo lentamente os degraus do altar-mór parodiou o bispo D. Tiburcio.

Por alguns momentos, ao côro unisono das gargalhadas dos espectadores, tornou em irrisão a dignidade episcopal. Depois, tendo abençoado novamente o povo, e entoado um aflautado *Ite, missa est* desceu os degraus encostando-se ao bacculo, e foi juntar-se aos seus companheiros, dizendo-lhes novamente:

— *Ego sum episcopus conimbricensis*; portanto deveis-me respeito e obediencia. Não falo mais latim porque estou encatarrhoado; é sabido que neste estado ninguem póde falar latim. Obedecei portanto: vamos comer e beber... Se as adegas dos conegos estavam tão bem provídas!

No antigo claustro da Sé Velha, de estylo ogivál, e que é hoje uma dependencia da imprensa da Universidade, ainda existe a arcaria com as columnas e capiteis lavrados. Alli subsiste tambem uma capella com retabulo de pedra, formosa obra da renascença.

A Gasco se deve o ter-nos conservado a memoria de tres inscripções do claustro. Uma é de 1166; estava na parede junto á porta, que dava para a egreja:

VIII . K . IVL . OBIIT . MARIA . PELAIA
E . M . CC . IIII

Na obra de Gasco não vem data do mez, na transcripção latina; mas, como a dá na traducção, vê-se que foi lapso typographico, ou do seu editor Lourenço Caminha.

Noutra lapide, que estava ao pé da pia da agua benta, lia-se este lettreiro commemorativo da morte d'um padre mestre, no anno de 1192:

XII . K . OCT . OBIIT . JOANNES . PRESBYTER .
PRIMUS . MAGISTER SCHOLARUM . ERA . M . CC . XXX

A terceira inscripção, conservada por Gasco, e do anno de 1178, dizia:

VII . IDUS AUGUSTI . OBIIT MUNIA . FAMULA DEI . CUIUS ANIMA REQUIESCAT IN PACE . E . M . CC . XVI

A seguinte inscripção, que ao presente está no museu do *Instituto* e memora a morte d'um deão da Sé conimbricense, tambem pertencia á capella do claustro:

IX ⁝ K ⁝ MARCI ⁝ OBIIT ⁝ G.....

SARIS ⁝ DIDACI ⁝ DECAN....

COLINBRIENSIS ⁝ ERA ⁝ M ⁝

CCC ⁝ XXX ⁝ VIIII ⁝

Para este claustro deu D. Affonso Henriques vinte e dois mil dinheiros de oiro; D. Sancho I legou para o mesmo dois mil morabitinos; e D. Affonso II, em 1221, destinou outra avultada somma para a sua obra.

Numa capella do claustro estava o tumulo do avô do cantor dos *Lusiadas*. Chamava-se elle João Vaz de Camões, e foi corregedor da comarca da Beira. O tumulo estava collocado da banda do evangelho, sob uma arcada: era primoroso, conforme se collige da summaria descripção que d'elle dá Severim de Faria, dizendo que é «de marmore, todo lavrado de figuras de meio relevo, & nos cantos duas maiores com escudos das suas armas nas mãos, & em cima do tumulo está a figura do mesmo Ioão Vaz armado ao modo antigo com huma espada na mão, & e aos pés um rafeiro deitado».

Antes de terminar esta revista epigraphica da velha cathedral, devo fazer menção d'uma lapide que cobria o sepulchro d'um

presbytero fallecido em 1282, que diz «em gothico maiusculo e minusculo, com abreviaturas e algumas pequenas falhas [1]»:

⁝ ✠ ⁝ A N N O ⁝ A B I N N C A R N A C I O N...
⁝ M ⁝ C C ⁝ L X X X I ⁝ E ⁝ M ⁝ C C ⁝ X X ⁝ X V

KLS ⁝ APRILIS	*A Virgem na ca-*	O B I I T ⁝ D Õ
N V S ⁝ HONORI	*deira com o Meni-*	C V S ⁝ E C C L E ⁝
S C̃I ⁝ P E T R I	*no no regaço, uma*	D E ⁝ C A N T O
N E T V ⁝ S A	*flor de lis na mão*	C E R D O S ⁝ IN I
S T O ⁝ S E P V	*direita; a seus pés*	LCRO ⁝ NOBILI ⁝
T V M V L A	*um clerigo ajoelha-*	T V S ⁝ C V I V S ⁝
M O R S ⁝ D E O	*do e de mãos pos-*	E T ⁝ H O M I
N I B V S ⁝ G R A	*tas em attitude de*	T A ⁝ F V I T ⁝
C R E A T O R I	*oração.*	O M N I V M ⁝ S Ẽ
P E R ⁝ G R		...T E S ⁝ A M E N

D'este D. Honorico, sacerdote da egreja de S. Pedro da villa de Cantanhede nada mais se conhece além do que diz o epitaphio. Todavia já é sufficiente o saber-se que a sua morte foi agradavel assim a Deus como aos homens. Faz-me lembrar do antigo epigramma que eu li não sei aonde, e dirigido a certo padre:

Jazes ahi; jazes bem:
E ninguem t'o leva a mal;
Que a Deus não fizeste bem,
E aos homens fizeste mal.

Ainda merece attenção outro lettreiro.

Este assigna no anno de 1362 o passamento d'outro presbytero, Domingos Apparicio, de Cantanhede, bem como a instituição de uma missa quotidiana e um anniversario perpetuo por alma do

[1] *Catalogo dos objectos existentes no museu de archeologia do* INSTITUTO DE COIMBRA, *1873-1877*.

fallecido e pelas de seus paes e bemfeitores, na capella de S. Julião do claustro da Sé. Diz assim:

✠ ⁝ HIC ⁝ IACET ⁝ DOMINICUS ⁝ APARICII ⁝ PRESBITER ⁝ DE CÃTANIDE ⁝ CUIVS ⁝ ANIMA ⁝ RE | QUIESCAT ⁝ Ĩ PACE ⁝ AMẼ ⁝ ET PRO ⁝ ANIMA ⁝ SUA ⁝ DEBET ⁝ CELEBRARI ⁝ COTIDIE | UNA ⁝ MISA ⁝ Ĩ ISTA ⁝ CAPELLA ⁝ BEATI ⁝ IULIANI ⁝ QUE ⁝ SIBI ⁝ FUIT ⁝ CÕCESA ⁝ PER ⁝ DOMINŨ | REIMŨDŨ ⁝ EPISCOPŨ ⁝ COLĨBRIEN ⁝ ECCIÃ ⁝ Ĩ ⁝ ISTA ⁝ CAPELA ⁝ DEBET ⁝ RECITARI ⁝ | HORE ⁝ CANONICE ⁝ ET ⁝ HORE ⁝ DEFŨTORŨ ⁝ ET ⁝ CAPELANUS ⁝ SUUS ⁝ DEBET ⁝ VENIRE ⁝ SUPER ⁝ SEPULTURA ⁝ | SUA ⁝ CŨ ⁝ CRUCE ⁝ ET ⁝ AQUA ⁝ BENEDICTA ⁝ ET ⁝ ETIÃ ⁝ PATRIS ⁝ ET ⁝ MATRIS ⁝ EIUSDẼ ⁝ ET ⁝ STE | PHANI ⁝ DULAMACAL ⁝ ET ⁝ DONE ⁝ IUSTE ⁝ DE ⁝ LEMIDE ⁝ ET ⁝ OMNIA ⁝ OMNI ⁝ DIE ⁝ DEBENT ⁝ ADĨ | PLERI ⁝ ITẼ ⁝ PRO ANIMA ⁝ CUIUSLIBET ⁝ ISTORŨ ⁝ OMNI ⁝ ANO ⁝ DEBET ⁝ FIERI ⁝ ANIUERSARIŨ ⁝ Ĩ ⁝ TALI ⁝ DIE ⁝ SICUT ⁝ | IPSI ⁝ MIGRAVERŨT ⁝ AD DOMINŨ ⁝ ET ⁝ QUILIBET ⁝ MISA ⁝ DEBET ⁝ CANTARI ⁝ SOLLENITER ⁝ PRO ⁝ ANIMA ⁝ ISTIUS ⁝ ET ⁝ | ALIORŨ ⁝ BENEFACTORŨ ⁝ PER ⁝ CAPELANŨ ⁝ SUŨ ⁝ ET ⁝ PER SUCCESORES ⁝ EIUS ⁝ Ĩ ⁝ PERPETUŨ ⁝ | ITA ⁝ UT ⁝ Ĩ ⁝ TESTAMENTI ⁝ SUI ⁝ LACIUS ⁝ CÕTINETUR ⁝ QUÃ ⁝ SUPRADITUS ⁝ DOMINICUS ⁝ APARICII ⁝ | OBIIT ⁝ Ẽ ⁝ M ⁝ CCCC ⁝

Estas duas ultimas inscripções pódem vêr-se tambem no Museu do *Instituto.*

Entráe no templo magestoso e venerando, aonde o sentimento religioso, o espirito cavalheiresco e o amor patrio se alliam nobremente. Vinde ao templo coroado de ameias, que lhe dão o aspecto de fortaleza, mostrando-nos ter havido tempo em que era um só o logar da oração e da lucta; vinde ao templo aonde a piedade se curvou reverente e submissa perante a imagem sublime do Christo; e aonde a perversidade e o fanatismo, como a irreveren-

cia e a vaidade se mostraram sob o manto da hypocrisia ou em toda a sua nudez; vinde ao templo aonde cada pedra é um monumento, testemunha impassivel de acontecimentos memoraveis; vinde ao templo cuja vetustez nos faz remontar á edade em que o rei *conquistador* lançava os fundamentos d'esta monarchia tão guerreira e tão nobre, que havia de abrir um dia o mundo á civilisação. Vinde, entráe; e, penetrados da sua imponente austeridade, evocáe os grandes vultos que pisaram esse lagedo. As suas sombras perpassarão ante vós, por entre essas columnas, á frouxa e mysteriosa claridade que neste recinto reina. No meio do silencio austero que enche essas abobadas ouvireis as vozes do primeiro Affonso e de seu filho a dizerem de suas victorias; o segundo Sancho a queixar-se da rebeldia de seus vassallos e da ingratidão de sua esposa; Pedro o *justiceiro* a murmurar de mistura com suas supplicas o nome querido do seu coração. Ouvireis a voz potente do vencedor de Aljubarrota, e a voz melancolica do vencido de Al-Kasser-Kébir... Evocáe tambem as bellezas que alli passaram: vereis assomar, por entre as columnas do *triforium*, o bello mas impudico rosto de D. Mecia de Haro; o semblante angelico da rainha D. Isabel; o donairo principesco de D. Vetaça; vereis assomar o rosto gentil e pudibundo do mais adoravel vulto feminil da nossa historia, Ignez de Castro....

CAPITULO VII

A rua da *Ilha* e a *Imprensa da Universidade* — A imprensa em Coimbra — A *Academia Liturgica* — O jornalismo conimbricense — O beco e o *Rancho da Carqueja* — A rua dos *Coutinhos* — O padre Fonseca e uma fabula de Lafontaine — A rua das *Covas* e a rua do *Norte* — A rua do *Cabido* e os *chicaras* — O *bacorinho* — A Sociedade dos *Divodignos* — A egreja do *Salvador* — A *mantilha*, o *capote e lenço* e a *barretina* — A rua das *Covas* — A egreja de *S. João de Almedina* — Attentado de D. João Peculiar — O *Paço do Bispo* — Bispos — O antipapa Clemente VII — Onde era o aljube.

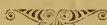
M diversos sentidos irradiam do largo da Sé Velha varias ruas, em nada notaveis pela architectura de seus edificios, mas dignas de nota algumas d'ellas pelas memorias que lhes estão ligadas. Já disse das ruas de Quebra-Costas e de J. A. de Aguiar; falarei agora d'outras.

Á esquerda de quem sáe pela porta principal do antigo templo, começa a rua da *Ilha*, que menciono apenas por estar nella a entrada principal da *Imprensa da Universidade*.

É importante este estabelecimento, cujo edificio foi construido *ad hoc*, sobre o claustro da Sé Velha e terrenos adjacentes, por ordem do marquez de Pombal, quando tratou da reforma da Universidade.

Muito vasto, muito bem disposto, muito bem provido de typos

variados e prélos, e de tudo o mais que se requer, ou apenas é util, numa officina d'este genero, é um dos estabelecimentos que mais honram Coimbra. Emprega um grande pessoal, a que aproveita o *Monte-pio da imprensa da Universidade*, fundado em 1849 exclusivamente para os respectivos empregados.

Muito anteriormente tinha já a Universidade officina propria. Em 1546, D. João III fez mercê ao *Estudo* d'uma typographia, que foi installada nas *casas dos paços d'el-rei*, e da qual foram administradores João Alvares e João de Barreira, honrados com o privilegio de impressores da Universidade. Havendo-se, porém, inutilisado o material typographico, viu-se a Universidade, passado tempo, na precisão de procurar officinas alheias, para as suas impressões; isto durou até 1757, anno em que, pela extincção dos jesuitas e sequestro dos bens d'elles, obteve a concessão da imprensa da companhia, de que se serviu até á reforma mencionada.

Cabe neste ponto dar uma rapida noticia da typographia em Coimbra.

A primeira imprensa, que houve na cidade, foi a do mosteiro de Santa Cruz. O prior D. Dionysio de Moraes estabeleceu-a em fins de 1530, incumbindo da direcção d'ella German Galharde, ultimando-se aos 8 dias de abril do anno immediato a impressão do livro: *Breviarivm secvndvm vsvm ecclesiae S. ✠ Colimbriẽsis ord.s canõ. reg. D. Aug̃ post eius reformationem restituti ac reformati.* É este o mais antigo monumento typographico conimbricense, que constitue uma das maiores raridades bibliographicas. Esta imprensa passou em 1577 para o mosteiro de S. Vicente de Fóra de Lisboa.

Iniciada pelos conegos regrantes a arte de Guttenberg em Coimbra, começaram a affluir nella as officinas. Eis algumas das mais notaveis:

De 1544 a 1586 — Imprensa dos já mencionados João Alvares

e João de Barreira (este ainda a teve sósinho até 1590). Usaram, por divisa, uma esphera com a legenda — *Spera in Deo, et fac bonitatem.*

De 1549 a 1555 — Francisco Correia imprimia numa officina, pertencente ao collegio real das artes ou escolas menores, á entrada da Sophia, onde mais tarde esteve a inquisição. Em 1555 era reitor d'este collegio o dr. Diogo de Teive, que estivera no collegio de Santa Barbara de Paris. D. João III, dominado pelos jesuitas, por carta de 10 de setembro d'esse anno lhe ordenou que entregasse as *lettras* e *matrizes* da imprensa do collegio ao guarda do cartorio da Universidade, Fernão Lopes de Castanheda.

De 1556 a 1600 — Officina de Antonio de Mariz, a que já tive occasião de alludir. Teve, por morte de João de Barreira, privilegio de impressor da Universidade.

De 1587 a 1596 — Typographia de Antonio de Barreira, filho de João de Barreira, que continuou com o cargo do páe.

De 1600 a 1650 — Imprensa de Diogo Gomes de Loureiro, genro de Antonio de Mariz.

De 1608 a 1609 — Estabelecimento de Pedro Craesbeeck, de Anvers, que publicou o trabalho do jesuita Francisco Soares Granatense — *Opus virtute, et statu religionis.*

De 1611 a 1632 — Officina de Nicolau Carvalho, que teve os privilegios de impressor da Universidade, de *armador dos autos* e capella do mesmo estabelecimento, e de livreiro do bispo-conde.

De 1651 a 1672 — Thomé Carvalho, impressor da Universidade, que comprou a officina e casas de Diogo Gomes de Loureiro.

De 1672 a 1707 — Typographia de José Ferreira, impressor muito habil, e pessoa muito considerada, segundo se colhe de ter sido em 1701 eleito vice-ministro da ordem terceira, na qual professára em 13 de fevereiro de 1666.

De 1710 a 1759 — Imprensa do real collegio das artes, a que já alludi, importantissima pela abundancia e variedade de typos.

De 1757 a 1767 — Imprensa da Academia Liturgica. Esta

Academia, instituida pela bulla *Gloria Domini* de 1747, foi installada no mosteiro de Santa Cruz. Os seus estatutos foram feitos pelo bispo D. Miguel da Annunciação e têm a data de 25 de fevereiro de 1758. A Academia Liturgica foi inaugurada aos 16 de março d'esse anno; Benedicto XIV teve-a em muita consideração e presenteou-a com o seu busto em marmore (que ainda existe), com a escrivaninha d'oiro, que servira no concilio tridentino, etc. Esta academia foi extincta por accordam de 25 de agosto de 1767, por ordem do marquez de Pombal.

Longe levaria o falar aqui da imprensa conimbricense posteriormente á ultima data que fica apontada. Limito-me apenas a lembrar que, entre outras typographias, a *Imprensa Litteraria* gosa hoje de bons creditos.

Falar da imprensa, exige que se fale do jornalismo. Desde que em 1808 se começou a publicar na cidade do Mondego a *Minerva Lusitana,* ininterruptamente alli se têm impresso jornaes, assim litterarios como politicos, uns de longa vida, outros de existencia ephemera. Hoje, entre as folhas politicas, além do *Conimbricense* [1] (que data de 1854, e já se publicava com o nome de *Observador* desde 1847), merecem menção o *Tribuno Popular,* a *Correspondencia de Coimbra*, e o *Jornal de Coimbra*; e entre os litterarios, *O Instituto*, o *Jornal de Sciencias Mathematicas*, a *Coimbra Medica* e a *Folha Academica.*

Quasi fronteira ao portal da antiga sé, fica a entrada do beco da *Carqueja*, beco insignificante que na extremidade opposta se bifurca, desembocando nas ruas de J. A. de Aguiar e da Ilha. Este becco é memoravel porque, segundo parece deu nome a uma

[1] O *Conimbricense*, de que é proprietario e redactor o meu patricio e amigo Joaquim Martins de Carvalho, decano dos jornalistas portuguezes, é desde muito um excellente repositorio de noticias de toda a sorte para a historia de Coimbra. Veja-se, sobre a imprensa em Coimbra, a segunda parte da obra *Apontamentos para a historia contemporanea* pelo mesmo jornalista.

célebre associação academica do seculo passado, conhecida pelo nome de *Rancho da Carqueja*. Este bando temivel praticou as maiores violencias. O auctor da *Feição á moderna* [1] refere-se do seguinte modo a esta associação: «Muitos, e diversos generos de boa feição tem havido, segundo os fins, a que cada hum a quer accomodar. He filha legitima da ociosidade, e companheira inseparavel da ridicularia. Muito tempo andou disfarçada em Coimbra com a sordida larva da valentia, de tal sorte, que não tinha feição, quem não matava, ou feria, ou fazia outros insultos, que são effeito de tirannia. Atreveo-se a tanto esta cruel feição, que poz editaes, congregou exercito, a que chamárão o Rancho da Carqueja. Não me detenho em vos contar o fim, que teve esta diabolica feição, porque assaz é sabido no nosso Reino.» Esse fim foi muito triste. Todos os academicos foram presos, mas só dezesete se acharam compromettidos, e dezeseis d'estes, conseguiram sair da prisão pouco depois, em consequencia de se lhes não terem provado os crimes de que eram accusados. Sómente um expiou no patibulo os crimes que commettêra: chamava-se Francisco Jorge Ayres. Foi enforcado em Lisboa aos 20 de junho de 1722; e a sua cabeça, conduzida para Coimbra, esteve patente no alto d'um poste na praça de S. Bartholomeu.

Os estudantes mais ou menos compromettidos no Rancho da Carqueja foram, além de Jorge Ayres: padre Vicente Gonçalves Lobo, padre Francisco Ferreira de Góes, padre José da Silva Coutinho, João Pedro Ludovico, Manuel Antonio Ramos, José Rodrigues Esteves, José Antonio de Azevedo, Antonio da Costa Silva Pescada, Manuel Pereira Coelho Manso, Roque Monteiro Paim, Antonio Maceiro, Jeronymo de Figueiredo, José da Horta, José Pereira Manoio, José da Cunha Borges, e Antonio Carneiro dos Santos. Tambem ficou compromettido um creado de servir, de nome José Pereira.

[1] *Macarronea latino-portugueza* . . . Quarta impressão . . . p. 146.

A rua dos Coutinhos, que do largo da Sé Velha váe até o Collegio Novo, nada tem de notavel; todavia merece dizer-se que alli estabeleceu uma imprensa em 1823 o padre Manuel Nunes da Fonseca, homem de convicções profundas. O leitor conhece provavelmente aquella fabula de Lafontaine, que tem por titulo *O Satyro e o viandante.* O viandante é convidado pelo satyro a tomar parte na sua refeição:

> Son hôte n'eut pas la peine
> De le semondre deux fois.
> D'abord avec son haleine
> Il se réchauffe les doigts;
>
> Puis sur le mets qu'on lui donne,
> Délicat, il souffle aussi.

O satyro fica admirado e pergunta ao seu hospede qual o motivo por que, tendo soprado ás mãos, sopra tambem á comida. O viandante responde-lhe:

> L'un refroidit mon potage;
> L'autre réchauffe ma main.

Ouvindo isto, põe o satyro o seu hospede na rua, dizendo-lhe:

> Ne plaise aux dieux que je couche
> Avec vous sous même toit;
> Arrière ceux dont la bouche
> Souffle le chaud et le froid!

Ora, o padre Fonseca, que teve as honras de ser bacharel em canones, reitor da sé, e examinador synodal, como vigorava o systema constitucional na occasião em que estabeleceu a sua *Typographia da rua dos Coutinhos*, imprimiu nella muitos pamphletos, livros e gazetas essencialmente liberaes, como a *Minerva Constitucional* de Moura Coutinho, e *O Amigo do Povo* de Manuel e José Passos.

Quando, porém, em julho de 1823 foi restabelecido o regimen absolutista, o virtuoso padre accrescentou o qualificativo *christão* na taboleta da officina; e, juntando-se com o reaccionario fr. Fortunato de S. Boaventura, começou a publicar uma multidão de obras, mais ou menos extensas, contra o erro e a impiedade, contra os herejes pedreiros livres, etc., etc.

Como se vê o padre Fonseca soprava o quente e o frio.

As outras ruas, que desembocam no largo da Sé Velha, são as do *Cabido*, das *Covas*, e do *Norte*. Esta ultima, aonde está a loja dos livros e uma das entradas da imprensa da Universidade, conduz aos *Paços das Escolas*; a antecedente deve ser tomada de preferencia por quem se dirigir para o largo de *S. João*. Tanto d'uma como da outra nada mais direi agora.

Mas, quanto á rua do Cabido, ha que relatar. Veiu-lhe o nome, segundo parece, de antigamente estarem situados á entrada d'ella os celleiros do cabido.

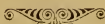
No edificio que os substituíra, esteve, pelos annos de 1850 o theatro da *Assembléa Recreativa*, mais commumente chamado *Theatro da Sé Velha*, que teve seus dias de celebridade.

Numa casa d'esta rua havia em 1823 uma loja de *jardineiros*, cujos membros. da alcunha d'um dos estudantes moradores na mesma casa, eram mais conhecidos pelo nome de *chicaras*. Tendo-se descoberto em 11 de julho d'aquelle anno essa loja, os sectarios do absolutismo ergueram grita contra os inimigos do throno e do altar, tornando-se notavel sobre todos um beneficiado da egreja de S. Christovam, João Duarte Beltrão.

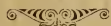
Este homem, apenas soube da descoberta da loja, compoz e imprimiu na imprensa da Universidade uma descripção d'ella, descripção famosa pela toleima e pela insidia. Ahi dizia o padre que se haviam encontrado na «spelunca latronum», entre outras coisas, «muitas cobertas de varias côres, azul, verde, branca, e um

panno preto, em que se achavam varias letras feitas com retroz amarello. Alguns vestidos, que se parecem com os que traziam os judeus, algumas camisolas pretas, um como capa de *asperges*, mais outras muitas mitras com a caveira pintada, e os ossos atravessados... Uma lata com cano comprido, e por modo de apagadores de velas, com seus buracos, tendo no mesmo ainda alguns pavios; outro similhante, porém muito grande da mesma construcção, mas o apagador é do tamanho de umas conchas de pesar arroz, quatro capiteis branqueados com prata ou estanho, duas corôas imperiaes tambem branqueadas, tendo inserido em uma o sol, e noutra a atmosphera, dois resplendores, um punhal, uma caveira pintada de preto com seus arames para o fim que a pedreirada sabe, muitos ossos humanos todos numerados, um globo de lata...»

Vê-se do transcripto que o virtuoso sacerdote não era dos mais correctos em linguagem, nem tambem muito atilado: a corôa imperial com a atmosphera tem uma graça especial. Em seguida á mesma descripção, formando o capitulo segundo do opusculo, publicou o padre uma imaginaria representação dos povos de Condeixa, Monte-Mór, Figueira, Aveiro, Coimbra, etc., na qual se observava á *real magestade* de D. Miguel «que seria muito util até para os dictos pedreiros livres remettel-os ás *Siberias*, que ahi com o fresco do clima póde ser que se curem.»

Da sociedade dos *jardineiros* fazia parte Garrett. Em um numero da *Gazeta de Lisboa* do sobredicto anno appareceu um artigo contra os mações, em que se dizia: «A proposito, a irmandade a que pertencia a loja de *Coimbra* acima mencionada, denominava-se dos *Jardineiros:* figurou nella muito *J. B. da S. L. G.*, vulgo o *bacorinho*, (o auctor do *Retrato de Venus*), que no ministerio passado de *Silva Carvalho* e companhia, foi feito official da secretaria de estado dos negocios do reino, e que me dizem d'ahi desappareceu...»

Vem aqui a proposito dizer algumas palavras ácerca d'outra sociedade secreta que houve em Coimbra, a dos *divodignos*, formada quazi exclusivamente de estudantes, e de que era presidente Francisco Cesario Rodrigues Moacho. Esta sociedade tornou-se célebre, pelo crime praticado por alguns dos seus membros, assassinando perto de Condeixa, a 18 de março de 1828, dois lentes da Universidade e ferindo outros, que compunham a deputação que o primeiro estabelecimento scientifico do paiz enviava a Lisboa, a felicitar D. Miguel pela sua chegada; os membros da deputação enviada pelo cabido tambem foram feridos.

A sociedade tinha commissionado treze dos seus membros *unicamente* para irem tirar aos deputados as felicitações de que eram portadores; tres d'elles, porém, Delfino Antonio de Miranda e Mattos, Bento Adjuto Soares Couceiro e Antonio Correia Megre, que tinham particulares motivos de animadversão contra os lentes, praticaram o hediondo crime, apezar da opposição dos seus companheiros. Nove dos commissionados foram logo presos, e enforcados em Lisboa no Caes do Tojo, em 20 de junho seguinte. Dos quatro que poderam escapar-se, ainda um, por nome Antonio Maria das Neves Carneiro, chegou a cair nas mãos da justiça, e subiu á forca em 9 de julho de 1830, no local que fora theatro do supplicio dos seus companheiros.

Foram infructiferas todas as tentativas para dar fuga a estes desgraçados, todos os esforços para os poupar ao supplicio.

Da rua do Cabido póde passar-se para um dedalo de ruas estreitas e tortuosas, que ficam a leste das do Collegio Novo e dos Coutinhos, já conhecidas do leitor, e ao norte do largo da Sé Velha.

Mas, deixando esse labyrintho, a dizer a verdade, um pouco menos complicado que o de Creta, e certamente muito menos interessante, subamos até ao cimo essa rua do Cabido, aonde encon-

tramos um pequeno largo, que toma o nome d'um antigo templo que alli se ergue.

Esta egreja de *S. Salvador*, vulgarmente *do Salvador*, data sem duvida do ultimo quartel do seculo XI, e é considerada a mais antiga da cidade. Além de que assignam essa epocha, como sendo a da sua edificação, os caracteres architectonicos,[1] ascendem ao anno de 1064 as memorias d'esta egreja, pois se encontra mencionada num inventario dos frades do mosteiro da Vaccariça. Depois, em 1093, *em dias de Martinho Moniz e de sua mulher Elvira Sesnandiz*, apparece uma doação feita por João Gundesendiz «ad Aulam Sancti Salvatoris», obediencia ou priorado da Vaccariça, situada no sitio de *Mirleus.*[2]

No anno immediato, o conde D. Raymundo fez á Sé de Coimbra doação do mosteiro da Vaccariça, com todas as suas pertenças; e em 1095, foi doada por Bailessa e seus filhos á egreja de S. Salvador e ao mosteiro sobredicto a ermida de S. Martinho.

Na portada principal desta egreja, no exterior e do lado da epistola, nota-se uma inscripção e perto d'ella, noutra pedra, uma esculptura. Esta é hoje inapreciavel, por estar muito gasto o relevo; felizmente, porém, Gasco conservou memoria d'ella, notando que no seu tempo representava «um homem a cavallo todo armado, como quem vai correndo.»

A inscripção diz assim:

† S T E P H A N V S
m A R T I N I : S V A
SPONTE : FECIT : HVNC
PORTALEM : LETA ⁝
FRONTE ⁝ E ⁝ M ⁝ CC ⁝
VII ⁝ E ⁝ M

[1] Filippe Simões, *Reliquias da architectura romano-byzantina* . . . e *Da architectura religiosa em Coimbra durante a edade média.*

[2] Viterbo, *Elucid.* s. v. *Mirleus.*

A egreja, que nada tem de notavel, a não serem reliquias architectonicas, é de tres naves com tectos de madeira, o que bem demonstra a sua antiguidade. As columnas que dividem as naves são cylindricas e têm uma certa elegancia.

Á direita ha uma capella mandada construir por uma dama Guiomar de Sá, segundo reza o lettreiro gothico do seu tumulo, collocado sob um arco na parede, e que tem esculpidos os brazões dos Barros, e dos Sás (as palavras em italico estão escriptas em caracteres romanos):

ESTA . CAPELLA . E . ESTA . SEPULTURA . MÃDOU . FAZER GUIMAR . DE . SAA . P̃A . DEITAR . HO. M.^{TO} HONRADO. A^{O}. DE . BARROS . CAUALEIRO . DA . CASA . DEL . REY . SEU . MARIDO . HO . QUAL . AQUI . JÃZ . E . ELLA . MÃDA . A . SEU . TESTAMẼTERO . QUÃDO . ELLA. FALECER. Q̃. ALACẼ. CÕ. ELLE. HO. Q̃LL, FALECEO. AOS. XVIII. DE FEV.^{O} DE . MILL . V^{C} . XV . ÃNOS . *a qval gviomar de sa ias aqvi . faleceo a ix... dovtvbro de i . s . xxxii .*

Outro monumento epigraphico pertence á egreja do Salvador, «na parede da capella de S. Marcos..., na face exterior do lado que olha para o quintal da mesma igreja.» Na lapide, de um palmo de largura por palmo e meio de altura, vê-se ao centro a cruz da ordem dos templarios; nella se lê a seguinte inscripção:

EGO . VERMVDVS . VERMVDI . ACCEPI
ISTVM . MONV MENTVM

cruz da ordem
dos templarios

X ⋮ II ⋮ DIES ⋮ TRNSACTIS ⋮ DE ⋮ APRILIS
ERA ⋮ M ⋮ CC ⋮ XX ⋮ IIII^{a} ⋮

Manuel da Cruz Pereira Coutinho, que foi prior de S. Chris-

tovam (Sé Velha), paleographo e epigraphista distincto, tratando d'este monumento, no n.º 6 do seu *Antiquario Conimbricense*, observa o que passo a transcrever, e que eu considero muito interessante:

«O local que a lapide hoje occupa não parece ser o primitivo; porque nem juncto da parede se encontra signal algum de alli ter havido monumento sepulchral, nem a sua pouca grossura o podia conter. Donde viria pois este mudo pregoeiro da eternidade? Onde seria elle primeiramente collocado? Aonde existe o deposito dos restos mortaes deste desconhecido Vermudo? Á historia pertencia a resposta: ella porém emmudece á nossa pergunta: nem ao menos nos offerece um tenue fio, que nos encaminhe no intrincado labyrintho dos seculos. Continue o Senhor Vermudo a ser tão ignorado de nós como o são quasi todas as cousas da sua remota edade. Esta cruz era a insignia da Ordem dos templarios; era o emblema que tremulava nas bandeiras d'esta Milicia. Ella nos indica que Vermudo Vermudez foi membro da mais antiga das Ordens Militares Religiosas.

«Defronte da Inscripção, e a poucos passos d'ella, na baze da torre dos sinos se descobre quasi entulhada uma especie de carneiro de abobada. Era nestas cavidades abertas nas paredes das Igrejas, que naquelles tempos a Religião costumava dar eterno descanço aos despojos mortaes das pessoas illustres; até que a devoção em tempos mais proximos a nós, os foi trazendo para dentro dos templos. Existe uma relação tão intima entre estes dous monumentos, e a rudeza da Inscripção que não se póde duvidar, que o gosto do seculo doze ainda alli domina, e que a lapide por algum incidente deslocada do seu primitivo assento, seria transportada mais tarde, para o logar que hoje occupa.»

Mas deixemos Vermudo Vermudez e a egreja do Salvador.

Quando eu era pequeno, quando eu usava calçinhas curtas, nesse tempo em que o *menino* era levado a assistir á missa, isto é, a um acto de que nada podia entender, nesse tempo, ahi de 1858 para 1859, lembro-me perfeitamente de ter visto ainda algumas senhoras de mantilha, principalmente na semana-santa. Comquanto eu então apreciasse muito o cortar *bonecos* de livros e collal-os em papel, para desassombrar as figuras das lettras, confesso que, todas as vezes que percebia que iamos á missa ao Salvador, não cabia em mim de contente. É que, naquella egreja encontravamos sempre as senhoras S***, a casa de quem iamos depois da missa. Ora a casa das senhoras S***, e as donas d'essa casa tinham a arte de me attrair. A casa attraía-me, porque na sala havia sobre as mesas um papagaio e um gato empalhados, e uma recova de cavallinhos de vidro, e um pavão tambem da mesma materia cuja cauda era composta de vidro em cabello. Eu mirava e remirava o papagaio e o gato na sua immobilidade, ficavam-me os olhos nos cavallinhos sempre a galloparem e sempre no mesmo sitio, admirava o pavão, e anciava sempre por ouvir dar horas ao relogio que estava sobre uma das mesas, porque, emquanto soavam as pancadas do martello, se via a agua a correr, o moinho a andar e o rachador a partir lenha. A casa attraía-me por isto. Quanto ás senhoras S***, essas attraíam-me, porque me davam uns certos bollinhos, muito melhores que especiones, acompanhados invariavelmente da seguinte observação, filha da prudencia e da experiencia:

—Isto faz lombrigas, mas...

Devo ser—e sou—grato á memoria d'aquellas excellentes creaturas, que me deram tantas gulodices; todavia não posso deixar de rir-me ainda hoje do aspecto que as tres senhoras—mãe e filhas—apresentavam quando iam á missa. As suas tradicções de familia, o seu recato, a sua devoção, não lhe permittiam adoptar a moda. Nada direi da saia, ou vestido, preto quasi sempre, e, quando não preto, então da cor da tunica do *senhor dos passos*; mas a mantilha...

Creio que ainda nalgumas partes do nosso Portugal se vêem as classicas mantilhas; mas a mantilha de Coimbra era muito differente das outras,—pelo menos não me consta que noutra parte se usassem do feitio d'aquellas. Compunha-se d'uma tira de papelão grosso arqueada e convenientemente coberta de fazenda preta; collocada sobre a cabeça e segura sob o queixo por fitas, caía o panno preto exterior pelas costas e peito a modo de mantéo. Até aqui não ha nada extraordinario; mas de diversos pontos do papelão que cobria a cabeça partiam algumas barbas de baleia que a distancia de dois palmos da testa se uniam formando vertice, tudo isto coberto de fazenda egual á restante e apresentando a figura da maxilla superior do Ramphoryncho ou, melhor, do Pterodactylo...... E que lindos rostos, que rosadas e mimosas faces se escondiam sob esse hediondo e ridiculo trajo!

Mas foi o que usaram as damas do *high-life* d'outr'ora; quem não trajava de mantilha, tinha de pôr o capote de cabeção e o lenço de cambraia muito branco e muito gommado. O bico formado atraz da cabeça pelo lenço era a perfeita antithese do bico da mantilha. As senhoras S*** foram, creio eu, as ultimas damas que usaram da mantilha. As outras usavam *barretina*, que assim chamavam ao chapellinho de senhora. A origem d'esta denominação deu que fazer a alguns sabios, sendo a opinião mais seguida que tal nome se lhes applicou, das muitas plumas com que eram adornados, á maneira dos penachos dos porta-machados.

A rua das Covas, hoje de *Borges Carneiro*, que do largo da Sé Velha sóbe para o levante, conduz ao *Largo de S. João*, aonde se encontra o *Paço do Bispo* paredes meias com a egreja de *S. João de Almedina*.

Esta egreja, pequena e sem coisa alguma interessante, a não serem alguns paineis devidos ao pincel do italiano Paschoal Parente, que viveu até aos fins do seculo passado, foi edificada pelo

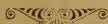
bispo-conde D. João de Mello; não é portanto anterior a 1684. Antes d'esta, porém, e no mesmo local, existiu outra egreja antiquissima, que foi theatro d'algumas gentilezas do célebre D. João Peculiar, arcebispo de Braga, já atraz mencionado. Este homem violento e ingrato, tendo alcançado posição, esqueceu-se dos favores que devia ao cabido de Coimbra, e (não se conhecem as razões da desavença) invadiu a cidade com força armada, praticando gravissimos attentados e sacrilegios. Quebrou as portas da egreja de S. João d'Almedina, onde residia o bispo D. Bernardo, e despojando tambem os altares, e partindo frontaes, candelabros, e outras alfaias, roubou o que lhe conveiu do templo, como roubou os celleiros do cabido, que mandou arrombar.

Nesta desavença do arcebispo de Braga com D. Bernardo, e que continuou com o successor d'este, D. João Anaia, quiz o papa interpôr a sua auctoridade. Mas o diabolico arcebispo riu-se do papa e zombou de suas ordens, dizendo que cada qual governa em sua casa, que «elle nas suas terras era tanto como o papa».

Sobre a porta da antiga egreja lia-se a seguinte inscripção, que conservou um manuscripto [1] da bibliotheca publica de Lisboa:

OCTAVO KALENDAS MAII OBIIT
FAMULUS DEI MICHAEL PETRI
QUI SUO SENSU PROPRIO HANC
ECCLESIAM AB EPISCOPO DOMINO
PETRO FECIT CONSECRARI. ERA
M . CCXIIII .

Ou este lettreiro foi mal lido e copiado, no que respeita á data, ou o bispo D. Pedro, a que nelle se allude, não era prelado de Coimbra; pois o primeiro bispo d'este nome (D. Pedro Soares) regeu a Sé de 1192 a 1233.

---

[1] *Coimbra Gloriosa*, por Joaquim José da Silva Pereira.

O *Paço do Bispo*, como em Coimbra lhe chamam, data do tempo do prelado D. Miguel Salomão (1162-1176), o qual no mez de dezembro do anno de 1164 comprou a Pero Paes, a Godinha Pires, mulher d'este, e aos filhos d'elles, umas casas que possuiam naquelle local. Reformadas estas casas successivamente e restauradas pelo bispo D. Affonso de Castello Branco, tornaram-se o paço episcopal, por este prelado enriquecido de tudo o que entendeu dever ter o palacio d'um principe. Gastou nisso mais de oitenta mil cruzados. Eram sobre tudo famosos os pannos de rás que o adornavam.

A munificencia de D. Affonso de Castello Branco é proverbial. Sendo o seu coche o primeiro que appareceu em Coimbra, segundo parece (e, apezar de ter coche, ia para a Sé a pé e de cajado na mão), uma vez que assistia á sessão da camara municipal, disse-lhe em tom de graça um vereador:

—O coche de vossa senhoria tem desfeito todas as calçadas.

Resposta do bispo:

—Já os entendo. Bastam cincoenta mil réis de juro para ellas.

A camara, em signal de gratidão para com este bispo, que encheu de beneficios a cidade, costumava apregoal-os annualmente em Domingo de Ramos, á porta da Sé. D. Affonso, filho de D. Antonio de Castello Branco, que ao deante tomou ordens e chegou a ser deão da capella real, foi assumpto ao alto cargo de vice-rei, repartindo então pelas ordens religiosas pobres oito mil cruzados dos seus redditos.

Dos prelados da egreja de Coimbra anteriores á restauração do bispado em tempo de Fernando Magno, mencionarei Nausto que governou de 866 até 912, e Diogo que regeu a diocese desde este anno pelo menos até 922. A lista d'esses prelados é muito difficultosa de fazer, dando logar a discussões que são incompativeis com a indole d'esta obra.

Quanto aos que empunharam o bacculo na egreja conimbri-

cense, depois da citada restauração, seria longo fazer neste logar a sua relação. Desde D. Paterno, bispo de Tortosa, então em poder dos moiriscos, que se sentou na cadeira de Coimbra em 1080, até ao actual bispo-conde, D. Manuel Correia de Bastos Pina, que a occupa desde 1870, sessenta e um prelados têm havido. De alguns já tenho falado, e terei ainda occasião de mencionar outros.

Direi aqui apenas que um dos mais célebres foi o terceiro da série começada em D. Paterno, D. Mauricio, de alcunha o *Burdino*, e natural de Limoges, que governou a diocese desde o anno de 1099 até 1108, em que passou a ser arcebispo de Braga. Este homem, d'uma desmedida ambição, foi em 1118 eleito anti-papa com o nome de Gregorio VIII, em opposição a Gelasio II. No pontificado d'este ultimo, foi elle preso e recolhido com habito monastico como penitente no mosteiro napolitano de Cava, sendo transferido em 1124 pelo papa Honorio II para o castello de Fumão, onde falleceu.

E direi tambem de D. Francisco de Lemos, que foi dos mais faustosos e singulares homens do seu tempo, contando-se d'elle muitas anecdotas mais ou menos curiosas. Uma das mais caracteristicas é a seguinte. Hospedando-se, no tempo da invasão franceza de 1809, no paço episcopal o general inglez Beresford, notou que em tres dias successivos appareceu o bispo vestido de differente modo; e, perguntando qual o motivo por que o prelado trajava de varias maneiras, coisa ao parecer extraordinaria, foi-lhe respondido, que Sua Excellencia tinha o direito de se vestir como *Conde de Arganil*, como *Senhor de Coja* e como *Alcaide-mór de Avô*, titulos estes que todos eram (e são ainda) inherentes ao cargo de bispo de Coimbra.

Fronteiro á entrada do paço episcopal eleva-se um grande predio sem caracter, uma casa particular que não attráe por coisa alguma os olhares. Todavia, eu, ao sair com Robinson da egreja de

S. João de Almedina, que elle desejou ver — para ver tudo —, disse ao meu companheiro, indicando a casa:

— Eis alli...

— O quê?

— O sitio onde era o aljube. A cadeia civil. Alli esteve preso de 1828 para 1829, durante as nossas lutas civis, alguem cujo maior crime era, segundo a denúncia, o *ter em sua casa o diabo, em figura de mono preto, e adoral-o.*

— Quem foi a victima? perguntou-me Robinson.

— Foi meu páe.

CAPITULO VIII

A *Universidade* — Fundação e transferencias — Estabelecimento definitivo e primeira restauração — Os Paços da Universidade — A *Porta-Ferrea* e a *Porta de Minerva* — O *Terreiro* — A *Via Latina* e a *Sala dos Capellos* — Cerimonia do capello, antigamente e hoje — Os *Geraes* — A sala dos *exames-privados* — A torre e a *cabra* — A capella — A bibliotheca — O observatorio astronomico — O collegio de *S. Pedro* — Reitores — Estatutos — Reforma de 1772 e o seu centenario — Privilegios e festividades — Commemorações politicas — Lentes — Bedeis e archeiros.

L-REI D. Dinis, ou fosse por alguns prelados, abbades e reitores de diversas egrejas e mosteiros lh'o pedirem, ou fosse por iniciativa sua propria, instituiu em Lisboa um *Estudo geral* para se lerem todas as sciencias. O anno preciso da fundação do *Estudo* não é conhecido; sabe-se, porém, que em 1290 já esta instituição existia, pois que foi confirmada pela bulla *De statu regni* do papa Nicolau IV a 5 dos idos de Agosto do terceiro anno do seu pontificado, data que corresponde a 9 de Agosto do sobredicto anno. Dirige-se o pontifice *dilectis filiis Uniuersitati Magistrorum et Scolarium vlixbon.*, e refere-se aos estudos «de novo plantados pela muita e louvavel providencia do illustre rei D. Dinis».

Passada a Coimbra ainda no reinado de D. Dinis, com aucto-

risação de Clemente V, por bulla de 26 de fevereiro de 1308, ahi se conservou até 1338. Deve todavia notar-se que em janeiro do anno antecedente (1307) já a Universidade estava em Coimbra, como se vê d'umas constituições por ella feitas, e d'uma carta do predicto rei datada de 27 de janeiro do mesmo anno. Parece que esta trasladação da Universidade foi motivada por discordias que houve entre os escolares e os habitantes da capital.

D. Affonso IV que fizera a transferencia para Lisboa, de novo a passou a Coimbra por uma provisão de 6 de novembro de 1354. E em 1377 D. Fernando tornou a mudal-a para Lisboa, suppondo-se que levou a isso o recusarem-se a ir para Coimbra alguns dos professores que haviam sido chamados do estrangeiro.

Finalmente em abril de 1537 foi novamente trasladada para Coimbra; foi D. João III, esse rei fanatico e inepto, esse hypocrita que no nosso paiz accendeu as fogueiras da inquisição, foi elle quem, sem duvida inconscientemente e só para competir com Paris, Bolonha, Salamanca e Oxford, passando o estudo, ou *Escolas Geraes* para Coimbra, tomou a peito fundar uma Universidade famosa a todos os respeitos.

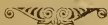
Este nome de Universidade, como o diz Paulo Lacroix (bibliophilo Jacob), dado ao conjuncto dos diversos estudos, proveiu da formula *Noverit Universitas Vestra*, empregada nas actas e ordenações publicadas em nome das Escolas de Paris, formula tambem applicada a todos os protocolos e á frente de todos os diplomas passados pelo mestre e dirigidos aos discipulos. Universidade passou pois a designar a totalidade dos estudantes, em seguida a instituição escolar, e finalmente o edificio, o bairro, e ainda até a cidade. Entre nós, «andar na Universidade» é synonimo de «estar em Coimbra».

Data do ultimo estabelecimento a epocha brilhante da Universidade, cujos cursos de humanidades foram abertos no mosteiro de Santa Cruz em maio de 1537, e os de sciencias na propria casa do reitor, sita á Porta de Belcouce. Os primeiros lentes foram: em theologia, o Dr. Affonso do Prado, Francisco de Menson e Fr. João

Pedro; em canones, o licenceado Francisco Coelho; em leis, o desembargador Gonçalo Vaz Pinto, o Dr. Lopo da Costa, e o bacharel Antonio Dias. Os lentes de artes e humanidades ficaram sob a ordens de Fr. Braz de Braga, governador do mosteiro de Santa Cruz. O reitor era então D. Garcia de Almeida, sobrinho do munificente bispo de que falei noutra parte.

Depois de algumas questões de pequena importancia, por uma carta de 23 de setembro de 1537, mandou o rei mudar os estudos para os seus paços, preparando-se ahi as casas que o reitor e os lentes escolheram para as aulas.

Esta primeira restauração da Universidade foi brilhante, relativamente á epocha, mas o desastre de Al-Kasser-Kébir estendeu a sua perniciosa influencia ao estabelecimento scientifico. O *rei maldito*, tendo usurpado o throno portuguez, zombou ao principio, com boas palavras, da corporação universitaria, e acabou por determinar por carta de 30 de setembro de 1583, que ella abandonasse o paço, porque elle queria mandar restaural-o para nelle habitar quando lhe désse em gosto. A Universidade reclamou, allegando que tinha posse do paço por doação regia; mas, em vista da inflexibilidade do rei, teve de comprar-lhe, por contracto de 28 de setembro de 1597, pela somma de trinta mil cruzados, o paço que lhe pertencia por concessão de D. João III, D. Sebastião e D. Henrique.

Desde então começaram-se a fazer obras no edificio a fim de tornal-o proprio para o seu definitivo destino. Tanto o reitor Manuel de Saldanha, no seculo decimo-setimo, como o bispo D. Francisco de Lemos, tambem reitor, nos fins do seculo passado e principios do actual, transformaram os paços das escolas.

A Universidade assenta no ponto mais elevado do antigo recinto da velha cidade, e os edificios que a compõem fecham um vasto pateo quadrado.

Dão-lhe ingresso duas portas. A principal, a *Porta-Ferrea,* abrindo ao oriente numa das extremidades da *rua Larga* que tambem se chama do *Infante D. Augusto*; a outra dita *de Minerva,* situada ao occidente.

A Porta-Ferrea é formada por um portico elevado em estylo corinthio e com duas faces, cada uma das quaes tem quatro columnas. O portico é ornado d'um e outro lado por estatuas: quatro symbolisando as faculdades antigamente professadas nos estudos; e ainda tres representando Minerva, e os dois reis D. Dinis e D. João III, o fundador e o restaurador da instituição. Está esculpida no portico a data de 1634, e a de 1640 na porta de ferro.

A porta de Minerva, á qual dão accesso largas escadas, é assim denominada d'uma estatua d'esta deusa que a encima.

O terreiro de que falei é fechado, tendo ao norte os *Paços das Escolas,* ao sul o *Observatorio astronomico,* ao occidente a *capella* e a *Bibliotheca,* e ao oriente o extincto *Collegio de S. Pedro.*

Para a extensa galeria, que occupa todo o comprimento da fachada dos paços das escolas, e que tem o nome de *Via Latina,* sóbe-se por tres escadorios, dois nas extremidades e um ao centro, este muito bem disposto. O nome de *Via Latina* deriva talvez da obrigação imposta antigamente aos estudantes de se expressarem na lingua latina no recinto da Universidade. Numas providencias que deu aos 9 de novembro de 1537 D. João III, encontra-se a seguinte determinação: «Primeiramente hei por bẽ que os lentes leã em latim e ho Rector mãdaraa que se cumpra assi e acabada a liçã farã circulo aa porta dos geeraes honde lerẽ e Responderão aas preguntas que os scholares lhe fezerẽ e não ho comprindo, o Rector os mandaraa apõtar e assi mandaraa que os scholares das portas das scholas pera dentro falẽ latim seguundo forma da provisã que eu já sobre isso passei ha qual o Rector ueraaa e mandaraa comprir».

A Via Latina é coberta por dois terraços sustentados por elegantes columnas, terraços para onde abrem varias portas do andar superior do edificio.

Á escadaria do meio corresponde um triplice portico de architectura simples mas nobre, em cujo frontão se ostentam as armas do reino. Á arcada central da portada corresponde na parede interior uma estatua de D. João III em meio corpo, sob um baldaquino sustentado por telamones de bella esculptura; e ás duas arcadas lateraes respondem duas portas, sendo a da parte occidental a entrada da *Sala dos capellos.*

Esta vastissima sala tambem chamada dos *Actos Grandes*, muito bem proporcionada em todas as medidas, tem de comprido vinte e seis metros e de largura doze. O tecto de madeira, apainelado, é ornado de pinturas num estylo muito usado no seculo decimo sexto e no seguinte, que consistia em ramagens entrelaçadas, aves, animaes e outras figuras de mera phantasia. Construida talvez em tempo de D. João III, foi restaurada em 1655, data que no tecto se lê.

Na parte superior da sala ha muitas tribunas, e nos espaços que entre ellas medeiam estão collocados os retratos, a oleo e em tamanho natural, de todos os reis portuguezes. Os usurpadores não têm alli logar. Em baixo, a conveniente altura do pavimento, corre-lhe em toda a extensão uma boa galeria com balaustrada, e com assentos para os doutores. Esta galeria tem a designação de *doutoraes.* A parede na metade superior é coberta de papel vermelho adamascado, que substitue (por economia...) o damasco que em tempo a adornava; e a metade inferior da parede é coberta de azulejo. Ao cimo da sala, no logar de honra, e para onde se sobe por vastos degraus, ostenta-se uma cadeira de pau santo, ornada e tauxiada de metal amarello, peça riquissima. A sala é dividida em duas partes por uma teia, ficando dois terços occupados pelas bancadas para o publico; na restante terça parte estão as mesas e logares destinados aos candidatos e mais pessoas que tomam parte nos actos que alli se fazem. A cadeira presidencial, o logar do reitor, que é a direita d'aquella, as tribunas e os retratos reaes costumam ser nas grandes solemnidades ornados de sanefas e pannos de damasco. Parte da ornamentação da sala, particularmente

da mesa junto de que se senta o que vae receber o grau de doutor, é sempre feita em harmonia com a cor distinctiva da faculdade em que o grau é dado.

Nesta sala celebram-se annualmente no dia 16 de outubro as festas da *abertura*, ou inauguração das aulas, em que recita a *oração da sapiencia* um professor, ao que se segue a distribuição dos premios; assim como alli têm logar os exames de licenciados, a defeza das theses ou actos grandes, as ceremonias dos graus de bacharel e de doutor, e as provas de concurso para os logares universitarios.

O grau de doutor é conferido com grande solemnidade. Antigamente não se faziam todos os doutoramentos nesta sala, mas alguns na egreja de Santa Cruz. Gasco descreve d'este modo essa solemnidade:

«Os actos dos doutores desta insigne Universidade se fazem sempre aos dias santos. Sahe o reitor acompanhado da Universidade da capella d'el-rei, com o que ha de tomar o grau, com grande, e triumphal pompa, com os lentes, doutores, e mestres em Artes, todos a cavallo, levando atabales, e trombetas diante. Vão dous a dous em compasso, e ordem, seguindo-se os mestres em Artes, com seus capellos de setim azul; os doutores e lentes de Medicina, com seus capellos de velludo amarello, forrados do mesmo; os legistas com capellos de velludo carmezim forrados de seda roxa; os canonistas com capellos de velludo verde, forrados de setim da mesma cor; os theologos com capellos de velludo branco, com seus barretes, com borlas brancas.

«O doutor, que ha de ser, vai descarapuçado; á mão direita leva o reitor, da outra parte o padrinho, diante vão os bedeis com suas maças de prata ao hombro, diante um grão, vestido de seda, em cima de um famoso cavallo, em corpo, e descarapuçado, com uma salva de prata na mão, em que leva o barrete. Detraz vem o conservador, e mestre de ceremonias, com um bordão de prata na mão.

«Na egreja de Santa Cruz está um theatro de tres degraus; neste tabernaculo se assenta o chancellario; no meio á sua mão direita o reitor; junto d'elle está uma mesa bem ornada, com duas cadeiras altas, em que se assentam os que hão de orar. Logo se diz missa ao Espirito Santo; depois o que ha de tomar o grau pede com uma breve oração ao chancellario que o faça doutor; então elle lhe manda tomar o juramento, o que faz em joelhos, em um missal aberto: fazendo a profissão da fé, lhe dá o chancellario o grau por auctoridade apostolica com certas palavras. Logo eloquentemente se faz uma elegante oração em favor do novo doutor; e acabadas estas ceremonias, o bedel distribue as propinas, e o recente doutor dá graças a Deus, e aos presentes, que o honraram, e d'aqui se torna para sua casa com o mesmo acompanhamento: comtudo se é doutor em Leis, ou canonista, toma o grau na sala dos actos com as mesmas ceremonias.»

Actualmente a ceremonia differe alguma coisa. No Observatorio reune o prestito, saindo em direcção á capella para ouvir a missa. O reitor e doutores, com o doutorando, caminham precedidos pelos archeiros (que outr'ora trajavam de verde, mas que desde alguns annos vestem de azul) com suas alabardas, dos bedeis com suas maças e da *charamella*. A charamella é um corpo ou banda de musicos, especialidade universitaria, que remonta ao tempo de Noé ou pelo menos ao do santo rei David, como o indica a fórma de serpente d'alguns instrumentos. O doutor é acompanhado de dois pagens, que levam em salvas de prata a *borla*, um annel e um livro. Todos os doutores vão revestidos do *capello* e com a *borla* na cabeça: aquelle consta d'uma especie de murça com capuz, feita de velludo e setim; esta é um barrete do feitio de borla, a que deve o nome, e composta de cordões e entrançados de seda. Conforme a faculdade a que o doutor pertence, assim a cor do capello e borla; á theologia, como antigamente, pertence a cor branca; ao direito, a vermelha; á medicina, a amarella; á faculdade de philosophia, a cor azul ferrete; á de mathematica, o azul

claro e o branco combinados. Presentemente já não há faculdade de canones.

Da capella, passam á sala dos capellos, aonde o doutorando num discurso mais ou menos emphatico sollicita o grau. Dois lentes elogiam, cada um em sua oração, o candidato e o padrinho (que nem sempre merece o elogio); e em seguida, aquelle, conduzido pelo secretario e dirigido pelo mestre de ceremonias, vae ajoelhar perante o reitor, a prestar o juramento competente, depois do que lhe é conferido o grau por aquella auctoridade. Como se não bastasse o ajoelhar aos pés do reitor, vae o candidato immediatamente ajoelhar-se aos pés do lente de prima da sua faculdade, o qual lhe dirige um discurso, em latim ordinariamente, que tem por fim elogial-o ainda; terminado o discurso, põe-lhe na cabeça a borla, entrega-lhe o livro, como emblema da sciencia, e o annel que symbolisa a união e a confraternidade. O novo doutor abraça o reitor e o decano, e acompanhado d'este, do secretario, do mestre de ceremonias e do bedel da faculdade, tem de ir abraçar egualmente cada um dos doutores, o padrinho, e os convidados; e afinal vae tomar assento no ultimo logar ao lado dos doutores da faculdade a que pertence. Assim termina a ceremonia, adubada com as intermittencias da musica da charamella.

Na extremidade occidental da Via Latina abre a porta que dá entrada para os *Geraes*, nome por que se designam, não só o claustro rectangular que ahi se encontra mas tambem as aulas que têm as entradas alli. Estas em geral têm as bancadas em amphitheatro, e em cada uma d'ellas ha uma pequena varanda, ou janella d'onde o reitor sem ser visto póde, querendo, assistir ás lições; servindo tambem para d'alli verem as aulas os visitantes, ás horas dos trabalhos.

Antes da refórma da Universidade no tempo de D. José, havia na fachada de cada uma das aulas uma estatua de pedra, sym-

bolisando a sciencia nella professada; foi obra do reitor Nuno da Silva Telles, o qual compoz disticos latinos para serem gravados nos sóccos das estatuas.

A de *theologia* tinha:

SACRORUM SECRETA PATRUM SECRETA VERENDAE
MENTIS ET HOC IPSUM PERSONAT AULA DEUM.

A de *canones*:

QUAE POTIS EST CAELI PORTAS RESERARE MICANTES,
CLAVIS ET IPSA TIBI JUS APERIRE POTEST.

A de *leis*:

CAESAREAS LEGES ET CLAROS JURIS HONORES,
DUM DOCET IPSA TIBI, QUOD DOCET AULA DABIT.

A de *instituta*:

HIC POTUIT TIRO STIPENDIA PRIMA MERERI,
QUISQUIS ES AUDITOR, PERGE, MAGISTER ERIS.

A de *medicina*:

ARTIS APOLLINIAE NORMAS AUDITE SALUBRES,
VIVERE SIQUIS AMOR, DISCERE SIQUIS HONOR.

A de *mathematica*:

QUIDQUID IN IMMENSO PINXIT NATURA THEATRO,
HUC BREVIBUS ZONIS PICTA TABELLA DABIT.

E no portico do claustro, sob a estatua da *sabedoria*, ainda este:

ECCE TIBI QUALEM POSUIT SAPIENTIA SEDEM,
QUA NON IN TOTO CLARIOR ORBE MICAT.

Proximo da entrada dos Geraes, uma pequena porta dá accesso á escada, que conduz ás galerias que circundam a sala dos capellos, e ás outras dependencias da Universidade. A mais curiosa quadra que alli ha a ver é, sem contestação, a sala chamada dos *exames-privados*. Situada no interior do edificio, e sem ser de modo algum directamente alumiada pela claridade do dia, tem um aspecto sombrio e de terrivel severidade; o chão ladrilhado a vermelho, o tecto de pinturas de cor carregada, as paredes de azulejo em parte encobertas por trinta e oito retratos de reitores, dos quaes o mais antigo é o de D. Garcia d'Almeida, impressiona profundamente quem lhe transpõe o liminar. É de notar o contraste que existe entre essas figuras mudas e immoveis destacando-se sombriamente do fundo negro dos quadros: um traja o roquete episcopal; outro a roupeta jesuitica; este mostra ser conego regrante de Santo Agostinho, e aquelle ser monge de S. Jeronymo; quem cingido do habito de missionario do Varatojo; quem vestido de capa e espada, com toda a impertinencia dos tempos cavalleiros.

Antes da reforma de 1772, a antiga sala dos exames-privados tinha o seguinte distico latino:

DISCUTI HIC DOCTOS SUPREMUM EXAMEN ALUMNOS,
UT CAPIANT STUDIIS PRAEMIA DIGNA SUIS.

Era o exame-privado uma das provas mais graves por que tinham de passar os que pretendiam doutorar-se. Naquella sala, cercado unicamente dos doutores da sua faculdade, via-se por el-

les apertado com perguntas diversissimas sobre toda a materia do curso. Os estatutos antigos ordenavam que este exame fosse de noite; uma provisão de 4 de janeiro de 1554 determinou que se fizesse de manhã. Em 1863, aos 19 de novembro, um decreto mandou que elle fosse substituido pelo exame ou *acto de licenciado*, por isso que era «o exame-privado um modo inconveniente de explorar a capacidade do alumno, não só por poder expôr a suspeita de parcialidade os vogaes do jury», mas porque era «ao mesmo tempo o referido exame-privado contrario á indole do systema constitucional». O acto de licenceado é feito publicamente na sala dos capellos, como disse.

Proximo da sala dos exames-privados corre externamente, a toda a altura do edificio, uma varanda d'onde se desfructa um optimo panorama; mais bello, porém, e mais grandioso é aquelle que se gosa do alto da torre da Universidade.

A torre, situada junto do extremo occidental da Via Latina, mesmo num dos angulos do terreiro, foi começada em 17 de abril de 1728, e terminada em julho de 1733. O risco foi feito em Lisboa e importou em quarenta e oito mil réis; na obra gastaram-se 14:543$522 réis.

A torre, quadrangular e de architectura muito simples, consta verdadeiramente de tres partes; em cada uma das faces do corpo inferior que olham o terreiro, abrem cinco frestas, tres rectangulares e duas semi-circulares. No corpo immediato a este estão os sinos, e no superior, coroado d'uma varanda, ostenta-se o relogio de quatro mostradores. Um dos sinos é célebre, não pelo tamanho, não pela sua fórma singular, não pelo metal que o compõe, nem pelo seu bello som. É célebre porque é *a cabra*. Este nome muito antigo é dado a esse sino pela Academia, por elle tocar sempre na vespera dos dias de aula ao anoitecer, indicando o começo das *tristes*, isto é, as horas do estudo; tocando tambem todas as manhãs dos dias lectivos.

O panorama que do alto da varanda da torre se gosa é magnifico; d'alli se pódem extender as vistas por um dilatado horizonte; d'alli se vê a cidade, os fertilissimos campos atravez dos quaes o Mondego serpêa, os montes aonde por entre a verdura alvejam pequenos casaes, e aonde existem bellas vivendas.

Entre a torre e a porta da capella da Universidade, está a entrada d'um claustro em que fica a secretaria e outras repartições do estabelecimento que não prenderam a nossa attenção. A capella, essa merece que d'ella trate. O portico é um vestigio, assim como as janellas que d'um e d'outro lado se vêem, da reedificação por D. Manuel dos antigos paços das Alcaçovas. Cordões torcidos e entrelaçados e uma ornamentação florida, mas não muito profusa, o constituem. Ao centro vê-se sobre elle o escudo das armas reaes portuguezas; á direita d'este a cruz da ordem de Christo; á esquerda, a esphera armillar. Destoando do estylo do portal uma columna corinthia divide ao centro o vão da porta; devia ser substituida por outra que correspondesse ao estylo geral do portico, dado o caso de ser necessaria para sustentar a volta da porta.

O interior da capella é elegante, e com esmero ornado; ao fundo, por sobre a porta principal que dá para a entrada do claustro está o coro, e superior a este a tribuna real. Na parede fronteira á entrada campêa o orgão, obra primorosa de talha, cuja pintura foi feita por Gabriel Ferreira ao preço de 215$000 réis, conforme a escriptura que fizera em julho de 1737. O orgão, começado no mez de março de 1728, foi concluido em julho de 1733, e custou 3:131$100 réis. Uma das maiores notabilidades, em alfaias, da capella é uma lampada de prata em estylo do renascimento; é de fórma singular, e ornada de columnas, nichos, medalhões com bustos, armas reaes, espheras armillares e outras figuras.

Como D. João III foi o restaurador da Universidade, nos dias 11 e 12 de julho celebram-se annualmente nesta capella exequias em houra d'elle.

Junto do altar da Virgem, vê-se a seguinte inscripção, commemorativa do juramento, prestado pela Universidade, de proclamar e defender a Immaculada Conceição:

ANNO 1646 SABBATO 28 . IVLII INNOCENTIO 10 . PONTIFICE MAXIMO, IOANNE 4.º FOELICISSIMO LVSITANIAE REGE, RECTORE EMMANVELE DE SALDANHA, VISENSI EPISCOPO ELECTO . FLORENTISSIMA CONIMBRICENSIS ACADEMIA PIETATIS CVLTV ERGA DEIPARAM INSIGNIS, CVNCTIS RITE, AVGVSTEQVE PERACTIS SOLEMNI VOTO, INVIOLABILI IVRAMENTO SE SE OBSTRINXIT, VT IN POSTERVM TAM PVBLICE, QVAM PRIVATIM DOCEAT, PRAEDICET, DEFENDAT, SANCTISSIMAM VIRGINEM, IN PRIMO SVAE CONCEPTIONIS INSTÃTI, AB OMNI ORIGINALIS CVLPAE LABE, GLORIOSE PRAESERVATAM EXTITISSE . ET TAM SACRVM RELIGIONIS OBZEQVIVM HOC SAXO POSTERITATI COMMENDAVIT.

Ao pé da capella está a bibliotheca.

Foi sob o governo e por iniciativa do reitor Nuno da Silva Telles que se fundou este estabelecimento. D. João V por provisão de 31 de outubro de 1716 concedeu a competente auctorisação; e em 17 de julho do anno immediato, perante o corpo docente da Universidade, foi lançada a primeira pedra. A obra terminou sendo reitor Francisco Carneiro de Figueiroa, que governou de 1722 até 1725.

«É a mais bella bibliotheca, a mais ricamente ornada de quantas hei visitado», disse o conde de Raczynski. E effectivamente é ella de grande magnificencia, é extraordinario o luxo da sua ornamentação. Exteriormente a sua architectura não é, na verdade de grande elegancia, apezar do seu portico de ordem jonica. Mas o interior é deslumbrante. Divide-se em tres vastas salas, com variada ornamentação dourada, ao gosto chinez, sobre fundo verde na primeira e ultima, sobre fundo encarnado na central. Os frescos dos tectos são obra de subido merecimento;

o pintor Antonio Simões Ribeiro, e o dourador Vicente Nunes, arremataram o trabalho dos tectos e cimalhas por cerca de um conto e oitocentos mil réis. O pavimento é composto de caprichoso mosaico, diverso em cada sala.

A meia altura das paredes corre uma varanda, apoiada em elegantes columnas em fórma de pyramides inversas, acima da qual continuam as estantes.

No entablamento do portico, occupando o friso, lê-se o seguinte distico:

HANC AVGVSTA DEDIT LIBRIS COLLIMBRIA SEDEM,
VT CAPVT EXORNET BIBLIOTHECA SVVM.

que foi traduzido deste modo:

Tal séde aos livros deu Collimbria augusta,
Que a fronte lhe corôa a bibliotheca.

Sob a archi-volta outro distico se vê, que diz:

LVSIADAE, HANC VOBIS SAPIENTIA CONDIDITARCEM:
DVCTORES LIBRI; MILES ET ARMA LABOR,

o qual foi trasladado a vulgar da maneira seguinte:

Da sapiencia, ó lusos, eis o alcaçar;
Onde por capitães os livros tendes;
Por armas e soldados a fadiga.

Interiormente, sobre a porta, encontra-se ainda uma inscripção exhortatoria:

PANDVNTVR CVNCTIS EXCVLTA PALATIA LIBRIS:
HOC ADES; AVCTORES CONSVLE, DOCTVS ERIS.
HAEC TIBI PRO STVDIIS ET LEX ET NORMA TENENDA EST:
MENS LEGAT, OBSERVET SEDVLA; PENNA NOTET.

Foram vertidos estes quatro versos em linguagem, do modo que segue:

A todos este paço se franqueia,
De livros adornado: aqui entrando,
Os escriptores lêde, e sereis douto.
E para o estudo vosso a norma é esta:
— Lêa e medite a mente; aponte a penna.—

O auctor das inscripções é desconhecido: o traductor foi meu páe.

Logo ao entrar, embora se fique deslumbrado pelo esplendor que reina por toda a parte, se nota no topo da terceira divisão um retrato a oleo, de corpo inteiro, emmoldurado com magnificencia e encimado pelas armas reaes portuguezas. É a efigie de D. João V, devida, conforme se crê, ao pincel de José Carlos Binheti. Sob o retrato estão escriptos com lettras de oiro os dois disticos:

REGIA, QVAM CERNIS, SPECVLVM TIBI PRAESTAT IMAGO:
IN SPECVLO TOTVM, QVOD CAPIT AVLA, VIDES.
QVAEQVE AVGVSTA PATENT, IOANNES ORDINE QVINTVS
CONDIDIT: AETERNVM PRINCIPE VIVAT OPVS.

Foram vertidos, pelo traductor dos antecedentes versos, como se segue:

Neste regio retrato, como em 'spelho,
Vêdes quanto este paço comprehende.
Tudo o que majestoso aqui se ostenta,
Feito é de João Quinto. Eterna seja,
Como o nome do principe, a obra sua.

São ricas pela materia e riquissimas pelo trabalho as seis mesas que se vêem nas tres divisões da bibliotheca: quatro d'ellas são de ebano, as restantes de gandarú; e todas têm embutidos e ornamentação elevada de petiá. Collocadas aonde se encontram, importaram em 4:410$115 réis.

Aos lados das tres salas ha pequenos gabinetes de leitura, e sob o pavimento nobre ha vastas salas tambem.

A bibliotheca possue muitas raridades bibliographicas, e é rica em manuscriptos. A collecção de biblias manuscriptas é digna de ver-se. Possue tambem uma pequena collecção numismatica.

O custo total do edificio da bibliotheca foi de mais de sessenta e seis contos de réis.

Do alto do edificio gosa-se um bello panorama.

O lado sul do terreiro é occupado pelo *Observatorio Astronomico*, edificio de architectura muito simples, que foi construido desde 1790 até 1799, segundo o risco feito pelo architecto da Universidade, Manuel Alves Macambôa, sob as vistas do célebre lente de mathematica José Monteiro da Rocha.

O corpo central do edificio tem dois andares acima dos lateraes, que constam d'um só pavimento; e cada um dos tres corpos termina superiormente por um terraço. No pavimento inferior estão gabinetes de estudo, aulas, casas para arrecadação de instrumentos, gabinete de observações, etc.

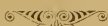
O observatorio, que possue bons instrumentos, e uma bibliotheca especial, está em communicação telegraphica com os mais notaveis estabelecimentos astronomicos dos dois hemispherios.

O primeiro director do observatorio foi o citado Monteiro da Rocha, entre cujos trabalhos se tornaram famosas as *Ephemerides*.

Ao lado oriental do terreiro, está o vasto edificio do extincto *Collegio de S. Pedro*, ao centro do qual se nota uma porta ornada de cariatides. Esta porta dava entrada para o edificio na rua *d'Entre Collegios*, proximo da Porta-Ferrea; mas foi ha annos passada para aquelle local.

Este collegio foi incorporado na Universidade por decreto de 30 de maio de 1855. Alli se conserva ainda a sua importante livraria.

O primeiro assento do collegio fora na rua da Sophia, e fundou-o o doutor Ruy Lopes de Carvalho, que depois foi bispo de Miranda, para doze clerigos pobres. Em 1570, D. Sebastião mandou edificar a nova casa junto dos paços da Universidade.

A primitiva instituição admittia só doze clerigos pobres; de 1600 em deante foi augmentado o numero dos collegiaes.

Antigamente, até o reinado de D. João II, tinha a Universidade dois reitores, que eram de ordinario estudantes d'ella, e raro succedia serem lentes. Desde o reinado de D. Manuel, o cargo de reitor era desempenhado por um desembargador da Relação, encontrando-se todavia algumas vezes servido por bispos. Dos reitores anteriores á reforma da Universidade por D. João III, que a dirigiram, estando ella em Coimbra, apenas se conhecem os dois, que exerceram o cargo de 1367 a 1368 e eram Gonçalo Migueis, bacharel em canones, e o prior de São Jorge.

Desde a ultima transferencia da Universidade para Coimbra, têm-na regido cincoenta e um reitores.

Os chamados primeiros estatutos, dados á Universidade em 1307, eram apenas umas constituições interinas feitas pelo corpo universitario, que D. Dinis confirmou aos 27 de janeiro d'aquelle anno.

D. João I em 16 de janeiro de 1431 deu uns estatutos, que tractavam dos graus e vestes talares.

Em 1496 deu el-rei D. Manuel outros, que foram reformados por uma commissão de lentes, reforma sanccionada pela rainha regente D. Catharina em 1559: são os quartos estatutos.

O visitador-reformador da Universidade D. Antonio Pinheiro, bispo de Miranda, apresentou os quintos estatutos em *claustro* ou congregação de 16 de janeiro de 1565, os quaes levantaram reclamações por parte dos lentes. A resposta do cardeal regente, em nome do rei, foi: *que, dizendo a Universidade o que tinha que oppôr contra aquelles novos Estatutos regulamentares, os ficasse entretanto observando.* Todavia naquelle mesmo anno algumas modificações foram feitas nelles.

Em 1591 e 1597, sob a usurpação do *demonio do meio-dia*, foram dados os setimos e oitavos estatutos.

Em 1604 pelo visitador-reformador D. Francisco de Bragança foram reformados os estatutos, e apresentados em claustro de 19 de fevereiro de 1611, mas a Universidade não os acceitou. Os novos estatutos foram os de 1653, reformados pelo reitor Manuel de Saldanha, bispo eleito de Vizeu, e impressos no anno immediato por Thomé Carvalho. Appensos a estes encontra-se o *Regimento dos Medicos e Boticarios, Christãos Velhos.*

Os decimos estatutos foram feitos no reinado de D. José. Ácerca d'elles transcrevo o que se lê no *Esboço historico sobre os estatutos dados á Universidade*, pelo meu patricio A. M. Seabra d'Albuquerque, [1] noticia que nos prestou grande auxilio:

«O senhor D. José I como protector da Universidade fez examinar as causas da decadencia em que estavam as sciencias, porque, no dizer de um escriptor contemporaneo, «a Universidade só dava a Portugal ignorantes, tanto mais perigosos quanto mais sabios queriam parecer.»

«Cinco ou seis mil estudantes se matriculavam, os quaes eram dispensados de assistir ás aulas, comtanto que pagassem o *direito de presença*, isto é, o de não assistirem pessoalmente.

«Estes estudantes compravam depois os gráus, mediante os

---

[1] A. M. Seabra d'Albuquerque, *Bibliographia da Imprensa da Universidade.*

quaes alcançavam a borla doutoral, o que os fazia passar por homens doutos.

«O estado decadente em que estava a Universidade não podia continuar assim; era necessaria uma grande e completa reforma, que cortasse pela raiz tantos e tão perniciosos abusos.

«O senhor D. José, pela sua carta, escripta no palacio de Nossa Senhora da Ajuda aos 23 de dezembro de 1770, foi servido erigir uma *Junta de Providencia Litteraria*, debaixo da inspecção do Cardeal da Cunha e do Marquez de Pombal, tendo por conselheiros homens que occupavam logares eminentes em diversos tribunaes, como o bispo de Beja, D. Fr. Manuel do Cenaculo, presidente da real mesa censoria, José Ricaldo Pereira de Castro, desembargador do paço, José de Seabra da Silva, secretario de estado adjuncto ao Marquez de Pombal na repartição dos negocios do reino, Francisco Antonio Marques Geraldes de Andrade, deputado da mesa da consciencia e ordens, Francisco de Lemos de Faria, reitor da Universidade, Manuel Pereira da Silva, desembargador dos aggravos da casa da supplicação, e João Pereira Ramos de Azevedo, a quem acabava de ser conferido o cargo de procurador geral da corôa......

«Não se descuidou a *Junta de Providencia Litteraria*, pois em 28 de agosto de 1771 apresentou o resultado dos seus trabalhos, começando pelo *Compendio historico do estado da Universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados jesuitas*, etc., e em continuação os *Estatutos*, cujas minutas Sua Majestade por sua Resolução de 2 de setembro de 1771 mandou que subissem á sua presença, louvando a Junta pelo *grande e fructuoso disvelo com que se applicou áquelle importante trabalho*.

«Um anno depois el-rei approvava os *Estatutos* pela sua Lei de 28 de agosto de 1772, e mandava o seu ministro, Marquez de Pombal, *que em seu real nome restituisse e estabelecesse os sobredictos Estatutos na Universidade.*

«São os *Estatutos* divididos em tres livros: o primeiro contém o *curso theologico*; o segundo os *cursos juridicos das faculdades de*

Canones e Leis, e o terceiro os *cursos das sciencias naturaes e filosoficas.*»

Os principaes coordenadores d'estes estatutos foram João Pereira Ramos de Azevedo, seu irmão D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, e José Monteiro da Rocha no tocante ás sciencias naturaes.

O curso de cada uma das faculdades, que hoje comprehende a Universidade, compõe-se de cinco annos, pelos quaes se acham distribuidas: na faculdade de theologia, oito cadeiras; na de direito, quinze; na de medicina, treze; na de mathematica, oito; e oito tambem na de philosophia.

Na faculdade de theologia, ha, além do curso geral, um especial para os que se destinam ao estado ecclesiastico e que se complecta em tres annos.

Ha tambem um *curso administrativo*, em tres annos, o qual se compõe de algumas cadeiras das faculdades de direito e philosophia.

Para cursar a faculdade de medicina é necessario um *curso preparatorio*, em tres annos, formado de cadeiras das faculdades de mathematica e de philosophia.

O curso especial preparatorio para escolas de applicação, principalmente para a escola do exercito, em quatro annos, comprehende materias das tres faculdades de mathematica, philosophia e direito.

O curso de *pharmacia*, em quatro annos, consta assim de estudos theoricos como praticos no *Laboratorio Chimico* e no *Dispensatorio Pharmaceutico*.

Ha tambem na Universidade uma cadeira de dezenho e outra da lingua hebraica; a primeira pertencente ao curso mathematico, a segunda ao curso de theologia.

Vê-se por este breve quadro que a Universidade poderia melhorar-se muito.

O marquez de Pombal foi a Coimbra por occasião da reforma da Universidade. Entrou elle na cidade ás cinco horas da tarde do dia 22 de setembro de 1772, com um grande acompanhamento, assim da sua comitiva, como das pessoas e deputações que o haviam ido esperar. O corpo universitario tinha resolvido em claustro do dia 19 «que fôsse o reitor a Condeixa esperar o sr. marquez e as pessoas mais distinctas da Universidade além da egreja da Esperança, porque até esse logar era antigo costume, e era preciso adeantar-se mais, para fazer o applauso distincto.»

Por curioso e dar uma ideia dos prestitos que a Universidade costumava fazer (e ainda faz um á egreja de Santa Clara por occasião das festas da Rainha Santa), dou aqui o regulamento para a recepção feita ao marquez de Pombal:

«Regulamento que deve observar a Universidade
quando sair a buscar Sua Excellencia

«1.ª figura—Serão os charamelaes.

«2.ª figura—Os dez alabardeiros.

«3.ª figura—Os meirinhos da Universidade, ouvidoria, e seus escrivães.

«4.ª figura—Os musicos e instrumentos.

«5.ª figura—Os estudantes, *per modum universi*; porque em rapazes não póde haver formalidade.

«6.ª figura—Os mestres em artes, *bini et bini*.

«7.ª figura—Os DD. de medicina.

«8.ª figura—Os DD. legistas.

«9.ª figura—Os DD. canonistas.

«10.ª figura—Os DD. theologos.

«11.ª figura—Os bedeis com suas massas, e a estes immediatamente o mestre de cerimonias com seu bordão.

«12.ª figura — O claustro pleno com todos os individuos de que se compõe, cada um em seu logar.

«No fim do claustro o reitor.

«Á sua mão direita o decano de theologia, e á esquerda o de canones.

«Atrás do claustro e prelado segue-se o conservador, ouvidor e syndico. Nas costas d'estes, a familia do sr. reitor; e depois d'ella o guarda da Universidade com a sua vara: e após estes os officiaes da Universidade.

«E na retirada para casa, isto é, para a Universidade, deve ir S. Ex.ª no meio, o sr. reitor á direita, e á esquerda o decano theologo.

«E a porta da sala se abrirá quando a ella chegar o claustro; e depois de este entrar, primeiro que tudo, entrarão as faculdades e estudantes, para o que haverá soldados á porta, para evitarem a entrada do povo.

«Todos com as suas insignias de borlas, e capellos, que não tirarão sem se acabar o acto.»

Foi no dia 26 que o marquez fez a entrada solemne na sala dos capellos, tomando assento numa cadeira armada com muita riqueza sob um docel de veludo. Nessa occasião foi lida pelo secretario da Universidade a carta regia que conferia ao marquez plenos poderes, jurisdição *privativa, exclusiva e illimitada* para a reforma.

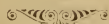
No dia 29, na mesma sala, e na presença do ministro, foi pelo secretario feita a apresentação dos estatutos a todo o corpo academico, e lido o decreto de confirmação d'elles.

O marquez conservou-se em Coimbra até 24 de outubro, dirigindo a execução dos estatutos.

Em 1872 celebrou solemnemente a Universidade o centenario

da reforma do marquez de Pombal, cunhando-se então uma medalha commemorativa; tem ella representado d'um lado parte do edificio da Universidade e a figura de Minerva com corôa real, na mão direita um sceptro encimado de esphera, e na esquerda o livro dos estatutos; o reverso é occupado pela seguinte inscripção:

ACADEMIA
CONIMBRICENSIS
A JOSEPHO I
ANNO MDCCLXXII
MARCHIONIS A POMBALE
STUDIO ET OPERA
PENITUS RESTAURATA
FESTUM SAECULARE
AGIT
ANNO MDCCCLXXII

Tiraram-se d'esta medalha quatro exemplares em prata e trezentos em cobre.

Muitas foram antigamente as rendas que possuiu a Universidade; e de muitos privilegios gosou sempre. Quanto a estes limitar-me-hei a dizer aqui dos que primitivamente teve.

D. Dinis, por carta passada em Lisboa aos 15 de fevereiro de 1309, cujo original latino se encontra em Brandão, legista com respeito á Universidade, e dá-lhe varios privilegios.

Eis o extracto da carta, que se encontra nas *Noticias Chronologicas da Universidade*, de Francisco Leitão Ferreira:

«1.º Funda a planta *irradicavelmente* el-rei D. Dinis o *estudo geral* na cidade de Coimbra, lendo-se ali direito canonico, direito civil, medicina, dialectica e grammatica.

«A theologia não entrava no *estudo geral;* devia ser lida nos conventos dos religiosos da Ordem dos Prégadores, e da dos Menores.

«Da musica não se faz menção; signal evidente, como já notámos, de que a respectiva cadeira só foi instituida depois de 1309.

«2.º Toma os estudantes, com todas as suas coisas e familias, debaixo da regia protecção.

«3.º Manda, sob graves penas, a todas as justiças do reino, que defendam de toda a vexação os estudantes, suas coisas e criados.

«4.º Manda que nenhum morador de Coimbra faça aggravo aos estudantes, nem a seus criados.

«5.º Que se alguem os quizer demandar, por qualquer modo que seja, o faça perante seus juizes ordinarios, isto é, o bispo, ou o seu vigario, ou o mestre-escola, se lhe pertencer.

«6.º Prohibe ás justiças de Coimbra o trazerem violentamente os estudantes a juizo secular, salvo sendo comprehendidos em homicidio, ferimento, furto, roubo de mulheres, ou crime de moeda falsa, nos quaes casos, ainda que os possam prender, os restituirão logo ao bispo, ou ao seu vigario, ou ao mestre-escola, se a este pertencer, ainda que lh'os não requisitem, para por elles serem castigados.

«7.º Concede que os estudantes possam crear reitores, conselheiros, bedel e outros officiaes necessarios á Universidade.

«8.º Que a Universidade tenha arca commum e sello.

«9.º Que os estudantes, ou por si, ou por outrem possam fazer os estatutos necessarios.

«10.º Ordena que se elejam annualmente dois homens principaes do concelho, e dois estudantes, para servirem de taxadores do aluguer das casas dos estudantes, quando não concordarem com èstes os proprietarios.

«11.º Que não possam os estudantes ser lançados fóra das casas em que morarem, se pagarem o aluguer, salvo querendo os

donos morar nellas, ou vendel-as, ou dal-as em casamento a filho ou filha, ou outro descendente.

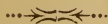
«12.º Concede que se não pague nada na chancellaria d'el-rei pelos privilegios e liberdades da Universidade, em razão de sello, ou cera, ou escriptura, ou por outra qualquer circumstancia.

«13.º Prohibe apertadamente que nenhum cortezão, nem soldado, nem jogral, pouse com os estudantes, nem lhes peçam, nem tomem coisa alguma.

«14.º Concede aos estudantes que possam ir e vir ao *estudo* por terra, ou por agua, com suas cavalgaduras, livros, criados e alfayas, sem pagarem direito em qualquer logar do reino.

«Manda ás justiças de Coimbra lhes dêem, sem difficuldade, e de graça, as arrecadações que lhes pedirem das coisas que comsigo levarem para onde quizerem.

«15.º Manda que possam os estudantes levar comsigo livremente de todo o reino quaesquer mantimentos para o *estudo*, sem embargo de qualquer costume, ou prohibição que haja em contrario, ou que de futuro possa haver, que não faça menção d'este privilegio.

«16.º *Que haja dois homens bons da cidade de Coimbra, aos quaes seja conferido o cargo de conservadores*, para manterem os privilegios da Universidade, dos estudantes e demais pessoas d'ella, vigiarem sobre a honra e proveito da Universidade e dos estudantes, e avisarem el-rei do que virem ser-lhes necessario.» [1]

Anteriormente á reforma de 1772 fazia a Universidade as seguintes *festas*, *procissões* e *prestitos*:

«10 de outubro. *Festividade de S. Francisco de Borja*: á egreja

[1] *Ap.* Silvestre Ribeiro, *Hist. dos Estabel. Scient. e Litt...* vol. I.

do Collegio dos Jesuitas (hoje Sé), e com insignias, e sem propinas. Instituida em carta de 19 de março de 1756...

«15 de outubro. *Festividade de Santa Thereza*: á egreja do Collegio dos Carmelitas Descalços, sem insignias, e sem propinas. Ordenada pela provisão de 18 de junho de 1665...

«25 de novembro. *Festividade de Santa Catharina*: á egreja do Collegio dos Carmelitas Calçados, sem insignias e sem propinas. Ha altar d'esta santa na capella da Universidade, e d'esta procissão e festividade fazem menção os estatutos de el-rei D. Manuel, e os posteriores.

«1 de dezembro. *Acclamação de el-rei D. João IV*: sem insignias e propinas. Foi ordenada em claustro de 13 de dezembro de 1640; fez-se então na egreja do Collegio do Espirito Santo da Ordem de S. Bernardo. A Universidade não paga o sermão.

«3 de dezembro. *Festividade de S. Francisco Xavier*: á egreja do Collegio dos Jesuitas (hoje Sé); com insignias e sem propinas. Ordenado por provisão de 27 de junho de 1662...

«6 de dezembro. *Festividade de S. Nicolau*: ao Collegio de S. Jeronymo; sem insignias e sem propinas. Neste dia se distribuiam as esmolas que ficaram por obrigação do priorado-mór de Santa Cruz. Esta procissão era anterior a el-rei D. Manuel, e d'ella falam os seus estatutos, e os posteriores.

«8 de dezembro. *Festividade da Immaculada Conceição da Senhora*: á egreja do Collegio de Thomar; com insignias e propinas. D'esta festa fala el-rei D. Manuel nos seus estatutos, e deixou um legado para os fins de que tratam os estatutos anteriores aos de 1772. El-rei D. João V, pela provisão de 28 de abril de 1718, ordenou que se fizesse com insignias e propinas. El-rei D. José, no principio do seu reinado, ordenou que se désse a offerta de 40$000 réis, e que as propinas se dobrassem.

«6 de janeiro. *Festividade da Epiphania*, ordenada pelo infante D. Henrique em seu testamento. A ordem da procissão, e as alterações que nella houve, constam dos estatutos proscriptos, e da reformação de D. Francisco de Bragança. Faz-se com paleo, e

vem na vespera de Santa Cruz para a capella real, na qual, no dia seguinte, se celebra a missa, etc.

«7 de março. *Festividade de S. Thomaz de Aquino*: á egreja do Collegio dos Dominicos. Não tem insignias, nem propinas. Já falavam d'esta festividade e procissão os estatutos de el-rei D. Manuel.

«13 de março. *Festividade de S. Boaventura*: sem insignias, e sem propinas. Provisão de 13 de março de el-rei D. João IV.

«25 de março. *Festividade da Annunciação*; sem insignias, e sem propinas. Foi ordenada pelo infante D. Henrique, em seu testamento.

«6 de junho. *Commemoração do nascimento de el-rei D. João III*: á egreja de Santa Cruz, com insignias e propinas. Foi ordenada em 1545, em acção de graças pelas mercês que aquelle rei fizera á Universidade; foi primeiramente celebrada aos 18 de maio, e transferida depois para o dia do nascimento do monarcha, pela provisão de 20 de maio de 1558.

«11 de junho. *Exequias de el-rei D. João III*: á egreja de Santa Cruz. Ordenada em 15 de junho de 1557.

«4 de julho. *Festividade da rainha Santa Izabel*: á egreja do mosteiro de Santa Clara; com insignias e propinas. Ordenada por el-rei D. João V pela provisão de 20 de junho de 1719. El-rei D. José I mandou dobrar as propinas.» [1]

Por aviso de 30 de novembro de 1772 foram reduzidas estas festividades; e hoje restam apenas e modificadas as de oito de dezembro, de onze de junho e de quatro de julho; e ainda só nesta ultima é que tem logar o prestito, como já observei.

Em 6 de abril de 1817 e nos que se lhe seguiram, festejou-se

[1] Silvestre Ribeiro, *op. cit.* vol. I.

em Coimbra solemnemente a acclamação de D. João VI; e foi a Universidade quem mais pomposas festas celebrou. Depois da festa dos lentes, a da Academia, que, como já fizera em 1814, por occasião da paz geral, celebrou oiteiro.

No dia 28 de abril houve vesperas solemnes na capella, e nas noites de 29 e 30 teve logar o oiteiro; o da noite de 29 fez-se no terreiro, o da noite immediata na sala dos capellos, por causa da chuva. A illuminação da Via latina foi brilhantissima. No arco central d'ella, via-se o retrato do rei coroado por dois genios, e nos arcos lateraes estrellas luminosas, de côres. Sob o retrato liam-se estes versos:

> Jura paterna, ac promerita acquisita Joannis
> Propitium Lysiae Numen jamjam ecce coronat:
> Gens Lusa undique terrarum aestu exultat amoris,
> Cultrix praecipue studiorum, fida Juventus.

Entre as columnas da Via latina, estavam outros quadros com figuras representando as seis faculdades e cada uma com seu letteiro adequado. Eram elles: *Civium consciencias illustro* (theologia); *Civium crimina coerceo* (leis); *Religionis praxin decerno* (canones); *Civium morbos repello* (medicina); *Divitias trans freta quaero* (mathematica); *Divitias intra solum praebeo* (philosophia). No terreiro elevava-se um loireiro tendo pendentes dos ramos vinte e quatro corôas com os nomes dos reis que até então haviam governado em Portugal, interiormente illuminadas. No terraço mais elevado do observatorio haviam collocado um globo, que gyrava constantemente e tinha escripto em volta: *Viva D. João VI, Rei de Portugal.* No dia 30, á tarde foram em cortejo os estudantes visitar as cadeias, e deram a cada preso oitocentos réis, acção dignissima como a que tambem praticaram, implorando o perdão d'alguns encarcerados.

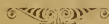
Foi pena que tanto se fizesse em honra do marido de D. Carlota Joaquina.

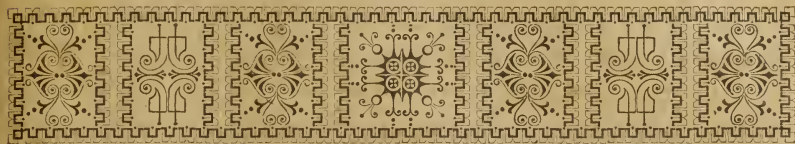
Mais tarde, em maio de 1823 houve as festas dos *inauferiveis*,

assim dictas dos seus celebradores, que proclamavam D. João VI rei absoluto, restituido aos seus antigos direitos inauferiveis. O lente que mais promoveu festejos nessa occasião foi o dr. José Caetano da Silva, que propoz a instituição d'uma solemnidade annual com prestito sem propinas á egreja de Santa Clara, etc. Este prestito, que depois de 1834 não mais teve logar, ficou sendo conhecido pelo nome de *prestito do José Caetano*. Nos tres oiteiros que por essa occasião se celebraram, quer na sala dos capellos, quer no terreiro, poetas notaveis recitaram poesias, distinguindo-se A. F. de Castilho. Essas festas, que não eram nem podiam ser bem vistas pelos liberaes, deram ensejo para discordias, e attentados de que resultaram graves consequencias.

Como se póde ver nos diversos estatutos, havia antigamente muitas categorias de lentes na Universidade. Hoje só ha tres classes: a dos *cathedraticos* ou *proprietarios*; a dos *substitutos ordinarios* e a dos *substitutos extraordinarios*. Ainda assim, conservam-se duas designações antigas: *lente de prima* e *lente de vespera*; o primeiro é o decâno de cada faculdade; o segundo o immediato em antiguidade.

Que mais direi ácerca dos lentes da Universidade? Que já ali não ha o lente de *rabicho*, quero dizer, *gravissimo*, *austerissimo*, com mais dois — *issimos*; hoje, sob a influencia benefica da civilisação, como dizem alguns oradores, e em virtude d'outras circumstancias, o lente tem outro feitio.

Muitos antigos lentes deixaram de si grande memoria. Uns distinguiram-se pelo seu saber, como o famoso botanico Felix de Avellar Brotero, os insignes mathematicos Monteiro da Rocha e José Anastacio da Cunha, o egrejio jurisconsulto Paschoal José de Mello. Outros distinguiram-se... pelas alcunhas: assim houve o dr. *Calhamaço*, o dr. *Embofia*, o dr. *Maçada*, o dr. *Chorinca*, o dr. *Marmellada*, etc.

De todos os cargos e officios que antigameute havia na Universidade — conservador, chanceller, mestre de cerimonias, meirinho, bedeis, continuos, verdeaes, etc. — restam hoje apenas os de secretario, guarda-mór, bedel, continuo e archeiro. Só falarei do ante-penultimo e do ultimo. Os bedeis, ou maceiros, apontam as faltas dos estudantes, e... fazem figura nas solemnidades com a sua maça e o seu trajo tradicional — calção e meia, casaca e capa curta (tudo preto, á excepção das rendas dos punhos e do pescoço), e pequeno espadim. A academia dá-se muito bem com os bedeis: lá tem as suas razões para isso. Houve em tempo (ha uns trinta annos) um muito estimado dos estudantes, o qual se chamava Bento Coelho do Amaral Feio. Ordinariamente ha perfeita antithese entre o nome e a pessoa que elle individualisa. Eu tenho conhecido varios Fulanos *Feios*, aos quaes não quadra tal qualificativo; e conheço alguns Sicranos *Bellos*, que são feios como essas pinturas de demonios que nos legou a edade-média. Quanto, porém, ao alludido bedel, tinha as feições tão esquisitas, tão feias, que o nome estava-lhe como uma albarda a um asno. Os estudantes latinisaram-lhe o nome d'este modo: *Benedictus Cuniculus ab Amaritudine Horridus.*

Os archeiros correspondem aos antigos *verdeaes*, assim chamados da côr do seu fardamento. Ainda no tempo de Garrett essa côr foi substituida, pois elle se queixa de que fizeram os verdeaes *azues*. Nas grandes solemnidades são os senhores archeiros imponentes com o seu trajo de gala, e empunhando galhardamente as suas alabardas.

CAPITULO IX

A Academia — *Batina*, *capa* e *gorro* — Qualidade peculiar — Cathegorias diversas — A *cabula* e a *sebenta* — Mobilia d'um estudante — *Caloiro* e *novato* — Chegada do caloiro a Coimbra, d'antes e agora — Troças — Um *gráu* — *Estudantes* e *futricas* — Disturbios — Perdões d'acto — A sociedade do *Raio* — Acções meritorias — A sociedade *Philanthropico-academica* — As *latas* — A *bicha* — Ao luar.

ACADEMIA de Coimbra parece-se, em geral, com todas as academias do mundo; em particular, porém, não se parece com outra. É exactamente o que succede com os homens.

Nesta academia não houve nunca as distincções por *linguas*, como acontecia na de Paris, o que deu logar a tantas classificações injuriosas que entre si se davam os estudantes, testimunhando antipathias. Mas houve sempre mais ou menos a natural separação, em grupos, de estudantes da mesma provincia, formando os corpos mais unidos os ilheus e os brazileiros.

Parece ter havido sempre grande união nos academicos: a vida escolastica, a mocidade, a *batina* e a *capa*, esse tradicional uniforme, meio medieval, que o marquez de Pombal tentou debalde abolir, estabelecem uma forte ligação entre elles.

A *batina* e a *capa*, e ainda o *gorro*, são o trajo obrigatorio do estudante. Quem entra em Coimbra, não póde deixar de impressionar-se vendo, como o novato de que fala o *Palito Metrico*:

> tantamque baeta
> Vestitam preta gentem, cui longa cabeças
> Carapuça cobrit, touticique ultima passans,
> Pendurata retro per costas andat abaixo.

Este habito talar e inteiramente negro faz com que os estudantes sejam chamados *saccos de carvão*.

Se o estudante de Praga e Heidelberg se distinguia por arrogante e brigão; o de Bolonha e de Padua, por palrador e pedante; o de Oxford e Cambridge, por grave e silencioso; o de Valença e Salamanca, por solemne e austero; o de Genova e Bale, por pesado e lento; o de Paris, por galhofeiro e estouvado; o de Coimbra tambem se distinguia antigamente, nos tempos da edade-média, e ainda posteriormente, por uma qualidade: era orgulhoso, altivo. O alumno da Universidade dizia: — *Eu sou estudante de Coimbra* —; estas palavras constituiam a sua divisa, semelhante na emphase á divisa adoptada por Enguerrand de Coucy:

> Roy ne suis,
> Ne prince, ne duc, ne comte aussy.
> Je suis le sire de Coucy.

Mas o tempo das divisas passou; e a qualidade apontada soffreu uma conveniente modificação.

Os cinco annos, em que se acham divididos os estudos de cada faculdade, determinam as diversas cathegorias dos academicos, desde a entrada na Universidade até ao complemento do seu curso, ou *formatura*.

Os que cursam o primeiro anno têm o nome de *novatos*, desi-

gnação geral de todo o que começa a applicar-se a alguma coisa. Os do segundo anno, ou *segundannistas*, são chamados *semi-putos*, denominação cuja etymologia é conhecida, mas cuja interpretação ainda não foi feita satisfatoriamente; a *Macarronea* diz que assim lhes chamam, por ser o segundo anno aquelle, «em que todos publicão o bom, e mau da sua inclinação». Os do terceiro anno, *terceirannistas*, têm a designação de *pés-de-banco*, «por serem já capazes de terem assento na vida Academica». Os *quartannistas* são chamados *candieiros*, «por ser o quarto anno aquelle, em que os Estudantes com as luzes da Sciencia costumão resplandecer, e luzir com creditos immortaes da sua capacidade, torcida em que costuma pegar o fogo da mesma Sciencia, untada com o oleo da applicação». Os *quintannistas* são os verdadeiros *veteranos*; são elles quem só póde usar a *pasta*, esse distinctivo da sua elevada cathegoria, com que defendem ou protegem qualquer caloiro ou novato.

As diversas competencias das cinco cathegorias acham-se perfeitamente determinadas na seguinte formula:

«Os estudantes do *quinto* (anno) lembraram aos do *quarto*, que avisassem os do *terceiro*, que mandassem aos do *segundo* caçóar os do *primeiro*».

Se é honroso ser *urso*, isto é, premiado, e se é optimo o ser *meio urso*, ou distincto, a maior parte tem de contentar-se apenas com a designação de *musico afinado*, se fica approvado *nemine discrepante* com tres AAA, ou de *musico desafinado*, se só obtem approvação *simpliciter* com dois AA e um R.

Alguns, porém, consideram tambem honroso o ser *cabula* ou *cabide*, quer dizer, estudar o menos possivel, andar num *dolce far niente*, passar os dias em passeios ou botequins, as noites em brodios, jogatina, etc.; ir fazer das piteiras do *Penedo da Saudade* estatuas de Pasquino, como alguem disse, escrevendo nellas allusões, escandalos do dia, gastando cada vez mais

A diafana batina,
Que por velha está mais fina,
Que cambraia transparente.

Em geral o cabula é o maior *trocista,* quer dizer, aquelle que zomba, escarnece do novato ou do caloiro. É sabido que ao cabula succede ordinariamente nas aulas o dar *estenderete* ou dizer deconchavos; porque o cabula pouca importancia dá ás *tristes* ou badaladas da *cabra*, que ao anoitecer lembram ao estudante as horas tristes do estudo para a lição do dia seguinte. Hoje, porém, já este nome de *tristes* é pouco empregado; e menos lembrado é o de *alegres*, ou as badaladas que ás nove horas chamavam para a ceia.

A *cabula* mereceu sempre um culto muito particular de grande parte da academia, e tem inspirado alguns poetas. Um, sob a influencia d'esta decima musa academica, parodiou do modo seguinte uns versos do *Camões* de Garrett: [1]

> Correi sobre esta mesa carunchosa,
> Lagrymas tristes minhas, borrifae-a,
> Que o peso do *Digesto* a tem quebrado.
> Cabula minha pachorrenta e gorda,
> Quem entre as folhas te espremeu dos livros?

É principalmente para os *cabulas* que os *ursos* (raro, outrem) fazem as *sebentas*. A *sebenta* é um breve folheto lithographado, com a explicação da lição feita pelo lente, *apanhada* e redigida por estudante que mira a premio ou outra distincção. Sáe todas as noites em vespera de aula.

A moda, o gosto do luxo, a *civilisação* têm modificado muito o *modus vivendi* do estudante de Coimbra. Quanto a arranjos domesticos, não faltam elles ao academico. Mas d'antes, e no primeiro terço d'este seculo, e ainda alguns annos depois, a mobilia d'um estudante constava dos objectos que vou ennumerar.

---

[1] *A Cabulogia ou moral em acção.* Parte primeira, por ***. Coimbra, Typographia da Opposição Nacional, 1845, 8.°, 16 pag.

Uma cama,—isto é, dois bancos de pinho, sobre os quaes se appoiavam tres taboas da mesma madeira, e a *cabeceira*, peça esta pintada de azul, egual no feitio ás cabeceiras dos antigos leitos; d'este apparelho e dos seus appendices dizia um dos auctores da *Macarronea*:

> Pobre barra, que sustenta
> O meu peso, e o do colchão,
> Hum cobertor, e um roupão,
> Que he da era de quarenta.

Uma banca tambem de pinho e tambem pintada de azul, mas nem sempre inteira, acolytada por uma cadeira, de pinho como a cama e azul como a mesa. Muitas vezes a cadeira era prescindivel, quando a previdencia do constructor tinha collocado assentos ou poiaes no vão da janella.

Um cabide, d'estes grandes e pesados, que ainda se vêem nalgumas hospedarias de provincia (e de Lisboa tambem), que nada tinha a invejar pela materia nem pela cor aos outros trastes.

Um *papagaio*... A mesinha ou banca de cabeceira, que em Coimbra tem o nome de *donzella*(!), era coisa sempre dispensada pelo estudante, pela consideração de que os objectos, que nella se costumam collocar, se podiam pôr noutra parte. Assim, por economia, dependurava-se na parede, ao pé da cabeceira, um papagaio, movel que constava de tres taboinhas, uma vertical e duas dispostas horizontalmente, formando prateleiras; nestas se punha o fuzil ou phosphoros, os cigarros, e o candieiro.

Este ultimo era o classico candieiro de metal amarello, com tres bicos, que todos ainda conhecemos, mas que os nossos netos talvez só chegarão a ver num muzeu ethnologico (se algum dia o houver em Portugal). Outros usavam candieiro de lata, dos chamados de deposito, e com torcida larga entrançada.

Além destes trastes, uma estante pequena, madeira e cor *ut supra*, aonde, apar dos desconjuntados compendios, se ostentavam alguns livrinhos de mais frequente leitura.

Pelo que respeita a loiças, o estrictamente indispensavel; e muitas vezes quem a fornecia era a *servente*, mais anteriormente chamada *ama*, a qual nem sempre era, nem é, *ave de rapina*; pelo contrario succede com frequencia o ellas zelarem conscienciosamente os interesses dos amos. Digo dos amos, porque as mais das vezes moram na mesma casa varios estudantes, servidos por uma só creada; neste caso, é geralmente adoptado que cada um exerça por turno, mensalmente, o importante cargo de *bolsa* ou thesoureiro.

Outr'ora *caloiro* e *novato* eram synonimos; hoje o termo *caloiro* designa o estudante de preparatorios.

A definição d'um caloiro, como as suas propriedades foram dadas tão bem pelo auctor do *Palito Metrico*, que de bom grado transcrevo aqui dois sonetos em que elle se occupou d'esse objecto.

Eis a definição:

He hum Calouro hum bruto tão esfaimado
De dente tão roás, boca tão boa,
Que não ha peta grande, que não roa,
Nem ópio, que não coma d'hum bocado:

He selvagem de bafo tão damnado,
Que onde quer que chega, tudo enjôa:
He macho, que com pouco se encordôa,
E que mal se tempera encordoado:

He podão, que sem obra de ferreiro,
Na rua muitas vezes tenho visto
Traçado, mas com fio mui grosseiro:

De todas as escorias he hum misto;
He bolonio, he louraça, he boroeiro...
....

Agora os conselhos:

Será mui obediente ao Veterano,
Será no seu fallar muito encolhido,
E quando for *(quod absit)* investido,
Tudo executará com rosto lhano:

Se acaso ouvir dizer: *Fóra, pastrano:*
Vá andando, não se dê por entendido;
Porque o mais é mostrar-se comprehendido,
E, além d'isto, arriscar-se a maior damno:

Se dos quinze de Maio se vir perto,
Sem que lhe tenha alguem montado em cima,
Póde pesar-se a cera pelo acerto:

Mas de gabar-se d'isto se reprima;
Pois lá diz um dictado muito certo,
Que até lavar os cestos he vindima.

O mez mais aborrecido em Coimbra era antigamente o de agosto, no tempo em que as communicações não eram faceis como hoje; ainda hoje o é.

Terminados em julho os trabalhos universitarios, começam as *ferias grandes*, isto é, as ferias dos mezes de agosto e setembro. Além de que os estudantes deixam Coimbra, muitas das familias da cidade vão para o campo. Fica portanto (como d'antes succedia) a cidade deserta.

Em setembro, porém, no ultimo terço do mez, começam a regressar os estudantes, para se matricularem nas aulas da Universidade.

É todavia outubro o tempo de vir para Coimbra definitivamente; lá diz a *Macarronea*:

Nam venit Octubrus, tempus venit ire Coimbram.

Se regressam a Coimbra os estudantes que já cursaram algum anno da Universidade, muitos outros vem, que pela primeira vez pisam o solo da cidade do Mondego. Hoje, e de muitos annos já, os estudantes, que para Coimbra vem, passam o primeiro ou primeiros annos nos *preparatorios* ou disciplinas do lyceu, que lhes dão ingresso na Universidade. Mas antigamente era o caso diverso: raro era, rarissimo, aquelle que vinha a Coimbra estudar alguma cousa, a não ser nos cursos superiores. Como d'antes, hoje se chama *novato* áquelle que cursa o primeiro anno de alguma das faculdades, menos medicina, pois os estudantes que se matriculam no primeiro anno d'esta faculdade têm já cursado alguns annos de mathematica e de philosophia. Deixando essas pequenas excepções, vejamos o que succedia a todo o novato que vinha para Coimbra, e que ainda hoje succede, no geral, ao caloiro.

Váe para Coimbra o bisonho novato para se matricular:

> Forte ad Coimbram venit de monte Novatus,
> Ut matriculetur;

e será difficil encontrar algum que não supponha ir tornar-se a honra da familia, da sua terra, do reino, e até celebridade universal:

> Patres misere, suorum
> Ut post formatus Doctor foret honra parentum.

Hoje como outrora já não succede que o caloiro fique boquiaberto á vista da cidade: hoje tudo está adiantado, até o misero, o miserrimo caloiro; mas d'antes ao caloiro ou melhor ao novato acontecia o mesmo que áquelle de que fala o sobredicto livro, que mais d'uma vez ainda me parece terei de citar:

> Coimbram intravit, boccaque ficavit aberta
> Novatus, dum tecta videt.

Por isso o *Systema Metrico* dá ao novato o salutar conselho:

> Quando a Coimbra chegares, não te espantes,
> Se vires pela ponte passeando
> A grande multidão dos Estudantes,
> Por mais que para ti esteja olhando:
> ....
> Não tragas pela rua a boca aberta,
> Menos torças ás graças o focinho:
> Que então não pode haver prova mais certa,
> De que és miseravel Novatinho.

Presentemente o caloiro entra em Coimbra como em qualquer outra terra, sem ter que soffrer desde logo as troças pesadas d'outro tempo. Ainda em fins do seculo passado, ao novato recem-chegado, e que em sua sabedoria cuidava que a individualidade sua era respeitada, succedia que os estudantes veteranos ou em caminho d'isso lhe davam mil tractos, por todo o modo o ridicularisavam, pondo-lhe ás costas uma albarda, na bocca um freio, e cavalgando um na improvisada alimaria, percorria assim algumas ruas, tornando em irrisão o lorpa que nunca imaginára que para ser doutor fosse primeiro necessario fazer de burro.

Se o novato ou caloiro reagia contra a vontade dos que se resolveram a ludibrial-o, elles, então,

> Illi indignantes, quod sic louraça reguinguet,
> Multa reluctantem agarrant, & corpora sellâ
> Estirant: tum sella chegat, quam protinus anguis
> Louraçae imponunt: illumque erguere parumper
> Mandantes, brochant cilhas, freyumque Calouri
> Encaixant boquae: alter peitorale fivella
> Dextrus abotôat: latam hic quadrilia circum
> Accingit retrancam: alius chairéle superne
> Concertat: louraçam omnes cavalgare cogunt.

Depois pagava o novato a patente: num botequim via elle os outros comerem e beberem á sua custa, cumularem-no de dicho-

tes e epigrammas, obrigarem-no até ás vezes a servir á mesa, sem que nem uma trouxa de ovos, nem um misero trago de vinho lhe fosse tirar a agua da bocca:

> . . . coena chegat: veteranûm tota caterva
> Accumbunt mensae, & mandant servire Novatum;
> Nec deixant illum coenae provare migalham.

Muitas vezes era obrigado a pagar um jantar na afamada hospedaria do *Paço do Conde*, abaixo da praça de S. Bartholomeu.

Finalmente cingia elle o cabeção, vestia a batina, e traçava a capa *á caloira*:

> Colla cabeçano cingit, vestitque batinam,
> Et capam: seseque traçans calauriter ivit;

que na verdade não é tão facil como á primeira vista parece o trajar a capa; só o habito dá o aperfeiçoamento, a elegancia, no trajar uma veste tão pouco graciosa. Depois, que mais incommodos, que decepções, que zombarias tinha de soffrer!... Servir de toiro em corrida, beber agua em chafariz, á moda de besta... Um poeta nosso, satyrico, lá diz:

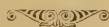
> Soffri continua tortura,
> Soffri injurias e acintes;

mas accrescenta logo que tirou vingança apenas se lhe offereceu occasião:

> Lancei tudo em escriptura,
> E nos novatos seguintes
> Fiquei pago e com usura.

Se ainda algumas troças tradicionaes se conservam, estão na maior parte modificadas, e outras ha novas.

D'antes não havia o *canellão* á Porta-Ferrea, nem a cortadella

de cabello. Se alguem tivesse o atrevimento de dirigir a ponta do pé ás canellas do novato, ou tonsural-o, receberia o devido castigo. Lá estava o dr. conservador, que, se era defensor dos privilegios academicos, tambem tinha obrigação de fazer manter a ordem. Do conservador eram subordinados os *verdeaes*. Elles rondavam de noite pela cidade, prendendo todo o estudante, que encontravam nas ruas a deshoras. Demais, nesse tempo, nem os estudantes nem os lentes podiam andar em Coimbra com outro trajo que não fosse a capa e a batina, que exigia o cabeção, o calção e meia preta e o sapato baixo de fivella. Parece que isto era para os distinguir dos restantes habitadores da cidade. Hoje só nos actos é obrigatoria a meia e o sapato.

Uma das troças ainda em uso, e talvez das mais pesadas, é o *gráu*, parodia da defesa de theses e do doutoramento, que o leitor já conhece.

Eis como se deu um ha poucos annos:

Prepara-se a casa convenientemente: no topo, uma cadeira de braços para o presidente; aos lados, bancadas para os pseudo-lentes; ao meio, a mesa para o neophito e logar para o padrinho.

Como seria uma regalia muito grande para um caloiro o escolher elle as theses, que havia de defender, foram-lhe indicadas pelo presidente as seguintes:

—1.ª O burro tem vantagem sobre o cavallo, pelo comprimento das orelhas.

—2.ª Teve mais proficuos resultados a fabricação do vinho por Noé do que a tomada de Jericoh por Jusué.

Antes de começar a defesa d'estas notabilissimas proposições, proferiu o *doutorando* a seguinte formula que todo o estudante recita antes de sentar-se para fazer acto:

—«*Post tot tantosque labores venit tandem dies, in qua apud vos studiorum meorum rationem redere cogor; sed antequam inci-*

piam, sit mihi auxilium Sanctissima Individua Trinitas, Increatus Pater, Unigenitus Filius, ab utroque procedens Divinus Amor, necnon et Beata Maria sempre Virgo, hujus Academiae fautrix. Deinde facite mihi veniam dicendi, praeclarissime praeses, sapientissimi doctores, amantissimi condiscipuli, concioque undequaque florentissima.»

Esta allocução não é usada nos doutoramentos; mas ao candidato foi d'aquella vez ordenado que a proferisse, para maior solemnidade do acto.

O padrinho, que se bem me lembro foi o sr. Rosalino Candido de Sampaio e Brito, mais vulgarmente *o Rosalino*, teve, por determinação do presidente, de auxilar por vezes o seu afilhado na defesa, do que resultou... o passarem-se algumas horas em continua hilaridade.

Terminada a discussão, havendo-se tirado como pôde o caloiro das difficuldades, que apresentava a defeza das suas theses, restava dar o grau competente.

Por isso, acompanhado de seu padrinho, foi o *doutorando* ajoelhar-se perante o presidente, que, com toda a seriedade requerida por tão solemnissimo acto, lhe dirigiu a breve e sacramental pergunta:

— *Quid petis?*

O caloiro deu a resposta tambem sacramental:

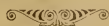
—*Gradum doctoris.*

Em seguida a isso, impoz-lhe o presidente na cabeça, á falta da *borla* doutoral, um d'esses vasos, de que diariamente se faz uso, e que são tão inseparaveis da cama, como a toleima do caloiro, proferindo as palavras do estylo:

— *Auctoritate qua fungor tibi confero gradum doctoris in nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti. Amen.*

Depois d'isto pronunciou o novo doutor o discurso de agradecimento, onde incluiu as palavras de praxe:

— *Nunc restat mihi agere gratias pro tot tantisque beneficiis erga me collatis.*

Finalmente foi abraçar cada um dos circumstantes, ao passo que, por falta da charamella, um estudante dedilhava na viola a aria da *Mariannita.*

Por *Futricas* são designados os que não são estudantes; e a rivalidade entre uns e outros data de muito longe. Parece que o documento mais antigo que faz referencia a discordias entre futricas e academicos, é uma carta de aggravos de 30 de maio de 1361, onde se lê:

«Primeiramente diziã q̃ erom agravados os moradores e pobradores da djta cjdade por q̃ se acontece q̃ alguns escollares do estudo desa cjdade errom e ffazem alguas coussas desagujsadas como nõ deuem e aquelles q̃ esse desagujsado recebem fazem delles querellas e queyxeumes aos Conseruadores do dito estudo q̃ som pér os tempos. E elles nõ ousam hy aas vezes de toruar como deue por receo q̃ am de moytas pessoas poderossas q̃ ha em ese estudo de lhys rrecrecer dano ou lhys buscarem e hordynharem mal e perda per ello.» [1]

Em todas as epochas mais ou menos acerbas foram as discordias, filhas em geral da travessura natural ao verdor dos annos e de falta de prudencia de parte a parte, mas algumas vezes promovidas por futeis e ridiculas rivalidades, e ainda em certas occasiões por motivos mais graves, desgraçadas emprezas de discolos.

Bem sei que em todos os tempos, e em todas as universidades do mundo, começaram muitas vezes, por um periodo de loucuras, as suas carreiras homens que ao depois foram illustrações da sciencia, honra das lettras, ou exemplos de virtude; mas, por seu proceder da edade madura, não devemos deixar de censurar os desregramentos da sua mocidade.

[1] *Indice chronologico* . . . já cit.

Em vista d'isto e tambem segundo o modo por que d'antes se entendia o recato da familia, não ha motivo para admirar que raramente o estudante fosse admittido em casa do futrica. O andar dos tempos, porém, modificando os costumes, e varias circumstancias eventuaes influindo, já de ha muito não ha tão grande separação entre a academia e as familias conimbricenses.

Depois ainda do triste fim que teve a sociedade *Rancho da Carqueja*, a que já me referi, entendia-se em fins do seculo passado ou, para melhor dizer, os estudantes entendiam que a boa feição consistia em ser discolo e extravagante em toda a maneira. Na *Feição á moderna* dizia o Malhão, ou quem quer que foi seu auctor, que

Quem quizer hoje campar
Em Coimbra, e feição ter,
Com os pés ha de saber
Qual cavallo coices dar:
Não ha de nunca estudar,
Ir aos Geraes isso não;
Saiba dar ópio ao villão,
Deitar pulhas ao Arrieiro,
Comer doce ao Conserveiro,
E terá boa feição.

Agora saber quizera,
Qual será a distincção,
Entre cavallo frisão,
E estudante d'esta era:
Qualquer burro hoje podera
Vir em trajo de estudante,
E campar muito elegante
Nesta feição, que se usa;
Porque os burros tem infusa
De coices feição bastante.

Em 1801, aos 25 de março, houve em Coimbra um conflicto

entre os estudantes e o regimento de milicias da cidade, que havia de partir no dia seguinte para Almeida. Estando o regimento em força de 690 praças formado no Rocio de Santa Clara, para revista, foi assistir a esta a academia, que nesse anno se compunha de 1:648 estudantes da Universidade e do Collegio das Artes. Os estudantes começaram então a *troçar* os milicianos, mettendo-se por entre as fileiras, dirigindo-lhes toda a sorte de provocações, deitando até por terra as armas que estavam ensarilhadas. O capitão, perdendo afinal a paciencia, fez dar carga de bayonneta, que obrigou os estudantes a debandarem, ficando alguns feridos, como um frade *grillo*, que morreu dos ferimentos.

A academia quiz vingar-se; e assim, percorreu as ruas proferindo insultos contra os milicianos, promovendo conflictos. O regimento, ao deixar a cidade no dia seguinte, saiu com as espingardas carregadas, o que poz em respeito os estudantes.

Alguns academicos foram castigados severamente, mas não serviu isso de lição aos outros. Em 1803 novos disturbios levaram o vice-reitor da Universidade, José Monteiro da Rocha, e o reitor D. Francisco de Lemos, que estava em Lisboa, a procederem com energia. No seu relatorio dizia o vice-reitor ao reitor: «Era uma sociedade organisada para os seus fins, e com mensageiros e signaes de convocação. Tinham uma casa onde se juntavam de noite a comer e dançar..., e d'ahi tomados de vinho, e armados, infestavam toda a cidade, commettendo violencias, e quando não achavam em quem, occupavam-se em demolir muros, e as guardas da ponte. Já tambem começavam a parar em algumas partes com toque de instrumentos e vozes muito sonoras, para se não sentir o trabalho de outros occupados em arrombar portas, para furtarem o que se achasse.»

Em outros e semelhantes factos altamente reprehensiveis se tem manifestado por vezes a indisciplina academica.

Em 1861, movidos os academicos de exaggeradas ideias de liberdade e independencia, e com a mira na reforma dos regulamentos da Universidade, resolveram envidar todos os seus esfor-

ços para a substituição do reitor, que então era o Visconde de S. Jeronymo, cuja firmeza e austeridade seria sempre obstaculo insuperavel aos seus fins. Organisaram pois em abril uma sociedade secreta, especie de *carbonaria*, que foi denominada do *Raio*, e de estatuto muito rigoroso. No seu empenho de alcançar a demissão do reitor chegaram varios socios a propôr que elle fosse preso e conservado em custodia até se resolver a pedir a exoneração; mas tão violenta medida foi regeitada por alguns membros menos exaltados. A oito de dezembro, porém, por occasião da distribuição dos premios, na sala dos capellos, quando o reitor ia a proferir o discurso do estylo, sairam todos os academicos, ficando apenas os lentes, os *ursos* e os empregados. Feita esta desconsideração ao reitor, soltaram no Terreiro vivas á *independencia da academia* e á *liberdade*. O reitor pediu alguns mezes de licença e passado tempo a súa exoneração. Estava satisfeito o mais ardente anhelo da sociedade do *Raio*, que publicou, em defeza da academia, um *Manifesto dos estudantes da Universidade de Coimbra á opinião illustrada do paiz*—1862-1863. [1] Cumpre, todavia, acrescentar que a animosidade contra o Visconde de S. Jeronymo não era só da parte dos estudantes; os lentes tambem lhe faziam grande opposição, por motivos que seria muito longo explicar aqui.

Mas deixemo-nos de lembrar acontecimentos que exigem severa censura, e notemos que por muitos e repetidos factos a corporação academica tem dado provas de grande cordura, e se tem honrado, approximando-se por vezes da população propriamente conimbricense.

A academia pegou em armas e passou ao Alemtejo, em defeza da patria em 1645, sendo reitor Manuel de Saldanha; o mesmo fez em 1809 estando á testa da Universidade o vice-reitor Ma-

[1] Martins de Carvalho, *op. cit.*

nuel Paes de Aragão Trigoso, por occasião da invasão franceza; e durante as desgraçadas luctas civis, tambem se formou um *batalhão academico*. De todas as vezes se portou galhardamente, merecendo louvores e premios por seu valor e patriotismo.

Por occasião de grandes incendios que têm posto em sobresalto a cidade, sempre os academicos se hão distinguido muito, prestando soccorros de toda a especie, fazendo mostra dos mais bellos sentimentos.

Em 1849 um estudante madeirense, Feliciano Augusto de Brito Correia, implorou a protecção dos seus contemporaneos em favor d'aquelles a quem a falta de meios tolhesse o estudo. Da iniciativa d'este benemerito resultou a creação da *Sociedade Philanthropico-Academica*, que definitivamente ficou constituida no principio de 1850.

O meu amigo Robinson... Mas, a proposito, deixe-me o leitor dizer-lhe que, nas provas d'uma das ultimas folhas, o typographo a quem foi confiada a composição d'este livro, escreveu á margem a seguinte observação:

«Parece-me que o auctor se tem esquecido de pôr em scena o personagem a que deu o nome de Robinson.»

A esta nota, de caracter diplomatico, respondi com a que se váe ler:

«O auctor não se esqueceu de Mr. Apollos Robinson; nem este personagem é imaginario, como o sr. typographo parece julgar.»

O meu amigo Robinson, dizia eu, estava uma noite tomando apontamentos sobre o que vira, e eu entretinha-me junto d'elle a coordenar algumas inscripções que ambos haviamos copiado, quando inopinadamente um barulho infernal nos atordoou os ouvidos, ba-

rulho produzido pelo arrastar de objectos metallicos pela calçada, e pelos repetidos golpes dados nelles, tudo acompanhado d'uma vozeria continua, entremeada de assobios.

—Que demonio é isto? perguntou o meu companheiro com certo espanto.

E assomando á janella presenceou uma curiosa scena.

Mais de cincoenta estudantes passavam, uns arrastando velhas e amolgadas caixas de lata presas por cordeis, outros batendo em panellas da mesma materia, já inutilisadas, como se tocassem tambor, e erguendo brados ou assobiando.

—Que é isto? perguntou-me de novo o archeologo.

—São as *latas*. Hoje pôz-se *ponto* ou, por outras palavras, terminaram as aulas nas faculdades de direito e theologia. Estamos no fim de maio; chegou a occasião. Ora é costume irem os estudantes, que já não têm aulas, fazer esse barulho diabolico ás portas das casas aonde habitam os estudantes das outras faculdades, philosophia, mathematica e medicina, os quaes só têm ponto muitos dias depois. É uma tróça innocente, uma brincadeira de amigos.

Ainda mal eu tinha terminado, já Robinson estava de chapeu na cabeça.

—Onde váe? perguntei-lhe eu.

—Vou ver de perto as *latas*; não me acompanha?

A noite estava bella: o ar sereno, o luar magnifico.

Saí com o americano.

Sendo as *latas* uma festa privativa dos estudantes, não convinha de modo algum approximar-nos muito d'elles; pois, se nos considerassem *futricas*, poderia sobrevir algum desgosto. Por isso tomámos-lhes a dianteira, e, demorando-nos aqui e alli, teve o meu companheiro tempo de á sua vontade ver as *latas*.

Já que estavamos na rua, e que a noite convidava a passear, divagámos algum tempo pela velha cidade, até que chegámos ao *Largo da Feira* (de que adeante falarei); alli encontrámos para cima de cem estudantes, que para descançarem da fadiga das *latas* estavam fazendo a *bicha*.

Traçam-se as capas, cada estudante segura a parte pendente da capa do seu visinho, e começa a caminhar esse cordão humano, serpeando pela praça, formando elos, fazendo evoluções varias e continuas, com grande gaudio de quantos tomam parte no divertimento. Eis o que é a *bicha*.

Quando regressavamos ao domicilio deparou-se-nos um grupo de tres estudantes, que lentamente iam passando e dedilhando nas violas e guitarra uma melodiosa musica. De quando em quando uma voz se elevava entoando alguma canção popular.

E numa janella, que o luar allumiava, appareceu um vulto feminil; e pareceu-me ouvir uma palavra, uma voz, um murmurio, um suspiro, ao mesmo tempo que o trovador cantava:

Eu vim a Coimbra, ao estudo,
Aprender licções de amar;
Apenas vi os teus olhos,
Nunca mais pude estudar.

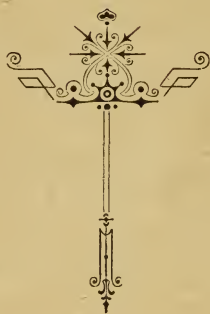
Talvez quem soltou o suspiro tivesse receios, temesse que alguma nuvem escura empannasse a claridade que lhe inundava a alma, talvez se lembrasse d'outra quadra d'uma *estudantina*, que diz:

O amor do estudante
Não dura mais que uma hora:
Toca o sino, váe p'r'a aula;
Chegam férias, váe-se embora.

Mas tambem é possivel que o seu coração trasbordasse de alegria, que a sua alma se sentisse enlevada em delicias, e que lhe accudissem á memoria est'outros versos:

O meu amor é estudante,
É estudante de latim;
Se elle se chega a formar,
Ninguem tenha dó de mim.

E eram talvez aquelles corações bem amantes: deslumbrava-os em cada dia um ardente olhar; enlouquecia-os em cada noite um sonho d'oiro...

Em quanto aquellas almas enamoradas se extaziavam alguns rapidos momentos, Robinson e eu iamo-nos ambos deliciando com a belleza da noite, com esse formosissimo luar que se reflectia nas aguas cristalinas do poetico Mondego.

CAPITULO X

Gente de fóra — A rua *Larga* — O *Theatro Academico* — O antigo *Collegio de S. Paulo* — O monumento ao Camões — O Camões e Coimbra — Pór incidente, a rua e a egreja de *S. Pedro* — O collegio *Amiclense* e o de *S. Boaventura* — Uma recordação pessoal — A *Boquinha de cereja* e a *tia Maria Camella* — O collegio dos *Loios* — O *Governo Civil* — Outro collegio d'outro S. Paulo — O *Instituto* e o seu *Museu de Archeologia* — Antigualhas.

ERCORRERMOS passo a passo a nossa terra natal quando os accidentes da vida ha muito nos arremessaram para fóra d'ella, não é coisa tão insignificante que deixe de influir sobre o nosso espirito. Pullulam em torno de nós as recordações; brotam de toda a parte antigas imagens; cada sitio nos aviva uma memoria; cada objecto é para nós um symbolo. Então não phantasiamos: reconstruimos na mente o passado; restituimos os quadros cambiantes que presenseámos; restabelecemos os acontecimentos em que talvez fomos actores obscuros; e, se alguma vez essas reminiscencias nos affagam deliciosamente o coração, frequentemente somos lanceados de dolorosas commoções.

Succedera-me isso desde que chegára a Coimbra. Adventicio na minha terra natal, a gente que me encontrava — uns que em

tempo muito se davam commigo, mas que já de mim se não lembravam agora; outros que eu conhecera em creança e que haviam brincado sobre os meus joelhos — essa gente, olhando-nos a mim e ao meu companheiro, proferia a phrase sacramental:

— Gente de fóra!...

Consolava-me, porém, d'esse esquecimento, fazendo tres gravissimas considerações. A primeira era que ninguem é propheta na sua terra; e ácerca d'esta excuso de dizer mais. A segunda, que, como o meu companheiro era alto e tinha todo o feitio de estrangeiro, só elle dava nas vistas e eu passava desappercebido, como se elle me levasse na algibeira do collete. Terceira e ultima consideração: se Ulysses, voltando ao seu reino de Ithaca, não foi conhecido por ninguem, como diabo queria eu ser mais do que Ulysses?

Se estas considerações destruíam o effeito da tal phrase *gente de fóra*, que a principio me irritára, não podiam de modo algum mitigar as saudades que por vezes me assaltavam, nem impedir que um edificio, um sitio, algum insignificante objecto me avivasse lembranças.

As saudades ficavam commigo; as simples lembranças, communicava-as ao companheiro.

Saindo do terreiro da Universidade pela Porta-Ferrea, entra-se na rua *Larga*, ou do *Infante D. Augusto*, a melhor do antigo recinto da cidade, e na qual á direita se depára logo uma pesada construcção que, pelo *cicerone* de Mr. Apollos Robinson, foi a este cavalheiro indicada como sendo o *Theatro Academico*.

Este theatro, que data de 1840, é o melhor de Coimbra, assim por suas dimensões, como por sua disposição. A sua historia póde resumir-se em breves linhas. No anno de 1835, tendo sido fundado um theatro no refeitorio do mosteiro de Santa Cruz, por um tal Henriot, emprezario-director d'uma companhia gymnastica,

alguns estudantes o aproveitaram para lá representarem o *Catão* de Garrett. Querendo, porém, theatro proprio seu, construiram um no anno immediato nos baixos do Collegio das Artes, repetindo, a 4 de abril, a representação da tragedia alludida. A direcção do theatro foi confiada a uma *Academia Dramatica.* Tendo-se levantado todavia algumas desintelligencias entre os associados, alguns se separaram indo formar outra sociedade com o titulo de *Nova Academia Dramatica,* e fundar o actual theatro no antigo Collegio de S. Paulo. Em 24 de julho de 1839 abriu-se o theatro, representando-se o drama *A Nodoa de Sangue* e a comedia *Boda em trajes de frasqueira.* Reformados em 1849 os estatutos da sociedade, foi creado um *Instituto* que tinha a cargo os trabalhos litterarios e artisticos; separou-se elle em 1852 da sociedade. Organisando-se posteriormente um *Club Academico,* fundiu-se este com a Nova Academia Dramatica em 1866, resultando d'isso uma nova sociedade que passou a ter a denominação de *Academia Dramatica de Coimbra.*

O edificio do *Collegio de S. Paulo,* cedido pelo artigo 19 da carta de lei de 15 de setembro de 1841 á Nova Academia Dramatica, datava de 1549 em que o fundára D. João III, em substituição d'outra casa, em que estivera desde 1544 apar de Santa Cruz. No portico da entrada principal do edificio lê-se a seguinte inscripção:

IOANNES III. LVSITANORVM REX. AVGVSTVS. PATER. PATRIAE. SEMPER INVICTVS. COLLEGIVM. HOC. D. PAVLO DICAVIT. ET ACADEMIAM. A SE. FVNDATAM. ADAVXIT.

Este collegio tinha um caracter secular, e compunha-se de duas classes: uma de *collegiaes,* outra de *porcionistas.* A primeira era formada de doutores, de licenciados ou bachareis; e a segunda de individuos sem gráu algum, com menos privilegios que os outros, e obrigados ao pagamento d'uma annuidade. Este collegio foi encorporado, por alvará de 23 de outubro de 1562, na Universidade para poder gosar dos privilegios d'ella.

O collegio de S. Paulo ficou comprehendendo as casas chamadas dos *estudos velhos*.

Fronteiro ao Theatro Academico está um terreiro quadrangular e arborisado, aonde houve em outros tempos uma moiraria. No centro d'elle se eleva um monumento erigido em honra do immortal cantor dos *Lusiadas*, e cuja inauguração teve solemnemente logar no dia 8 de maio de 1881.

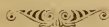
Gósto da simplicidade d'este mouumento, comquanto não possa perceber o que elle symbolisa. O leão... para que está alli o leão? O Camões não póde ser comparado a esta bruta fera, não póde por elle ser representado; o que quer pois dizer o leão?

A vida do Camões é ainda muito obscura, apezar de tanto se haver escripto ácerca do grande poeta. Muitas asserções têm sido aventadas, e apresentadas como factos, que todavia são ainda do campo da probabilidade, como a sua carreira na Universidade, a sua estada em Macau, etc. Mas, se quanto a isso e a outras muitas coisas ha duvida, não póde havel-a ácerca da sua assistencia em Coimbra, e no que respeita a terem inicio nesta cidade os seus amores, como elle mesmo nos conta numa formosa canção, e como o deixa entrever nalguns sonetos e outras composições.

O que é certo é que o Camões assistiu longo tempo em Coimbra, e amou esta terra; elle mesmo o diz:

Nesta florida terra,
Leda, fresca e serena,
Ledo e contente para mi vivia;
Em paz com minha guerra,
Glorioso co'a pena
Que de tão bellos olhos procedia.
D'hum dia em outro dia,
O esperar me enganava:
Tempo longo passei;
Com a vida folguei,
Só porque em bem tamanho se empregava. [1]

[1] Camões, *canção* IV.

Mas deixemos tranquillo o Camões, e desejemos que suas obras sejam mais lidas do que actualmente o são.

A rua Larga é ladeada por seis quarteirões; um formado pelo Theatro Academico, e outro pelo predio particular que orientalmente fecha o pequeno largo aonde se eleva o monumento em honra do Camões.

Seguem-se dois quarteirões separados dos primeiros pelas ruas de *S. Pedro* e de *S. João*. Esta, que desce para o norte, váe terminar no largo do mesmo nome, já conhecido dos leitores; a outra desce para o sul indo desembocar na *Couraça de Lisboa.*

Já que mencionei esta rua de S. Pedro, direi aqui que ella é assim chamada d'um templo que sob a invocação d'este santo ali se eleva: templo moderno, que absolutamente nada tem de notavel, mas que substituiu outro que se demoliu para prevenir alguma catastrophe, em consequencia do estado de ruina em que se achava.

A antiga egreja era anterior á conquista de Coimbra por Fernando Magno no terceiro quartel do XI seculo. Elle fez doação d'ella ao mosteiro benedictino de Lorvão. Na porta principal tinha um alpendre, no qual se achavam duas inscripções sepulchraes que nos conservou Gasco. Uma é a seguinte que remonta ao anno de 1127:

MAGNUS ERATMUNDUS
FORTISSIMUS MILES QUI
DIRO VULNERE MORTIS
MORTUUS EST . IDUS
MARTII . E . M . C . LXV

Outra era o epitaphio, de verso leonino em parte, d'uma virtuosa conimbricense, de nome Randulfina. Passo a transcrevel-o

da obra de Gasco, com toda a exactidão, advertindo porém que está incorrectissimo. Eil-o:

CARMINE, HOC CARMINE JACET HIC QUOD FOEMINA QUAEDAM;
UT MIHI NARRATUR, PUTO QUOD MAIOR VOCITATUR.
HAEC MALA, DUM VIXIT, NULLI NEQUAQUAM DIXIT.
MUNERA LARGA NIMIS VIDUVIS DEDIT, & PEREGRINIS.
DULCIS, GRATA, ORBIS DECUS, & FUIT ISTIUS URBIS.
FOEMINA TAM PRUDENS, TAM DULCIS, TAM PIA CUNCTIS.
LAUDE QUIDEM DIGNA, BONITATI GRATISSIMA.
PAUPERIBUS LARGA, SIC INSTITUIT SIBI PARCA:
LONGE TULIT SIBI DIGNA IN COELO THESAURUM.
RANDULFINA JACET, HOC TUMULO TUMULATA.
DIGNA DEO COLI DIVINAE SUBDITA LEGI.
QUAM MORS OCTAVO RAPIT IDUS NOVEMBRIS.
HAEC PRECIBUS PIE DOMINO VESTRIS CURAT ORARI.
BIS SEX ÇENPTENA NON INDE FUIT, ET ERA.

Na mesma egreja de S. Pedro foi sepultado o historiador Castanheda que exerceu o cargo de guarda do cartorio da Universidade, abrindo-se-lhe na campa este epitaphio:

AQUI IAS FERNAM
LOPES DE CASTANHEDA
ESCRIPTOR PRIMEIRO DA HIS
TORIA DO DESCOBRIMENTO
DA INDIA O QUAL FALECEO
AOS 23 DIAS DO MEZ DE
MARÇO DE 1559 ANNOS.

Dou este epitaphio conforme o vi numa antiga noticia historica manuscripta, feita no seculo passado; encontra-se outra transcripção d'elle num manuscripto da Bibliotheca Publica de Lisboa,

aonde se lê tambem um lettreiro que havia na mesma egreja, e que dizia:

SEPULTURA DE GONÇALO LEYTÃO FIDALGO DA MUITO ANTIGA, E NOBRE GERAÇÃO DOS LEYTÕES DESTE REYNO, E CIDADÕES D'ESTA CIDADE E DE SUA MOLHER JSABEL MANSA, E HERDEIROS, ELLA FALECEO AOS 7 DE ABRIL DE 1575, E ELLE AOS 15 DE MARÇO DE 1594 ANNOS, QUORUM ANIMAE REQUIESCANT IN PACE.

Voltemos á rua Larga, continuando a percorrel-a de occidente a levante.

Os dois quarteirões, que a limitam além das embocaduras das ruas de S. João e de S. Pedro, constituem habitações particulares.

No lado septentrional foi fundado em 1552 o *Collegio Amiclense*, por D. Pedro Malheiro, bispo Amiclense, para doze estudantes pobres. Alli podiam conservar-se os estudantes durante sete annos e cursar os estudos que lhes approuvessem. Em 1624 estava, porém, já em ruinas o collegio, naturalmente pela pouquidão das rendas do instituidor. E trinta e um annos depois, os franciscanos. aproveitando ao que parece parte da construcção, fundaram lá o *Collegio de S. Boaventura*, vulgarmente designado por collegio dos *Venturas*. Antigamente existia á entrada do claustro, ao lado esquerdo, esta inscripção:

LANÇOVSE A PR^A PEDR
A NESTE COLEGIO AOS
14 DIAS DO MES DE IVLHO
DE 1665 SENDO PV̊AL O M.
R. P. M. FR LVIS CEZAR A
CABOVSE A 7 DE SETEMBRO
DE 1678 SENDO PV̊AL O M. R.
P. M. FR IOÃO DA M^E DE D^S.

Na varanda do mesmo claustro lia-se tambem até 1869 a seguinte inscripção memorando uma trovoada de maio:

AOS IIII DE MA
YO DE 1723 CAHIO
NESTE LOGAR
HVM RAIO

Parte do edificio do Collegio de S. Boaventura, em que hoje está a cadeia academica, foi por muitos annos occupada por uma escola de primeiras lettras, aonde eu aprendi a ler, coisa que nada importa ao leitor. Tambem, se nella falei, foi só para dizer que em frente da porta da escola, no quarteirão meridional, tinha a sua loja de capellista uma boa senhora, que nos seus tempos passara por ser uma lindeza, e já no meu tempo usava oculos azues ou verdes. Conservava, apezar dos annos, vestigios de formusura e a sua alcunha, *a Boquinha de cereja*, indicava bem uma das suas feições mais delicadas.

Adeante da loja da *Boquinha de cereja*, á esquina do quarteirão, vivia outra e maior celebridade conimbricense: era a *tia Maria Camella*. Esta *tia* de quantos estudantes durante bons vinte annos cursaram a Universidade, e tambem d'alguns lentes (exclusão feita dos de *rabicho*), era proprietaria d'uma tasca aonde se reunia a flor da mocidade estudiosa, para saborear o peixe frito. É que ninguem amanhava nem fritava melhor o roballo, a tainha, o linguado, a sardinha, do que a tia Maria Camella. Ella conhecia de nome todos os seus amaveis *sobrinhos*, tractava-os a todos com egual carinho; não levava a um mais do que a outro, pela sardinha, pelo pão e pelo vinho; aturava sempre com rosto prazenteiro a algazarra da discussão e a vozeria da conversa, e era sempre com um sorriso que ella dava a conta do gasto feito, conta, em que invariavelmente era representada a moeda de cinco réis: ou eram *seis* (vintens) *e cinco*, ou *sete e cinco*, ou *doze e cinco*... E se isto fazia na venda, o mesmo fazia ao comprar. Quando a

provisão feita na praça se ia acabando, ouvindo lá dentro no seu santuario (synonimo de *cosinha* neste caso) o pregão da vendedeira conimbricense: *quem merca sardinha bem fresquinha, ó cachopas;* lá vinha ella até á porta a chamar a vendedeira, a examinar o peixe, a desfazer nelle, a compral-o finalmente, por *mais cinco* ou *menos cinco*.

Neste ponto da rua Larga encontram-se as embocaduras de duas outras ruas: a que parte para o sul é a rua do *Borralho*, a que desce na direcção do norte tem o nome de rua dos *Loios*, por correr ao longo do antigo collegio dos conegos seculares de S. João Evangelista, os quaes eram chamados *loios* da cor do habito que usavam.

Este collegio foi fundado em 1631, lançando-se a primeira pedra no dia 6 de maio e terminando a obra em 1638. A fachada principal d'este vastissimo edificio está voltada para o *Largo da Feira*; a opposta a esta lança para a rua Larga. No alto d'aquella fachada eleva-se uma estatua do discipulo amado, de grandes dimensões. Occupam hoje este edificio, o governo civil, a repartição de fazenda, e outras, que têm a entrada pela rua Larga.

O edificio que está fronteiro ao governo civil, é ainda o d'uma antiga casa monastica, o *collegio de S. Paulo, primeiro eremita*, monges da Serra d'Ossa. Occupa-o hoje a sociedade *O Instituto*, a que já me referi. Esta sociedade, a que têm pertencido alguns homens illustres, publíca desde 1852 um periodico, com o mesmo nome da associação, no qual se encontram excellentes artigos sobre diversos assumptos. Por deliberação da sociedade em assemblea geral de 28 de janeiro de 1874, constituiu-se uma *Secção de Archeologia*, e instituiu-se um museu archeologico, aonde desde logo começaram a affluir os monumentos d'outras eras, sendo em

geral os objectos doados, e alguns poucos ali conservados como em deposito. Pelo respectivo *Catalogo* (1873-1877) e o seu 1.º *Supplemento* (1877-1883), póde ver-se que o museu possue já alguns monumentos notaveis e importantes. Ali se encontram os mais antigos monumentos epigraphicos da cidade do Mondego, que ascendem á epocha romana, e outros muitos procedentes d'outras povoações; da epocha dos godos, cujos monumentos tão raros são entre nós, alguns objectos possue, assim como da dos arabes; e da epocha portugueza ha alli muitos monumentos. Conserva egualmente alguns manuscriptos curiosos (diplomas e cartas) e algumas moedas antigas romanas e portuguezas.

Encontram-se lá tambem as estatuas que nas aulas da Universidade antigamente symbolisavam as sciencias, d'uma das quaes o archeologo Robinson fez o desenho. Escolheu para isso a do imperador Justiniano, que symbolisava o direito romano. Fez mais alguns esboços o americano, como o d'um baixo relevo em pedra representando uma cabra de pé no meio de folhagens e fructos, que pertencera á sacristia do collegio real de S. Paulo; e ainda d'outro baixo relevo muito curioso e que sem duvida ascende aos fins do decimo terceiro seculo. Representa este, em dois porticos, divididos por uma columna prismatica hexagonal, dois quadros distinctos. Num vê-se um Christo crucificado, com o ventre e coxas cobertas, ladeado da Virgem e de S. João Evangelista: dois anjos collocam na cabeça do Christo coroas, a de espinhos e outra real. Por cima do quadro, na orla da moldura, lê-se em gothico:

IHS ⁝ NAZARENVS ⁝ REX ⁝ IVDEORŪ ⁝

O outro quadro (o da esquerda) representa a virgem coroada, com o menino Jesus no regaço, vestido, e com globo na mão direita. Ao lado esquerdo da Virgem, Santo Ildefonso, mitrado, está de pé junto d'um pequeno altar recebendo a alva de sacerdote que um anjo, descendo do céo, traz nas mãos. Na lenda d'este santo lê-se que a Virgem offerecera ao virtuoso arcebispo de Toledo tal

premio, por elle haver tomado a defesa da sua virgindade perpetua. Na orla da moldura, superiormente, se lê esta inscripção gothica e com abreviaturas:

H : E : VESTIM....... : VIRGO : M : ATTULIT
SCO : ILDEFONSO :

inscripção que se complecta facilmente: *hoc est vestimentum, quod virgo Maria attulit sancto Ildefonso.* Este monumento interessante a muitos respeitos pertencia á sacristia da capella de Santa Comba de Coimbra, de que falarei noutro logar.

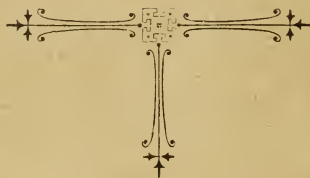
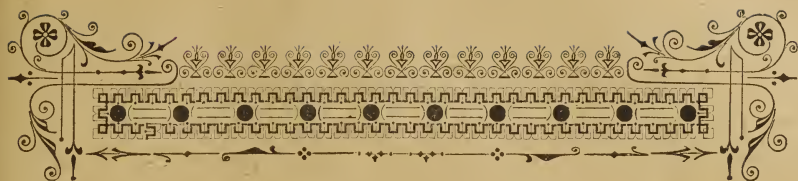
Outro baixo-relevo interessante para a historia da arte em Portugal, que tambem faz parte das collecções do museu do *Instituto*, é o que tem o numero 43. Vêem-se nelle representados S. Pedro, S. Paulo, e S. Agostinho, em pé e de frente, seguidos por grande numero de outros santos, no meio dos quaes se notam um rei e um bispo. «Parece ser a propria esculptura que, encimada do Espirito Santo em fórma de pomba, estava collocada sobre o portal do collegio de Todos os Santos, fundado com o de S. Miguel na rua da Sophia de Coimbra, em 1530 ou 1531, para os estudantes do proximo mosteiro de Santa Cruz; collegios, que, depois de servirem aos estudos dos jesuitas (1547-1566), foram mais tarde (1572) destinados para casa do tribunal do Santo Officio da Inquisição da mesma cidade.» [1]

Tambem d'este baixo-relevo tomou esboço o meu companheiro norte-americano, que só saiu do estabelecimento depois de ter examinado tudo miudamente. Não deixou de contemplar as balas da batalha do Bussaco, nem o ferrolho de vinte e quatro e meio kilogrammas de peso que pertencera á porta do arco do castello da cidade, como varios outros objectos cuja ennumeração levaria muito longe.

---

[1] *Catalogo dos objectos existentes no museu de archeologia do Instituto de Coimbra* . . . Supplemento 1.º

Se os recursos do *Instituto* fossem maiores, muito haveria que exigir d'esta sociedade, não só no que respeita á acquisição de objectos, mas ainda a outros muitos respeitos. Todavia é de justiça dizer-se que a secção de Archeologia tem velado constantemente pela conservação dos monumentos conimbricenses, tanto quanto lhe é dado na sua ainda limitada esphera, e já muito se lhe deve.

Ha muitas razões para acreditar que este museu terá, dentro de poucos annos, um consideravel augmento, tornando-se de todo o ponto digno da antiga Coimbra.

CAPITULO XI

A torre de *Belcouce* e o collegio da *Estrella* — A *cidade dos conventos* — A capella de *Santo Antoninho* e o *Arco romano* — A rua da *Alegria* e as inscripções do seu arco — A *Couraça de Lisboa* e um estratagema militar — O collegio da *Trindade* e a sua egreja — O *Patagonia* — O *Arco da Traição* — A rua e o collegio dos *Militares* — Os lazaros — A antiga Gafaria — Um dicto de Alexandre VI.

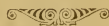
IVE já occasião de alludir á torre de *Belcouce*, que defendia a porta do mesmo nome, e que foi encorporada no collegio de *Santo Antonio da Estrella da Provincia da Conceição de Portugal*. Este collegio foi fundado á custa de esmolas e a despeito da opposição feita pela camara, que representára que a cidade estava cheia de conventos, que não havia sido consultada, etc.

O devoto conde de Portalegre, D. Martinho de Mascarenhas, offereceu para o collegio as suas casas situadas perto da barbacã da cidade e acima da porta de Belcouce, as quaes haviam sido moradia do reitor D. Garcia de Almeida. A primeira pedra do edificio foi lançada pelo bispo-conde, que então era D. Antonio de Vasconcellos, no dia 29 de março de 1715, e o collegio ficou concluido poucos annos depois. Pela extincção das ordens religio-

sas, passou a ser propriedade particular, e em 1884 estabeleceram-se nelle duas fabricas de massas.

A construcção do collegio no ponto de juncção da rua das Fangas (hoje de *Fernandes Thomaz*) com a Couraça de Lisboa, accarretou comsigo a destruição de varios monumentos. A porta de Belcouce foi demolida; da torre ficou só subsistindo uma pequena parte; a muralha acabou de desapparecer sob habitações particulares. Felizmente algum collegial se lembrou de conservar a inscripção commemorativa da construcção da torre nos annos de 1209 a 1211 pelo rei *povoador*, fazendo-a embeder por cima da porta do terrado do collegio. Essa inscripção, em gothico maiusculo e minusculo, e com muitas abreviaturas, foi interpretada quanto ás datas que contém pelo academico A. do C. Velho de Barbosa, e resa d'este modo:

REGNÃTE : APVD : PORTVGALIAM : ILVSTRISIMO : REGE : SÃCIO : | ĨCLITI : REGIS : ALFÕSI : ET REGINE : MAHALDE : FILIO : ET : ILLVSTRIS : COMITIS : | HẼRICI : ET PIISIME : REGINE : TARASIE : NEPOTE : IPSO : IVBẼTE : HEC : | TVRIS : CÕSTRVCTA : Ẽ : ÃNO : REGNI : IPSIVS : XX : IIII : A CACIONE : CIVITATIS : | A SARACENIS : P REGẼ : FERNANDṼ : C : X : LXI : + : M : CC : X : LVIIII :

Ainda sobre o portico principal do edificio se vê o brazão particular da ordem a que o collegio pertencia.

Notei acima que a respectiva camara municipal se oppozera á fundação do collegio da Estrella, representando que a cidade estava cheia de conventos. Effectivamente póde dizer-se que Coimbra era a *cidade dos conventos*, comprehendendo sob esta denominação os *collegios*, que afinal pouca differença faziam geralmente dos primeiros. Subia a trinta o numero d'esses estabelecimentos (oito conventos e vinte e dois collegios), ao tempo da extincção das ordens religiosas em 1834. De alguns d'elles já o leitor tem noti-

cia, d'outros tratarei ainda. Farei, porém, neste logar a lista complecta d'elles.

Conventos de frades:

Santa Cruz (conegos regrantes de Santo Agostinho); nos numerosos e vastos edificios que lhe pertenciam, em grande parte hoje transformados, estão a camara municipal, administração do concelho, tribunal judicial e cartorios, conservatoria, obras publicas, correio e telegrapho, cadeia, hospicio de abandonados, etc.

S. Francisco (observantes da provincia de Portugal); propriedade particular, servindo de armazens, etc.

Santo Antonio dos Olivaes (da provincia da Soledade); destruidó inteiramente por um incendio na noite de 10 para 11 de novembro de 1851.

S. Domingos; propriedade particular.

Conventos de freiras:

Santa Clara (da ordem de S. Francisco); de que já falei.

Sant'Anna (eremitas de Santo Agostinho); destinado para quartel.

Santa Thereza (carmelitas descalças); tem freiras.

Cellas (da ordem de S. Bernardo); por fallecimento da ultima freira, passou á fazenda nacional.

Collegios:

S. Pedro da Terceira Ordem de S. Francisco (vulgarmente *Collegio dos Borras)*; fundado em 1145 pelo padre Fernando Manga Ancha, sob a protecção de D. João III; hoje pertencente ao Asylo da Mendicidade.

N. Senhora da Graça (eremitas de Santo Agostinho); durante muitos annos quartel militar.

N. Senhora do Carmo (carmelitas calçadas); pertencente á Ordem Terceira, que ahi tem o seu hospital e asylo.

Espirito Santo (da ordem de S. Bernardo); propriedade particular.

S. Boaventura (vulgarmente *Collegio dos Pimentas*); propriedade particular.

S. Thomaz (annexo ao convento de S. Domingos); propriedade particular. Este collegio como os antecedentes eram na rua da Sophia.

Sapiencia, ou *Collegio Novo* (dos conegos regrantes de Santo Agostinho); de que já tratei.

Santo Antonio da Estrella; de que ha pouco falei.

Santa Rita, vulgarmente *Collegio dos Grillos* (de eremitas reformados de Santo Agostinho); fundado em 1755 perto da rua da Ilha, propriedade particular.

Santo Antonio da Pedreira (de capuchos da provincia de Santo Antonio); este collegio, fundado em 1602, e desde 1836 destinado a *Asylo da Primeira Infancia Desvalida*, está situado na rua da Pedreira, e proximo das *Escadas de Minerva* da Universidade.

Santissima Trindade (dos Trinos); de que brevemente falarei.

Militares (das ordens militares de Sant'Iago e de S. Bento de Aviz); de que em breve direi.

S. Pedro (collegio real).

S. Paulo (collegio real).

S. Paulo, primeiro eremita.

S. Boaventura.

Loios; d'este, como dos quatro anteriores, situados na rua Larga, falei já.

S. Jeronymo (monges).

das Artes, ou das *Onze Mil Virgens* (jesuitas).

S. Bento (monges).

S. José dos Mariannos (carmelitas descalços).

Thomar (da ordem de Christo).

Eis um grande numero de corporações religiosas numa bem pequena cidade. Note-se, todavia, que essa cidade foi desde o meiado do seculo XVI o centro intellectual do paiz.

Paredes meias com o edificio do collegio da *Estrella* vê-se uma pequena capella de Santo Antonio, vulgarmente chamada de *Santo Antoninho da Estrella*. Para esta capella foi transferida uma imagem do santo alfacinha, que até 14 de junho de 1778 se conservou em um nicho que tinha o *arco romano* que alli perto se elevava, á porta de Belcouce.

O arco romano... (qual seria a parede construida com os materiaes d'elle?) o arco romano foi mandado demolir na data sobredicta, e a sua pedra vendida a um tal Miguel Carlos por trinta mil réis...

Do monumento restavam ainda na epocha apontada tres columnas. Varios escriptores d'ellas falam, e alguns documentos a ellas alludem. Quem nos deixou, porém, maior copia de noticias relativas ao arco foi D. Jeronymo de Mascarenhas, bispo de Segovia, numa obra que parece não chegou a complectar, e de que se conserva na Bibliotheca Publica de Evora o manuscripto. [1]

«Das obras antigas que hoje se vêem nestes muros,—diz o bispo—a mais digna de admiração e que denota melhor sua muita antiguidade é a de um arco quadrangular meio desfeito, que ainda hoje permanece no logar a que chamam couraça, obra assim por antiguidade como por architectura, verdadeiramente romana, e que não tem outra similhante em toda a circumferencia do muro, nem em outra alguma parte da cidade. E porque logo em si mostra ser fabrica romana e é obra de tanto preço para os que entendem d'ellas, leva atraz de si os olhos dos que a vêem, principalmente dos que têm algum conhecimento de architectura, como são os italianos, artifices de similhantes obras, que, segundo a tradição antiga que nesta cidade ha, tanto que olhavam para ella, diziam estas palavras *Bel cose*, donde ainda hoje aquella porta, aonde está o arco, se chama, pouco corrupto o vocabulo, a porta de *Belcouce*(!)...

[1] *Historia da cidade de Coimbra*, Mss. da Bibl. de Evora, citado por A. F. Simões no artigo *Alguns passos n'um labyrintho*.

«Gregorio (*aliás*, Jorge) Braunio, no *Theatro das cidades*, lib. 5, n.º 4, falando da cidade de Coimbra chama a este arco *Columnae antiquae romanorum*. E a razão é porque, depois de destruida esta obra, ficando o arco d'ella, se sustentava sómente em duas columnas, que antigamente era quadrada, e, como tal, se sustentava em quatro columnas, e as duas que hoje permanecem (que a terceira está mettida com as obras do muro, e a qual foi totalmente tirada para que o caminho para o rio e para a ponte ficasse mais desafogado) são fabricadas de muitas pedras quadradas tão unidas entre si, e com tão boa ordem que escassamente poderá caber uma subtil faca por entre umas e outras.»

Coelho Gasco, complecta as informações do bispo de Segovia, dizendo que o arco «he de obra perfeitissima Romana, tudo de pedraria, com suas columnas mui bem lavradas, com seus frisos; tem nichos como quem teve antigamente estatuas; remata-se com ameias; está já mui arruinado de idade; faltárão-lhe tres arcos, como se vê por suas ruinas.»

D'estas incomplectas descripções que nos restam e da estampa de Coimbra publicada por Braunio, se vê que o monumento romano fôra um portico ou, mais provavelmente, um arco de triumpho, como já notou Gasco; reconhecendo-se tambem que era de primorosa construcção. Quanto ás ameias, foram incontestavelmente um accrescentamento dos tempos da edade média, naturalmente para mais facil defeza da entrada da cidade que naquelle sitio havia.

Fronteira á capella de Santo Antonio, desce uma rampa que leva á rua da *Alegria*.

Á entrada d'esta insignificante rua havia antigamente um *Arco de N. Senhora da Alegria*, que foi mandado demolir em fins do anno de 1842. Nesse arco existiam duas extensas inscripções, uma escripta na lingua latina, outra em vulgar (versão da primeira).

Eis a inscripção latina, que se vê ainda hoje á entrada da rua, á mão esquerda:

ANNO AVREO LEGIS GR.ª
MDCCXX REGẼTE ECCLE
S. DEI S. P. CLEM. XI. SVI PONTIF.
XXI . REGNANTE AVGVST . INVICT
TRIVPHATOR . JOANNE. V . PORT .
ET ALG . REGE . REG . XXIIII . REG
NATIS. XIII. Q. TEMPORE. PER. DOCT.
PETRV RODERICV DE ALMEIDA
SENATOREM HONORARIV
ADMINISTRATORẼ SVV . OPER .
FLVM . MONDAE . ET RERV AD
CIVIT . PERTIN . HOC OPVS FVIT
RENOVATV. IN GLORIÃ DEI.
DEIPARAE . V . MARIAE A STELLA
Ī MAGESTATẼ REGIS . CONIMBR .
LAVREÃ . PATRIT . HONORE . REI
PVB . SPLẼDORẼ . ET SAXO ISTO
POSTERORV MEMOR. A FILIO
PAT . DIG.º IMMORT . FAM*ae* . *hoc?*
OMNI AEVO ENCOMIAST*ice* . *scrip?* .

Esta lapide acha-se mutilada, tendo desapparecido inteiramente algumas lettras e alguns lavores da elegante moldura na parte inferior.

A outra lapide apresentava a traducção portugueza do altiloquente documento da petulancia e pedantismo do desembargador honorario Pedro Rodrigues de Almeida, que naturalmente era tambem só doutor honorario. Este importantissimo personagem, já o leitor o achou mencionado na inscripção da Fonte-Nova, que elle reformou para utilidade do povo, mas sobretudo *ad majorem gloriam suam.*

Eis a inscripção portugueza:

NO ANNO AVREO DA LEI DA GRAÇA
1720 REGENDO A IGREIA DE DEOS
O S. P. CLEMENTE XI DE SEV PONTIF.
XXI. REINANDO O AVGVSTISS.º
INVICTISS.º TRIṼPHANTISS.º IOÃO
V DE PORTVG. E DOS ALG. REY E
DOS REYS XXIIII. DO SEV REINADO XIII
NO QVAL TEMPO POR O D.OR PEDRO ROIS
DE ALMEYDA DEZ.OR HONORARIO
SEU ADMINISTRADOR DAS OBRAS
DO RIO MONDEGO E PERTENCẼTES A CID.E
ESTA OBRA FOI RENOVADA EM
GLORIA DE DEOS E DA MAYM DE
DEOS. V. MARIA S. DA ESTRELLA.
EM MAGEST. DO REY. LAVREA DE
COIMBRA. DOS PATRIC.OS HONRRA.
DA REPVB. RESPLÃDOR. NESTA PEDRA P.A
OS VINDOVROS MEMORIAL FILHO
DA PATRIA CÕ O DEDO DA IMMORTAL
FAMA A TODA A IDADE LOVVAVELMENTE
ESCREVEO.

D'esta segunda lapide diz o sr. Ayres de Campos nos *Indices e Summarios*, já mais d'uma vez citados: «envolvida nos entulhos da demolição do arco lá foi parar á porta fidalga de S. Cruz, onde o acaso nol-a deparou ha annos. Inda assim valeu-nos o achado para então completarmos as inscripções, que... nas dictas lapides se acham abertas em caracteres romanos maiusculos, conjunctos e com abreviaturas».

Principia em frente do edificio da Estrella a *Couraça de Lisboa*, uma boa rua, embora um tanto ingreme, e que na sua maior extensão só tem predios do lado do norte.

Subindo esta rua lembrei-me de que esteve alli em tempo a minha casa, e lembrei-me tambem de ter ouvido contar o estratagema que livrou a cidade d'um perigo terrivel.

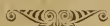
A 13 de março de 1811 chegou ao Rocio de Santa Clara uma força de dois mil homens commandada pelo general Montbrun, e enviada por Massena, depois da retirada de Torres Vedras, para ver se o exercito poderia passar por Coimbra.

Na noite de 12 para 13 retira, segundo as ordens que tinha, de Coimbra o general Trant com as suas forças, ficando na cidade apenas uns cincoenta e tantos milicianos.

A ponte havia sido cortada; tinham abatido o segundo arco d'ella do lado da cidade, e assestado em trincheira uma bocca de fogo. Não sendo possivel a passagem ás tropas francezas, porque o rio ia caudaloso em extremo, veiu á ponte um parlamentario exigir o livre transito. Quem se apresentou a receber o officio do parlamentario foi um aspirante de artilheria, José Augusto Correia Leal, por alcunha o *Recta pronuncia.*

Ao tempo que isto se passava, os poucos milicianos que estavam na cidade começaram a desfilar continuamente pelo caes e pela Couraça de Lisboa, collocando-se nesta e noutros sitios, suspensas em estacas, grande quantidade de barretinas, que se foram buscar ao hospital.

Quando o parlamentario voltou pela resposta, disse-lhe o *Recta pronuncia* que o governador estava ausente e lhe havia sido enviado o officio; mas que os senhores francezes perdiam o tempo, visto que a cidade estava bem guarnecida de tropas e que opporia a mais vigorosa resistencia.

O estratagema não era novo, mas produziu optimo resultado. As forças francezas retiraram no mesmo dia 13 á tarde, caminho de Miranda.

Quasi ao cimo da Couraça de Lisboa, e do lado esquerdo de quem sobe, encontra-se uma rampa, para a qual tem sua frontaria uma egreja.

Esta egreja era a do collegio da ordem da *SS. Trindade da redempção dos captivos.*

Este estabelecimento foi fundado em 1552 numas casas que haviam pertencido a essa D. Vetaça, de que já tive occasião de falar quando tratei da Sé Velha. Dez annos mais tarde, fr. Roque do Espirito Santo, vigario geral da ordem, fez começar a construcção do novo collegio, sob a protecção da rainha D. Catharina e de seu filho D. Sebastião.

Reitor d'este collegio foi fr. Luis Poinsot, que exerceu o logar de lente de theologia da Universidade. Foi sepultado na claustra do collegio; e o epitaphio da sua campa, que hoje está no museu do *Instituto*, diz assim:

HIC IACET
V. P. M. FR LVDOVICVS POINSOT ISTI=
VS COLLEGII BIS RECTOR. IN HÂC A=
CADEMIA SCOTI CATHEDRAE SVBTI=
LISSIMVS PROFESSOR: QVEM ET PRO
VIRTVTE, ET PRO SCIENTIA SUMÃ
COLEBAT ILLIVS GERMANVS FRA=
TER RMVS P. FR. IOANNES A. S. THO=
MA REGIS CATHOLICI A CONSILIIS,
ET CONFESSARIVS: PLVRA MANV
SCRIPTA RELIQVIT PROXIME EDEN=
DA, SI VIXERET. OBIIT 6 IANVA=
RIJ. 1655

Luis Poinsot escreveu um *Tractatus de Angelis* e outra obra *De libero arbitrio, gratia et praedestinatione*; é a estes trabalhos que se allude no epitaphio.

Tambem no claustro do collegio foi sepultado fr. Antonio de

Jesus, professor de musica na Universidade, cujo epitaphio (hoje no citado museu) é como se vae ler:

HIC JACET
R. P. PRAESENTATVS FR. ANTONIVS
DE IESU MVSICES ACADEMICVS PRO=
FESSOR, VIR RELIGIOSISSIMVS, ET ZE=
LO DIVINI CVLTVS ARDENTISSIMVS:
IN ISTO, ET IN SVBLEVANDIS PAV=
PERIBVS TOTVM CATHEDRAE STI=
PENDIVM CONSVMEBAT OBIJT. 15
APRILIS 1682.

A egreja do collegio da Trindade teve diversas applicações depois de 1834, já lá esteve o tribunal civil e posteriormente estabeleceu-se lá a escola de desenho industrial.

O collegio dos trinos foi adquirido por um padre, professor de latim do lyceu de Coimbra, que se tornou célebre, sob a alcunha de *Patagonia*, por sua grosseira ignorancia e avareza. Muitas anecdotas se contam d'elle.

Um dia sendo convidado, por um lente de mathematica, para ir ver o curioso espectaculo d'um eclipse do sol, redarguiu:

—Hoje não posso por causa da aula; mas amanhã é quinta feira, e póde contar commigo.

O gordo *Patagonia* tinha em casa estudantes de cuja direcção se incumbia mediante uma mensalidade; dava-lhes o pão do espirito e o pão do corpo. Mas nem um nem outro d'estes pães era muito succulento. Ensinava-lhes em casa, a poder de palmatoria, as regras da grammatica de José Vicente; fazia-lhes traduzir o Virgilio materialmente e o Tito Livio ronceiramente. Quanto ao pão do corpo, é do dominio da historia que elle em certa epocha

deu por principal alimento durante mezes aos seus pensionistas feijão e mais feijão, respondendo um dia a um papá, que se lhe queixou de o menino não ter alimentação variada:

— Ora essa! não come sempre a mesma coisa. Um dia é feijão vermelho; outro dia, feijão branco; outro dia, o *fradinho*; e o verde...

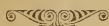
Os pobres rapazes estavam no caso de repetir com o outro collegial:

> Ao almoço, dão-me peras;
> Ao jantar, peras me dão;
> Á merenda, pão com peras;
> Á ceia, peras com pão.

Este padre, que não deixava de dizer quotidianamente a missa, para ganhar os doze vintens ou tres tostões, foi um famoso prégador, não porque podésse ser comparado a Vieira, ou ao *Rochinha*, mas por ser incansavel. Era rara a festa de aldeia, aonde elle não apparecesse, estafando um sermão, que uma vez compozera com grandissimas difficuldades, e que, *mútatis mutandis*, tanto servia para exalçar as virtudes da bemaventurada madre Santa Thereza, como para celebrar os milagres de S. Polycarpo, bispo e martyr. Os festeiros gostavam muito d'elle, porque não era careiro; por mais d'uma vez, um sermão d'este padre foi pago com uma carrada de... esterco. Foi por este meio e outros semelhantes que elle adquiriu algumas dezenas de contos de réis.

Mas deixemos o *Patagonia*, que cheirava duas vezes o mesmo rapé (*enojesco referens!*), e acabemos de subir a Couraça de Lisboa que termina ao *Arco da Traição*.

Este nome já não indica um arco, mas a rua que tirou d'elle a denominação e que se dirige para o que se chama *bairro dos arcos*. O Arco ou Porta da Traição, primitivamente chamado da

Genicoca, e que foi demolido em 1837, sem que d'ahi resultasse conveniencia alguma, commemorava algum feito d'armas que certos escriptores relacionam sem prova nenhuma, creio eu, com a conquista de Coimbra por Fernando o Magno.

Em continuação da Couraça de Lisboa, está a rua dos *Militares*. Tirou o nome d'um antigo collegio fundado na rua de *Alvaiazere*, e nos dois becos e chão fóra da barbacã, á custa das rendas dos mestrados de Sant'Iago e de Aviz, e no qual só eram admittidos freires conventuaes d'estas duas ordens, que tivessem pelo menos dois annos complectos de religião, não paasassem dos vinte e cinco annos, e não fossem de baixa stirpe.

Além de seis collegiaes de Sant'Iago e outros seis de Aviz, havia quatro logares de porcionistas nobres. Exceptuadas as horas do recreio, eram sempre todos obrigados a falar latim.

O primeiro director d'este collegio, cuja pedra fundamental se lançou aos 25 dias do mez de julho de 1515, foi o freire de Sant'Iago, Alvaro Gomes da Costa.

A instituição foi sollicitada de Filippe II por D. Jorge de Mello, prior-mór de Sant'Iago, e por D. fr. Lopo de Sequeira, prior-mór de Aviz.

Estiveram neste collegio muitos homens illustres, como Simão de Cordes, Ribeiro dos Santos e D. Francisco Alexandre Lobo.

Hoje está ali estabelecido o hospital dos leprosos ou *lazaros*, que não é mais que o successor da primitiva gafaria fundada ou instituida por D. Sancho I fóra dos muros da cidade. O hospital está a cargo da faculdade de medicina, e é aberto em Domingo de Lazaro ao publico, que lá concorre muito numeroso.

Não comprehendo como, sem necessidade, se vá visitar um tal estabelecimento, aonde de todos os lados se nos deparam rostos hediondos. A um sujeito que um dia lá entrou, perguntei eu qual o motivo da sua visita. Respondeu-me que era um dever de christão, expresso nas obras-de-misericordia, o visitar os enfermos.

Eu, que o conhecia bem, nada lhe observei, embora me accudisse á lembrança o seguinte facto:

Sua Santidade o Beatissimo Padre Alexandre VI estava uma tarde — ao café, como hoje dizemos — conversando com o célebre Pico de la Mirandola. A palestra era animada, mas infelizmente ignora-se qual o objecto de que se tractava. Tinha o successor de S. Pedro acabado de falar, quando Pico de la Mirandola lhe disse:

— Deus Nosso Senhor me perdoe, mas creio que vossa santidade não é christão.

O pontifice sorriu com benevolencia e redarguiu com toda a uncção:

— Eu tambem o creio.

CAPITULO XII

O castello — *Campus ubi Troja fuit* — A *torre quimaria* e as suas inscripções — A *torre da menagem* — A *torre das mulheres* — Coimbra no principio da monarchia — A *Alcaçova* — Memorias da edade-média — O rapto de D. Mecia de Haro — Martim de Freitas.

INGUEM póde lembrar-se da antiga Coimbra, sem que lhe venha á memoria o symbolo da lealdade portugueza Martim de Freitas; nem é possivel recordar o célebre alcaide, sem que se lhe associe o castello confiado á sua guarda.

O castello de Coimbra já não existe. Foi demolido por ordem do marquez de Pombal, que, assim como odiava a nobreza antiga, porque não a tinha, considerava inuteis os monumentos gloriosos, porque não lhes comprehendia o valor.

No sitio mais elevado da cidade, no ponto de convergencia de varias ruas, duas das quaes o leitor já conhece — a rua Larga e a dos Militares, ha um pequeno terreiro, fechado da parte oriental por uma construcção pesada e manifestamente incomplecta. Esse terreiro e esse edificio incomplecto occupam grande parte do local do castello de Coimbra.

— Mas para que se demoliu o castello? perguntára-me o meu amigo Robinson logo no dia immediato ao da nossa chegada.

—Para se edificar no seu logar um Observatorio Astronomico.

—Acaso não havia outro sitio apropriado?

—Havia muitos, decerto.

—Oh! como deve ser bello esse observatorio!... Um observatorio para cuja edificação foi necessario destruir um monumento tão célebre!

—Nada d'isso.

—Como? é um estabelecimento insignificante?

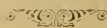
—Nem isso.

—Então?

—Então... O marquez de Pombal ordenou em 1772 que se procedesse á construcção d'um observatorio astronomico, designando para elle o local occupado pelo velho castello. Em 1773 e 1774 procedeu-se á demolição do monumento nacional e começaram as obras do novo edificio. Então... reconheceu-se que o local não era apropriado, e a obra ficou a tres metros do solo.

—*Fy!* exclamou o americano com um desolador accento de desprezo.

E, quando dias depois passou pelo *Largo do Castello*, o mesmo estrangeiro olhando em redor com um profundo sentimento murmurou:

—*Campus ubi Troja fuit.*

Pouco se sabe hoje do castello de Coimbra, com quanto muitos documentos do municipio a elle se refiram e alguns escriptores d'elle tenham falado.

Das varias torres que o alcacer tinha, a mais famosa de todas foi a chamada *Quinaria* ou *de Hercules*.

«Para ella se subia, diz o auctor da *Coimbra Gloriosa*, por uma escada de pedra lavrada que teria, com pouca differença nove palmos de largo, e vinte e cinco de alto, sobre a qual estava a porta com a serventia para o norte. Logo ao entrar, sobre o lado

direito, caminhando para o poente, existia uma casa com duas frestas estreitas viradas para o norte. Sobre a mesma estava outra sala, mais clara e avantajada do que a fundeira, e pelo que dava a entender era onde assistia o governador do castello, e sobretudo as ameias; e entre o sul e poente estava uma casa por modo de sepultura, toda de abobada de pedra de cantaria lavrada, e no cimo um buraco redondo; e pelo que mostrava era aonde se punha a bandeira... Tinha o castello (a torre) cento e quatro palmos de alto e tão seguro estava que para se lançar abaixo foi preciso ir a fogo, em que se gastaram mais de oito mil cruzados(?) e sete mezes de trabalho.»

No interior da torre d'Hercules havia um lettreiro que dizia:

QUINARIA TURRIS HERCULEA FUNDATA MANU

A torre de cinco quinas foi fundada em 1198 por ordem de D. Sancho I. No museu do Instituto se conserva hoje a inscripção commemorativa, que estava sobre a porta da torre. A lapide está mutilada e tem algumas falhas; a inscripção é em romano gothico com muitas lettras conjunctas:

+ ⁝ ERA ⁝ M ⁝ CC ⁝ XXX ⁝ VI ⁝ REGNANTE ⁝ AP*ud* ⁝ PORTVGALE ⁝ REGE ⁝ SANCIO ⁝ INCLITI ⁝ REGIS ⁝ ALF*onsi* ⁝ | ET ⁝ REGINE ⁝ MAHALDE ⁝ FILIO ⁝ ET ⁝ ILLVSTRIS ⁝ COMITIS ⁝ HENRICI ⁝ ET ⁝ NOBILISSIME ⁝ TARA*sie* ⁝ | REGINE ⁝ NE*p*OTE ⁝ IPSO ⁝ IVBENTE ⁝ CONSTRVCTA ⁝ EST ⁝ HEC ⁝ TVRRIS ⁝ ANNO ⁝ REG*ni* ⁝ | *ip*SIVS ⁝ ET ⁝ VXORIS ⁝ EIVS ⁝ REGINE ⁝ DVLCIE ⁝ TERCIO ⁝ DE*cimo* ⁝ | ACAPCIONE ⁝ VER*o* ⁝ *c*IVITATIS ⁝ COLIMBRIE ⁝ PER ⁝ REG*em* ⁝ *fer* | NANDVM ⁝ EX ⁝ SARRACENIS ⁝ CENTESIMO ⁝ TRIGESI*mo* ⁝ *tercio* ⁝ | PRESIDENTE ⁝ TVNC ⁝ IN ⁝ PREDICTA ⁝ CIVITATE ⁝ EPISCOPO ⁝ DÑO ⁝ PET*ro* ⁝

A interpretação e preenchimento das lacunas foram feitos principalmente por J. Pedro Ribeiro.

Em 1573 o castello achava-se em muito mau estado. D'essa data existe no archivo da camara um apontamento da *Obra de pedraria e allvenaria que se ha de fazer no castello desta cidade.* [1] Nelle se encontra a seguinte nota do que urgia fazer na torre d'Hercules, e que eu transcrevo por complectar a descripção d'ella:

«Tore dercules

A tore dercules se ha de telhar por sima de telha presa

terá mais huma coluna de pedra de peças omde ora estaa de pao com sua vasa cham de dezasete palmos dasemto e a grosura da coluna será de palmo e meo de groso

ho chão desta tore será bem argamasado.......

toda esta tore daredor omde madeira a dita torre, e omde hão de asemtar os frechais serão as paredes della reformadas desmamchamdo ate bayxo o que estyver eyvado e tornadas a fazer de pedra e cal de dous pallmos e meo comforme a que está feita e daltura como ora estão sera com oyto pallmos dallto da argamasa pera syma e rebocadas de demtro e de fora.

antre a parede e as ameas será lageado de lagems de bordallo de pallmo e meo de larguo e o mais argamasa com suas coremtes pera os canos, e serão postos de pedra como estam outros.

reformarão as ameas como estam outras.

no cymo da escada se fará huma guarda de pedra e cal rebocada, e será dalltura de dous pallmos e meo e de groso o mesmo.

pela esquerda abayxo todo reformado e rebocado omde for necesario.

o coredor que vay pera a tore dercules será argamasado com sua coremte e canos de pedra pera deytar aguoa fora.

ho cunhal do simo da esquada que vay da salla contra ribella será feyto de cunhal, e traz cunhal laurado de pyquão de bayxo a sima acompanhado dalluenarya e reformado como estaa os mais.»

---

[1] Apud *Catalogo* cit.

Á *torre de menagem* parece-me referir-se o auctor da *Coimbra Gloriosa*, quando descreve o «castello de quatro quinas», dizendo assim:

«Foi fundado no tempo do governo de ElRey D. Dinis; era tão alto como o de cinco quinas, porém estava mais valente que o antecedente, por ser feito de pedra de cantaria lavrada. Tinha uma só porta a qual estava virada para o sul; para elle se subia por uma estreita escada; logo ao entrar se descia por uma larga escada que ia ter a uma espaçosa cisterna, cuja agua era da chuva, e não nativa, como diz Bernardo de Brito Botelho na breve historia de Coimbra... Tinha bocca logo pela parte de dentro da porta; depois se subia por outra escada larga para as ameias...»

D'esta torre ha menção em muitos documentos; mas nada se encontra importante ácerca d'ella.

Outra torre do castello era a mandada construir por el-rei D. Fernando em 1374, a qual parece foi chamada depois a *torre das mulheres*.

Commemorando a sua fundação foi collocado á entrada da torre o seguinte monumento, que hoje se póde ver no museu mencionado: o escudo das armas do reino está mutilado superiormente; a inscripção é em gothico redondo maiusculo, com algumas abreviaturas:

escudo das armas do reino: dez castellos e cinco quinas	*escudo de D. Leonor Telles: em branco*

E R A ⁝ D E ⁝ M I L ⁝ C C C C ⁝ X I I ⁝ A N O S ⁝ X X I I I I ⁝ D I A S ⁝ D E ⁝ J U L H O ⁝ F O I ⁝ C O M E Ç A D A ⁝ A Q U E S T A ⁝ TORRE ⁝ NOVA ⁝ QUE ⁝ HORA ⁝ COM ⁝ ESTA ⁝ OBRA ⁝ MANDOU ⁝ FAZER ⁝ O ⁝ MUI ⁝ NOBRE ⁝ REI ⁝ D ⁝ FERNANDO ⁝ DE ⁝ PORTUGAL ⁝ E ⁝ DO ALGARVE ⁝ ....

Nesta torre tambem foram mandados fazer reparos em 1573, pois no documento citado se encontra a nota que se segue:

«Tore das molheres

tore das molheres será bem argamasada. ss. a casa de syma e huma fresta rasguada comtra sam martynho e o vão dela terá dous barões de fero.

na casa de bayxo das molheres será bem guarnycyda e pyncelada por ser escura.

na mesma casa em cyma amtre o telhado e as ameas será lageado de lagens de palmo e meo, e o mais argamasado com boa coremte que deyte agoa pera fora com boa sacada pera canos, e a sacada será de hum pallmo fora da parede.

todas as casas e tores da fortaleza se telharam e embarceyrarão: telha preza de maneira que fiquem bem vedadas.

na tore da menagem na casa de sima farão huma escada de pedra de degraos jmteiros pera o telhado da tore das molheres.

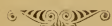
na casa grande do allcayde de demtro consertarão a ruyna que estaa sobre a fresta que será tapada, e farão outra mais asima e mais pequena e se taparão todos os buraquos da dita casa de pedra e cal.

a tore das molheres se fara ho cunhal de hum cabo e do outro e asi toda a tore omde for necesaryo será de fora bem reformada e rebocada e de cunhais comforme aos que estão feytos hos que são sãos e jmteiros, e de dentro no larguo das traues ho que estaa maltratado se reformará omde for necesaryo e ho reboquo se fará omde for o reformado.»

O que hoje resta do famoso castello de Coimbra é um insignificantissimo pedaço de muro.

Ao cimo da larga calçada que desce para o bairro dos Arcos na direcção do oriente ainda se vê um arco, que d'um lado assenta no terreno onde existiu a fortaleza, e do outro se apoia no

edificio que foi egreja do convento de S. Jeronymo. A este arco correspondia até 1836 outro mais abaixo que era encimado por uma pequena capella chamada do Senhor do Castello, a qual, sendo fundada nos começos do seculo XVIII, foi demolida em abril de 1773.

Do terreiro que havia entre esses dois arcos desciam duas calçadas, uma para o collegio de S. Bento, outra para a estrada da Fonte Nova. É a esta ultima calçada que se refere um documento de 1520 onde se lê: «lladeyra e tera que corre dos muros de samta cruz tee ha callçada da porta do castello q̃ foy allmocouall e jaziguo dos judeus desta çidade.»

Se fosse possivel fazer reviver as gerações passadas, se fosse possivel reconstruir pedra por pedra as torres d'esse castello memoravel e restituir a vida medieval a essa cidade famosa;

> se possivel fosse que tornasse
> O tempo para traz, como a memoria,
> Por os vestigios da primeira edade

d'este reino glorioso,—a que scenas grandiosas e mesquinhas assistiriamos, que diversissimos quadros presenceariamos!

Soccorramo-nos á memoria, e á imaginação; remontemos aos primeiros tempos da monarchia portugueza; figuremos a cidade do Mondego nessa epocha que tão atraz fica de nós. Subamos á torre da menagem (não a de D. Diniz, se d'elle foi, mas aquella que esta substituiu), e espraiemos nossas vistas pela povoação.

Nessa elevada posição, demos as costas ao oriente. Que vemos?

Na nossa frente o paço real, antiga alcaçova dos reis moiros, elevando-se na extremidade occidental do monte: paço modesto e singelo d'essa edade guerreira, que um dia ha de ser transformado num alcaçar de sciencias, a Universidade.

A meio caminho, entre o castello e a alcaçova, mas ao lado esquerdo, a egreja de S. Pedro, com o seu alpendre e com a sua torre afortalezada; e logo adeante a albergaria de *Mirleus*, aonde um dia se fundará o collegio real de S. Paulo.

Fronteira á albergaria, lá está uma pequena moiraria já abandonada, que em parte será substituida um dia por um terreiro que tomará o nome do maior poeta portuguez.

Ao norte da moiraria, as casas de Pero Paes e a egreja de S. João d'Almedina; e por detraz d'esta a egreja do Salvador.

Abaixo, a meia encosta do monte, ergue-se a cathedral, com a sua corôa de ameias, com o seu zimborio elevado, a qual atravessará os seculos magestosa e replecta de memorias.

Mais além, para sudoeste, o templo de S. Christovam, tambem orlado de ameias, e um pouco adeante esses restos do arco triumphal, memorando a assistencia da *gens togata*.

E toda esta almedina é cingida pela barbacã, pela muralha fortissima e torreada, por essa corôa de pedra, que a tantos embates já resistiu e que os seculos se não atreverão a derrocar inteiramente.

Alonguemos os olhos além da cerca, ao arrabalde. Ao noroeste, passada a judiaria, o mosteiro de Santa Cruz, com suas torres e muros, como fortaleza, mosteiro que se tornará celeberrimo conservando as cinzas do primeiro Affonso e de seu filho.

Ao occidente a bazilica de Sant'Iago, e ao sudoeste a de S. Bartholomeu. Mais longe a egreja de Santa Justa, que um dia desapparecerá sob as areias do rio; e na margem esquerda d'este, o mosteiro de Sant'Anna, por sobre cujas ruinas no volver dos tempos as aguas do Mondego deslizarão tranquillas para o mar.

Mas volvamos os olhos para a alcaçova.

Ahi, Affonso *o conquistador*, nos poucos dias de repouso após as fadigas de grandes e gloriosas luctas, medita novos combates, planêa novas conquistas, sonha novos e mais virentes loiros. Junto

d'elle assomam: já D. Theotonio, prior de Santa Cruz e guerreiro esforçado; já o mestre do Templo, D. Gualdim Paes; agora o *Lidador* Gonçalo Mendes da Maia; agora o primeiro almirante D. Fuas Roupinho, que tantos revezes fez sentir á moirama. Como elles falam das glorias alcançadas, como ancêam por novas victorias!

Passaram os vultos que successivamente illustraram o reinado do primeiro Affonso; muda-se o quadro. Sancho *o povoador*, inimigo dos frades, mas supersticioso, lá váe consultar a feiticeira, talvez ácerca dos seus amores com a bella D. Maria Paes Ribeira, ou com a graciosa D. Maria Ayres de Fornellos. Eis o rei ordenando a prisão do bispo de Coimbra, e o severo castigo de seus sectarios; eil-o conferenciando com mestre Julião, esse terrivel chanceller, a quem D. Sancho tanto deveu, e a quem o papa temeu tanto.

Cambia-se de novo a scena: quem vemos agora? É esse rei cioso e avaro, Affonso *o gafo*, consultando algum dos seus seis medicos — o chantre Mendo, o conego do mesmo nome, mestre Martinho, D. Amberto, mestre Salvador ou mestre Roberto; e acompanhado do seu chanceller Gonçalo Mendes e do seu mordomo-mór, Pedro Annes.

O lucto entrou no palacio, mas a alegria volve a elle. Agora uma creança alli se nos depára, creança cheia de vida e de animo, que só ambiciona crescer para ir colher loiros nos combates. É Sancho II... Alcançadas as coroas com que sonhára, eil-o que tórna ao remanso. Mas agora um ente formosissimo está a seu lado, com cujas falas elle se enleva, e com cujos olhares elle se extasia. Por vezes o rosto do rei se cobre d'uma tristeza profunda; os graves acontecimentos, que o clero e alguns nobres promoveram e promovem, o preoccupam; mas breve lhe desanuviam a fronte um olhar, uma caricia da bella mas traidora D. Mecia de Haro...

Detenhamo-nos. Tudo é silencio no aposento real. Sancho repousa, dando treguas aos cuidados. A rainha está junto d'elle...

Eil-a que se ergue. Um vulto atravessa rapidamente e cauteloso aquella quadra; lá percorre elle esse corredor; lá chega áquella porta. É vulto de mulher. Um guerreiro apparece; trocam algumas palavras, mas em voz tão baixa, que bem mostram o receio que têm de ser ouvidos. Lá deixam o paço real e descem a montanha. Abriu-se a porta e desceu a ponte levadiça para lhes dar passagem, ou a furto transpozeram a muralha? Perdemos essa peripecia. Mas eis que o guerreiro e a dama lá cavalgam o mesmo corcel, que não corre, mas voa, seguido d'outros corceis a que o peso dos cavalleiros não impede de gallopar. E lá vão caminho de Ourem: D. Mecia de Haro e o seu companheiro Raymundo Viegas Portocarreiro. Elle queria assegurar ao conde de Bolonha o throno portuguez, e para isso era necessario que o rei não tivesse successor directo; ella, vendo decaido o poder do marido, e não querendo ser arrastada na sua queda, atraiçôa-o, foge-lhe, abandona-o, simulando que fora raptada. Lá entram no fortissimo castello de Ourem, seguidos de seus guardas, disfarçados ainda em homens d'armas de Martim Gil de Soverosa, que assim conseguiram penetrar na cidade real.

É dia. Sancho, perdido de amor e de colera, apresenta-se ante os muros da cidadella, quer reclamar a esposa, quer punir o pseudo-raptor; mas o inimigo zomba d'elle, das muralhas inexpugnaveis chovem sobre os seus os dardos, os tiros, os arremessos. E o rei trahido, desolado, com o coração espedaçado pela ingratidão e pelo amor, volta para a sua cidade, para a alcaçova hoje deserta para elle, a chorar as suas illusões perdidas, a preparar-se para mais soffrimentos.

O quadro é ainda o mesmo; a scena, porém, é differente.

Pelo adarve das muralhas vagueam besteiros e outros homens de guerra; armas e arremessos por toda a parte se vêem.

Ha muito que a cidade está cercada pelas tropas do conde de Bolonha; se os instrumentos de morte abundam, os meios de

subsistencia faltam. A fome debilita os corpos; o desanimo enfraquece os espiritos. O povo soffre e murmura; mas a gente de guerra ergue motim, no meio do seu desespero; arremettem de tropel ao castello, queixam-se do alcaide ao alcaide, rogam, ameaçam, imploram, imprecam.

Mas o alcaide é Martim de Freitas, para quem «o pundonor de cavalheiro e a religião do juramento» estão acima de tudo. Responde aos que o increpam, como a amigos; pinta-lhes os seus males proprios, d'elle e de sua familia, prova-lhes que esses males são maiores que os d'elles, e que sabe supportal-os corajosamente; e offerece-lhes sua filha em sacrificio.

Os guerreiros dominados, admiram-no e recuam; está ganha a causa da honra.

Não tardam, porém, a vir novas: o conde de Bolonha faz saber ao alcaide que o rei Sancho é fallecido no seu desterro de Toledo, e que portanto cessou a responsabilidade do governador de Coimbra. Será laço que lhe arme o ambicioso bolonhez?

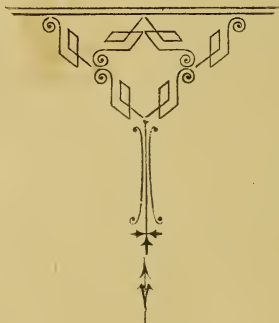
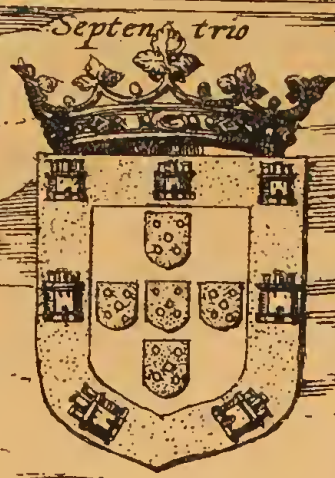
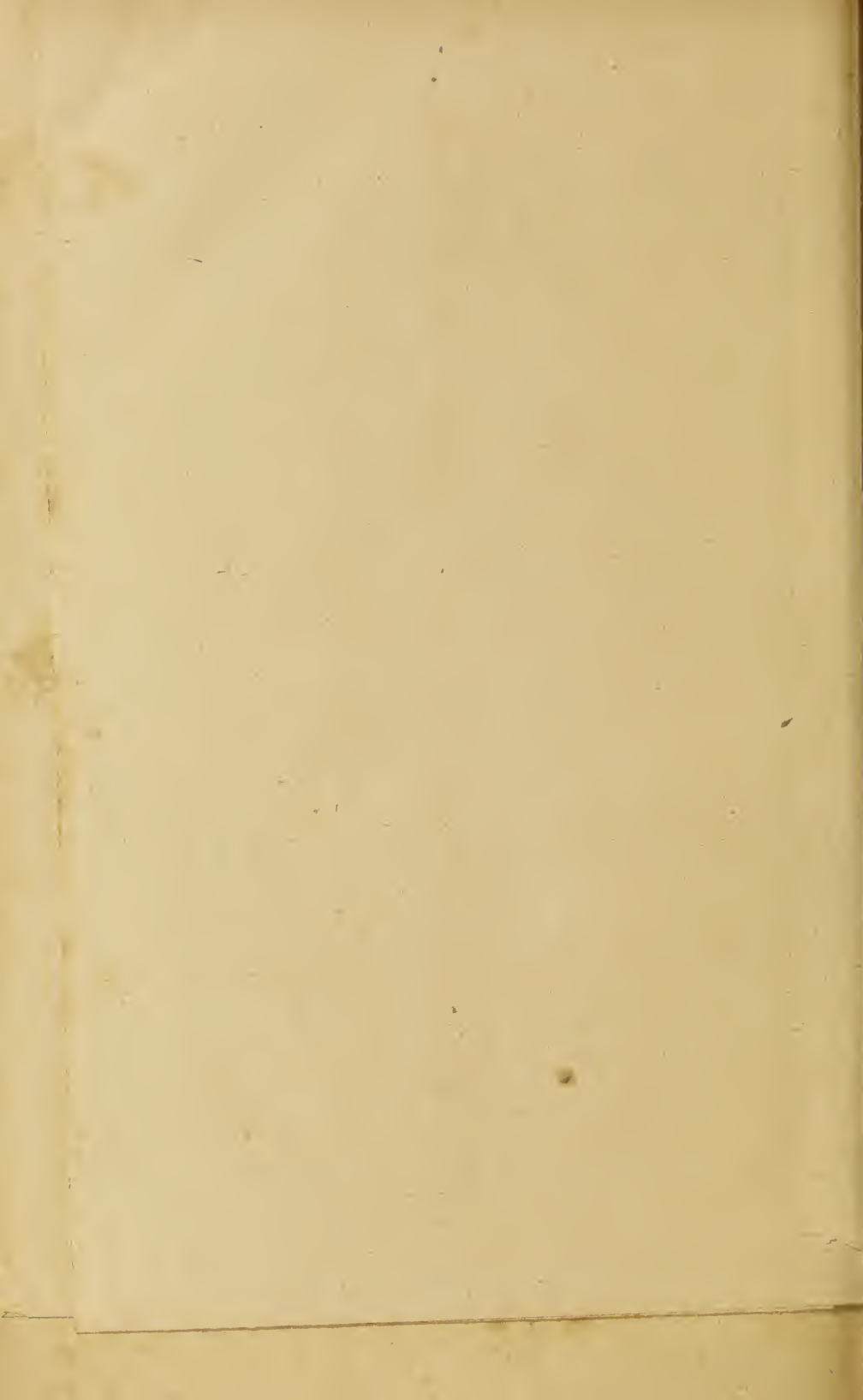
Martim de Freitas propõe ao conde uma tregua, e pede-lhe um salvo-conducto para ir a certificar-se por seus proprios olhos da veracidade da noticia.

Numa sombria capella da sé de Toledo, ergue-se um singelo mausoleu, cuja tampa foi assente ha bem pouco tempo. Alguns homens se acercam do tumulo; descerram-no; e o cadaver do que foi Sancho II de Portugal apparece aos olhos dos circumstantes. D'entre estes um guerreiro encanecido se destaca, avança para o tumulo e põe o joelho em terra. É Martim de Freitas. No meio do silencio profundissimo que reina naquelle logar, ergue elle a sua voz commovida protestando o cumprimento do seu dever, e entrega nas mãos geladas do infeliz conquistador d'Elvas, de Juromenha, de Serpa e de Tavira, as chaves d'esse castello que fora confiado á sua guarda. .

Eil-o de volta á cidade que defendeu, munido d'um auto que certifica ter-se desligado do seu juramento; eil-o entregando as chaves da cidadella ao conde de Bolonha.

Tanta firmeza e tão acrisolado pundonor, tanta fidelidade e tão grande heroismo, recompensa-os Affonso III offerecendo-lhe as chaves do castello e a sua alcaidia, para elle e seus descendentes, sem que por isso haja de prestar homenagem nem juramento.

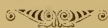
Mas vêde que elle recusa:

—Não acceito, senhor rei, embora eu reconheça toda a cortezia de tal offerecimento; antes lanço a minha maldicção sobre os meus filhos e todos os meus descendentes, se jamais elles, por um castello, prestarem preito e homenagem a um rei.

Septen trio
Illus tris ciuitatis Conimbriae in Lusitania
ad flumen Illundam effigies
nm. Comitis Palatium
nn. Domus hospitalis iuxta forum
Campus Arnado
Flumen Illunda
vulgo Mondego
A. regia, in qua sunt publicæ scholæ omnium facultatum. B. antiquum castrum. C. porta quę dicitur castri. D. aquæductus copiosissimæ aq. a rege Sebastiano constructus. E. templum maius sedis Episcopalis. F. columnæ antiquæ Romanorum. G. templum S. Christophori. H. porta Almedinæ. I. Collegiũ Iesuitarum. L. Scholę Iesuitarum bonarũ literarũ, q̃ adhuc ædificatur. M. templũ corporis Christi. N. templũ S. Joannis. O. supra dictum tẽplũ aliud templum Misericordię. P. forum. Q. fons fori. R. porta quæ vocatur Portagem. S. templum monasterij sanctę Crucis canonicorũ regularium. T. fons Sampsonis. V. fons platęę sanctę Crucis. X. hic fuit olim Collegiũ Jesuitarũ vbi bonę lrę docebantur, et dicebatur scholę minores, nũc verò carcer Inqsitionis. Y. Collegiũ Carmelitar. Z. Collegiũ Bernardinor. aa. Collegiũ Augustianor. bb. Collegiũ p̃dicator. vbi tẽplũ ãplissimũ ędificari est coeptũ, sed pp vapores noxios lacus q̃ ibidem est, et illuuiões fluuij desitũ est ędificari. cc. Templũ sctę Iustę. dd. põs marmoreus ãplissimus. ee. Insula in q̃ erat coenobiũ sctę Anę, sed pp illuuiões fluuij dirutũ. ff. Monasteriũ S. Frãcisci arena fluminis quasi obrutũ. gg. Monasteriũ sanctę Claræ Virgin. hoc loco situ. hh. via sanctæ Sophiæ, et porta eiusdem nõis. ii. Vĩa mercatorũ q̃ dicitur Calcaga à Portegẽ vsque ad tẽplũ misericordię. ll. turres palatij Episc. iuxta forum Scholasticorum.

CAPITULO XIII

Historia da cidade do Mondego — Cidade phenicia — *AEminio* — Etymologia d'este nome — Memorias da povoação romana — Cidade sueva, goda, moirisca e leoneza — Muda de nome: *Colimbria* — Conquista de Al-Mansor — *Medina-Colimria* — Conquista de Fernando-o-magno — Governos de: Sesnando, Martim Moniz, conde Raymundo, conde Henrique, D. Thereza — Descripção de Coimbra por Édrizi — Capital da monarchia portugueza: *Coimbra* — Foráes — Cortes — Duques de Coimbra — A junta governativa de 1846 — ?..

ECREOU-SE já o leitor com as fabulas que mencionei relativas ao brasão e origem de Coimbra — fabulas contadas por fr. Bernardo de Brito, Pedro de Mariz, e outros escriptores d'este quilate; — mas desde logo naturalmente formulou, ao menos *in petto*, a seguinte pergunta: — Quando e por quem foi escolhida esta montanha para estabelecimento d'uma povoação?

A esta dupla pergunta ninguem póde responder, salvo querendo repetir as patranhas dos sobredictos escriptores. Eu, porém, que não me quero collocar em taes circumstancias, responderei simplesmente que não sei quem foi o fundador da cidade do Mondego. Mas longe de, como alguns criticos, unicamente me rir dos contos de Brito e de seus sequazes, tirarei d'elles illações para

averiguar quaes foram alguns dos seus mais antigos habitantes, sem que por isso pareça confirmal-os, e procurarei reconstituir a historia d'essa cidade formosa em largos traços, quanto o permittem os pouquissimos elementos que a antiquidade e a edade média nos deixaram.

Os pontos elevados, os montes, os cabeços, pela segurança que proporcionavam, pelas suas condições estrategicas, foram sempre escolhidos pelos povos da antiguidade, para estabelecimento de seus principaes centros de habitação. Mesmo a parte propriamente rural da população procurava de preferencia as proximidades dos montes, quer já occupados, quer não, para se fixar, pois assim tinha onde podesse refugiar-se ou ter soccorro toda a vez que sobreviessem invasões de povos inimigos. Em resultado d'isto, cada uma d'essas elevadas posições se ia tornando a pouco e pouco uma habitação fixa. Tal foi a origem do *pagus*, termo grego adoptado pelos romanos, para designar qualquer posição no meio d'um campo, e defendida senão exclusivamente pela natureza, sem duvida com muito pouca arte. Tal foi tambem a origem das mais antigas cidades, sobretudo das fortificadas.

A montanha, onde hoje vemos Coimbra, pela sua grande elevação e posição optima junto d'uma corrente, pelas suas condições climatericas, pelos seus arredores formosissimos, e suas campinas uberrimas, merecia ser escolhida, como effectivamente o foi, para centro populoso. Que povo, porém, fez essa escolha, temeridade seria pretender definitivamente affirmal-o; comquanto haja uma razão para suppôr que a escolha foi feita pelos celtas, ou algum povo congenere. Em todo o caso, o que fica dicto faz crer que desde uma epocha remotissima a montanha foi habitada.

A lenda absurda de que a povoação foi fundada por Hercules,

e á qual se acha ligada intimamente a historia da torre quinaria *herculea fundata manu*, tem uma explicação a meu ver muito plausivel, ou antes conducente a determinar, com muita probabilidade, senão quaes os seus fundadores, pelo menos a existencia nella d'um povo célebre. Refiro-me aos phenicios, ou aos seus co-irmãos os carthaginezes, que tantos vestigios deixaram da sua passagem na peninsula occidental da Europa.

É bem conhecido o mytho de ter o Hercules tyrio vindo conquistar a Iberia, onde reinava Krysaor, filho de Geryon, cujos bois roubára: mytho que resume perfeitamente os topicos principaes da colonisação phenicia.

Os phenicios trouxeram á peninsula o culto de Hercules (Melkarth); não só isto é naturalissimo, mas abundam as provas a confirmal-o. Em primeiro logar temos as celeberrimas columnas de Hercules, não essas fabulosas do *Estreito*, mas as de bronze e com oito covados de alto que se viam num templo de Gadir (Cadix), o *Heracleum*, e que, segundo parece, se conservaram até ao anno de 1145, no qual foram destruidas pelo almirante Ali-ibn-Isa-ibn-Maimun, por occasião da sua revolta. No cimo das columnas elevava-se a estatua de Hercules com o braço estendido, a mão fechada, e só com um dedo aberto parecendo indicar o porto da cidade; na outra mão tinha uma chave, conforme a affirmação quasi unanime dos escriptores arabes, mas caindo ella no anno de 1009, foi substituida por um bastão, como os auctores posteriores a essa data referem, ficando d'este modo combinadas as asserções d'uns e d'outros. Segundo Diodoro, o Melkarth era representado *sine imagine*, e isto poderia levantar algumas difficuldades; mas advirta-se que a estatua podia ter sido collocada sobre as columnas numa epocha relativamente moderna pelos romanos, que tinham tambem na sua mythologia um Hercules. Strabão, que tão minuciosamente escreve ácerca das columnas destinadas a memorar as grandes acções do heroe, não fala da estatua.

Em segundo logar, existiram em muitos outros pontos da peninsula pyrenaica templos ou torres em honra de Hercules, e que

sem temeridade se pode affirmar haverem sido elevados pelo mesmo povo navegador e commerciante: perto de Corunha construiu-se uma *torre de Hercules*, de que Orosio fala, e outra proximo de Tarragona. Os geographos arabes consideraram-nas como sendo geralmente destinadas a servirem de guia aos navios que se avisinhavam das costas. E Strabão judiciosamente observa que os primeiros conquistadores quizeram assignar o termo de suas expedições pela construcção de marcos ou outros monumentos, como altares, torres ou columnas erectas nos logares mais notaveis das longes terras aonde chegaram. Este grande geographo accrescenta, referindo-se ás columnas do *Estreito*, que o tempo fez desapparecer esses monumentos, e os seus nomes muito naturalmente foram applicados aos logares onde antes se erguiam.

Egual observação se offerece fazer relativamente á cidade do Mondego: podendo estabelecer-se que, se os phenicios não a fundaram, inquestionavelmente foram senhores d'ella deixando vestigios da sua passagem no nome d'uma divindade que adoravam. Columna, torre, altar ou templo, foi no alto do monte elevado a Melkarth: assimilado pelos romanos, esses mantiveram o monumento, ou elevaram um templo, tomando Hercules como divindade tutelar da cidade, e por conseguinte conservando-a na sua cidadella, como os athenienses Athene no Acropole, como os Messenios Zeus em Ithome, como os romanos Jupiter no Capitolio.

Perguntar-me-hão talvez por que motivo, tendo os romanos o Hercules, e podendo portanto ter sido a povoação por elles fundada, eu a attribuo aos phénicios. Facil é dar a resposta. O culto de Hercules tinha sido trazido para a peninsula e muito espalhado nella pelos phenicios, e os romanos não foram em extremo afeiçoados ao culto d'este semi-deus. Assim, mais razoavel é attribuir aos primeiros o estabelecimento do culto d'Hercules nesta cidade.

Mas qual foi o nome da povoação?

Num trabalho especial [1] tratei já esse ponto e parece-me ter demonstrado que esta cidade se chamou *AEminio*. Não devo, comtudo, deixar de tocar succintamente este objecto aqui, embora abstraia de citações que porventura desagradariam ao leitor.

O nome de Coimbra, derivação manifesta de *Conimbriga*, oppidum que existiu aonde hoje se vê Condeixa-a-Velha, fez crer que, destruida essa povoação, se fundára outra com o mesmo nome na margem direita do Mondego; e nesta hypothese fundamentou fr. Bernardo de Brito a sua fabula de Ataces, já mencionada no primeiro capitulo d'este livro. Outros escriptores, sem irem buscar a denominação da cidade a Conimbriga, imaginaram outras lendas, que o leitor tambem já conhece, e que nem merecem as honras de ser discutidas. Quanto á versão de Brito, não a discuto, por estar ha muito demonstrada a sua falsidade.

Ptolemeu, não menciona a povoação romana *Conimbriga*, sómente faz menção de AEminio; mas Plinio, fala d'ambas, notando que junto de AEminio corre um rio do mesmo nome, o qual está situado entre o Douro e o Tejo. Sabe-se que o *naturalista* latino apresenta naquella parte da sua obra, em que trata da Lusitania, apenas os traços geographicos geraes, tomando unicamente o que era mais importante; por isso cala-se sobre as pequenas correntes, para só apontar as mais notaveis. Entre os dois rios supradictos, não ha effectivamente outro comparavel ao que hoje se chama Mondego, e que os romanos geralmente chamavam Munda; por isso não é admissivel a opinião dos que identificam a cidade e o rio AEminio com a villa e o rio Agueda, levados unicamente da coincidencia de cada uma destas povoações ser banhada por uma corrente do mesmo nome. Advirta-se que em Agueda não ha um unico vestigio romano; e que no anno de 883 de Christo já esta villa tinha este nome, havendo documentos que provam a existencia de AEminio dez annos antes.

[1] *Oppida Restituta, AEminio*. Bol. da Soc. de Geog. de Lisboa; cf. *Oppida Restituta, Conimbriga*, ibid.

Assim a unica povoação que identificar com AEminio é a moderna Coimbra; não sendo para admirar que o rio Munda tambem tivesse o nome da cidade que banhava; pois não só antigamente, mas ainda hoje, muitos logares têm mais d'um nome: o rio Minius tambem se chamou Benis; e o rio Zaire tambem é designado por Congo. Ilio e Troia foram nomes dados a uma só povoação, do mesmo modo que Sparta e Lacedemonia.

O Itinerario de Antonino confirma a identificação assignando tambem a AEminio a posição da moderna Coimbra, e a interpretação critica de todos os documentos que a antiguidade e a edade-média nos legaram, e em que se faz menção d'ella, leva á mesma conclusão. [1]

Assente, pois, que a cidade do Mondego se chamou AEminio na epocha romana, mas antes de passarmos a ver quaes as memorias que d'esse oppidum nos restam, direi alguma coisa ácerca da etymologia d'este nome, advertindo que é uma simples conjectura minha.

Está averiguado que o nome de *Herminius* (*mons*) é composto de duas palavras celtas: *ar* particula augmentativa e *meneiu* «elevação, monte», vindo por consequencia a palavra a significar *grande elevação* ou *monte alto*; e é sabido tambem que esta designação (como outras identicas) foi applicada a varios montes e sitios do nosso Portugal, como se vê em *Monte Arminho*, *Monte Alminho*, *Aramenha*, etc. Demais, note-se que se prova com documentos que tanto a Serra da Estrella como a Serra de Aremenha tiveram antigamente o nome commum de Mons Herminius. Ora em AEminio apparece, creio, evidentemente o thema *meneiu* «elevação, altura», que perfeitamente compete ao monte onde foi funda-

---

[1] Sobre este importante assumpto veja-se tambem: A. Filippe Simões, *Alguns passos num labyrintho. Se Coimbra foi povoação romana e que nome teve*, in *Portugal Pittoresco*, Coimbra, 1879; J. da C. N. e C. Portugal, noticia sobre a situação de AEminio, in Actas das Sessões da Acad. R. das S. de Lisboa, 1849; G. Estaço, *Varias Antiguidades de Portugal*; Florez, *España Sagrada*, vol. XIV, tr. XLV, c. 1.º

da a povoação; restando apenas por interpretar a significação do prefixo *ae* ou *ai*, segundo a forma grega conservada pelo geographo de Alexandria, que modificava d'algum modo o segundo termo, ou porventura designava alguma particularidade da montanha.

Se tal é a verdadeira etymologia da palavra, claramente nos mostra esta quaes foram os fundadores da cidade, cujo nome subsistiu durante o dominio successivo dos phenicios, carthaginezes, romanos, godos e leonezes.

AEminio, povoação romana, foi de certo um dos mais notaveis oppiduns do occidente da peninsula. O tempo, as luctas medievaes, e o vandalismo inherente aos nossos municipios fizeram, porém, quasi por complecto desapparecer os vestigios da grande povoação.

Um dos monumentos do oppidum, que chegou quasi até nós, e que tambem leva á crença de que a povoação era importante, é o de que nos deixou representação a vista publicada por Braunio, o arco de triumpho, de que já falei; sendo tambem para lembrar que a ponte de Affonso Henriques não foi mais que uma restauração d'outra anterior, como notei noutra parte. Além d'isso, o aqueducto, que o rei D. Sebastião mandou construir para abastecer d'aguas a cidade, foi levantado sobre alicerces d'outro antiquissimo, que só póde ser razoavelmente attribuido aos romanos, e não ás epochas medievaes, em que semelhantes edificações raro se fizeram. Todos estes monumentos, e varios outros da arte romana se sumiram sob as reconstrucções godas, moiriscas e portuguezas.

Restam todavia ainda monumentos de AEminio, posto que modestos. Em 1773 e 1774, nos alicerces do castello, e em 1878 perto do arco da Traição se encontraram alguns monumentos epigraphicos: um marco milliario, infelizmente partido, do tempo de Caligula, e lapides sepulchraes. Aqui transcrevo a inscripção d'uma d'ellas, curiosissima pelos lavores que a cercam e ainda mais pe-

17

los emblemas que ladeiam o lettreiro, e que são: na face direita, um *volumen* aberto, uma *theca calamaria* e umas *tabellae duplices* abertas; e na face esquerda, uma *patella* ou *speculum manubriatum*, uma *patera* e um *urceus*. Todos estes emblemas indicam pertencer o fallecido Caio Julio Materno ao collegio dos sacerdotes e á ordem dos *scribas*. A inscripção diz:

D . M . S
C . I V L I
M A T E R N I
ANN . LXIIII
B O V I A . M A
T E R N A . E T
I V L I A . M A
XIMA . PATRI
P I I S S I M O
F . C
C V R A N T . . .
I V L I O D E X
T R O L I B E R
T O O B M E R I
TA . PATRONI

Entre as outras inscripções havia algumas tambem interessantes, que todavia me abstenho de transcrever. [1]

Do oppidum AEminio se encontra memoria em outros logares. Em Merida foi descoberta a lapide sepulchral d'um aeminiense. Mas outro e mais notavel monumento é o encontrado ao pé da torre da Corunha, essa torre d'Hercules, a que já fiz allusão. Ao sul da torre, num penhasco se lê em caracteres grandes e elegantes, dos

[1] Quasi todas hoje no museu do *Instituto*. Cf. o *Catalogo* citado; e, melhor, o vol. II do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, publicado pela Academia de Berlim.

principios do segundo seculo, conforme a leitura do meu illustre amigo o sr. dr. Hübner, a quem a archeologia em geral e particularmente a portugueza, tanto devem:

M A R T I
AVG . SACR
C . SEVIVS
LVPVS
ARCHITECTVS
AEMINIENSIS
LVSITANVS . EXV°

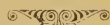
O voto expresso na inscripção não se relaciona com a torre; é apenas uma dedicação a Marte, cumprimento de promessa que o artista porventura fizera de lh'a offerecer na primeira grande obra que executasse. Tal é a opinião (que eu sigo) do célebre padre Florez.

Os suevos dominaram em AEminio, desde o seu estabelecimento na peninsula até 585, em que os godos se apoderaram d'ella. No tempo dos primeiros pertenceu á diocese de *Conimbriga*, cidade que a distancia de duas leguas estava situada, como geralmente se sabe, no local de Condeixa-a-velha; e continuou depois a pertencer-lhe, como consta da divisão dos bispados feita por Theodomiro no concilio de Lugo em 569, e da divisão de Wamba em 672. No terceiro concilio de Toledo, que teve logar em 589, um prelado assignou-se bispo de AEminio — *Possidonius Eminiensis Ecclesiae Episcopus* —; mas apezar d'isso não foi séde de bispado, sendo, sim, egreja episcopal, isto é, «que algum tempo foi assento de Bispo», como explica Viterbo.

Em AEminio tiveram officina monetaria quatro reis godos, pelo menos: conhecem-se moedas com o nome d'esta cidade, dos reinados de Recaredo (561-601) que tão faustoso foi; de Liuva II

(601-603) que morreu assassinado por ordem de Witterico; do virtuoso e illustre Sisebuto (612-621); e do indolente Chintilla (636-640).

Esta cidade antiquissima decaiu, ao que parece, da sua grandeza durante a epocha das invasões barbaras e nos tempos que se lhe seguiram. O Mondego foi quasi sempre o limite da Galliza; e, assim, AEminio, pelas continuas luctas guerreiras, tanto entre os barbaros, como d'estes com os moiros, teve de soffrer frequentes desastres.

Entrando os moiros na peninsula, e destruindo em 711 a monarchia goda, assenhorearam-se de quasi toda a peninsula; AEminio devia ter a sorte das outras cidades e cair nas mãos dos islamitas, como a sua visinha Conimbriga, a qual, segundo consta, era governada em 772 por Aly-Boacem-ibn-Mahomet Al-Hamar-ibn-Tarif. Durante um seculo se conservou ella em poder dos moiros, a quem a tomou Affonso III de Leão (866-884), pelos annos de 878, povoando-a depois de christãos, como fez a Conimbriga e a outras terras. Da epocha da dominação moirisca não me foi possivel alcançar memorias.

Foi na epocha da conquista de Affonso III que teve logar a mudança do nome da cidade, passando a chamar-se *Conimbriga* e *Colimbria*.

Affonso III começou a governar em 866. Por estes tempos (873) apparece, como conde de AEminio, Arias, filho de Hermenegildo, conde em Tuy e Portugal, ao passo que na mesma data se encontra como bispo de Conimbriga a Nausto; donde se conclue que nesse anno existiam as duas povoações. A segunda, porém, estava em poder dos moiriscos, pois só em 878 foi conquistada pelo conde Hermenegildo, logar-tenente de Affonso III. AEminio, ao norte do Mondego tinha sido sem duvida anteriormente conquistada, e talvez sem grandes difficuldades, porque as incessan-

tes luctas deviam ter damnificado seus muros, e a reparação d'elles não se teria terminado ainda. Além d'isso a cidade de Conimbriga, cujas importantes ruinas ainda hoje vemos em Condeixa-a-velha, era desde muitos annos já povoação mais importante do que a sua visinha.

Tinha ella sido, é verdade, destruida pelos suevos em 468; mas ha documentos que provam a sua existencia menos de cem annos depois, o que indica ter ella sido reedificada nesse intervallo, facto que não deve causar extranhesa, porque o mesmo succedeu com muitas outras povoações. Demonstra-se tambem que a Conimbriga tomada aos moiros pelo conde Hermenegildo em 878 foi, não uma cidade da margem direita do Mondego, mas situada ao sul d'este rio: sendo que a Galliza tinha nessa epocha por limite meridional o Mondego; e, dizendo a chronica dos godos que Affonso III a desolou e depois a repovoou de gente da Galliza «ex Gallecis postea populavit», evidentemente a sua antiga população não se compunha de gente d'esta provincia, e por conseguinte estava fóra do limite d'ella, isto é, ao sul do Mondego.

Conimbriga foi sempre séde episcopal, a que a visinha AEminio pertenceu como parochia, conforme já disse. Em 866 era já seu bispo Nausto, pois se acha como tal entre os subscriptores ou confirmantes num testamento de Ordonho I; mas, estando então em poder dos sarracenos Conimbriga, evidentemente era elle bispo *in partibus*, como o haviam sido alguns dos seus antecessores.

Sendo AEminio cidade episcopal da diocese conimbricense, e a mais proxima da séde, naturalmente para alli passaram a sua residencia os bispos, quando se viram forçados pela conquista mauresca a abandonar Conimbriga; continuando todavia a usar do seu titulo, que não podiam nem deviam substituir, porque era um titulo antigo que os honrava, e porque para tomar outro precisavam da prévia licença da curia romana. Os que precederam Nausto, e este mesmo, continuaram pois a assignar-se «Episcopus Conimbricensis Ecclesiae», o que, como já disse noutra parte, nesses tempos em que predominava a influencia religiosa, levou insensi-

velmente a designar AEminio pelo nome do bispo ahi residente; facto este que não teria talvez consequencia, se essa residencia fosse de curta duração; mas que incontestavelmente produziu a vinculação do nome pela vinculação da séde da diocese naquella cidade.

Não obsta isto todavia a que ainda, durante algum tempo, algumas vezes lhe fosse dado o antigo nome de AEminio, até desapparecer inteiramente.

A propria lenda da fundação da nova Coimbra por Ataces, confirma, a meu ver, a mudança do nome,—embora essa lenda seja referida a uma epocha anterior, porque isso deriva da tendencia natural que ha para o exaggero, neste caso manifestada no desejo que tiveram de remotar a origem de Coimbra aquelles que só conheceram a esta cidade o seu segundo nome.

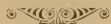
Affonso III repovoou AEminio e Conimbriga, depois de conquistadas; mas a segunda, nas gigantes luctas que tivera a sustentar, soffrera tantos desastres que não poude mais levantar-se do estado de decadencia a que chegára; mórmente retomando vida a proxima AEminio que, por melhor situada junto d'uma corrente fluvial, devia ser preferida. Os habitantes d'uma foram a pouco e pouco passando para a outra, para um novo centro de animação, de vida; interesses de commercio mesmo para isso contribuiram. Conimbriga, abandonada quasi inteiramente, foi-se despovoando, até ficar pouco menos de deserta, e a ponto de perder o nome. AEminio, procurada, estimada, ataviada com o nome honrado da sua visinha, animou-se, engrandeceu-se, para se glorificar um dia.

Florescia a nova Conimbriga, ou *Colimbria*, segundo a fórma dada pela maior parte dos documentos da edade média, quando em 987 o célebre hagib Al-Mansor a cercou, depois de ter já conquistado muitas outras povoações aos christãos. Após longa e fera lucta tornou a desfraldar-se no alto da antiga cidadella a bandeira

do islam. A povoação foi destruida pelos sarracenos que durante sete annos a deixaram abandonada.

Reedificada ou, para me expressar com mais justeza, restaurada depois, permaneceu, ainda por setenta annos em poder dos moiros, que lhe chamavam *Medina-Colimria* e que lhe queriam como a uma joia preciosa, assim pela belleza da sua posição, como pela conveniencia de possuirem este posto avançado das suas fronteiras.

A despeito das luctas frequentes com os christãos, deveu ser a Medina-Colimria uma das mais florescentes cidades do occidente da peninsula. Perto d'ella continuavam a subsistir estabelecimentos christãos, como o mosteiro de Lorvão, que era até, em certo modo, protegido pelos sectarios do propheta.

Mas a fortuna abandonára estes; Al-Mansor morrera, e os seus successores não tinham a sua energia nem o seu genio. O crescente começou de novo a curvar-se perante a cruz.

O rei de Leão, Fernando-o-magno, no seu empenho de extender os seus dominios á custa dos territorios dominados pelos moiros, veiu cercar Colimbria, que era então nesta parte da peninsula a povoação mais importante das fronteiras moiriscas. Como a cidade era fortissima pela sua posição e optimas muralhas, e como era energica a defeza dos sarracenos, durante seis mezes e tanto resistiu ella aos violentos ataques e continuados assaltos dos leonezes. Se déssemos credito a uma escriptura de doação attribuida a Fernando-o-magno, em favor dos monges do mosteiro de Lorvão, ter-se-hiam passado as coisas do seguinte modo: O rei tinha acampado no logar de Vimarães, aonde mais tarde se fundou o mosteiro das freiras de Cellas a par da cidade, e já desanimado de levar a effeito a conquista, e falto de mantimentos, resolvera levantar arraiaes e regressar a Leão. Antes d'isso, porém, mandou lançar pregão de retirada, e os monges de Lorvão, que haviam recebido muitos e grandes favores dos moiros de Colimbria, auxi-

liaram-no com abundancia de viveres, incitando-o a não abandonar a empreza. Continuou pois o assedio, assestaram-se engenhos e cobertas de madeira a uma parte da muralha, abriu-se brecha, e só passados dois dias (tal era a defeza dos sarracenos) foi a cidade entrada, numa sexta feira de julho, vespera de S. Christovão, sendo feitos prisioneiros mais de cinco mil sarracenos.

Quaesquer que hajam sido as circumstancias da tomada de Colimbria, o que é certo é que a cidade se rendeu naquelle anno pela fome, ou pelo mau estado a que foram reduzidas as muralhas, a Fernando-o-magno, conforme irrecusaveis documentos o affirmam, não tornando mais a tremular no seu alcaçar o estandarte mussulmano.

Assim como succedera na antiga monarchia de Leão, Fernando poz varios condes á testa das provincias do seu vasto estado. Em Colimbria ficou governando esse Sesnando, cujo epitaphio já atraz foi transcripto, e de cuja vida apontei as principaes particularidades. Resta-me só aqui dizer que, desde o governo de Sesnando, o districto de Colimbria ficou abrangendo os territorios d'entre Douro e Mondego.

Fallecendo em 1065, deixou Fernando divididos os seus grandes dominios pelos tres filhos e duas filhas que então tinha. Das filhas, ficaram governando como rainhas: em Zamora, Urraca, e Elvira em Touro. Dos filhos: Sancho teve o reino de Castella, a Affonso coube o de Leão e Asturias, e Garcia herdou o da Galliza, que comprehendia Portugal, isto é, todas as terras entre os rios Minho e Mondego.

Garcia conservou no governo de Colimbria a Sesnando; e no do Porto a Nuno Mendes, que foi o chefe da revolta dos barões d'Entre-Douro-e-Minho, aos quaes o rei desbaratou entre Braga e o Cavado.

Se, antes da revolta, Garcia mostrara bem quanto era feroz, esta qualidade requintou com a victoria alcançada. E a sua tyrannia tornou-se de todo o ponto insoffrivel, quando, alguns nobres lhe assassinaram, no paço e na sua presença, o seu valido Vér-

nula, que, intrigante refalsado, indispunha os barões com o rei. Conta-se como acontecido em Colimbria este facto, e tambem se refere que tendo o rei de Castella, Sancho, enviado tropas contra o irmão, este as vencera perto de Colimbria, ao norte da cidade no valle de Coselhas, aonde hoje se vê a Ponte de Aguas-Maias. Estes successos do reinado de Garcia são contados por varios escriptores antigos; mas não é inteiramente inatacavel a sua authenticidade.

Por morte de Sesnando, a qual occorreu em 1088, ficou com o governo da cidade Martim Moniz, casado com Elvira, filha unica do fallecido. Foi, porém, bem curto o governo de Martim Moniz em Colimbria, porque o rei Affonso VI o transferiu para o districto de Arouca. O governo do territorio conimbricense, assim como o da provincia d'Entre-Douro-e-Minho e ainda da Galliza, foi confiado ao conde Raymundo, que havia casado com Urraca, filha de Affonso VI. Este governo foi ephemero, pois parece ter durado apenas desde abril de 1094 até fins do anno seguinte.

Em 1095, no mez de dezembro, apparece governando o districto de Colimbria o conde Henrique, esse borgonhez de quem foi filho Affonso Henriques.

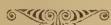
Do tempo do governo do Conde Henrique, resta um documento importantissimo, o foral dado a Colimbria por elle em 1111, com a noticia d'uma sedição que teve logar pouco tempo antes, e que o motivou.

Um certo Munio Barroso e outro sujeito de nome Ebraldo, que tinham os cargos de chefes militares, ou talvez eram exactores de fazenda, exerciam sobre o povo tal gravame, que afinal, exgotada de todo a paciencia, os conimbricenses se amotinaram e expulsaram da cidade os dois oppressores. Comquanto Colimbria fosse desde meio seculo capital d'um districto, e a mais importante cidade do condado de Portugal, não era todavia a capital do conde Henrique. Este escolhera Guimarães para sua corte; e assim, embora visitasse frequentemente Colimbria, precisava de ter alguem que sob as suas ordens a governasse. Na occasião em que teve logar a re-

volta, o conde achava-se em França, ou no Aragão. Regressando, encaminhou-se para a cidade do Mondego, aonde soffreu o desgosto de os seus habitantes lhe resistirem, e se viu obrigado a concertar-se com elles. O conde deu então á cidade uma carta de foral datada em 26 de maio, pela qual lhe concedia grandes privilegios, entre os quaes que o juiz e o alcaide fossem cidadãos conimbricenses e que nunca daria Colimbria por alcavalla; além d'isso especificava as contribuições, promettia não mais admittir Munio Barroso nem Ebraldo na cidade, e esquecer inteiramente tudo quanto se passara.

Quando Henrique falleceu em maio de 1114, ficou governando a cidade a sua viuva D. Thereza, filha bastarda de Affonso VI. Durante o seu governo, teve logar a célebre invasão do amir de Marrocos Aly-Ibn-Yusef, o qual queria tirar desforra dos prejuizos recebidos nas luctas anteriores, e que, atravessando o Estreito, veiu atacar as provincias occidentaes da peninsula. Ao numeroso exercito que trouxe d'Africa, ajuntou algumas tropas almoravides de Hespanha, e dirigiu-se para Colimbria, a que pôz apertado cerco em junho de 1117. A cidade já não estava defendida pela linha formada pelos castellos de Miranda do Corvo, Santa Eulalia e outros, que haviam sido destruidos inteiramente no anno anterior pelos sarracenos, a quem commandava Yahaya-Ibn-Taxfin, wali de Cordova; nem restando o castello de Soure, que os habitantes haviam abondonado e destruido á approximação dos moiros, acolhendo-se a Colimbria. Esta achava-se pois exposta aos ataques das armas moiriscas. «D. Thereza — diz Herculano — achava-se então ahi. Tal e tão repentina foi a invasão dos sarracenos, que a muito custo a rainha se poude salvar dentro dos muros da cidade. Os arrabaldes ficaram reduzidos a cinzas e as fortificações foram combatidas durante vinte dias sem interrupção de um só. Defenderam-se, porém, os cercados vigorosamente, e o amir, conhecendo que era inutil o insistir, retirou-se, assolando tudo a tal ponto, que — diz um escriptor arabe — subsistiram por largo tempo claros vestigios d'aquella terrivel entrada. De feito, ainda sete annos de-

pois o logar onde existira Soure achava-se convertido em habitação de feras.» Talvez consequencia d'estas devastações foi a grande fome que houve em Colimbria no anno de 1122 segundo a chronica dos Godos Aly-Ibn-Yusef foi o ultimo moiro, que se atreveu a erguer a mão contra a cidade, que ia tornar-se a capital d'um novo reino.

Antes de proseguir, e porque neste ponto cabe pela ordem do tempo, direi que Édrisi, na sua monumental *Geographia*, que terminou em janeiro de 1154, fala varias vezes de Colimbria; e em duas partes apresenta uma rapida mas precisa descripção d'ella. Numa dessas passagens diz: «Coria está ao presente no poder dos christãos... D'ahi a Colimria são quatro dias de caminho. Esta ultima cidade está edificada num cabeço, cercada de boas muralhas, com tres portas, e perfeitamente fortificada. Assenta na margem do rio Mondik, que corre ao occidente da cidade para o mar, e cuja embocadura é defendida pelo castello de Monte-mór, e sobre a qual ha moinhos. O territorio d'esta cidade consiste em vinhedos e jardins. Na parte que se extende para o mar, ao occidente, ha campinas cultivadas, aonde se criam rebanhos. A população pertence á communhão christã.» Noutra parte desenvolve algumas das informações precedentes, escrevendo: «Colimria, cidade pequena mas bem povoada e florescente cujos arredores cobertos de vinhedos produzem muitos fructos, como maçãs, peras etc. Tem fontes nativas. A cidade é edificada no alto d'um monte, de boa defeza e de difficil accesso, ao pé do rio chamado Mondik.»

Escolhida *Coimbra* por Affonso Henriques para capital do reino que fundara, em consequencia da sua posição central, uma nova existencia começou para esta cidade, existencia brilhante, como a que costuma ter a residencia real, e que conservou durante quatro reinados.

Nesse tempo foi ella o centro do movimento, o coração d'este pequeno estado; para ella convergiam todas as vistas e attenções; a ella concorriam os nacionaes e os extrangeiros que seus interesses faziam approximar da corte. As principaes memorias que d'essa epocha restam já ficam apontadas noutros logares.

O ultimo grande acto de Coimbra nessa antiga edade é o da resistencia ao conde de Bolonha. Este, chegando a chamar-se Affonso III, preferiu-lhe Lisboa, ficando desde então ella no segundo plano, quanto á importancia politica; não assim, porém, no tocante á illustração. Já vimos como, após muitas vicissitudes, a velha cidade se tornou a séde da Universidade, á qual deve o seu maior esplendor.

Por tres vezes foi dado foral a Coimbra. O que Franklin menciona do anno de 1085, attribuindo-o a Affonso VI de Leão, não é foral, mas uma confirmação de privilegios concedidos aos conimbricenses pelo conde Sesnando; confirmação que teve logar já sob o governo de Martim Moniz, achando-se aquelle rei em Coimbra, em companhia de seu genro o conde Raymundo e dos seus principaes barões.

O primeiro foral foi pois dado a Coimbra pelo conde Henrique, datado de 26 de maio de 1111, como fica dito. Franklin menciona tambem um foral do anno de 1110; procedeu o seu erro de tomar como dois foraes distinctos as duas copias do de 1111 que vêm no *Livro Preto*.

Affonso Henriques no anno de 1179, e tambem no mez de maio confirmou e ampliou o foral que seu pae dera. Desenvolver aqui quaes os variados e importantes privilegios e regalias por esse foral concedidos, levar-nos-hia muito longe; e, se a sua circumstanciada explanação por alguns leitores seria apreciada, a outros talvez causasse enfado.

D. Affonso II no mez de outubro de 1217 confirmou o foral dado a Coimbra por seu avô.

Finalmente D. Manuel, reformando os foraes, não podia esquecer Coimbra; deu-lhe o novo foral aos 4 de agosto de 1516. O mesmo rei já em 29 de egual mez do anno de 1503 lhe dera uma sentença de foral; e D. João III lhe deu outra em 29 de Março de 1638.

Não só pelos foraes foram concedidos privilegios á cidade; no archivo do municipio se conservam innumeraveis documentos honrosissimos para a antiga capital. Advirta-se, comtudo, que esses privilegios foram sempre para os habitantes de Al-medina, do que resultou haver algumas vezes conflictos graves entre os da cerca e os do arrabalde.

Coimbra, que tinha em cortes assento no primeiro banco, viu reunirem-se no seu seio essas assembléas por muitas vezes. As primeiras foram convocadas, segundo parece, por D. Affonso II, em 1211; as segundas por D. Sancho II, em 1229; e no tempo de D. Affonso III tambem alli houve cortes em que se legislou sobre a moeda, etc. De várias outras se acha menção; mas as mais célebres foram as de que passo a falar.

Em 1385 entrou em Coimbra o mestre de Aviz para assistir ás cortes que haviam de conferir-lhe a corôa que cingira seu pae. O Chronicon Conimbricense commemora este facto, e eu deixarei falar o escriptor anonymo na sua singela linguagem. «Era de 1423, em o nome do mui alto Senhor Deus Padre, chegou a pár de Santa Clara de Coimbra, o mui nobre e mui honrado D. João, mestre de Aviz, regedor, e defensor, e governador do reino de Portugal e do Algarve, filho do mui nobre rei D. Pedro, neto do mui nobre e de memoria santa, o rei D. Affonso, quarto dos Affonsos reis, que foram de Portugal e do Algarve, e isto foi tres dias andados de março, á sexta feira.

«E foram-no receber com mui grande procissão, e com mui grande honra que lhe fizeram, e ia vestido pontificalmente D. Lourenço, bispo de Lamego, amigo e servo de Deus, a rogo do dião e colle-

gio da Sé de Coimbra, e a rogo do concelho da dita cidade, e os mui nobres e honrados collegios e concelho, e muitos jogos e trebellos que lhe fizeram. E vinha ahi com o dito mestre de Aviz muitos cavalleiros, e muitos escudeiros, dos quaes vinha ahi Nuno Alvares, escudeiro, filho do mui honrado Alvaro Gonçalves Pereira, prior do Hospital.

«Este Nuno Alvares era mui arteiro em armar as batalhas e vencel-as em o nome d'aquelle senhor, que o fez contra grandes cavalheiros e senhores de Castella; e como o sobredito D. João, mestre de Aviz, viu a sobredita procissão vir de cima, recontada, desceu-se das bestas, mui humildosamente, e fincou os jiolhos em terra, e beijou a cruz, e veiu com a procissão mui honestamente de pé, e entrou pela mui nobre cidade de Coimbra, e levaram-no aos paços da Alcaçova sua.»

Foi pois nestas cortes, que então se celebraram, que o condestavel, assim como João das Regras, o celebre doutor pela Universidade de Bolonha, fizeram acclamar rei o mestre de Aviz com o nome de D. João I, promulgando-se nellas tambem varias leis e posturas sobre o governo do reino.

Este mesmo rei convocou em Coimbra cortes cinco vezes : no anno de 1387; no de 1390; em 1394 a 1395: em 1398 e em 1400.

Foi D. Affonso V quem por ultimo convocou cortes em Coimbra, abrindo-se ellas em agosto de 1472; estas foram transferidas para Evora, aonde se fecharam em março do anno seguinte.

Em 1415 foi Coimbra honrada com o titulo de ducado. Antes d'ella, nenhuma outra cidade gosara de tão alta distincção em Portugal.

D. João I, para premiar seu filho o infante D. Pedro pelas assignaladas acções que praticara na conquista de Ceuta, logo que regressou a Portugal lhe conferiu o titulo de duque de Coimbra,

fazendo-se a cerimonia com grande apparato e solemnidade em Tavira.

Assim se achou investido em tão alta dignidade esse infante, que então contava apenas vinte e tres annos, e que foi um dos mais notaveis vultos da nossa historia. D. Pedro, pelo seu valor e prudencia, pela sua instrucção e energia, merece bem que o qualifiquemos de grande. Assim pelos dotes naturaes, como pelos muitos e variados conhecimentos, que adquiriu nas suas longas viagens por quasi toda a Europa e em parte da Africa e da Asia, estava talhado para exercer o difficil e pesado cargo de regedor do reino, depois do fallecimento de seu irmão D. Duarte. Como se sabe, a despeito da disposição testamentaria do rei eloquente, que nomeava regente do reino sua esposa, na menoridade de Affonso V, as cortes de Torres Novas elegeram defensor e regente do reino a D. Pedro, declarando como allegação que só ás cortes pertencia eleger um regedor. Seria ocioso e por ventura alheio á indole d'este livro o relatar aqui os successos da vida e regencia desinteressada d'este consummado administrador, que, pelas intrigas promovidas por seus inimigos, e ás quaes parece não haver sido extranho seu irmão *o navegador*, morreu desgraçadamente na batalha de Alfarrobeira aos 20 de maio de 1449. Não devo, porém, deixar de mencionar que a sua integridade, a sua abnegação, a sua energia jámais se desmentiram. Quanto a esta ultima qualidade apontarei que numa carta, que em 22 de agosto de 1440 dirigiu aos vereadores da Camara de Coimbra, admoestando-os a que vivessem em paz com o juiz Francisco Annes, lhes dizia «que quanto mais disputassem, mais as minguas d'elles vereadores se descobririam»; accrescentando que se não affligissem com as ameaças do mesmo juiz, que dizia lhes havia de pôr a «mañao polla cabeça a cada huum», «pois elle nom será ousado de nos poer a mão polla cabeça temendo que achará a minha mais pesada do que uos podees achar a sua».

O segundo duque de Coimbra foi esse filho natural do *principe perfeito*, D. Jorge de Lencastre, que D. Anna de Mendoça deu á luz aos 12 de agosto de 1481. Foi-lhe dado o titulo por seu pro-

prio pae, no testamento que fez em setembro de 1495, devendo considerar-se a carta de D. Manuel passada em Evora a 16 de março de 1509, fazendo mercê do titulo a D. Jorge, como uma simples confirmação. D. Jorge foi um grande galanteador; mesmo depois de viuvo e já com setenta annos, ainda namorava com tanta desenvoltura, que D. João III o desterrou para Setubal. D. Jorge juntou ao seu titulo de duque as seguintes dignidades: mestre da ordem de Sant'Iago, administrador da de S. Bento de Aviz, senhor de Montemor-o-velho, Condeixa e Aveiro. Foi o tronco da illustre casa de Aveiro, e falleceu em Setubal a 22 de Julho de 1550.

Actualmente é duque de Coimbra o senhor infante D. Augusto, havendo-lhe sido conferido o titulo por carta regia de 21 de fevereiro de 1867.

No seu estado de cidade secundaria, Coimbra tem tido a existencia commum a todas as povoações do paiz, distinguindo-se, porém, d'ellas, pela feição especial que lhe imprimiu a assistencia da Universidade. Por isso, apenas haveria a fazer menção d'um ou outro facto particular sem grandes consequencias nem grande importancia politica; mas quasi todos esses acontecimentos já foram mencionados nos capitulos que precedem.

Ainda assim, aqui mencionarei que Coimbra adheriu em 22 de maio de 1828 á revolução que rebentara no Porto seis dias antes. Os estudantes liberaes e muitos habitantes da cidade juntaram-se ás auctoridades, corregedor e juiz de fóra, lavrando-se na casa da Camara um auto de renovação do juramento de preito e homenagem ao rei soldado, a D. Maria II e á carta constitucional.

Durante a epocha cabralista, por varias vezes houve revoluções populares em Coimbra, sendo a mais notavel a que rebentou em 17 de maio de 1846. O primeiro grito d'ella tinha sido dado a 13 em Montemor-o-velho por alguns estudantes e habitantes da cidade, que para alli se tinham dirigido, e que antes de voltarem

para Coimbra percorreram Maiorca, Figueira da Foz, Cantanhede, e outras terras, para arranjar partidarios. Na noite 16 de maio formou-se uma commissão preparatoria, a qual no dia 17, juntamente com os commandantes das forças populares elegeu uma junta governativa, que ficou composta dos seguintes individuos: dr. José Alexandre de Campos, dr. João Lopes de Moraes, Augusto Ferreira Pinto Basto, Francisco de Lemos Ramalho de Azevedo Coutinho, José Maria de Casal Ribeiro, dr. Manuel Paes de Figueiredo e Sousa, João Carlos do Amaral Osorio e Sousa, Fernando Eduardo Vasques da Cunha e Manuel Joaquim de Quintella Emauz. Dias depois foi tambem nomeado o padre Antonio de Jesus Maria da Costa. Esta junta creou quatro repartições: do reino, justiça, guerra e fazenda. Foi nomeado para dirigir a primeira o dr. Justino Antonio de Freitas; para a segunda o dr. Francisco José Duarte Nazareth; teve o encargo da terceira o dr. Agostinho de Moraes Pinto d'Almeida, e da quarta o dr. Antonio Joaquim Barjona. Houve tambem nomeações para os cargos de governador civil de Coimbra, administrador do concelho, governador militar, commandante da guarda nacional etc.; e instituiu-se uma commissão municipal.

Tendo-se propagado a revolução por todo o reino com grande rapidez, o governo cabralista caiu tres dias depois (20). A junta encerrou os seus trabalhos em 9 de junho; não se dissolveu, porém, para regularisar o expediente, e só entregar o poder ao governador civil, que o novo ministerio nomeasse. A junta foi elogiada por portaria do ministro do reino Luiz Mousinho de Albuquerque, datada de 13 do mesmo mez.

Qual será o destino d'esta cidade gloriosa, d'esta cidade tão bella, assentada graciosamente nas margens floridas do placido Mondego?

Rehaverá ella ainda a sua passada prosperidade? recobrará a

sua importancia politica de outrora? revestirá de novo as galas com que já se ataviou?

Tornar-se-ha um grande centro populoso, maior do que jámais foi, e accrescentada, engrandecida, opulenta, imperará soberana sobre outros emporios?

Conservar-se-ha sempre na modesta posição que hoje tem, posição talhada pelos usos e pelas instituições?

Estas collinas, estes valles, estas campinas, agora cheias de vida, aonde juntamente domina a alegria e a tristeza, tornar-se-hão desertos, desolados inteiramente? O sol, que hoje illumina esta formosa pinha de edificios, estas academias, estes templos grandiosos e venerandos, haverá de um dia allumiar apenas os seus raros e dispersos destroços? O luar, que esclarece hoje estas habitações, clareará um dia melancolicamente só as suas mudas ruinas, só o seu lugubre esqueleto?

Desapparecerão até, por fim, essas poucas reliquias, reduzidas ao pó pelo homem e pelo volver dos seculos?

Talvez...

Talvez um dia o laborioso mas rude lavrador com a relha do arado sulque esses terrenos, que pisa agora uma população activa e intelligente; talvez o pobre e tosco pastor alli conduza o seu rebanho a pascer algumas hervas mesquinhas e resequidas; talvez o viandante alli se assente sobre uma pedra informe a repousar alguns instantes;—sem que nenhum d'elles saiba o nome da povoação que alli existiu e floresceu, sem que haja d'ella lembrança nem numa pedra do chão, nem na memoria dos homens.

CAPITULO XIV

O *Largo da Feira* — Feiras — A *Sé Nova* — Os jesuitas em Coimbra — O collegio das *Onze mil virgens* — Padre Antonio Vieira — O *Miserere* do José Mauricio — Uma anecdota — O desacato de 3 de abril de 1828 e as suas consequencias para o governo miguelista — Outro desacato... sem consequencias — A *procissão de S. Jorge*: como ella se fazia em 1517 — Outras procissões.

UITO proximo do Largo do Castello encontra-se o *Largo da Feira*, praça espaçosa, orlada de bons edificios. A ligação entre os dois largos é formada por uma pequena rua, que de levante a poente desce do primeiro para o segundo.

Vem-lhe o nome de *Feira* ou, mais exactamente, de *Feira dos Estudantes*, de naquelle local se fazer semanalmente ás terças-feiras um mercado ou *feira franca*, que D. João III ordenou por carta regia de 1 de setembro de 1540, em honra da Universidade, a despeito da má vontade dos vereadores.

Esta instituição do rei fanatico substituiu outro mercado, que desde tempos antiquissimos se fazia junto á alcaçova, uma vez por semana, e o qual D. Affonso III determinou em 7 de maio de 1273, attendendo ao aggravo do alcaide, alvazis e concelho da cidade, fosse mudado para o local que elles entendessem ser mais conveniente.

Este mercado foi em 1867 suspenso, mas continuou pouco depois.

O Largo da Feira é um dos melhores sitios de Coimbra, e dos mais frequentados, sobretudo pelos estudantes que ás noites alli vão passear e fazer a bicha. Em varias occasiões ha sido tambem ponto de reunião da academia, para tractar de casos realmente importantes e graves, ou que a fogosa mocidade como taes considera. O Largo da Feira é um verdadeiro *forum* conimbricense, uma especie de propriedade academica, que é apostrophado d'este modo numa canção popular:

> Adeus, ó Largo da Feira,
> Cercado de cravos brancos,
> Onde o meu amor passeia
> Domingos e dias santos.

Convem notar que os *dias santos* é que cercam a Feira de *cravos brancos.*

O largo é fechado de levante por casarias, havendo d'esse lado um chafariz grande mas sem belleza alguma; da banda do poente, é tambem limitado por habitações e uma escola primaria. Uma das ruas que ligam o Largo da Feira com o de S. João, é chamada *do Rego d'Agua*, aonde o Malhão diz que morava a especial padeira Joanna.

A proposito, occorre-me dar a seguinte breve noticia d'outras feiras de Coimbra (exclusão feita dos mercados diarios ou permanentes).

A feira franca de trinta dias, que começava quinze dias antes do S. Miguel, foi a pedido da cidade transferida em 1439 para depois de Paschoa, tomando desde então o nome de feira *da Paschoela* e ficando franca sómente por quinze dias, pois nos outros era obrigada ao pagamento de direitos. Esta feira foi ainda transferida, por carta de D. Manuel de 23 de setembro de 1512, para

a semana de S. Bartholomeu, mudando outra vez de nome, e mudando muitas vezes de local.

A feira franca de tres dias (2, 3 e 4 de julho) chamada *de Santa Clara*, por se fazer no terreiro do convento d'esta denominação, e que foi auctorisada em 24 de março de 1724.

A feira de gados e generos de consumo, chamada dos *vinte e tres*, no Rocio de Santa Clara, como já disse, e que foi instituida em 1835.

A feira de cereaes nos primeiros e terceiros sabbados de cada mez, na praça de S. Bartholomeu e no caes, a qual começou em abril de 1869 e poucas vezes teve logar por falta de concorrencia, até que deixou de fazer-se.

A magestosa fachada da moderna cathedral, a *Sé Nova*, occupa em quasi toda a sua largura o topo septentrional do Largo da Feira.

Esta fachada, de architectura simples, compõe-se de dois corpos; um, filiado na ordem dorica; o outro, superior ao primeiro, pertencente á ordem jonica. No inferior rasgam-se tres portas, a central maior que as lateraes, mas ainda assim pequena comparativamente á largura e elevação da frontaria. Ante as portas se extende um vasto adro, bastante elevado acima do nivel do largo. Superiormente a cada portal e correspondendo-lhe em tamanho, ha tres janellas; e d'um e outro lado dos portaes e janellas adornam a parede as estatuas de quatro santos, que vestiram a roupeta jesuitica quando eram simples mortaes.

O corpo superior, em cuja traça geral domina a forma triangular, é ladeado das estatuas dos apostolos S. Pedro e S. Paulo. Ao centro uma grande janella, como outras lateraes, deixam a luz penetrar em jorros no interior do templo; e sobre ella ostenta-se o escudo das armas do reino, a uma consideravel altura. Remata a fachada uma cruz enorme, que substituiu outra que um raio der-

rubou em 26 de fevereiro de 1833, acontecimento que o Rozendo se não esqueceu de celebrar na seguinte decima, que não é das mais desengraçadas:

Caiu um raio na sé
Sobre a augusta frontaria,
Esgalhou a cantaria
Sem respeito á cruz da fé;
Offendeu quem estava ao pé,
A uma joven consumiu:
S. João, defronte, viu
E no seu livro escreveu: —
Este raio é judeu,
Pois que a santa cruz partiu.

O S. João, a que allude o poetastro, é a estatua do evangelista que, como já indiquei, remata a fachada do antigo collegio dos Loios.

O interior do templo, em que predomina a ordem dorica, é magestoso de grandeza e magnifico pela ornamentação.

Uma só nave tem, mas extensa e larga, ladeada de quatro grandes capellas; e em cada braço do transepto outras duas capellas se vêem. Na capella-mór, muito ampla e muito bella, a meia altura do lado da epistola e superiormente ás cadeiras dos conegos, ostenta-se um orgão sumptuosissimo, a que corresponde do lado do evangelho uma fabrica inteiramente egual.

O throno da capella-mór é todo laminado de prata, rico na materia e no trabalho; e tambem de prata possue a Sé um frontal grande. Mas tudo isto é coisa bem pouca, em comparação das outras muitas e riquissimas alfaias que lhe pertencem: taes como calices e seus accessorios, cruzes, custodias, thurybulos, lampadas, vasos, jarros, bacias, de metaes preciosos e de bello trabalho, e como mitras, vestes pontificaes e outras, em que a mão d'obra eguala a profusão e o valor das pedrarias e do oiro, do mesmo modo que a finura do estofo.

O zimborio, que ao centro do transepto se ergue a uma altura

enorme, é de tão vastas proporções, que bem se póde dizer collossal uma obra tão arrojada.

Quando se entra no templo, vê-se á esquerda a pia baptismal, que um artista não deve deixar de examinar detidamente.

Esta elegante pia é talhada em marmore branco, de fórma octogonal, assim na bacia como no pé que a sustenta, e que se apoia sóbre o dorso de quatro bellos leões. Os lavores da pia são de correcto desenho, de esmerada execução, e mostram que os seus auctores eram muito habeis artistas e tinham um apurado gosto. Em cada um dos oito lados, na parte superior e externa do calix, esculpiu o auctor alternadamente ora o brasão d'armas do bispo-conde D. Jorge d'Almeida, sustentado por dois anjos, ora duas creanças ou genios tocando instrumentos musicos, por trás dos quaes numa fita ondulante se lê em gothico a seguinte divisa:

OMNES SITIENTES VENITE AD AQUAS. NEQUID NIMIS.

Foram dois os artistas que fizeram esta formosa peça, segundo diz um lettreiro gothico no pé, que sustenta o calix:

P.º ĀRIQUEZ E SEU IRMÃO A FEZ.

Esta pia fora feita expressamente para a Sé Velha.

As pertenças d'esta egreja são muitas e muito vastas, devendo especialisar-se a sacristia e a casa capitular, aonde se conservam muitos quadros, alguns de valor, devidos aos pinceis de mestres nacionaes e estrangeiros. Mantem-se tudo em optima conservação, e as festividades são alli celebradas com muita pompa, devido isso não só ao cabido, mas principalmente ao actual bispo-conde, que se não poupa a esforços para o engrandecimento da sua cathedral, que anteriormente já dirigira como vigario capitular, e que succedeu ao prelado D. Manuel José de Lemos, cuja memoria é veneranda pelas muitas e altas virtudes que o adornaram.

Este templo foi edificado desde 1598, em que se lhe lançou a primeira pedra a 7 de agosto, até 1698 em que se patenteou a capella-mór ao publico, a 31 de julho, dia do patrono dos jesuitas.

Porque foram os jesuitas quem o construiram para seu uso.

Entrados em Portugal, a instancias de D. João III, os discipulos de Ignacio de Loyola, passaram logo em junho de 1542 a Coimbra, aonde chegaram no dia 13, por ordem do rei, o célebre Simão Rodrigues e doze companheiros (treze á meza) para fundarem um collegio. Estabeleceram-se primeiramente no mosteiro de Santa Cruz, aonde se conservaram aproximadamente tres annos. Estes senhores, que só na apparencia são bons de contentar, não achavam sitio que lhes conviesse para fundarem o estabelecimento; mas afinal a providencia encarnada em D. João III lhes offereceu certos terrenos e casas que primeiro havia destinado para a Universidade.

O novo collegio, que se começou aos 14 de abril de 1547. foi posto sob a invocação das *Onze mil virgens*...

A proposito: este exercito de virgens reduz-se a duas sómente: nos antigos calendarios lia-se «Vrsula et Undecimella, VV. MM.», isto é, Santa Ursula e Santa Undecimella, virgens e martyres. A ignorancia e a venda das indulgencias leu «Ursula e onze mil virgens martyres»; e quem for a Colonia, lá póde ver na sacristia d'uma egreja enfileiradas e classificadas as innumeraveis reliquias de todas ellas.

O collegio das Onze mil virgens, que alcançou do rei *piedoso* muitissimos privilegios, entre os quaes não deve ficar esquecido o de ser de todo isento do reitor e mais officiaes da Universidade, occupava uma area muito vasta, como ainda hoje se vê da que tomam os edificios em que se transformou a antiga casa jesuitica, e que são comprehendidos entre o Largo da Feira, o Largo do Museu, a Couraça dos Apostolos e a rua que liga o largo do Museu com esta ultima.

Numa obra que tem por titulo *Imagem da Virtude no noviciado de Coimbra*, escripta pelo padre Antonio Franco, poderá o leitor deliciar-se e edificar-se com a relação das virtudes e acções de muitos jesuitas do collegio das Onze mil virgens. Eu limitar-me-hei aqui a dizer que nesta casa residiu durante algum tempo o padre Antonio Vieira, um dos nossos mais famosos prégadores, um dos nossos mais notaveis homens de lettras.

Havia tres annos que estava o padre Vieira no collegio de Coimbra, e já muitas vezes tivera de apresentar-se perante o tribunal da inquisição, quando em outubro de 1665 deu entrada num carcere do tribunal maldicto, accusado, no dizer da sentença, de além de muitas outras coisas «compor um papel intitulado *Esperanças de Portugal, Quinto imperio do mundo*; cujo principal assumpto é mostrar com varias razões e argumentos, que *Gonsaliannes Bandarra*, çapateiro da villa de Trancoso, fora verdadeiro propheta.»

A longa sentença foi-lhe lida na tarde do dia 23 de dezembro de 1667, na presença de varios prelados das religiões, lentes, e outras pessoas da Universidade, gastando-se na leitura duas horas e um quarto. Essa sentença o condemnava a ser privado para sempre da voz activa e passiva, e de prégar, a ficar recluso na casa de sua religião que o santo officio designasse, e a obrigar-se por termo que assignaria a não tractar mais das proposições de que foi arguido no decurso do processo.

No dia seguinte, um sabbado, vespera de Natal, reentrou Antonio Vieira no Collegio das Onze mil virgens, tornando a ser lida ahi a sentença. Para logar do desterro foi-lhe assignada a residencia de Pedroso, perto do Porto, sendo-lhe todavia trocada, pelo conselho geral, aquella morada pela casa do noviciado de Lisboa, no sitio da Cotovia. Pouco depois foi-lhe dada dispensa da pena pelo mesmo conselho, e cerca de um anno depois foi para Roma, aonde Clemente X o declarou isento perpetuamente de qualquer jurisdicção, poder e auctoridade da inquisição de Portugal e dos Algarves.

Effectivamente o padre Vieira escreveu a alludida obra, dirigida em fórma de carta ao bispo do Japão, e datada de «Camutá do Rio das Amazonas 29 de abril de 1659». Este escripto é um aggregado de destemperos, indignos do notavel prégador, mas naturalmente necessarios para os fins da ordem de que fazia parte.

Havendo sido expulsos do reino os jesuitas, e sequestrados seus haveres em 1759, foram depois doados á Universidade quasi totalmente os bens que elles possuiam em Coimbra.

A egreja, assim como uma pequena parte do collegio, foi cedida ao cabido, que para alli transferiu solemnemente a cathedral a 21 de outubro de 1772.

Visitando a vasta cathedral voltavam-me as reminiscencias da juventude, e com ellas se reavivavam as impressões outrora recebidas; pensei nesses meus dias felizes, quando ainda o estudo e os vaivens do mundo me não haviam roubado a crença. A pouco e pouco a memoria se me foi despertando, cheguei a reconstituir no meu espirito passadas scenas; e, o que é mais, os meus sentidos foram impressionados a ponto de eu assistir em optica illusoria ao que cerca de vinte annos antes presenceara.

Eu vi, como outrora, esse vasto recinto replecto de povo silencioso e reverente; reconheci os perfumes que em nuvens se elevavam dos thurybulos; notei a sombria claridade que reinava naquelle logar; ouvi resoar pelas vastas abobadas, e reverberarem-se em meu coração as vozes profundamente graves e altamente magestosas d'uma concepção sublime...

Quando se amorteciam os lumes, que davam essa dubia claridade ao recinto sagrado, e o silencio reinava imponente, o espirito, a vontade da multidão aggremiada naquelle logar, para assis-

tir á celebração da morte de Jesus, eram dominados pelos sons plangentes mas grandiosos do orgão, que começavam a vibrar, repercutindo-se nos pontos mais reconditos do zimborio e das capellas, seguidos logo dos accentos da voz humana numa expressão de solemne melancolia. Parecia que a musica ensinava a proferir melhor a dolorosa prece do psalmo LI: «Compadece-te de mim, senhor, segundo a tua grande misericordia». Esses sons, penetrando até o intimo do coração, iam deliciar os que gosavam da paz; iam verter um balsamo sarador nas feridas d'aquelles que tinham uma fé viva; iam serenar os que agitavam as ondas enormes e revoltas do mundo; iam despertar a sensibilidade nos que alardeavam indifferença.

Ainda hoje a reminiscencia d'essa musica admiravel de verdade produz no meu espirito uma suavissima e melancolica impressão.

Mas que musica é essa, que genio poude combinar os sons de maneira a formar uma tão agradavel harmonia? Essa musica é o *Miserere*, esse genio foi José Mauricio.

Foi este homem um dos mais illustres filhos de Coimbra, aonde nasceu aos 19 de março de 1752. Chegando a exercer o logar de professor da aula de musica na Universidade, refugiou-se em Lisboa, por occasião de haver sido invadida Coimbra pelo exercito de Massena em Outubro de 1810. Foi na capital, no meio de grandissimas privações e soffrimentos que elle compoz o célebre *Miserere*, obra prima da musica sacra em Portugal e ainda no seu genero. Parece que é necessaria a desgraça, para elevar o genio e fazer com que elle se manifeste em producções assombrosas.

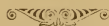
No anno seguinte áquelle, em que Massena se retirou, foi cantado pela primeira vez o *Miserere* de José Mauricio.

Se quizerdes ouvir essa obra prima, ide uma vez assistir á semana santa na Sé Nova de Coimbra; só lá o podereis ouvir. Porque elle exclusivamente se canta lá? Não; mas...

Conta-se que o imperador Leopoldo I, tendo ouvido na basilica de S. Pedro o *Miserere* de Allegri, ficou tão arrebatado com

esta admiravel composição, que pediu ao papa Alexandre VII uma copia, para a fazer executar na capella real de Vienna. Era da regra que jámais se désse a alguem o traslado do *Miserere* para obstar a que se executasse fóra da *Capella Sixtina*; todavia o pedido do imperador foi satisfeito pelo pontifice. Leopoldo teve a musica, os mestres da capella de Vienna estudaram-na conscienciosamente e executaram-na, deante de sua magestade, com todos os *ff* e *rr*, quer dizer, com todos os larghettos e allegretos, com toda a expressão possivel. Apezar d'isso a musica não produziu o menor effeito; e o imperador, não podendo suspeitar ignorancia dos mestres da sua capella, reclamou perante o papa, queixando-se de que lhe não haviam mandado o *Miserere* de Allegri, mas sim outro sem valor. D'isto resultou ser reprehendido asperamente e demittido o mestre da capella Sixtina, o qual todavia fez chegar ás mãos do papa e ás do imperador a seguinte nota: — Para a execução do *Miserere* de Allegri, o texto é o menos; o principal é a tradição.

Fallando da Sé Nova, não póde deixar de dizer-se que na capella do sacramento, que é a quarta do lado da epistola para quem entra no templo, teve logar um desacato na tarde de quinta-feira santa, que no anno de 1828 cahiu a 3 de abril. Consistiu o desacato em ahi se juntarem alguns estudantes com mulheres impudicas, chegando elles a despojarem-se de suas capas, ellas de suas mantilhas, que collocaram sobre o altar. Foi o thesoureiro da Sé quem, indo por accaso a essa capella, teve conhecimento do que succedia e deu immediatamente parte para se tirár devassa do facto. D'esta resultou que em 18 de setembro foi preso em Lisboa o francez Edmundo Potenciano Bonhomme, então professor da lingua franceza, mas que ao tempo do desacato cursava o primeiro anno juridico. Apezar de elle allegar e segundo parece provar que durante toda a tarde e noite, em que teve logar o desacato, estivera jogando o voltarete em casa de uns brasilei-

ros das suas relações, foi condemnado por sentença de 11 de dezembro de 1830 a ser açoitado publicamente nas ruas de Lisboa e a ser degradado por dez annos para Angola, isto além das despezas judiciaes. A sentença executou-se quanto á primeira parte, apezar das energicas reclamações do governo francez. Como estas não fossem attendidas, entrou á força no Tejo em julho do anno seguinte o almirante Roussin, que apprehendeu e levou para França algumas embarcações nossas, exigindo além disso a annulação da sentença contra Bonhomme, a demissão dos juizes que haviam dado a sentença e a do intendente geral da policia (que então era Antonio Germano da Veiga), varias e valiosas indemnisações pecuniarias, soltura d'outros prezos, e ainda a publicação na gazeta official das imposições deshonrosas a que teve de submetter-se o governo miguelista. Sahiu isso num supplemento ao numero 165 da gazeta de Lisboa, sexta-feira, 15 de julho de 1831.

Depois d'este desacato, outro teve logar já no meu tempo naquella egreja. Eu o presenciei como muita outra gente, e foi elle sanccionado pelos reverendos conegos da Sé conimbricense.

Foi o caso que appareceu em Coimbra, ha de haver uns vinte annos, um homem que se intitulava bispo ou sacerdote grego e dizia chamar-se Antonio Ananias. Andava elle acompanhado d'um famulo e pretendia receber esmolas para os christãos da Syria ; por isso entrava em todas as casas a sollicitar o obulo da caridade. Não contente com isto, conseguiu licença para, apezar da differença de rito, celebrar a sua missa na Sé. Era sempre numeroso o concurso dos fieis, assim como o dos que tinham a curiosidade de ir ver as cerimonias extranhas que elle praticava. Lembro me de que o mais agradavel aos fieis era receber das mãos de Ananias pedacinhos de pão consagrado, que no fim da missa distribuia, e que pelas beatas era engulido com tanta uncção, recolhimento e satisfação, como eu comia aquellas gulodices que me davam as se-

nhoras S***, de quem já falei. Mas se o padre grego distribuia particulas de pão, em troca recebia grossas quantias, pois de cada vez que dizia missa choviam as moedas na bacia posta na igreja para o peditorio. Ainda hoje muita gente estará convencida da santidade de Ananias e da honra de lhe ter beijado o annel; saibam porém que o Ananias que viram era simplesmente um vil embusteiro, senão era um miseravel assassino. Esse homem tinha sido creado do verdadeiro Ananias; e ou se approveitou da morte d'elle, ou o assassinou, para lhe tomar o nome e a posição, roubando aquelles que de boa fé o acreditavam. Consta que descoberto o seu vil embuste, fora enforcado numa terra dos Estados Unidos da America.

As principaes festas que se celebram na Sé são, além das da Semana Santa, a da Senhora da Boa Morte e a de *Corpus Christi*, ambas com procissão.

Esta ultima procissão, a mais notavel de quantas havia em Portugal e hoje tão decahida, chama-se vulgarmente em Coimbra, e decerto noutras terras, a *procissão de S. Jorge*, porque a unica imagem que leva hoje (e a principal antigamente) é a do imaginario santo inglêz. Esta procissão parece-se presentemente no geral com as procissões de *Corpus Christi* d'outras cidades, assim como antigamente era semelhante á de Valencia de Hespanha e ás d'outras povoações.

Porque é altamente curioso transcrevo aqui um antigo documento da camara de Coimbra, com cuja leitura o leitor verá desfilar na sua presença essa procissão no anno de 1517.

«Titulo do Regimento da festa do Corpo de Deus, e de como hamdir os officios cada huu em seu lugar

«JUDENGA. Primeiramente os forneyros e carvoeiros e telheiros e caeiros e lagareiros da cidade e termo sam obrigados de fazer

a judenga com sua toura. e o juiz que tiver carego em cada hũ anno será avisado que sempre faça prestes seis omẽes que andem na dita judenga com boas capas e vestidos segundo se requere pera tall auto. e não seram menos dos ditos seis omẽes. Sobpena delle Juiz encorrer em pena de quinhentos reis pera a Camara da cidade. E nom seram obrigados de levar bandeira. E aqui se começa a deanteira da procisam e assim vyram hũs apoz os outros até cheguarem aa guayolla.

«SEGITORIO. Os ferreiros e sarralheiros da cidade e termo ham de dar o segitorio bem concertado. e uma bandeira e ham dir logo apolla judenga. he elles ficaram de traz do segitorio em percição com suaa bandeira.

«O segitorio foi lançado aos trabalhadores he a bandeira ficou com os ferreiros e sarralheiros os quaes hamdir e percição a polo segitorio.

«SERPE. Os carapinteiros da cidade e termo sam obrigados a daar a serpe com huu salvagem grande todo bem corregido. E teram hũa bõa bandeira. sam obrigados de sair com a serpe á vespora do corpo de deus ha tarde. E ham dir na percição a polos ferreyros. E a serpe cora por diante a polo segitorio e elles fiquem ordenados em percição com sua bandeira E os mordomos teram carego dolharem pola serpe.

«FOLIA. Neste meio adir a folia de fora.

«CAVALLOS. Os cordoeiros e albardeiros e odreyros e tintoreyros que todos handam em hum officio, sam obrigados de darem quatro cavalinhos fuscos bem feytos, e pintados E se os elles taes não fizerem a cidade os mande fazer como lhe parecer que devem de ser e elles os paguem. E teram hũa bõa bandeira e iram em percição.

«SÃO CHRISTOVÃO. Os barqueiros da cidade E termo sam obrigados de fazer hum Sam Christovão muito grande e com um menino JESU ao pescoço todo bem corregido E todos de redor delle em percição e não ham de levar bandeira E hamdir a polos cordoeyros.

«Pellas. As regateiras e vendedeiras do pescado e as vendedeiras da fruita sam obrigadas a fazerem duas pellas a saber as da pescado hũa e as da fruita outra hambas bem corregidas e louçãas. E sam obrigadas de sairem com ellas á vespora do Corpo de Deus á tarde. E no dia tambem ha tarde. e hamde correr polla percição cada hũa para seu caboo que nõ vam juntas. E cada hũa ha de levaar sua gayta ou tamboril. Sob pena das mordomas pagarem quinhentos reis para a cidade.

«Oleiros. Os oleiros sam obrigados de fazer hũa boa dansa de espadas que nõ desça de dez omens despostos e que bem o saibam fazer. E hũ Rey com sua coroa he pagem bem vestidos e louçãos he um tamborill ou gayta. E hũa boa bandeira e am dir em percição a polos barqueiros. E isto amde fazer asi os da cidade como os do termo.

«Pedreiros. Os pedreiros e alvanes da cidade e termo sam obrigados de terem hũa bandeira riqua E levarem todos castellos nas mãos bem hobrados asy como se costuma na cidade de Lisboa E hiram apolos oleiros ordenados em percição.

«Alfaiates. Os alfaates e alfaatas e tecedeiras de tiar baixo da cidade e termo sam obrigados de fazer hum emperador com hua emperatris com outo damas em tall maneira que com a emperatris sejam nove moças. E o juiz do dito officio será avisado que não sejam menos moças sob pena delle juiz pagar quinhentos reis para as obras da Camara. As quaes seram todas moças onestas e gentis molheres E bem ataviadas E doutra maneira as nõ receberá áquellas pessoas que as ouverem de dar por seu mandado. E se essas pessoas que forem obrigadas de daar as ditas moças por mandado delle dito juiz as nõ derem taes como dito he encorreram em pena de tresentos reis para a dita Camara da cidade. Porem o Juiz do dito officio terá tall maneira que todas sirvam a roda e nõ carreguem cadanno sobre hũas e outras nõ sirvam porque achando-se que taal faaz os regedores da cidade em Camara lhe daram por elo aquelle castigo que lhes parecer justiça e pollo rool de hũ anno saberam quaes serviram E quaes devem de ser-

vir E levaram sua bandeira Riqua e hũ tamborill ou gaiata E ham dir apollos pedreiros.

«Folia da cidade. Neste meo a dir a folia da cidade.

«Aqui a de ir Sam Christovam.

«Sapateiros. Os sapateiros da cidade e termo sam obrigados de fazer hũa mourisqua e Santa Crara em que vam moças onestas e de boa fama E a mourisqua bem feita domens que ho bem saybam fazer com boas camisas E hua bandeira Riqua e hũ tamborill ou gaiata e hamdir a pollos alfaates E çurradores E hamde ser sete mouros a fora o Rey.

«Tecelães. Os tecelães e tecedeiras de tiar alto da cidade são obrigados de fazer Santa Catarina que seja moça onesta de boa fama bem ataviada com sua roda de navalhas pintada e bem hobrada. e hũa bandeira riqua. E hua gaita ou tamborill. E hamdir apolos os çapateiros.

«Corrieyros. Os corrieyros sam obrigados de fazerem sam Sebastiam omem que seja bem disposto alvo com quatro frecheiros bem corregidos e omens despostos he hũa bandeira Riqua E hamdir a polos tecelães. E nesto entrão os serigueiros e latoeiros e bordadores e asi celeiros e adargueiros. E aqui iram os livreiros e marceiros.

«Cereeiros. Os cereeiros sam obrigados de fazer Santa Maria dasninha e Jochym todo bem feito e corregido e sua bandeira Riqua. E ham dir a polos corrieiros. E nesto entrão os pintores E livreiros.

«Ataqueiros. Os ataqueiros sam obrigados de fazer sam Miguel e dous diaboos grandes todo bem feito e como cumpre pera tall auto e sua bandeira boa. E ham dir apolos cereeiros e com estes vão os boticarios.

«Espinguardeiros. Os espinguardeiros da cidade e termo sam obrigados direm na procição em pelotes com suas espinguardas bem vestidos com seu Anadell que os rega em procisão bem concertados. E sam obrigados de fazerem tres tiros hu quando a gaola sahir da See e outro no terreiro de S. Domingos E outro no

adro da See quando a gaola tornar. Porem os ditos espinguardeiros não farão os tiros senão quando a gaola sair polla porta da See e não despois que forem fundo, E em Sam Domingos depois que a gaola passar por elles. E outro tanto farão a tornada no adro da See.

«Barbeiros. Os barbeiros e ferradores sam obrigados de fazerem hua bandeira Riqua e nella hamde levar sam Jorge pintado E cada barbeiro e ferrador ha de dar hũ omem darmas bem disposto e que leve boas armas bem limpas e louçãas E nenhum nom será escusado de dar o dito omem darmas o dito dia por Razão que queira pera ello dar nem alegar E qual quer que nam der o seu omem de maneira que dito he fique logo condenado em quinhentos reis pera as obras da Camara da cidade e hamdir atraz dos espinguardeiros. E com estes hamdir os pecheleiros.

«As armas da cidade. As armas da cidade que vam com hua moça fermosa coroada e vai detraz da bandeira da cidade e estas armas sam dadas aos malageros tratantes.

«Bandeira da cidade. Ha bandeira da cidade ha dir de traz dos omes darmas. a quall ade levaar o alferes e a de aver jantar como os oficiaes da Camara e os Regedores da cidade ham de emleger em cada hũ anno dez cidadãos antigos que acompanhem a dita bandeira. E hiram quatro cidadãos com a dita bandeira.

«Fogaça. As padeiras da cidade sam obrigadas de fazer hũa fogaça a quall a dir antre a bandeira da cidade E a crelezia a quall fogaça se a de dar aos prezos.

«Aqui começa a creliezia.

«Orgãos. No meo da crelezia hamdir os orgãos E a cidade paga ao tangedor delles e a quatro omẽes que os levão dozentos reis pera seu jantar.

«Anjos. Junto da gaola ham dir quatro Anjos tangendo com violas e arrabis os quaes a cidade ade dar bem concertados com boas alvas capas e sapatos branquos E adaver cada hũ pera seu mantimento e por carrego de estar prestes com seus estormentos cincoenta reis.

«TOCHAS. Diante dos ditos anjos hamdir doze cidadãos dos mais honrados e que melhor possam ir. Os quaes os Regedores da cidade com a Camara escolhão per Rol e estes doze cidadãos ham de levar cada hu sua tocha que lhis os Regedores da cidade ham de mandar a suas casas á vespera do dito dia do corpo Deus pollo porteiro da camara. E os Regedores da cidade teram tall aviso que sempre em camara façam o dito Roll e á vespora lhis mandem as tochas a suas casas e não se guardem pera lhas darem na See por escusarem os inconvenientes que se delo podem seguir em se agravarem os outros que hi esteverem a par delles. As ditas doze tochas que hos ditos doze cidadãos ham de levar são obrigados de as pagar em cada um anno as pessoas seguintes=A cidade duas.=E os ourives outras duas.=os almocreves da cidade e termo outras duas.=os moradores da cidade e termo seis.

«Os Regedores da cidade ham de ordenar em cada hũ anno duas folias boas para hirem na dita porcição nos logares onde atraz fição ordenados e hũa ha de ser da cidade e outra do termo e asi a hũs como outros lhe mandará pagar para seu jantar a cada pessoa que vierem nas ditas folias vinte reis a cada hũ.»

Eis o que era a procissão do *Corpus Christi* no primeiro quartel do seculo XVI; releve-se-me o transcrever tam largo documento, mas o consideral-o muito curioso me impelliu a isso; o Regimento é complectado pelo artigo da *Pena aos que se desordenão nas porcições* (que foi escripto por «Inofre da Ponte», escrivão da camara), e pelo *Pregão que se ha de daar ho dia ou dias ante do dia do Corpo de Deus*: ambos estes termos são egualmente de muita curiosidade. As principaes ordenações do pregão erão que os juizes e mordomos dos officios estivessem com elles na Sé ás sete horas (da manhã) sob pena de quinhentos réis cada um; que os moradores da rua direita, por onde a porcissão havia de passar, a tivessem despejada, limpa, com ramos, e espadanas ás portas, e colchas nas janellas; que todos aquelles, a quem competia dar toiros, os dessem bons; etc.

Presentemente as curiosidades da procissão reduzem-se ao S. Jorge e aos seus cavallos axairelados e emplumados.

Além d'esta procissão, outras mais havia d'antes em Coimbra, como a da Victoria de Aljubarrota, que se fez primeiramente no anno de 1641, a 14 de agosto e continuou a sair com varias interrupções até 1831; a do Anjo Custodio, instituida em 1504, que tinha logar annualmente no terceiro domingo de julho, e na qual apparecia uma grande bandeira com este lettreiro

CUSTOS REGNY ET CYVYTATIS CULIMBRIEMSES

e com a efigie do anjo; a procissão da Visitação; a dos Passos; a de S. Sebastião; a de N. S. das Candeas; a da Cinza; etc. Algumas d'estas ainda se fazem; mas a mais notavel de todas presentemente, a que chama a Coimbra todos os annos um extraordinario concurso de gente, assim dos arredores como de terras muito distantes, é a de *S. Isabel*, que costuma fazer-se no dia 4 de julho, em honra da padroeira da nobre cidade contra os terremotos e outros males.

Mas deixemos as procissões, e passemos agora a ver em que se transformou o collegio dos jesuitas.

CAPITULO XV

O *Museu* — O *Dispensatorio pharmaceutico*, o *Theatro anatomico* e outras repartições — O *Laboratorio chimico* — A cerca dos jesuitas — A *Couraça dos Apostolos* — O antigo *Recolhimento das convertidas;* transformação d'este instituto — O hospital — Antigos hospitaes — O *Collegio das Artes* e os Gouvêas — Epitaphio de André de Gouvêa — Uma récita em honra do padre Vieira — Dois estabelecimentos similares.

MUSEU da Universidade occupa a maior parte do antigo collegio das Onze Mil Virgens. Não quero dizer que fossem applicadas antigas casas d'essa vasta morada para o Museu, coisa vulgarissima entre nós, não havendo convento ou casa velha, aonde se não installem estabelecimentos, embora não tenham condições algumas para a nova applicação. Digo, sim, que sobre o terreno aonde assentavam algumas pertenças do collegio se elevou o soberbo edificio expressamente destinado para o ensino das sciencias naturaes.

Tem o Museu quatro fachadas: a principal deita para o oriente sobre o *Largo do Museu*, que se liga ao da Feira do lado septentrional; outra fachada é contigua ao frontespicio da Sé, e é esta a mais pequena; outra está voltada ao norte, e a quarta olha o poente, sobre a Couraça dos Apostolos.

A frente principal, com um comprimento de mais de cento e onze metros, e cuja altura é de dez, tem no seu pavimento nobre

vinte e nove grandes janellas, sacadas as tres centraes. Embora de muito simples architectura é magestosa esta fachada, a que encima uma balaustrada magnifica, e cujo corpo central é rematado por um frontão, em que em alto relevo se vêem varias figuras allusivas ás sciencias a que o edificio é destinado.

As tres portas, que ao centro da frontaria se abrem, dão ingresso para um amplo e imponente vestibulo, precedendo o formoso escadorio que conduz aos vastos salões e elegantes galerias do andar nobre.

Do salão da entrada, unicamente decorado com os retratos a oleo e em tamanho natural dos reis D. José, D. Maria primeira e do marido d'esta, duas portas dão passagem d'um e outro lado para as salas das collecções e outras.

Á direita de quem entra encontram-se, successivamente, a aula de physica e dois gabinetes contendo em optimos armarios muito importantes collecções de antigos e modernos instrumentos, apparelhos e machinas, para o ensino da mechanica e da acustica, da electricidade e do magnetismo, da optica e do calorico. Todas essas collecções são magnificas e saidas das officinas dos mais notaveis constructores. Existe alli um notavel iman, de fórma irregular, cujo volume é superior a duzentas e sessenta e duas pollegadas cubicas, e que pesa mais de trinta e oito libras. Na occasião da sua entrega no gabinete de physica, sustinha cento e setenta e quatro libras; chegou depois a sustentar mais de duzentas e duas; e presentemente sustenta mais de 83 kilogrammas.

Á esquerda da sala de entrada, ficam aquellas aonde se guardam as collecções de historia natural. Na primeira sala fazem-se os cursos de zoologia, geologia, mineralogia, botanica e agronomia. Na segunda, encontra-se a collecção mineralogica, em cuja classificação foi seguido o methodo Dufrenoy.

Na sala immediata acha-se a collecção paleontologica e a entomologica, que podiam ser muito mais ricas; estão classificadas segundo o systema de Deshayes.

Seguidamente, e occupando a parte septentrional do edificio,

patenteam-se as collecções zoologicas, occupando principalmente duas enormes salas, que formam como que uma galeria de noventa metros de comprido por nove de largura, e a que dão luz dezeseis janellas. É pobre, muito pobre, esta collecção; ainda assim vêem-se alli representados os principaes typos, de ordens, de familias e de generos. Sobresaem dois enormes esqueletos, um de baleia, outro de golphinho, e a collecção ornithologica.

Uma das mais interessantes collecções do estabelecimento é a conchyologica, a qual comprehende grande quantidade de exemplares muito raros e de grande belleza. Esta collecção deve a sua importancia principalmente a tres acquisições: duas offertas, uma de D. Pedro V, outra do Barão de Castello de Paiva; e a compra da collecção do cavalheiro J. S. Mengo.

A collecção de marmores, tanto de Portugal, como estrangeiros, de porphyros, amphibolas, syenites, agatas, jaspes, serpentinas, etc., e de petrificações interessantissimas, é muito valiosa, e merece ser detidamente examinada.

Possue tambem o Museu alguns curiosos productos ethnographicos das nossas possessões e da America.

O estabelecimento é dirigido pela faculdade de philosophia, que alli tem uma pequena mas rica bibliotheca.

Quem visitar o Museu da Universidade, e notar a pobreza de algumas das suas collecções, deve considerar que este estabelecimento é principalmente destinado ao ensino, e de modo nenhum pode ter pretensões a ser diversamente classificado. Demais o subsidio, que os poderes publicos lhe concedem, é tão insignificante, que poucas acquisições pode fazer.

O Museu occupa unicamente o andar nobre do edificio a que dá o nome.

O pavimento inferior é tomado por varias repartições em que superentende a faculdade de medicina.

Alli está o *Dispensatorio pharmaceutico*, ou escola pratica de pharmacia: estabelecimento de grandes proporções, aonde se preparam os numerosos e variados medicamentos necessarios nos hospitaes que a faculdade de medicina dirige.

O *Theatro anatomico* que, assim como um gabinete de anatomia pathologica, e outro de anatomia descriptiva, occupa tambem parte do rez-do-chão, possue uma das mais notaveis collecções phrenologicas conhecidas.

As outras repartições, que ha neste pavimento, são: um gabinete de chimica medica, um gabinete de microscopía, etc.

Fronteiro ao Museu está um vasto edificio de aspecto grandioso mas pesado. É o *Laboratorio chimico*, que deveu á sua organisação ao afamado lente de chimica Thomé Rodrigues Sobral. Este estabelecimento contém numerosos apparelhos, machinas, utensilios e materiaes para o ensino da sciencia de Chaptal.

O Largo do Museu termina ao norte, junto d'uma encosta que desce para a estrada da Fonte-Nova. Esse sitio pertenceu aos jesuitas que ahi tiveram a sua cerca. Tendo sido propriedade das faculdades de medicina e philosophia desde 1848 até 1864, passou então a pertencer ao municipio, que não deu ainda destino a esta extensa area, na maior parte coberta de magnifico arvoredo.

Falei já da *Couraça dos Apostolos*, como aquella para que olha a fachada occidental do Museu, o qual foi ampliado com esta parte do antigo collegio dos jesuitas, depois que d'ali saiu o hospital da Conceição, como adeante direi.

Esta rua, como a primeira parte do seu nome indica, está no sitio da antiga muralha septentrional da cidade; e vem-lhe a denominação *dos Apostolos* de serem por este nome designados os jesuitas, que, como o leitor sabe já, habitavam nas proximidades d'ella.

Vae terminar esta rua junto ao Arco do Collegio Novo, já nosso conhecido. Ao fundo d'ella foi fundado em 1690, pelo bispo D. João de Mello, um recolhimento para mulheres convertidas, o qual seis annos depois foi transferido para umas casas pertencentes anteriormente ao conde de Cantanhede, situadas ao fundo da rua das *Solas*, no bairro baixo.

Abandonado o recolhimento das convertidas, pretenderam ahi edificar um collegio os agostinhos descalços, o que não foi a effeito, apezar da informação favoravel da camara, de 3 de outubro de 1727, na qual se dizia ser aquelle local «sitio inutil e fóra do commercio das gentes, antes muito accommodado para os grandes insultos que nelle tem succedido, e nas ditas casas tem vivido commumente pessoas de máo procedimento».

Desde a mudança para as casas do conde de Cantanhede, ficou sendo conhecido o recolhimento pelo nome de *Paço do Conde*.

Este instituto foi destinado para vinte e seis recolhidas, cujo numero mais tarde se elevou a quarenta. Tinha a invocação da Magdalena. Em 1827 foi, porém, transformada essa instituição, pelo bispo D. Joaquim da Nazareth, numa casa de educação para meninas pobres, tomando a denominação de Nossa Senhora das Necessidades.

Além d'esta instituição, do Asylo da Infancia Desvalida, e do Asylo da Mendicidade, estabelecido em 1855, tem Coimbra ainda varios outros estabelecimentos de beneficencia.

Quem do Largo do Museu se encaminha para o do Castello,

seguindo a rua *dos Estudos*, vê á sua esquerda um enorme e pesado edificio, que tem a principal entrada num pequeno terreiro á esquerda daquella rua, outr'ora chamado pateo dos Estudos. Este edificio é designado pelas denominações de *Collegio das Artes* e *Hospital*; a geração nova dá-lhe em geral este segundo nome; o primeiro é-lhe dado pelas reliquias da geração do meio do seculo, afferadas ás tradições.

O hospital estava antigamente na Praça, ao pé da egreja de S. Bartholomeu, cujo nome se lhe apropriou, apezar de el-rei D. Manuel o haver dedicado aos santos Cosme e Damião, quando em 1503 o fundou e lhe deu cinco mil cruzados de renda. Extincta a Companhia de Jesus, foi o hospital transferido para a parte occidental do collegio das Onze Mil Virgens, em 19 de março de 1779, presidindo ao acto o reitor da Universidade, que então era D. Francisco de Lemos. Mais tarde foi ainda mudado para o vasto Collegio das Artes, ficando-lhe pertencendo tambem o edificio que foi collegio de S. Jeronymo, fundado por fr. Braz de Barros em 1550, ao Castello.

O hospital é um dos melhores do paiz, assim pelo arejado do local e vastas proporções do edificio, como pela superintendencia que nelle exerce a faculdade de medicina.

Antigamente havia na cidade outros estabelecimentos do mesmo genero (hospitaes ou albergarias). Além da *gafaria* já mencionada, contavam-se os seguintes:

O de Santa Isabel de Hungria, que fundou a rainha D. Isabel, e cuja construcção terminou em 1329; o de Mirleus, que ficava fronteiro á egreja de S. Pedro; o de S. Lourenço, situado ao pé da capella do Arnado; o de Santa Maria, que estava junto da Porta-Nova (arco de Santo Agostinho); o de Nossa Senhora da Victoria, na rua do Principe (rua do Corpo de Deus), instituido por Anna Affonso em seu testamento de 20 de fevereiro de 1367;

o de S. Gião na rua do mesmo nome (ao presente rua das Azeiteiras); etc.

Passemos agora rapidamente a uma breve noticia historica do principal edificio occupado pelo hospital: o *Collegio das Artes.*

Junto do mosteiro de Santa Cruz, á entrada da rua da Sophia, fundou em 1530 o reformador dos cruzios, fr. Braz de Barros, dois collegios, o *de S. Miguel* e o *de Todos os Santos*, um para fidalgos outro para nobres, destinados a algumas aulas do mosteiro. Em 1547, D. João III pediu-os de emprestimo ao prior geral, para nelles estabelecer um em que se lessem as *artes*, emquanto não se construia um expressamente para esse fim.

O collegio real das Artes tornou-se famoso principalmente pela assistencia e direcção dos célebres Gouvêas, que tanto honraram a patria. O primeiro reitor ou principal d'este collegio foi o excellente orador André de Gouvêa, que el-rei chamára de Paris, aonde estudara no collegio de Santa Barbara, sob as vistas de seu tio o dr. Diogo de Gouvêa. O dr. André, vindo para Portugal, trouxe comsigo varios mestres, que todos mais ou menos alcançaram celebridade: Grouchy, Guérente, Diogo de Teyve, Antonio Mendes, Arnoul de Bazas, Élie Vinet, Georges Buchanan e outros.

Infelizmente o sabio e activo André de Gouvêa pouco tempo esteve á testa do collegio, pois falleceu aos 9 de junho de 1548, menos de um anno depois da sua chegada a Coimbra. Foi sepultado em Santa Cruz, gravando-se no seu tumulo este epitaphio:

IULIA PAX GENUIT, RAPUIT CONIMBRICA CORPUS,
EXCOLUIT MENTEM GALLIA, OLYMPUS HABET.

Seguia já o collegio uma existencia brilhante sob a direcção de Diogo de Teive (que, se não era principal, fazia as suas vezes), quando o egoismo disfarçado com capa de santidade se apoderou d'elle. Por provisão de 10 de setembro de 1555 el-rei ordenou ao

dr. Teyve que fizesse entrega do collegio ao padre Diogo Myron, provincial dos jesuitas, para d'ahi em deante estes padres o governarem e nelle lerem as artes.

Essa ordem de entrega foi arrancada ao rei por Simão Rodrigues, que no seu empenho de empolgar os estudos, para entibiar os espiritos, lançou mão das mais vis calumnias contra os sabios professores. O Buchanan foi preso por hereje, e perseguidos os outros lentes, sem excepção de Diogo de Teyve, orador e poeta excellente, cujas obras tantos elogios mereceram a Theodoro de Bèze.

Os jesuitas tomaram posse do collegio logo no mez seguinte, e nelle se conservaram por onze annos (1566). Reconhecendo, porém, que tinha inconvenientes o estar o collegio tão afastado da séde da companhia, que como vimos era no bairro alto, trataram de construir um edificio proximo do collegio das Onze mil virgens, e transferiram para elle as aulas, que tinham na Sophia. O novo edificio tomou tambem o nome de Collegio das Artes.

Finalizando esta succinta noticia, direi que em 15 de maio de 1739, se representou no collegio das Artes um drama tragico, ou coisa que o valha, intitulado *Triumphus sapientiae*, escripto pelo padre mestre João de Moura, em louvor do padre Antonio Vieira, pelos triumphos que alcançara do mundo, da heresia, da idolatria, da inveja e da ignorancia.

No collegio das Artes, de que ficou de posse a Universidade, esteve durante muitos annos, além do hospital, o lyceu.

É pena que os dois estabelecimentos não estejam ainda juntos, porque, havendo em ambos molestias, são elles similares, apenas com a differença de que — no hospital curam-se doenças do corpo, e no lyceu adquirem-se enfermidades do espirito.

CAPITULO XVI

O *Aqueducto de S. Sebastião* e os conegos regrantes de Santo Agostinho — O ex-collegio de *S. Bento* — O *Jardim Botanico* — A *arvore do ponto* — O collegio de *S. José* ou das *Ursulinas* — O *Seminario* e os *formigões* — A estrada da Beira — A quinta de *Villa Franca* — O *Calhabé* — A *Fonte do Castanheiro* — As fogueiras de S. João — Poesia popular coimbrã — O *Folgadinho* — O extincto mosteiro de *Sant'Anna* — Simão Vaz de Camões — O *Penedo da Saudade* e D. Pedro I.

SAIAMOS agora pelo arco do castello e passemos aos bairros orientaes da cidade: bairros muito pequenos, muito insignificantes, mas bem varridos de ar, muito sádios.

O primeiro que se nos depara é o *dos Arcos* ou d'*a S. Bento*, ao qual se refere uma canção popular tão insignificante pela fórma como pela ideia:

> Adeus, ó bairro dos Arcos,
> As costas te vou virando;
> A minha bocca váe rindo,
> Os meus olhos vão chorando.

Vem o nome a este bairro do *Aqueducto de S. Sebastião*, que por elle passa, obra mandada fazer em tempo do vencido de Al-Kasser-Kebir, para abastecer o bairro alto, aonde faltava a agua.

Á construcção do aqueducto liga-se uma bem engraçada aventura, que não devo omittir.

Emquanto o architecto Filippe Tercio procedia á edificação (seguindo os vestigios e porventura approveitando os fundamentos d'outro aqueducto de que não encontro noticia em documento authentico, além da inscripção que memora a feitura da obra), o desembargador Heitor Borges Barreto procurava nascentes, que augmentassem o volume das aguas para abastecimento da cidade. O diabo que, segundo dizem, se intromette muito mais do que convém nas coisas d'este pequeno mundo, obrou de modo que o desembargador poz mão em propriedade particular. Heitor Borges procurava as aguas em caminho publico e achou as: muito bem; mas, encontradas ellas, algumas fontes da quinta de Santa Cruz começaram a ser menos abundantemente providas: muito mal.

Immediatamente os conegos regrantes a reclamar com energia, e o desembargador a encolher os hombros desdenhosamente; os cruzios a excommungal-o, e Heitor Borges a responder-lhes como se diz que Cambronne respondera aos inglezes; os agostinhos a entulhar de noite as cavas, e o doutor a fazel-as de novo, a empregar a força para as conservar, e a avisar o governo do que se passava.

Mas o prior de Santa Cruz não era homem que deixasse a lucta em meio; pelo que se poz sem demora a caminho para Lisboa. Chegado á capital, alcançou elle uma audiencia do rei e tanto disse, que conseguiu interessal-o em favor dos conegos regrantes; D. Sebastião, acabada a audiencia, mandou passar uma carta concedendo tudo quanto o prior dos cruzios sollicitara.

O prior ficou radiante de alegria, e emquanto se executava a ordem de sua magestade, foi dar algumas voltas pela cidade. Quem vive fóra da capital, tem sempre, quando a visita, muitos passos a dar: ir comprimentar umas pessoas; tractar negocios com outras; ver o que ha de novo; prover-se d'alguns objectos; satisfazer incumbencias; rematando as voltas com o jantar. Provavelmente

fez o prior todas essas coisas, não se esquecendo da ultima. Se elle estava tão jubiloso! A agua ficava ao mosteiro; a população da cidade que se arranjasse como podésse; Heitor Barreto que fosse para o diabo. Como a communidade ficaria contente! Como ella o cumularia de louvores e honras por tão relevante serviço!

Quando o prior voltou a buscar a carta, disseram-lhe que estava prompta, mas que faltava ainda a assignatura real. Como elle insistisse em que a apresentassem ao rei para a legalisar, disseram-lhe que o rei estava recolhido, e que não se attreviam a ir importunar sua magestade; mas que elle podia falar com o sr. escrivão da puridade Martins Gonçalves da Camara. Os enthusiasmos de alegria do prior soffreram com isto uma consideravel diminuição, e hesitou sobre se devia ou não ir falar-lhe. Afinal resolveu-se a fazel-o, apertado da urgencia do negocio, e além d'isso porque o rei deferira a pretensão, e só faltava a sua assignatura no documento, que elle pediu ao escrevente para em pessoa o apresentar ao ministro.

O escrivão da puridade recebeu o chefe da communidade de Santa Cruz com toda a consideração devida a tão importante personagem; mas, logo que o pretendente expoz o negocio, e o estado em que elle estava, passando o documento ás mãos de Martins Gonçalves, este rasgou-lhe o escripto na cara, declarando que a carta era falsa, que sua magestade amava muito os seus subditos para os prejudicar no geral, em proveito d'uma só pessoa ou de meia duzia de interessados, que o prior se tornava culpado de lesa-magestade, e finalmente que elle proprio o faria prender, se o sr. prior não saisse da capital no prazo de duas horas.

O prior escumando de desespero e raiva, rasgando o peito com as mãos crispadas, retirou-se accumulando maldições sobre o ministro, que se ficou rindo.

Os conegos regrantes ainda appellaram para o papa, mas não conseguiram coisa alguma. As minas foram acabadas, o aqueducto edificado, a cidade provida de aguas.

Heitor Borges foi substituido por outro desembargador de ap-

pellido Gaula, o qual, chegando a Coimbra, mandou logo arrombar e espedaçar a porta da quinta, destruir o muro fronteiro ás fontes chamadas *d'el rei* e *da rainha*, que os cruzios haviam usurpado, e fez logo construir para fechal-as dois torreões, que communmente se chamam *arcas d'agua*.

Uma grande parte do aqueducto corre sobre vinte e um arcos muito elevados, e na direcção de leste a oeste, desde a montanha, em que se assenta o mosteiro de Sant'Anna e fronteiro a elle, até ás proximidades do arco ou porta do Castello.

O arco mais oriental, de traça não vulgar, é encimado por um baldaquino de duas faces assente em columnas, baldaquino que cobre duas imagens: uma de S. Sebastião voltada para o sul, outra de S. Roque virada para o norte.

Da parte meridional o arco é ladeado por duas lapides com a inscripção seguinte:

ANNO . SALVTIS H-
VMANÆ . 1570 INVI-
CTISSIMVS . LVSITA-
NIÆ . REX . SEBASTIA-
NVS . I . NOBILEM HV-
NC AQVÆDVCTVM
QVI MVLTIS ANTE .
SECVLIS . PARTIM .
VETVSTATE . CORR-
VERAT . PARTIM . EX-
CISO . ET . PERFOR-
ATO . VRBIS MO-
NTE . LONGVA

HOMINVM . OBLI-
VIONE . DELITVE
RAT . A PRIMIS FVN-
DAMENTIS . ITERVM
NOBILIVS . QVE Æ-
DIFICATVM . POPV
LO . CONIMBRICEN
SI . RESTITVIT . ATQVE.
DILAPSAS . AQVAS
IN COMMVNEM . CI
VIVM . TOTIVS QVE
ACADEMIÆ . VS-
VM . REDVXIT .

A esta inscripção corresponde do lado do norte a que se váe ler, e que é simplesmente uma litteral e desengraçada traducção da precedente. Devo sua transcripção ao meu patricio e amigo Si-

mões de Castro, muito consciencioso investigador das coisas da nossa terra e auctor do *Guia historico do viajante em Coimbra*, a que tenho mais vezes recorrido:

NO ANO DO SÕR
DE 1570 O INVICT
ISSIMO REI . DOM
SEBASTIÃO . O I
NO 13 ANO DO SEV
GOVERNO MÃDOV
REEDIFICAR DE NO-
VO TODO ESTE AQ
VEDVCTO MAIS N
OBREMẼTE DO Q̃ FO
RA FEITO AVIA MTS̃
ANOS COMO CO
NSTA PELO RASTO QVE
E TODO ELLE SE AC
HOV COBERTO DE
ARVORES . E PELOS . FV
ROS . DO . PENEDO . A-
TRAS . E . DO MÕTE . DA
CIDADE . Q̃ . SE . ACH
ARÃO . FEITOS . DO
QVAL . CÕ . A . LÕGA . VE
LHICE . DO . TPO . E . G
RÃDE . DESCVIDO
DOS . HOMẼS . NÃO
AVIA . MEMORIA . E . CÕ
ESTE . DEREITO . DESC-
VBERTO . RESTITVIO
AS . FÕTES . ESPALHAD
AS . AO . COMṼ VSO
DA . CIDADE . E . D
AS . ESCOLAS

A imagem de S. Sebastião que encima o arco da parte do sul, como fica dicto, não é notavel por ter calções, como uma que ha no mosteiro de Alcobaça, mas sim porque alguns estudantes lhe tiraram em certa occasião as settas, pondo-lhe um lettreiro que dizia: — *Já basta de padecer.*

Quem desce a ladeira do arco do castello, olhando á direita, vê logo por entre os do aqueducto um grande edificio de que faz parte uma egreja. É o antigo collegio de *S. Bento*.

Foi D. Diogo de Murça quem creou a instituição no edificio da Universidade em 1555; mas, convindo por muitos motivos es-

tabelecer casa propria para o collegio, foi escolhido poucos annos depois para seu local um terreno no sitio da *Genicoca.*

A egreja do collegio era formosa pela architectura como pela ornamentação em talha doirada. Sagrou-a em 19 de março de 1634 o auctor da *Benedictina Lusitana*, que foi sepultado no cruzeiro, á entrada da capella-mór, abrindo-se na campa o seguinte epitaphio:

M . F . LEO AD . THOMA
RELIGIONIS . BIS GE
NERALIS . ACADEMIAE
PRIMARIUS . ET SAEPIUS
VICE RECTOR . OBIIT
DIE . 6 . IVNII 1651

No edificio de S. Bento, que em 1849 serviu de quartel militar, sendo então a egreja victima do vandalismo da soldadesca, esteve durante alguns annos um collegio de educação muito nomeado, e que tinha tambem a denominação do antigo instituto.

Hoje este vasto edificio, situado num dos mais bellos pontos da cidade, dominando o rio e uma formosa encosta, está occupado pelo lyceu e algumas repartições da Universidade annexas ao jardim: são ellas principalmente a aula de botanica, uma bibliotheca e um museu botanico, organisado sob a direcção e pelos exforços do distinctissimo lente da Universidade, dr. Julio A. Henriques. A cerca do collegio de S. Bento está tambem annexa ao Jardim Botanico.

Agora, deixemos o collegio e passemos a visitar o jardim.

Muito vasto, de construcção opulenta, muito rico em vegetaes, encantador por posição, o *Jardim Botanico* é o melhor de Portugal. Se elle está de norte, oriente e sul como que apertado pelo collegio de S. Bento e o aqueducto, pelo mosteiro de Sant'Anna

e pelo collegio das Ursulinas, em compensação, perfeitamente desafogado do lado do sudoeste, vê elle o Mondego deslisar brando e sereno ao fundo da collina plantada de arvores fructiferas e d'outras, e, além do rio, contempla o monte verdejante onde alvêjam aqui e alli bonitas casas de campo, cabanas, e o mosteiro de Santa Clara.

Por occasião da reforma da Universidade foi creado o curso de botanica, primeiro professado pelo italiano Domenico Vandelli, e depois d'elle por um portuguez da maior proficiencia, que se póde chamar o Linneu portuguez. Refiro-me ao dr. Felix d'Avellar Brotero, o qual foi incumbido das obras do jardim. Sob a inspecção d'este célebre botanico construiu-se uma grande parte d'elle; e successivos melhoramentos o conduziram ao actual explendor.

Foi o citado Vandelli quem, juntamente com outro professor seu patricio, Dalla Bella, deu o plano da obra; mas o marquez de Pombal rejeitou-o, por lhe parecer muito sumptuoso. O marquez de Pombal, na carta dirigida ao reitor da Universidade em 5 de outubro de 1773, providenciando ácerca do jardim, diz que deve ser apenas um pequeno recinto murado «para um certo numero de hervas medicinaes e proprias para uso da faculdade medica, sem que se excedesse d'ellas a comprehender outras hervas, arbustos e ainda arvores das diversas partes do mundo, em que se tem derramado a curiosidade, já viciosa e transcendente, dos sequazes de Linneu, que hoje tem arruinado as suas casas para mostrarem o *malmequer da Persia*, uma *açucena da Turquia*, e uma geração e propagação de *aloes* com differentes appellidos, que os fazem pomposos.» Em seguida a mais considerações determinava o marquez que se fizesse nova planta do jardim e se calculasse por um justo orçamento quanto havia de custar «o tal jardim de estudo de rapazes, e não de ostentação de principes, ou de particulares, d'aquelles extravagantes e opulentos, que estão arruinando grandes casas na cultura de *bredos*, *beldroegas*, e *poejos da India*, *da China e da Arabia*.»

Pobre sciencia a da botanica, se ella estivesse subordinada á

vontade do marquez de Pombal. Felizmente para a sciencia, para Portugal, para Coimbra, o bispo-conde, que então era o faustoso D. Francisco de Lemos, deu ao jardim muito mais extensão e magnificencia do que haviam sido prescriptas. Seguido este exemplo por outros reitores, attingiu o jardim a sumptuosidade que tem.

Os seus vastos terraços, aonde se elevam arvores opulentas e bellas, suas aleas espaçosas, suas ricas escadarias amplissimas e commodas, as suas fontes d'onde mana uma agua limpida, e ás quaes roseiras sempre floridas formam um docel bello e perfumado; as suas acacias e araucarias, as suas palmeiras e cedros do Libano, as suas tulipeiras e innumeraveis outras arvores, representando muitas regiões, assim como suas plantas exoticas e raras, as suas estufas, tudo torna este jardim extremamente bello.

A grande estufa, de setenta e dois metros de comprido, e composta de tres corpos muito bem proporcionados, é elegante e magnifica. Contém collecções riquissimas, não só em arvores tropicaes, como em arbustos e plantas de folhagem luxuriante, de flores que encantam pela fórma, pela cor e pelo perfume.

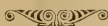
Depois de uma hora de passeio, tendo feito notar ao meu companheiro, toda em flor, a *arvore do ponto* (tal é o nome que os estudantes dão ao tulipeiro da Virginia, porque elle floresce na epocha em que se fecham as primeiras aulas na Universidade); tendo contemplado o tranquillo Mondego, e tendo descançado alguns momentos junto do lago, á sombra deliciosa d'uma gigantesca magnolia plantada em 1804 pelo proprio Brotero, ao qual se vae elevar uma estatua no jardim, saímos d'este formoso Eden.

O collegio chamado das *Ursulinas*, antigamente de *S. José*, está proximo do jardim.

O collegio de S. José dos Carmelitas Descalços teve seu primeiro assento numas casas do conde de Portalegre, ao cimo da

rua das *Fangas* e ao pé da Porta de Belcouce. Ahi foi instituido em 18 de julho de 1603, sendo depois transferido para a nova casa, cuja primeira pedra lançou o bispo-conde D. Affonso de Castello Branco aos 11 de outubro de anno de 1606.

Este edificio foi, annos depois da extincção dos conventos, cedido ao collegio das Ursulinas da villa de Pereira, que teve por director durante muitos annos o célebre prégador fr. Alexandre do Espirito Santo Palhares.

O collegio das Ursulinas é uma boa casa de educação.

Além do collegio das Ursulinas, e separado do jardim por um grande terreiro, encontra-se o seminario episcopal.

Foi o célebre bispo D. Miguel da Annunciação quem, no dia 22 de junho de 1748, fez dar principio á construcção d'este estabelecimento, o qual ficou completo dezesete annos depois, tendo sido seus architectos os dois italianos João Francisco Jamozi e João Jacomo Azzulini. Este morreu em consequencia de cair do campanario, quando se procedia á collocação d'um sino.

Contribuiu muito para esta instituição o napolitano Nicolau Gilberto, cujo nome se inscreveu tambem na inscripção lançada nos fundamentos do edificio.

O seminario é de grandes proporções, sendo todas as suas repartições e officinas muito vastas, e conservadas com o maior cuidado.

A egreja é pequena mas muito bella; a sua fórma hexagonal e a sua architectura ingenua dão-lhe uma elegancia pouco vulgar; a cupula só por si attrahiria logo desde a entrada os olhares, se o altar-mór a não excedesse em belleza. É adornada de frescos devidos a Paschoal Parente. No altar-mór vêem-se magnificas columnas e outras peças de riquissimos marmores, que em Genova foram trabalhadas; o retabulo foi pintado em Roma e é de boa execução. Nos dois altares lateraes, tambem de optimos marmo-

res, onde se vêem duas bellas imagens esculpidas por Januario Vassalo, estão sob as banquetas os corpos mumificados dos santos Liberato e Fortunato, os quaes o papa enviou de presente ao fundador do seminario. A mesma proveniencia teve o corpo de S. Fortuoso, que em relicario separado alli se guarda desde maio de 1844, e que tinha até então estado numa capella do collegio de Santa Rita ou dos Grillos.

Emquanto o menino do coro nos falava prolixamente dos tres santos e das suas innumeraveis e extraordinarias virtudes, tivemos tempo de examinar á vontade os retabulos e os quadros, depois do que saímos da capella.

O seminario está muito bem montado, havendo alli, além das aulas de theologia, outras do curso secundario, a que concorrem alumnos externos conjunctamente com os *formigões*. São assim denominados os seminaristas, entre os quaes e os outros estudantes de Coimbra ha geralmente grande antagonismo.

Ao pé do seminario está o pequeno bairro de S. José, que tirou o nome do antigo collegio dos carmelitas descalços. Abaixo d'este bairro, um caminho vae entroncar com a estrada da Beira, que partindo do largo da Portagem atravessa bellas e fertilissimas insuas e campinas até ao muito pittoresco sitio da Portella.

Perto d'esta estrada, entre o sitio chamado Arregaça e a Portella, e á beira do rio, está a quinta chamada de Villa Franca, pertencente em tempo aos jesuitas, que a tinham como casa de recreio. Alli esteve assistindo em agosto de 1664 o padre Antonio Vieira, em tão aprazivel estancia, gosando as bellezas d'aquelle frondoso arvoredo em companhia d'outros jesuitas.

Por essa occasião compoz elle varios epigrammas latinos, não muito elegantes na verdade, em que celebrou o Mondego.

Encontra-se tambem proximo da estrada da Beira um pequeno logar, o *Calhabé*, que foi formado pela agglomeração de algumas casitas ao pé d'uma antiga taberna. Vem-lhe o nome d'um consciencioso sacerdote de Baccho, muito nomeado nos fins do seculo ultimo, e do qual nos deixou memoria um dos auctores da *Macarronea*, no *Calhabeidos*. Vejamos.

O Calhabé, o famoso Calhabé, entra na taverna, e é calorosamente recebido; alguem o apostrópha, com umas reminiscencias virgilianas:

> Ó Calhabee, Deus nobis haec otia fecit;
> Sejas bem vindo; nobis communia sejant
> Gaudia; nam boa pinga temos, boa pinga bibatur,
> Tanta pelas nossas corrat vinhaça goellas,
> Quantam ferre solet Inverni mensibus augam,
> Monda, Coimbrenses cobris qua turbidus agros.
> Ferte siti alqueires, almudes, ferte canadas,
> Et pipae, ceu Monda, fluant: date pocula, tripas
> Tempestas vermelha reguet; Calhabee, bebamus.

O Calhabé não se faz rogar; escancára a bocca como um forno; bebe da torneira do tonel, bebe, bebe; e não fica farto. Vendo que os outros não o acompanham, incita-os ás libações:

> bibe plus, bibe, quaeso;
> Sume canadinham saltem hanc: engole copinhum
> Saltem hunc.

E bebe sem descanço; mas finalmente a cabeça se lhe transtorna; e por fim cáe bebedo *como uma canastra*.

Então todos os companheiros applaudem, dizendo-lhe um tanto admirados:

> Tu quoque, magne, cadis, Calhabee!

Não longe da estrada da Beira está tambem situada a *Fonte*

do Castanheiro, muito nomeada por ser sitio aonde se fazem na noite de S. João muitos folguedos e descantes, ao som das guitarras e das violas.

A viola foi sempre um dos instrumentos mais favoritos dos conimbricenses. Nas serenatas do Mondego e noutras pelas ruas e suburbios da cidade, reina ella a pár da flauta e do violão (viola franceza), já enchendo os ares de suas harmonias, já formando o acompanhamento de graciosos cantares.

É, porém, na noite de S. João, quando pelas ruas se accendem as fogueiras, que mais campêa a viola, e mais brilham as cantigas populares.

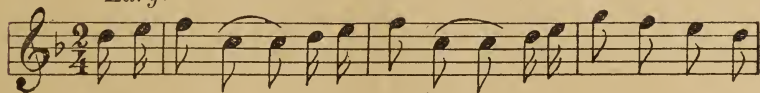
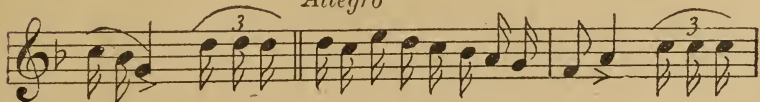
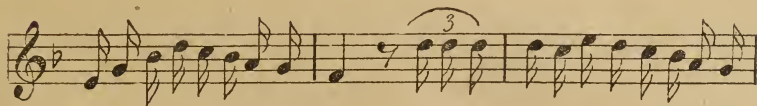
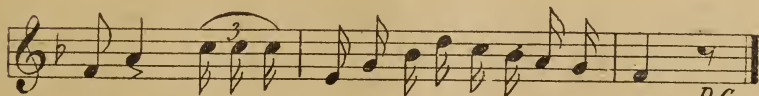
Disse eu «quando as fogueiras se accendem»; mas isto não passa d'uma figura, porque em Coimbra se dá tal nome a outra coisa muito diversa d'um monte de lenha a arder, o que constitue a fogueira geralmente conhecida.

É pois uma fogueira de S. João em linguagem conimbricense um conjuncto de postes dispostos circularmente em torno d'um central mais alto, e ligados entre si por arcos ou festões enfeitados elegantemente de buxos, murta, alecrim e flores, illuminados com lanternas e vistosos balões venezianos, e ainda com alguns bicos de gaz.

Em torno do poste central, aonde ordinariamente toma logar a *orchestra*, composta ás vezes de viola, violão e flauta, mas em geral constando só da primeira, começam, acompanhadas de canções populares, e dos competentes estalos dos dedos, as danças de roda, em que tomam parte promiscuamente as cachopas, os estudantes e os futricas, os quaes em tal noite quazi sempre e tacitamente dão treguas á sua inimizade.

Accesas as fogueiras á bocca da noite, ou pouco depois, só ao romper do dia cessam os folguedos. Nessa noite segue-se á risca o dictado — na noite de S. João ninguem se deita. É curioso, é interessante o percorrer as ruas, *ir ver as fogueiras*, segundo a phrase consagrada: assistir a esses folguedos populares, vendo o donairoso porte das cachopas, a denguice com que bailam, ouvindo

algumas bellas vozes entoando alegres, enthusiastas, graciosas cantigas populares.

Successivamente vão as danças variando com as canções. Agora é a intitulada *Não canto por bem cantar*; logo o *Meu bemzinho*, e *A menina váe ao baile*; vem depois a *Canninha verde* com a sua mimosa musica; vem tambem o gracioso *Folgadinho*, de que dou aqui a lettra e a notação.

Ai Jesus, que me piquei:
Nesta rua não ha tojos.
Picou-me aquella menina
Da janella c'os seus olhos.

Ás diversas musicas se applicam, além das lettras que lhes são

proprias, muitas outras cantigas, umas allusivas á poetica cidade, outras ás relações da gente conimbricense com os estudantes.

Numa canção se lança á cidade uma imprecação mimosa:

O' cidade de Coimbra,
Arrazada sejas tu
Com beijinhos e abraços;
Não te quero mal nenhum.

Noutra se designam varios locaes da povoação com as attribuições, que os caracterisam desde longa data:

Sansão é dos frades cruzios,
A *Calçada* dos amantes;
A *Praça* das regateiras,
A *Ponte* dos estudantes.

Algumas falam dos viridentes campos do Mondego, ao mesmo tempo que revelam uma illusão perdida, uma queixa:

Campos verdes de Coimbra,
Cheios de cannaviaes!
Quem se fia em estudantes
O que recebe são *ais!*

outras celebram os areaes do formoso rio,

Ó areal do Mondego,
Não sei como tens areia;
Quer de noite, quer de dia
Meu coração te passeia.

algumas fazem uma confidencia de coração enamorado:

Em Coimbra tenho o corpo,
Em Santa Clara os sentidos;
No convento os meus amores
Lá ficaram escondidos.

Vêem tambem todas as joias da poesia popular, quer originarias de Coimbra, quer importadas d'outras localidades: joias finissimas, como esta:

> Quem é este passarinho
> Que no ar faz ameaços?
> C'o biquinho pede beijos,
> Co'as azinhas pede abraços.

e como a seguinte que é tão graciosa como afamada:

> Lembras-te ainda, Maria,
> Da noite de S. João?
> Tu contavas as estrellas,
> Eu as areias do chão.

Quando o sol brilha no horizonte resplandecente, é então que se apagam as fogueiras, é então que, ainda a pezar seu, vão dar repouso aos membros lassos os que se entregaram aos folguedos, que só volvido um anno se pódem repetir.

Na vespera de Santo Antonio e na de S. Pedro (e alguns annos por occasião da festa de Santa Isabel), tambem se fazem fogueiras em Coimbra; mas só nas de S. João chega ao seu auge o enthusiasmo.

Ao oriente do Jardim Botanico, ao cimo d'uma pequena encosta, encontra-se o edificio que foi até ha poucos annos o mosteiro de *Sant'Anna*, e que deu o nome de bairro ás poucas habitações que tem ao pé. O sitio, aonde em 1600 foi fundado este mosteiro tinha o nome de «eyra de patas», conforme se collige das demarcações contidas num documento de 1520, pertencente ao archivo da Camara de Coimbra: nome sob o qual eram comprehendidos os demais terrenos, que se extendiam até á extremidade inferior da ladeira descendente da porta do castello.

Este espaçoso e bem situado mosteiro, que principiou a ser habitado pelas freiras em 13 de fevereiro de 1610, foi mandado construir pelo já tantas vezes nomeado bispo-conde D. Affonso de Castello Branco. Jaz o fundador na capella-mór, do lado do evangelho, sob uma lapide sustentada por leões, com o brazão de suas armas e o seguinte lettreiro:

VT PARCAE VITA RAPV
IT DIADEMA SEPVLCHRVM
IN AVLA SI DESIT CAELICA
R E G N A T E N E N S
GRANDAE VI POST QVAM
COMPLEST NESTORIS ANNOS
DE MISERA IN COELVM
SEDE TRIVMPHVS ERIT.

Na parede proxima, outra lapide tem uma inscripção com muitas abreviaturas, na qual se declara que alli jaz «D. Affonso de Castello Branco, de boa memoria, que foi collegial do collegio real, esmoler-mór do cardeal rei Dom Henrique, bispo do Algarve, de Coimbra, conde de Arganil, viso-rei de Portugal, o qual entre muitas obras illustres com que honrou esta cidade fundou e dotou com grande magnificencia este mosteiro insigne.» Segue-se uma nota que diz ter sido feita aquella obra em 2 de junho de 1635, «sendo prioreza a madre Dona Maria de Menezes» sobrinha do grande prelado.

O edificio, por fallecimento da ultima freira, ficou fazendo parte dos bens nacionaes.

O mosteiro de Sant'Anna teve o seu primeiro assento na margem esquerda do Mondego, ao pé da ponte, como se já disse. Accrescentarei, relativamente a esse convento, que em 1533 um Si-

mão Vaz de Camões, foi preso e remettido para Lisboa, em consequencia de haver entrado nelle. Foi por esse delicto condemnado a degredo perpetuo para o Brazil com pregão e cadeado no pé, e ao pagamento de cem cruzados para o mosteiro onde entrára. Por alvará de 12 de agosto de 1558 foi-lhe, porém, concedido o perdão, com a condição de não voltar mais a Coimbra, nem dez leguas de redor, pagando a rainha da sua esmolaria os cem cruzados á abbadessa de Santa Clara. Mais tarde conseguiu inteiro perdão, pois o encontramos em 31 de julho de 1563 eleito almotacé; lendo-se na respectiva acta «que posto o dito simão vaaz casasse ho ãno pasado, disserão (*os vereadores*) que fora doente e não podéra até o presemte seruir o dito officio de almotacé, nem ter casa apartada sobre si e estar com seu sogro, e porquamto agora estaua são e bem desposto e comesaua de sair por fóra e amdar polla cidade e ter casa apartada sobre si, o elegerão conforme a ordenação por ser casado nouamente, dos honrados da tera».

Era turbulento, endiabrado, este Simão Vaz. Em 1576 praticou com seus criados taes offensas e injurias contra o almotacé em exercicio, João Ayres, que a camara representou ao rei sobre o acontecido, considerando «o negocio ser muito dino de castigo», e por importar muito «á honra da cydade ser castigado o dito simão vaaz e as mais pessoas que niso fossem culpadas».

Tem-se querido fazer d'este Simão Vaz o páe do Camões; elle era apenas primo do grande poeta, por ser filho, ao que parece, de algum irmão de D. Bento de Camões, prior geral de Santa Cruz, ou talvez d'este mesmo. Se o Simão Vaz conimbricense fosse o marido de Anna de Sá de Macedo, teria incorrido no crime de bigamia (pois casou em 1562, como acima se viu), visto a mãe do Camões «muyto velha e pobre» ainda viver em 1585, como se sabe pelo alvará de tença, que Filippe II lhe mandou passar aos 5 de fevereiro d'aquelle anno.

Ao oriente do mosteiro de Sant'Anna encontra-se um dos mais formosos sitios de Coimbra, que os prosadores e poetas hão celebrado.

É o *Penedo da Saudade.*

Não se imagine que existe alli algum penedo extraordinario pela altura ou pela fórma, ou que alli abundem essas florinhas roxas que têm o bello nome de *saudades.* Chama-se Penedo da Saudade uma pequena encosta, que olha ao nascente, e donde se gosa uma vasta e formosa paizagem. Ao fundo da collina um mimoso valle, aonde, por entre os escuros olivedos, as viridentes laranjeiras ostentam os seus pomos d'oiro. Aqui, alli, além, matizando o tapete de verdura, vêem-se habitações campestres, quer circumdadas de basto arvoredo, quer erguendo-se ao centro de optimas seáras. As hortas e as florestas, as campinas e as encostas, vão-se succedendo, até que as suas tintas ao longe se confundem, lá aonde formam limite á paizagem as altas cumeadas de longas serras. Á esquerda, a meio da descida para o valle, fica numa quebra do terreno uma pequena fonte, singela mas d'excellente agua, a fonte do *Cidral*; á direita, vê-se o Mondego serpeando na sua magestade serena.

A vista espraia-se, numa doce contemplação, por essas risonhas devezas; a alma enleva-se num doce arrobamento, no meio da paz e do silencio de tão aprazivel retiro.

O Penedo da Saudade é um dos mais favoritos passeios dos conimbricenses: a amenidade do sitio, a sua posição encantadora, a suave quietação que respira, as notas alegres dos cantos da população rural levados na viração, que perpassa, agitando brandamente a folhagem do arvoredo, ou fazendo ondear mollemente as pingues seáras,— tudo chama, tudo attráe ao Penedo da Saudade.

Sitio tão deleitoso não podia deixar de ter a sua lenda: esta, porém, é curta e singela, correspondendo á formosura e singeleza da paragem, a que está ligada.

Contam que o bom rei D. Pedro I ia frequentemente áquelle

retiro, a desafogar sua dor, a chorar a sua adorada Ignez. Quem sabe? foi talvez alli que a musa da saudade inspirou estas melancolicas endexas, que correm com o seu nome:

A DONA INÊS DE CASTRO

Senhora, quem vos matou
Seja de forte ventura,
Pois tanta dor e tristura
A vós e a my causou.

E pois nom vi mais asinha
Tolher vosso triste fym,
Recebo vos, vida minha,
Per Senhora, e per Raynha
D'estes Reynos e de mym.

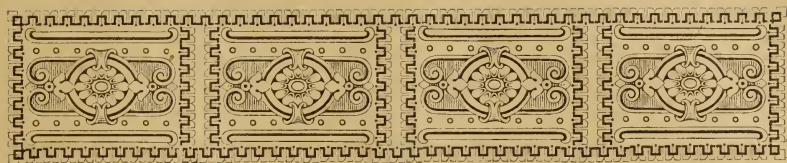
Estas feridas mortaes,
Que pelo meu se causárom,
Nom huma vida, e nom mais,
Mas duas vidas matárom.

A vossa acaba jaa
Pelo que nom foy culpada;
E a minha que fica quaa
Com saudade seraa
Pera sempre maguada.

Oh crueldade tam forte
E injustiça tamanha!
Vio se nunca em Espanha
Tam cruel e triste morte?

Contar se ha per meravilha
Minha alma tam verdadeira:
Pois morreis d'esta maneira,
Eu serei a Torturilha
Que lhe morre a companheira.

Hi Senhora descançada,
Pois que vos eu fico quaa,
Que vossa morte seraa
(Se eu viver) bem vingada.
Por isso quero viver,
Que se per isso nom fora,
Melhor me fora, Senhora,
Com vosco logo morrer.

Que cousa he esta a que vi,
Ou onde m'ensanguentei?
Senhora, eu vos matei
E vós matastes a mi.
Sangue do meu coraçom
Ferido coraçom meu,
Quem assi per esse chom
Vos espargeo sem razom?
Eu lhe tirarei o seu.

CAPITULO XVII

Sem companheiro — O convento de *Santa Thereza* — Estrada de Santo Antonio dos Olivaes — O *Observatorio Meteorologico* — Estrada de Cellas — O antigo collegio de *Thomar* — As *Arcas d'Agua* — O mosteiro de *Cellas*: as freiras e os doces — O *Imperador de Eiras* — A capella de *Santa Comba* — O *Penedo da Meditação* — *Santo Antonio dos Olivaes* — Romarias — As capellas do *Espirito Santo* e de *S. Sebastião*.

NÃO ha bem que sempre dure, nem mal que se não acabe, — diz um adagio, que bem merece ser estudado a fim de se determinar a sua exactidão. Deixo, porém, essa resolução a outrem, limitando-me a affirmar que me accudiu á ideia a primeira proposição do dictado, ao separar-se de mim o meu companheiro. Eu, que ao principio temera a companhia do archeologo americano por importuna, afiz-me em breve completamente a ella. Fosse natural sympathia, fosse a communidade de estudos, fosse a necessidade de tracto com alguem, para não passar os dias isolado na minha terra, o que é certo é que progressivamente se foram estreitando as minhas relações com Apollos Robinson. Durante muitos dias percorremos em todos os sentidos a cidade, visitámos todos os monumentos d'ella, copiando inscripções e tomando desenhos de tudo o que importava aos nos-

sos estudos ou aguçava a nossa curiosidade. Não contentes só com a cidade, fizemos algumas digressões a terras proximas, aonde mais ou menos se podia fazer colheita de noticias e documentos archeologicos. Um dia fomos examinar as ruinas de Conimbriga em Condeixa-a-velha; noutro cavalgámos até Lorvão, o famoso mosteiro que fica a doze kilometros distante de Coimbra, ao levante ; Tentugal e Montemór-o-velho tambem tiveram a nossa visita. Mas chegou emfim a occasião, em que Robinson devia deixar Coimbra, para proseguir na sua peregrinação pelo norte de Portugal, d'onde passaria á Galliza a encontrar-se em epocha aprazada com um compatriota seu. A sua partida deixou-me descontente. Quando voltei da estação, aonde o acompanhára, senti apoderar-se de mim o tedio, vendo-me só, e por pouco não saí immediatamente da cidade. Reagi, porém, contra esse desgosto, e demorei-me ainda alguns dias, que se gastaram quasi inteiramente em divagações pelos arredores pittorescos da risonha Coimbra.

Feita menção d'esta occorrencia, e saudando de longe o meu estimavel amigo Robinson, prosigo na minha derrota.

Logo adiante do mosteiro de Sant'Anna extende-se um largo, fechado de leste pelas habitações, que compõem o bairro da mesma denominação. Do lado do norte é elle limitado por uma casa, que pertenceu ao pintor italiano Paschoal Parente já mais d'uma vez mencionado no decurso d'este livro, o qual falleceu aos 9 de janeiro de 1792, sendo sepultado na egreja do proximo convento de Santa Thereza.

Aos lados d'essa casa começam duas estradas : uma, a do lado occidental, conduz ao logar de Cellas; a outra sobe até o convento de *Santa Thereza.*

Este convento de construcção modestissima, aonde nada de notavel nos chama, foi fundado no sitio chamado o *Casal do Chantre,* pertencente ao conego Manuel Moreira Rebello, que o cedeu gos-

tosamente á provincia dos Carmelitas Descalços. A primeira pedra do edificio foi lançada a 9 de abril de 1740, com grande solemnidade, e entraram nelle as freiras em 23 de junho de 1744.

Estas religiosas tinham vindo de varios conventos do reino, por determinação do provincial fr. Manuel de Jesus Maria José, e alojaram-se, á sua entrada em Coimbra, no mosteiro de Sant'Anna; depois, em quanto se não edificava o convento, passaram a habitar um hospicio no sitio da Arregaça, não muito distante d'alli.

Ao pé do convento *das Therezinhas* ha um quatrivio; alli se juntam o caminho que vae de Sant'Anna, um que leva ao Penedo da Saudade, outro que conduz ao Cidral, e finalmente a estrada *de Santo Antonio dos Olivaes*, assim chamada do sitio a que se dirige. Esta estrada de Santo Antonio é um frequentadissimo passeio. É gratissimo, ás tardes, ir percorrer essse formoso caminho orlado de silvedos, piteiras e canaviaes e ladeado de bellas vivendas. A par da seara ondulante, matizada de languidas papoilas e outras florinhas campestres de mimosas e variadas tintas, vêem-se os olivedos, entremeados de muitas outras arvores fructiferas; e alli prepassam suaves as auras embalsamadas pelo perfume da madre-silva, do rosmaninho e das violetas.

Quem segue por essa estrada de Santo Antonio, encontra a poucos passos, e á sua direita, o *Observatorio Meteorologico e Magnetico*, dirigido pela faculdade de Phisolophia da Universidade. Este estabelecimento, que data de meiados de 1863, está muito bem provido de todos os instrumentos e apparelhos necessarios para os diversissimos estudos e observações a que é destinado.

O edificio é elegante e está bem dividido internamente; tem

proximos dois pavilhões destinados especialmente ás determinações magneticas.

Deixemos o observatorio e retrocedamos até ao largo de Sant'Anna para entrarmos na estrada de Cellas, que não tem a formosura da anterior, mas que nos levará mais tempo a percorrer. E, pois que deixamos tambem o bairro de Sant'Anna, direi que alli termina verdadeiramente a cidade do lado da leste; accrescentando todavia que, quem falla de Coimbra, não póde furtar-se a dizer alguma coisa ácerca de *Cellas* e d'outros monumentos ou sitios notaveis dos arrabaldes. D'outro modo ficaria o quadro incompleto.

Entremos na estrada de Cellas.

Logo ao primeiro passo vemos á esquerda as obras d'uma pesada construcção, que se chamará a *penitenciaria*.

Naquelle mesmo local esteve um edificio muito vasto e commodissimo, o collegio de *N. S. da Conceição*, pertencente á ordem de Christo, que tinha a sua séde na cidade banhada pelo Nabão, d'onde procedeu o ser o collegio vulgarmente chamado *de Thomar*.

Parece que foi D. João III quem o fundou, e que elle existia já em 1562.

A egreja era muito ampla, e a sua estructura magnifica. Depois da extincção dos conventos praticaram-se nella, como no collegio as maiores delapidações e vandalismos; roubaram-lhe os bellos azulejos que revestiam suas paredes, as cantarias, os gradeamentos de ferro, e até as madeiras. Cedido ao municipio, com a cerca, para alli estabelecer o cemiterio, como não tivesse esta applicação foi o collegio em 1852 vendido por uma diminuta quantia a um particular, voltando passados vinte e um annos á posse do municipio.

Na egreja fundaram alguns estudantes em 1873 uma escola de tiro, de esgrima e gymnastica; o alvo estava no altar-mór.

Alguns homens notaveis foram sepultados na egreja de Thomar. Apontarei dois: um foi o bispo do Grão-Pará, D. fr. Gui-

lherme de S. José; outro, o conde de Basto, o odioso ministro do rei D. Miguel.

Avançando na estrada de Cellas começam a ver-se, já d'um lado, já d'outro, uns como torreões d'alvenaria, de variada fórma. São as *arcas d'agua*, construcções mandadas fazer pelo desembargador Heitor Borges, em 1568, quando se tractou da obra do aqueducto de S. Sebastião. As arcas d'agua foram destinadas tanto a indicar a passagem das aguas e a dar ingresso ao cano em varios pontos, como a resguardar as nascentes. No primeiro caso está a arca primeira, á direita da estrada, que tinha ainda em meados do seculo passado um lettreiro indicador do fim, para que fora construida: *Vestigium aquae, tutius antiqui*. Adeante havia uma nascente chamada a *Fonte de Inverno*, cuja agua os cruzios roubaram (é o termo) para alimentar a *Fonte da Nogueira* na sua quinta ou cerca. Á esquerda da estrada está a terceira arca, em que pozeram um lettreiro, que diz: *Fõte da Rainha*, seguida de perto pela *Fonte do Principe*. Um pouco além outra arca, designada por *Fonte do Lovreiro*; e finalmente a grande *Fonte delrei*, que ainda subsiste em bom estado, e é decorada com a seguinte inscripção:

HANC POPULO JUSSIT FONTEM MANARE JOSEPHUS
HOCQUE MEMOR PATRIAE TOLLERE JUSSIT OPUS:
QUALIS ALIT SPARSO PELICANUS SANGUINE PULLOS,
SPARSIS SIC OPIBUS NOS BEAT IPSE JOSEPH.
ANNO REGNI XI. ET CHRISTI
M. DCC. LXI

Eis-nos em *Cellas*, pequeno logar que tomou o nome do mosteiro, que naquelle sitio fundou a infanta D. Sancha, filha do rei

povoador. Do nome de *cellas* se vê já que este convento era habitado por *emparedadas*, *encelladas* ou *reclusas*, pobres creaturas que a curteza da intelligencia e a ignorancia, ou o fanatismo, arremessavam para longe da sociedade, da familia. D. Sancha, tendo passado a viver em Alemquer, em seguida ao fallecimento de seu páe, tomou sob a sua protecção algumas reclusas d'aquella villa, e mandou edificar expressamente para ellas o mosteiro de *Santa Maria de Cellas*, no valle de Vimarães ou Voimarães. Não está bem assente qual o anno, em que teve logar a fundação; do templo diz George Cardoso ter sido sagrado pelo bispo D. Aimerico em 13 de junho de 1293.

Tendo fallecido a fundadora, cujos restos foram transladados para o mosteiro de Lorvão, a abbadessa d'este, D. Thereza, tambem filha de D. Sancho I, continuou a proteger a instituição de sua irmã, e engrandeceu-a.

A egreja, em fórma de rotunda, é de boa architectura e foi mandada restaurar pela abbadessa D. Leonor de Vasconcellos, filha do conde de Penella; por ordem d'ella foram executadas muitas outras obras no mosteiro. O portico é elegante e encimado por uma corôa de espinhos circumdando este lettreiro:

DÑM
EVS DE
CORAVIT
MEE

A corôa de espinhos e a lettra *Dominus meus decoravit mee* compunham segundo parece a divisa da abbadessa.

Dividido pelas bases das columnas do portico, lê-se o lettreiro:

ET ERIT IN PACE MEMORIA EIVS 1530

O côro da egreja foi mandado fazer pelo bispo D. Affonso de Castello Branco.

Neste mosteiro existem muitos e importantes monumentos epigraphicos, principalmente sepulchraes, notando-se entre estes alguns muito curiosos em verso leonino.

Um dos mais antigos que alli se encontram é o seguinte epitaphio d'uma abbadessa do mosteiro, por nome Theresa Raymonda, fallecida em maio de 1315, e que eu creio ser filha do famoso Reymão Viegas Portocarreiro:

QUÃ : NÕ : FAMA : TACET : TARASIA : NORMA : PVDORIS :
EXẼPLAR : MORIS : HIC : TUMVLATA : JACET :
ORDINE : CLARA : FUIT : VIRTUTŨ : MUNERE : FVLTA :
...FVSIS : TRIBVIT : PAUCIS : EST : UIRGO : SEPULTA :
SANGUINE : PREDITA : MORIBUS : INCLITA : REBUS : HONESTA :
PREFUIT : ÕNIBUS : HIS : MONIALIBUS : IPSA : MODESTA :
ORA : PAT̃ : NOST̃ : LECTOR : QUI : CARMINA : CERNIS :
NEC : SILEAT : UIRGO : QUAM : LAPIS : ISTA : PREMIT :
MENSE : MAII : MŨDO : DISCESSIT : PLENA : DIERUM :
SEDẼ : CŨ : SUIS : RECTOR : TRIBUAT : SIBI : RERUM :
Ẽ : M̃ : EC̃C : L̃ : III :

Esta inscripção, em lettras gothicas maiusculas, tem muitas abreviaturas. Está na casa do capitulo.

Indo da portaria para a claustra encontra-se, na parede que fica á esquerda, uma inscripção que allude á transferencia das freiras de Alemquer para o mosteiro; tem a data de 1234, e vem na *Coimbra Gloriosa*. É a seguinte:

HIC . BIS QUINQUE . MANENT . QUE . CETIBUS . ASSOCIATE
ANGELICIS . CULTU . PROMERUERE . PATI
HUC . AB . ALENQUERIO . QUO . VITAM . SPONTE . RECLUSE
ARCTAM . GESSERUNT . HIRTIS . ET . PELLIBUS . USE
HUNC . INQUAM . REGINA . TARASIA . REGIS . AMORE
ETHERICI . VEXIT . CONTENTAS . LAUDIS . HONORE .
ERA . M . CC . L . XXII

Oxalá que o Instituto de Coimbra adquira todos esses monumentos, bem como muitos outros que alli existem.

Este mosteiro era vasto, podendo comportar não só grande numero de freiras, mas tambem muitas mulheres, que, por falta de meios geralmente, se tornavam como que damas de companhia ou aias das religiosas: chamavam-se essas mulheres *encostadas*.

Em 1712 houve sérias desavenças entre as religiosas de Cellas e os confessores e feitores, motivadas por questões economicas. Como ellas quizessem sair do mosteiro, foram nelle bloqueadas durante sete mezes. O assedio era apertado; todavia as familias das freiras, assim como alguns sacerdotes, conseguiram fornecer-lhes viveres, lançando por cima do muro da cerca varias peças de caça, gallinhas, peixe, etc.; um padre, que uma vez foi surprehendido pelos sitiantes a deitar para dentro da *praça* uns perus, deu uma quéda grave e foi ainda em cima maltractado. Este estado de coisas não podia comtudo continuar; as religiosas resolveram fazer uma sortida, o que levaram a effeito no dia 17 de março do alludido anno. Saíram todas (menos as doentes) para o pateo, processionalmente e com cruz alçada, e tentaram atravessar as fileiras inimigas. O corregedor, porém, com os seus officiaes accudiu a oppor se energicamente á saída, dando-se então um episodio engraçado. O corregedor, que além de querer levar as coisas á valentona não primava pela cortezia, dirigiu insolentes palavras ás sitiadas. Todas soffreram os insultos, á excepção d'uma das que acompanhava a cruz com um cirial; essa replicou ao insulto com insulto, e, erguendo a mão, deu uma grande bofetada no corregedor. Esta senhora, que se chamava D. Isabel Mauricia de Menezes, foi depois abbadessa no mesmo mosteiro, e parece que mais tarde se fizeram as pazes entre ella e o sr. corregedor.

Para as freiras recolherem á clausura foi necessaria a presença do bispo-conde D. Antonio de Vasconcellos, que declarou tomal-as

sob a sua protecção. Lavrou-se um termo de composição, o que foi feito no pateo do mosteiro; o bispo estava sentado em uma cadeira, e as religiosas sobre alcatifas. O termo foi assignado pela abbadessa, pelo prelado, por dois doutores, um dos quaes lente de prima de leis, e por cento e quarenta e sete freiras.

Este mosteiro, aonde havia uma imagem de N. S. da Assumpção, que chorou sangue não sei porquê a 9 de agosto de 1696, foi célebre pelas variadas e optimas gulodices feitas, preparadas, ou confeitadas pelas freiras e pelas *encostadas*: o mais afamado d'esses doces era o já alludido *manjar branco*, verdadeira antithese na cor e certamente no gosto do manjar-negro dos lacedemonios. A este doce, composto de peito de gallinha ordinariamente, com leite e não sei que mais, e que era cosido no forno sobre tijellas ou discos de barro vermelho, davam as servas da lambarice a fórma d'esses pomos que tremiam a Venus ao ir ter com Jupiter, e com os quaes ia brincando Cupido, segundo diz o Camões, que era muito entendido no assumpto e na materia.

O poeta sovina, *vulgo* Nicolau Tolentino, fala nos seus versos do mimoso doce, que certamente muitas vezes comeu gratis, á custa da bolsa d'algum novato, ou bifado á madre-rodeira, que lh'o passou pela roda, antes de elle lhe passar o dinheiro:

> No fresco pateo de *Cellas*,
> Pedindo com genio franco
> Doces, gratuitas tijellas
> Do famoso *manjar-branco*.

Havia antigamente (até 1832) uma interessante festa em Cellas: a festa do *Imperador de Eiras*.

Eiras é uma pequena povoação situada a cerca d'uma legua ao norte da cidade. Os seus habitantes, segundo muito antiga tradição, vendo que a peste havia invadido Coimbra, começaram, capitaneados pelo parocho, a implorar o auxilio celeste, dirigindo prin-

cipal ou exclusivamente as suas instantes preces ao Espirito Santo. A divina pomba resolveu-se a attender aos rogos dos eirenses; a peste não penetrou no logar; e elles fizeram voto de todos os annos elegerem d'entre os melhores homens da terra um «a quem havião de tributar as offertas dos seus fructos, para que com o nome de *Imperador do Espirito Santo* festejasse ao mesmo Divino nos dias de Paschoa da Resurreição e Pentecostes».[1]

Eleito o imperador pela camara da povoação (a terra tinha as honras de concelho), era-lhe por ella entregue a quantia de vinte e seis mil réis, cincoenta alqueires de trigo, e oito almudes de vinho. Este imperador, relativamente barato, tomava posse do seu elevado cargo na primeira oitava do Espirito Santo, indo á egreja matriz com acompanhamento da camara, da nobreza da villa, de dois pagens e dois creados, tudo precedido d'uma bandeira de damasco encarnado. O parocho esperava o imperador no arco da capella-mór, assistido do juiz da egreja com cruz alçada e duas tochas; e, ajoelhado sua magestade, lhe punha na cabeça, «sobre um casquete vermelho, a corôa de prata», que dois pagens lhe ministravam, dizendo-lhe com toda a solemnidade: — *Eu vos constituo imperador de Eiras.* Em seguida entregava-lhe um terçado antiquissimo, que o imperador beijava, restituindo-o ao pagem; e depois começava sua magestade a percorrer as ruas do seu estado, dirigindo-se com o mesmo acompanhamento, augmentado com a cruz alçada entre duas tochas, á capella do Santo Christo, aonde ajoelhava para o parocho lhe tirar a corôa e o casquete. D'alli, formando uma luzida cavalgata, dirigia-se o cortejo — o imperador, os pagens, a camara, a nobreza, — com a sua bandeira á frente e com algnns musicos, para o mosteiro de Cellas.

Santa Rita Durão, o auctor do *Caramuru*, num poema macarronico, que tem por assumpto a festa, descreve optimamente o

---

[1] *Relação da villa de Eyras*, feita em 1734 pelo dr. Fabião Soares de Paredes; extracto nos *Apontamentos historicos de Coimbra*: *O Imperador de Eiras*, artigo de J. C. Ayres de Campos no *Portugàl Pittoresco.*

cortejo, relatando as zombarias de que era alvo sua magestade no trajecto de Eiras para Cellas:

Jam magno numero ecce ruens batina per agros
Rapaziada furens, timidi post terga villani
Seixadas, murrosque jacit: quis cospit in illum,
Quisve picat burram, puxatque hinc inde casacam.
At sedet in magno nutans camponius heros
Caesar equo, vultumque gerit, quem cuncta ruendo
Gens ridet, gaudetque, socos seu dando punhadas.
Ille tamen serius magno imperialis honore
Majestatis abit mulo, quem praeit in alto,
Monstrum ingens, immane, rude atque horribile visu.

Entrados todos na egreja ao som de repiques de sinos, e feita a oração do estylo, cantava-se um *Te-Deum*, e era o imperador novamente coroado pelo capellão.

Terminado o officio, ia o imperador sentar-se junto ás grades do coro, aonde conversava com a abbadessa e mais freiras.

Est locus angusto postus sub limine chori,
Quo solet adstanti non raro freira fallare,
Et flores, cartasve foras emittere, vel, si
Quis daret, accipere: hic Caesar villanus adibat,
Hic abbadessa, suis circum rodeata puellis,
Augusto factura sahit pia mater honorem.
Tum fallam ibi audire solet, Caesarque fallare.

Em seguida, sua magestade recolhia-se á casa da hospedaria a descançar e a tomar alguns refrescos, offerta da abbadessa. Pedida por esta a corôa, era ella beijada pelas freiras, que... a consideravam milagrosa.

Durante a visita, sua magestade era da parte das travessas freiras muito escarnecido, muito logrado; choviam sobre elle as pilherias e os dichotes; succedendo-se ás troças das sorores as da rapaziada quando o imperador passava.

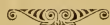
Os rapazes apertavam-no de mil modos, conseguindo até atarlhe ao rabicho da cabelleira um fio, uma liga de meia, que puxado

fazia cair por terra a cabelleira, o casquete, a corôa, ficando á vista a imperial careca.

> Stringitur hic miser, et, magna calcante caterva,
> Cuncta canalha premens vix jam non smagat euntem.
> Caesarem. Eum religant (qnid non potuere rapazes!)
> Ac longum cabelleirae atant exinde rabichum
> Meiarum liguis, quas tum puxantibus illis,
> Ut cabelleira caiat, caiat carapuça, corona,
> Atque nihil, nisi calva fiquet...

Havia, porém, um cortezão fiel, um diplomata habil — o pagem — que conseguia salvar as insignias imperiaes e guiar a magestade a porto e salvamento.

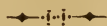
Depois da recepção em Cellas, ia o imperador á capella do Espirito Santo, perto de Santo Antonio dos Olivaes, aonde continuavam as festas, com arraial, e um grande banquete publico, em que tomavam parte, além do imperador, o antecessor d'este e o parocho. Por esta occasião havia tambem corridas de eguas, e luctas de homens.

Com tudo isto findava o dia da primeira oitava do Espirito Santo: e eu findo neste ponto esta digressão, deixando ao leitor folklorista o prazer de ler noutra parte o seguimento da festa, pois que nada mais se passava alli em Cellas com o imperador de Eiras.

Perto de Cellas, ao occidente do caminho, está situada uma pequena capella dedicada a Santa Comba, aonde a 25 de julho se faz uma romaria.

Não me deterei a narrar a lenda da santa, lenda contada de varias maneiras por varios escriptores e repetida por outros tambem varios.

A ermida actual, toda forrada de azulejos, remonta ao primeiro quartel do seculo XVII; substituiu outra muito antiga. Da

sacristia desce-se por uma estreita escada para uma especie de cava ou gruta, aonde a futura santa se refugiou tentando escapar aos seus perseguidores.

O corpo de Santa Comba esteve durante longo tempo na antiga ermida ; mas, transferidos d'alli para a egreja de Santa Justa, em 1130 ou annos proximos, passou ao mosteiro de Santa Cruz em 1207, conservando-se ainda actualmente no *Santuario* as suas reliquias.

Tambem perto de Cellas, para o noroeste, se encontra um dos mais nomeados sitios de Coimbra : é o *Penedo da Meditação.*

Do alto do penedo, talhado a pique, é magnifica a paizagem que se gosa, formada pelo valle da Coselhas com a sua ribeira, por viridentes prados, por collinas e montanhas, cobertas de bosques de oliveiras, de florestas de pinheiros, destacando-se do tapete de verdura algumas pequenas habitações. Mais grave, ou menos gracioso do que o Penedo da Saudade, impõe este ao espirito o recolhimento, e fórça á meditação ; não nos move ás suaves sensações da saudade, mas incute em nós a tristura. Por noites de luar toma esta paizagem um aspecto phantastico; as profundezas do valle têm segredos; os bosques têm mysterios; parece então ouvir-se, como saído d'esses copados arvoredos, como da floresta encantada de Tasso, um gemido doloroso:

> Allor quasi di tomba, uscir resente
> Un indistinto gemito dolente.

Ao nordeste de Cellas está a egreja de *Santo Antonio dos Olivaes,* que fazia parte d'um antigo convento de frades franciscanos.

Em epocha muito remota, em 1217 ou 1218, a mulher de D. Affonso II, D. Urraca, doou aos filhos do serafico uma ermida dedicada a Santo Antão, para elles fundarem um convento ou hos-

picio. Ficou este de proporções muito modestas. Dizem os escriptores competentes que frei Antonio, que tão célebre se tornou, se acolhera a esse retiro, e ahi passára longo tempo. Em 1247, ou por esses annos, transferiram a residencia para o convento construido ao pé da ponte; mas em 1539 edificaram alli uma nova casa os frades da provincia da Piedade, no que os auxiliou muito D. João III. Em 1763, começou a pertencer unicamente o convento á provincia da Soledade.

Este convento, que era habitado em 1851 por particulares, foi devorado inteiramente por um incendio na noite de 10 para 11 de novembro d'esse anno.

Dão accesso á egreja, que só escapou do incendio, largas e commodas escadarias, com seus patamares, ladeadas de seis capellas, tres por banda, aonde se vêem representados os principaes *passos* ou scenas da tragedia que terminou no Golgotha. Ás figuras d'essas capellas, exceptuada a imagem de Jesus, deram hedionda fealdade; como os artistas medievaes representavam o diabo sempre com fórmas monstruosas, levados da ideia de afeiar o genio do mal, assim o modelador das figuras de que se tracta deu aos judeus torturadores do Christo as mais contrafeitas e extravagantes feições.

A estas capellas dos passos, de Santo Antonio, allude um dos auctores da *Maccarronea*:

> Ir fóra a Santo Antonio he cousa clara
> Ser hum divertimento muito justo:
> Santo bemdito! se este nos faltara,
> Quem havia viver com tanto custo?
> Se quem vai visitar-vos, contemplara
> Quanto vê, que soffreo hum Deus augusto,
> Pode ser que tivesse esse tormento
> De Coimbra por feliz divertimento.

O visitante soffre uma grande decepção entrando no templo. A extensa escadaria faz com que elle espere encontrar um templo

grande e sumptuoso ; e a egreja, d'uma só nave, é pequena e pobre. Nella e nas suas pertenças pouco ha digno de ver-se : alguma pintura a fresco, alguns quadros insignificantes, um supposto *verdadeiro retrato* de Santo Antonio, e um painel devido a Paschoal Parente. Na egreja tambem se vê uma pequena imagem de S. Benedicto, santo preto e gorducho, ácerca da qual diz o povo:

São Benedicto
Não come, nem bebe,
Mas anda gordito.

O *retrato verdadeiro* e o santo negro, assim como a Senhora das Dores, que á entrada tem capella, estão cercados de *ex-votos*. É uma copia prodigiosa de pernas, braços, pés, e cabeças de cera (algumas de prata), de fitas, de ramos de flores artificiaes, e até de objectos incomprehensiveis ou indifiniveis : tudo isso é levado aos santos milagrosos por devotos tanto urbanos como ruraes.

Estes devotos alli vão em romaria mais d'uma vez no anno, nas festas de Santo Antonio, Senhora das Dores e Espirito Santo. Esta ultima festa é que chama a maior concorrencia. Em muito grande numero alli concorrem os ranchos de camponezes, a cumprirem suas promessas, e ainda mais a folgarem, em danças e descantes ao som das violas e das flautas. São partes integrantes da romaria a gaita de folle, o zabumba ou *Zé-P'reira*, e os ferrinhos.

No vasto terreiro, que se extende em frente da egreja, dispõem aqui e alli algumas vendedeiras suas tendas portateis, assim de brinquedos e outros miudos objectos, como de doces e confeitaria, entre os quaes se distinguem, já se vê, as tijellinhas de manjar-branco, e as arrofadas.

Estas romarias são sempre muitissimo animadas : a alegria e o enthusiasmo reinam alli soberanamente; mas não é raro (como em toda a parte succede) que, exaltadas as cabeças pelos vinhos e licores, uma boa palavra seja tomada á má parte, e que se le

vantem conflictos, que degeneram algumas vezes em serias luctas perturbadoras das danças. É bello assistir a estes bailados: as jovens e formosas camponezas, cingindo o corpo de colletes de cores vivas, com os pescoços occultos sob cordões, cruzes e corações d'oiro, com seus chapeus ornados de fitas, de pennas de pavão, e do indispensavel *registro*, as camponezas, digo, gyram graciosas com seus companheiros endomingados, que só deixam a dança para ir d'um pulo fazer uma libação.

A burguezia da cidade, e a academia não se misturam aos camponezes; mas nem por isso deixam de concorrer a estas festas populares, gostando do espectaculo d'esses folguedos, que a noite por fim faz terminar, com grande sentimento de muita gente. Os *ranchos* regressam a suas terras, cantando sempre, mas com menos enthusiasmo do que á vinda; e os moradores da cidade voltam aos lares domesticos, aonde tem já o *chá* prompto alguma boa tia velha, alguma *fada-benta*, como em Coimbra se chamam as boas senhoras de genio brando e santas intenções.

Pouco distante de Santo Antonio dos Olivaes ha ainda duas ermidas ou capellas que mencionarei: uma, em ameno valle, a *do Espirito Santo*; outra, em sitio lavado de ares, a *de S. Sebastião.*

A ermida do espirito Santo nada tem de notavel; a não ser que dentro d'ella ha uma fonte de excellente agua.

A capella de S. Sebastião está quazi no mesmo caso da precedente; todavia dentro e fóra d'ella se encontram varias sepulturas. Algumas d'estas são de frades, que succumbiram tractando dos empestados em 1599; jazem alli fr. Diogo de Hita, fr. Francisco de Villa Viçosa, fr. Manuel d'Aveiro, padre Antonio Mendes, etc.

CAPITULO XVIII

Finge o auctor dar explicações e conta uma anecdota — D. Guiomar da cutilada — *Montarroio* — O Antonio das Almas — Uma poesia d'Uhland — O cemiterio da *Conchada* — A *Ladeira da Forca* — A *Ponte de Aguas Maias* — A egreja de *Santa Justa* — A rua da *Sophia* — O antigo collegio da *Graça* — Os gracianos e a irmandade de S. Nicolau e Almas — O segundo convento de *S. Domingos* e o collegio de *S. Thomás* — O antigo collegio do *Carmo* — Amador Arraez — Exposições districtaes de Coimbra — A capella do *Arnado* — O *Choupal* — Passeios — Versos de Espronceda.

BEM extranho haverá parecido o não ter eu dicto nada ainda do bairro de Montarroio, nem dos conventos que na rua da Sophia houve antigamente, e aos quaes já alludi; quando demais a mais falei de outros bairros mais apartados do centro da cidade, e até de sitios que estão inteiramente fóra d'ella. Mas deve advertir-se que muitas vezes parecem extraordinarias coisas que pelo contrario são naturalissimas. Poderia adduzir a este respeito dezenas de citações dos classicos gregos, latinos e portuguezes, assim passagens dos santos padres como trechos de philosophos, de jurisconsultos e de mathematicos...

E, por mathematicos, lembro-me do doutor Pedro Nunes, e, por este, lembro-me d'uma sua filha, de quem tenho alguma coisa que referir.

Conta-se que morando na rua da Calçada, que é hoje o *Chiado* de Coimbra, o famoso cosmographo com sua filha, por nome D. Guiomar, esta se havia enamorado d'um mancebo de boa familia, que lhe promettera casamento, mas que segundo parece não tinha muita pressa ou muitos desejos de prender-se pelos sacratissimos laços matrimoniaes. Cançada de esperar pela realisação do seu sonho d'oiro ou de prata, que o namorado ia sempre demorando, resolveu-se D. Guiomar a ir queixar-se ao bispo-conde, que dizem alguns ser D. Manuel de Menezes, o que colloca o caso entre os annos de 1573 e 1578. O bispo tomou á sua conta o negocio, e chamou á sua presença na egreja de S. João de Almedina o rapaz e a rapariga, para os acarear. Interrogado aquelle ácerca das suas relações com a filha do doutor, e da promessa que lhe fizera, declarou cathegoricamente que não fizera tal promessa. Por mais que o bispo instasse, aconselhasse, ameaçasse, sempre da parte do rapaz negativa formal de haver promettido casamento a D. Guiomar. E esta, vendo que nada conseguia, exasperou-se a ponto de tirar do bolso ou d'um estojo um canivete proprio para lavores, e enterral-o na cara de quem havia zombado da sua boa fé e do seu amor.

Pedro Nunes resolveu então metter a filha no convento de Santa Clara; mas os amigos e alguns parentes do mancebo, conseguindo saber qual o dia destinado para a entrada de D. Guiomar no convento, foram pôr-se de sentinella na ponte, para se apoderarem da filha do doutor, e vingarem a offensa por ella feita. Não conseguiram porém o seu intento; porque, descoberto o plano, o bispo fez entrar no convento D. Guiomar d'um modo muito original. Enviou-a, a modo de presente, dentro d'uma canastra, sob algumas vélas de cera e outras coisas para o officio da semana santa, á abbadessa de Santa Clara, que era irmã d'elle.

Duarte Nunes de Leão, contando o caso, acrescenta que nesse convento D. Guiomar proferiu votos; são estas as suas palavras: «hi stá hoje freira professa».

A satyra tomou conta do feito de D. Guiomar, e do modo ex-

tranho como ella entrou no convento. Fizeram-se muitos sonetos e outras poesias, tudo isso pouco importante. Eis uma amostra:

Senhora Dona Guiomar
Moradora na Calçada,
Que destes a cutilada;
Senhora Dona Guiomar,
Que moraveis na Calçada,
Mereceis tença d'el-rei,
Pois destes a cutilada.

Da torre de Santa Cruz, já mencionada por mim quando falei do antigo mosteiro, corre para o poente um vasto casarão, hoje cadeia districtal, que foi antigamente celleiro e casa de fructa dos riquissimos e orgulhosos cruzios. Estas dependencias eram separadas do resto do mosteiro por um vasto pateo, fechado pelo lanço das hospedarias, que se extendia desde a esquina do dormitorio chamado de S. Francisco, hoje transformado em Paços do Concelho, até á extremidade das mesmas dependencias. A porta, que dava ingresso a esse pateo, era chamada a porta do carro.

Se dei estas indicações topographicas foi só para indicar a posição do bairro de *Montarroio*, o qual começa immediatamente por detraz do antigo celleiro dos conegos regrantes, extendendo-se por uma encosta.

O nome do bairro vem das palavras *monte rubeo*, por que em outras edades era designada a collina naturalmente pela cor do seu terreno. Em muito antigos documentos assim (*monte rubeo* ou *monteros*) é designada esta collina, de torrão fertil, que outrora formava um dilatado olival. Ainda hoje, nos sitios aonde se não elevam predios, cresce a arvore de Minerva.

Este bairro é pouco extenso, e muito pobre em edificios, mas saudavel.

Em Montarroio, num humillissimo casebre morava ha cerca de

vinte annos um proletario, um typo popular, que se tornou célebre por suas extravagancias. Era o Antonio das Almas. Este homem, mais manhoso do que tolo, affectava a estulticia para melhor conseguir o óbulo da caridade. Contam-se d'elle muitas anecdotas, algumas bem salgadas. Por impossibilidade de apresentar uma d'estas como amostra, darei a seguinte, que bem prova não ser o homem aquillo que pretendia mostrar.

D'uma vez alguns estudantes o convidaram a prégar um sermão, coisa que elle frequentemente fazia, com grande gaudio da rapaziada.

— Sim, senhores, disse maliciosamente o mendigo, com todo o gosto. Mas o peor é que não trouxe a papeleta, e falta-me o thema.

Os estudantes riram, e, para o divertimento continuar, deram-lhe um pedaço de papel em branco.

O Antonio das Almas pegou nelle, subiu a um frade de pedra que estava proximo, disse o *Per signum crucis*, e, examinando d'um e outro lado o papel, exordiou d'esta maneira, com uma seriedade, que o proprio *Patagonia* e muitos outros oradores de certo invejariam:

— D'este lado, nada; d'este, tambem nada. De *nada* fez Deus o mundo, e isso será o objecto do meu sermão.

E proseguiu, fazendo estalar de riso os seus ouvintes, um dos quaes me contou o caso.

Leva ao cimo da collina de Montarroio, uma estrada larga e commoda, bem arborisada, que tambem serve de passeio aos conimbricenses.

Quando eu, movido d'uma piedosa intenção, subi pela ultima vez este caminho, deparou-se-me o formoso quadro d'uma mãe que se via de momento a momento obrigada a interromper a costura para brincar amorosamente com um filhinho rosado e loiro

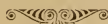
como um anjo de Rubens. Parei a contemplar aquelle grupo e accudiu-me á lembrança a seguinte mimosissima poesia d'Uhland:

A MÃE:

Se teu irmão foi levado
Pelos anjos para o céo,
É que elle, filho adorado,
Nunca tormentos me deu.

O FILHO:

Como pode vir tambem
Um anjo p'ra me levar,
Ensina-me, ó minha mãe,
Como te hei de atormentar.

Que delicadeza, que mimo, que doçura!

Ao fim da estrada está o *Cemiterio da Conchada*, em sitio muito conveniente. Precede a sua entrada um terreiro d'onde se descobre uma grande parte de Coimbra. O portico, que se filía na ordem toscana, muito adequada a esta obra pela sua simpleza, não é falto de magestade. Para se esculpirem nelle e noutras partes do cemiterio, compoz meu páe alguns disticos. Um define a natureza d'aquella mansão:

TENDIMUS HUC OMNES; METAM PROPERAMUS AD UNAM:
OMNIA SUB LEGES MORS VOCAT ATRA SUAS.

Outro convida ás dadivas funereas e ás lagrymas piedosas:

INGRESSI, EXTINCTIS FERALIA MUNERA FERTE;
VESTRIS ET LACRYMIS HUMIDA SERTA DATE.

Um terceiro declara o nosso destino em toda a sua fria realidade:

NOS FUIMUS QUONDAM, NUNC QUOD VOS ESTIS AMARI:
NUNC FATI IMPERIO PULVIS ET UMBRA SUMUS.

Tambem destinados ao cemiterio da Conchada, fez alguns versos portuguezes o mesmo latinista, cujas cinzas alli cobre uma lapide singela e modesta, como foi singelo o seu tracto, como foi modesto o seu viver.....................................
....

Proximo do cemiterio, uma longa encosta desce para o occidente; chama-se a *Ladeira da Forca*: designação cuja origem é bem evidente, e que traz á memoria esses espectaculos terriveis, que, longe de produzirem salutares effeitos, embrutecem e pervertem aquelles que os presencêam.

Do cimo d'esta encosta formosissima gosa-se um dilatado e magnifico panorama; em baixo, os ferteis campos de Coimbra ou do Mondego, tão afamados outrora por seus nebrís, jardim de perpetuos encantos; ao longe, montanhas de graciosos contornos.

Ao fundo da encosta está o valle e ribeira de *Coselhas* e a *Ponte de Aguas Maias.*

Assignalam antigas historias este local, aonde hoje está a ponte, como theatro d'um renhido combate que se feriu entre as tropas de Sancho, rei de Castella, e as de seu irmão Garcia. As forças d'este ultimo eram commandadas pelo conde de Trastamara, Rodrigo Froyas. Diz-se tambem, mas com bem pouco fundamento, que uma capella, situada não muito longe d'alli, e que tem a invocação de *Nossa Senhora do Loreto*, fora erigida em commemoração da victoria.

Caminhando da Ponte de Aguas Maias para a cidade, encontra-se, precedendo a entrada da rua da Sophia, do lado occidental a fabrica do gaz, e quazi em frente d'ella a egreja de *Santa Justa.*

Este templo, começado a construir em agosto de 1710, foi sagrado aos 28 de fevereiro de 1724. É de singela architectura, assim no exterior como no interior, e consta d'uma nave só, com tres altares de cada lado. Em tres d'estes, adornados d'essas columnas chamadas salomonicas, que tão desengraçadas são, nota-se boa obra de talha dourada.

O crucifixo do altar-mór tem uma breve, mas curiosa historia.

No *Agiologio Lusitano* conta George Cardoso que Affonso Henriques mandou fazer sob a sua direcção immediata um crucifixo, que veiu a ser a exactissima representação do aspecto que lhe mostrára Jesus ao apparecer-lhe no campo de Ourique, e que elle conservava de memoria.

Á entrada da egreja, na frontaria, estão duas extensas inscripções em lingua vulgar. Uma commemora o lançamento da pedra fundamental do edificio pelo bispo-conde em 24 de agosto de 1710. A outra declara que «pelos annos do Senhor de 1100 se fundou a egreja antiga; e havendo já muitos que as inundações do rio entravam nella, sendo estas continuas com terriveis tempestades no inverno de 1708, aos 17 de fevereiro do mesmo anno por ordem do illustrissimo senhor Antonio de Vasconcellos e Sousa, bispo-conde, se fez procissão de preces com a imagem do Santo Christo, a qual se recolheu á egreja de Sant'Iago, e nella se collocou a sobredicta imagem na tribuna do altar maior, e os padres d'esta egreja ficaram celebrando os officios divinos com os beneficiados da mesma».

A antiga egreja, a que se allude, assentava á beira do Mondego, com as suas respectivas claustras e mais dependencias, e fora fundada pelo presbytero Rodrigo, que se finou a 12 de agosto de 1155. Conserva memoria da fundação o epitaphio do fundador, que foi transportado para a nova egreja, aonde o collocaram

junto á porta septentrional Diz assim, em caracteres romano-gothicos, e com muitas abreviaturas:

HOC : IACET : IN : PVLCRO : RODERICVS : NEMPE : SEPVLCRO :
QVI : DOMINO : CELI : SERVIVIT : CORDE : FIDELI :
NAMQVE : LOCO : XPISTO : TEMPLVM : CONSTRVXIT : IN ISTO :
QVOE : BENE : DITAVIT : SACRIS : DONISQVE : BEAVIT :
CLAVSTRI : STRVCTVRAS : FVNDAVIT : NON : RVITVRAS :
ATQVE : DOMOS : CVNCTAS : PER CIRCVITVM : BENE : IVNCTAS :
SED : VIGILI : CVRA : MISERIS : DANS : HIC : SVA : IVRA :
TEMPORE : SVB : SCRIPTO : MIGRAVIT : PRESBITER : ISTO :
XVIII : KAL : SEPTEMBRIS : ERA : M : CLXXXXIII :

No museu do Instituto pódem ver-se duas reliquias da primitiva egreja: um formoso capital e um tumulo que encerrou o despojo mortal de Maria Mendes, mulher de João Pelaio, fallecida a 13 de junho de 1165.

A antiga egreja de Santa Justa foi doada pelo bispo D. Maurício em 1102, aos benedictinos francezes de Santa Maria da Caridade da congregação de Cluny, que foi extincta por Affonso Henriques, sendo expulsos do reino os monges. Depois passou a egreja a ter collegiada, com doze clerigos e prior, sob a regra de Santo Agostinho, e subordinados ao mosteiro de Santa Cruz. Foi matriz de freguezia até fins de 1854.

Falei já por varias vezes da rua da *Sophia.* Agora que nos vemos á sua entrada, darei ainda algumas noticias d'ella e d'alguns dos antigos conventos que a ladeiam, construcções pesadissimas, mais ou menos transformadas hoje.

No nome de *Sophia* dado a esta rua querem uns ver simplesmente a palavra grega, correspondente ao termo portuguez sabedoria; derivando a denominação de nos collegios de S. Miguel e

de Todos os Santos, que mais tarde occupou a Inquisição, terem estado por algum tempo os estudos da Universidade. Outros dizem vir-lhe o nome d'um collegio alli fundado por D. João III, dedicado a Santa Sophia. Parece colher-se a verdade sobre o assumpto no *Santuario Marianno*, aonde se diz que no collegio da Graça de Coimbra, situado na rua de que se tracta, «se venera em uma capella da sua sacristia uma devotissima imagem da rainha da gloria, a que por ser mãe da eterna sabedoria lhe deram o titulo da Sapiencia». Constituindo a alludida capella um santuario muito afamado, facilmente se comprehende que fosse dado ao collegio da Graça o nome de collegio de Santa Sophia, passando esta denominação tambem á rua. Ainda assim não me atrevo a declarar averiguada a origem do nome.

Nesta extremidade da rua havia d'antes um arco ou porta de Santa Margarida, que tomava o nome d'uma pequena capella, situada ao norte no ponto inferior da rampa do adro de Santa Justa, e que um incendio destruiu complectamente pelos annos de 1832. Este arco, que tambem se chamou de Santa Sophia, apoiava-se do lado occidental na esquina do convento de S. Domingos, onde começa a estrada que separa este antigo edificio da moderna fabrica do gaz. Essa estrada conduz ao Mondego; e ao meio d'ella aproximadamente começa um caminho, que leva á capella do Senhor do Arnado, seguindo d'ahi até á rua *Direita*.

Passemos aos conventos e collegios.

O collegio de *Nossa Senhora da Graça*, de eremitas calçados de Santo Agostinho, foi fundado por D. João III. Em 13 de janeiro de 1543 principiou a edificação, dirigida por fr. Luiz de Montoya. Na portaria vê-se a seguinte inscripção:

COLLEGIVM ORDINIS DIVI AV
GVSTINI DOMINAE NOSTRAE DE
GRATIA DICATVM A PIISSIMO IOAN
NE TERTIO REGE CONDITVM AC
DOTATVM ANNO DNI 1548

Extinctos os frades, passou o collegio a servir de quartel militar; ficando a egreja, em estylo da renascença, pertencendo á irmandade do Senhor dos Passos. Esta irmandade substituiu a de S. Nicolau e Almas, que se extinguiu após gravissimas pendencias que teve com os frades da Graça. Foi o caso que num sabbado, 8 de março de 1721, ao formar-se a procissão do Senhor dos Passos, querendo os frades levar o andor para a egreja dos jesuitas, levantou-se uma questão de precedencias, do que resultou não se realisar a festa processional. Teve ella logar no domingo, feita pelos gracianos, com assistencia de outras communidades.

Os irmãos de S. Nicolau e Almas, para se desforrarem, resolveram fazer outra procissão em domingo de Lazaro, para o que obrigaram o Senhor dos Passos de Eiras a fazer uma viajata até Coimbra. Informados d'isto os gracianos, trataram immediatamente de empregar todos os meios para obstar á procissão; e conseguiram que o nuncio decidisse em seu favor e ameaçasse com a excommunhão a quem quer que resistisse. A competente bulla chegou no dia de Lazaro, na occasião em que na Sé Velha estava prégando o frade cruzio, D. Luiz Galvão. Cheios de jubilo ficaram os gracianos, que deputaram fr. Miguel de Tavora e outro companheiro, para ir fazer a leitura da bulla ás portas da egreja. Mas o povo, que assistia á festa, sabendo o que se passava, amotinou-se contra os frades, bradando furiosamente — *Morra a Graça!* e, armando-se, acompanhou a procissão, que, apezar da bulla excommungatoria, saiu da Sé para a egreja de Santa Justa. Os gracianos tiveram vontade de attacar a procissão, mas não se atreveram em presença da attitude tomada pelo povo.

O antigo convento de S. Domingos já o leitor sabe onde estava situado, e que pelos meados do seculo XVI se viram obrigados a abandonal-o os religiosos, que patrocinados por D. João III fundaram um novo convento na rua da Sophia, para onde se mu-

daram em 1546. A egreja que devia ser bella, ficou incomplecta; possue algumas imagens e retabulos de merecimento.

Annexo ao convento, fez edificar fr. Martinho de Ledesma o collegio de *S. Thomaz,* aonde unicamente chama a attenção o portal, que, por seu estylo e ornamentação de estatuetas, bustos e bestiães, faz lembrar o portico septentrional da Sé Velha, devido a João de Castilho.

Jaz na egreja do collegio o famoso fr. Luiz de Sotto Maior, que foi professor em universidades de França e Inglaterra, e na de Coimbra. Nesta ultima foi lente de prima de theologia, logar de que o exoneraram por suspeito de partidario do prior do Crato, sendo todavia nelle reintegrado.

Em 1542 fundou nesta rua D. Balthazar Limpo, que foi bispo do Porto, o collegio de *Nossa Senhora do Carmo*, destinado aos clerigos do seu bispado que viessem seguir os estudos em Coimbra; mas, passado algum tempo, transformou-lhe o instituto, passando a ser casa de carmelitas calçados.

O edificio tinha muitas accommodações; e a egreja, de uma nave e tres capellas por lado, não é pobre em obras de talha e variada ornamentação. No frontispicio vê-se a seguinte inscripção, dividida por duas lapides, ambas encimadas por brazões d'armas do bispo de Portalegre, D. fr. Amador Arraes:

A . D . AMATORE . EP̃O
PORTALEG . CONS
TRVCTVM 1597

IN . HONORẼ . BE
ATISSIMAE . VIRGI-
NIS . DE MÕTE . CARM

O illustre bispo compoz, quando assistia neste collegio, os seus excellentes *Dialogos* que lhe deram um distincto logar entre os nossos classicos. No fim da sua obra, declara elle que lhe foi Coimbra uma segunda patria, e que alli gastara a flor da sua adoles-

cencia, assim como a edade viril; e exprime o desejo de alli passar o resto dos seus dias, e ser sepultado no meio da capella-mór da egreja do Carmo, «que (diz elle) erigi, e dotei o melhor, que pude, e puz na perfeição, que ora tem, com a sacristia, que já está acabada, e crasta nova, que se váe fazendo». Foi cumprida a vontade do bispo. No meio da capella-mór está elle sepultado, cobrindo-lhe as cinzas uma singela lapide com este epitaphio:

S . DE . D . F . AMADOR ARA
IZ . BPO . DE PORTALEGRE .
FEITVRA . DELREI D . AN
RIQVE . E SEV ESMOLER . MOR .
FOI O PR^{o} RELIGIOSO . QVE
PROFESSOV NESTE COLE
GIO . FALLECEO ÁO I^{o} DE AGOS
TO DE 1600

Numa das capellas da egreja, da parte do evangelho, foi posta uma inscripção declarando que «Matheus Pereira de Sá, fidalgo da casa de Sua Magestade, arcediago de Riba de Coa na Sé de Lamego» a fizera e dotara com missa diaria para si e sua familia «a 21 de abril de 1597». O instituidor, como seus paes e avós, alli foram sepultados.

Está, ao presente, de posse da egreja e do collegio do Carmo a Ordem Terceira, que alli estabeleceu o seu hospital particular.

Neste edificio do collegio do Carmo foi installada a *Exposição districtal de Coimbra* em 1884. Abriu-se no primeiro de janeiro e encerrou-se a 2 de março. Esta exposição foi promovida pela *Escola Livre das Artes do Desenho*, fundada em 1878. A commissão executiva que teve a direcção dos trabalhos, era presidida por Joaquim Martins de Carvalho. O programma da exposição esta-

belecia sete secções: 1.º Bellas artes e applicações; 2.º Educação e elementos de estudo; 3.º Mobiliario e accessorios; 4.º Tecidos, vestidos e accessorios; 5.º Machinas; 6.º Industria extractiva e suas transformações; 7.º Industria agricola. Quazi todos esses grupos foram muito bem e numerosamente representados. Os concelhos que mais brilharam foram, além do de Coimbra, os da Figueira da Foz, Oliveira do Hospital e Penella.

Durante a exposição fizeram-se cinco conferencias; a primeira pelo dr. Filippe Simões, que discorreu proficientemente sobre «a esculptura em Coimbra no seculo XVI»; a segunda, por Joaquim de Vasconcellos, que se occupou «da architectura manuelina»; a terceira, por Alexandre da Conceição, que tomou por objecto os «caminhos de ferro»; a quarta pelo dr. Augusto Rocha, que escolhera para assumpto «o papel»; a ultima pelo dr. Antonio Candido, que discursou ácerca das «relações da politica com a industria».

Com esta exposição bem se evidenciou qual a riqueza agricola, commercial e ainda industrial do districto de Coimbra, um dos mais vastos e populosos do paiz, dotado de excellente clima, atravessado pelo Mondego e outras correntes, e cortado por uma boa rede de estradas.

Quatorze annos antes, em 1869, já tivera logar em Coimbra outra exposição districtal, que foi installada numa parte do antigo edificio de Santa Cruz, e que foi promovida pela *Associação dos Artistas*.

Entre a rua da Sophia e o Mondego, e quazi tão proximo d'este como d'aquella, eleva-se a pequena capella do *Senhor do Arnado*. O caminho que da rua Direita a ella conduz, antes de se despovoar por causa das inundações do rio, se chamava a rua da *Figueira Velha*; assim é mencionada num documento de 1242, assim como noutro cento e vinte annos mais moderno. Das inscripções que se ostentam na frontaria da capella consta datar ape-

nas dos principios do segundo quartel do seculo passado, sendo edificada em substituição d'outra. Collige-se mais dos lettreiros que a confraria respectiva lançou mão da impostura para adquirir os meios necessarios para a restauração. Fizeram espalhar a noticia de que o Santo Christo do Arnado suára sangue e agua, no primeiro dia de agosto; e d'ahi resultou começarem a affluir á capella quantos devotos e beatas havia em Coimbra e nos arredores, deixando á milagrosa imagem muitas e valiosas offertas.

No campo do Arnado, dizem, planeou em conselho o fundador da monarchia no anno de 1147 a conquista de Santarem. Segundo parece, o rei reflectiu que as paredes têm ouvidos, e que mais conveniente era ir deliberar fóra da alcaçova. Mas o caso não lhe saiu como elle cuidava, pois foi ouvido por uma regateira, que deu á lingua em plena praça: coisa com que muito se zangou o grande guerreiro. Quem quizer ler esta patranha com toda a minucia, abra a chronica do primeiro Affonso, por Nunes de Leão.

Muito além do Arnado, ao occidente e junto ao Mondego, está o *Choupal*, mata nacional de mais de cem hectares de extensão, a qual occupa uma parte do antigo leito e areaes do Mondego.

Tendo sido ordenado, por alvará de 28 de março de 1791, um novo encanamento ao rio, fizeram-se largas plantações nos areaes, que os sedimentos das cheias arrastaram; e assim se formou aquella mata fertilissima, a que alagam as cheias de inverno. Em diversas direcções a cortam numerosos valleiros, por onde se escoam as aguas das enchentes, que o rio não comporta, as quaes vão inundar e fertilisar esses terrenos tão uberrimos e tão aprazi-veis que o Camões chamou

Os saudosos campos do Mondego.

Grande numero de estradas ou ruas se cruzam nesta mata,

que é um excellente passeio. É agradabilissimo o divagar por essa floresta formada de alamos e eucaliptos, de salgueiros e platanos, de nogueiras e loireiros, de amoreiras e faias, de acacias e larangeiras, e d'outras variadissimas especies, tudo d'uma exuberante vegetação.

Atravez da folhagem d'esse formoso arvoredo, vê-se o Mondego seguir tranquillo a sua derrota; entrevê-se a cidade risonha; ao passo que se casam as notas alegres das cantigas das lavadeiras com os sons maviosos dos canticos das aves.

Coimbra é inteiramente cercada de sitios apraziveis, de paragens encantadoras, como não succede noutra terra do nosso Portugal; e não é necessario apartar-se muito do povoado para encontral-os, nem é rapida a transição da cidade para a campina.

Todos estes sitios, que o leitor acaba de percorrer commigo, são outros tantos passeios da cidade. Á tarde, quando as aulas estão fechadas, a não ser que uma tourada, um espectaculo acrobatico, um bazar, uma festa religiosa, civica ou inteiramente popular, um acontecimento qualquer attraiam a população escolar, os estudantes, assim como alguns filhotes, preferem passear pelos dois *Penedos*, pelo jardim, pelo Choupal, por todos esses caminhos apraziveis que mencionei, recreando o espirito com objectos risonhos, com a contemplação da natureza.

Quanto ás damas de Coimbra, essas é raro vel-as a passeio, não sendo aos domingos e festas de guarda. Em taes dias as bellezas conimbricenses patenteam-se, a cidade anima-se, e, para me servir d'uma expressão já quasi fossil, nos jardins abundam então mais as flores.

Todavia em noites de luar, e noutras ainda que só allumia a claridade das estrellas, é frequente o darem as familias o seu passeio pelo caes ou pela estrada da Beira, ouvindo serenatas e barcarolas.

Não é raro então ouvirem-se as canções melancolicas de Soares de Passos ou de João de Lemos, que com tanto enthusiasmo cantou Coimbra; e por vezes tambem é escolhido algum romance de Zorrilla, ou de Campoamor, ou aquella mimosa serenata de Espronceda, que principia:

Delio á las rejas de Elisa
Le canta en noche serena
Sus amores;
Raya la luna, y la brisa
Al pasar plácida suena
Por las flores.
Y al eco que va formando
El arroyuelo saltando
Tan sonoro,
Le dice Delio á su hermosa
En cantilena amorosa:
«Yo te adoro»...

E quantas vezes um echo repete suavemente: «Eu te adoro!»

CAPITULO XIX

Conimbricenses illustres — Privilegios e distincções — A *Cidade Santa* — Detractores e encomiastas — Feições e costumes — Defeitos e predicados — Importancia do districto — Conclusão.

OIMBRA foi patria de grande numero de varões e donas, illustres por nascimento, por virtude, por lettras, por armas ou por civismo. Varios auctores se deram já ao trabalho de formar o memorial d'essas notabilidades; eu contento-me com mencionar aqui algumas d'ellas.

D'entre os homens que honraram o throno portuguez ou tiveram a honra de sentar-se nelle, não menos de oito nasceram na *rainha da Beira*. Foram elles o ávido e egoista Affonso o *gafo*; o valoroso mas infeliz Sancho II; o tenaz e pouco escrupuloso Affonso III; o fero e sombrio Affonso IV; o justiceiro e amoroso Pedro I; o versatil e fraco Fernando.

De principes e infantes muito larga seria a enumeração. Abstenho-me, porém, de falar d'elles; e passo a dizer d'outros naturaes de Coimbra.

Um, e dos mais sympathicos vultos do seculo dezeseis, foi o filho do conego Gonçalo Mendes de Sá, Francisco de Sá de Miranda, esse poeta tão vivo e elegante, a quem não agradaram as

intrigas e a dobrez inherentes aos paços reaes; porque, como elle mesmo disse:

> Homem d'um só parecer,
> De um só rosto, e d'ũa fé,
> D'antes quebrar que torcer,
> Elle tudo pode ser,
> Homem de corte não é.

Tambem teve Coimbra por patria o extraordinario vulto de fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, que tão célebre se tornou no estrangeiro, mórmente em Italia, onde sustentou, como todos sabem, questões publicas *de omni scibili.*

Viu na velha cidade a luz o grande orador sagrado Diogo de Paiva de Andrade; e com elle seus irmãos Francisco e Thomé: aquelle, chronista de D. João III; este, escriptor mystico, que ao entrar em religião passou a chamar-se fr. Thomé de Jesus.

Após estes vem o seu parente Diogo de Paiva de Andrade, que se tornou notavel pelo seu trabalho *Exame de Antiguidades*, e outras obras.

Natural de Coimbra encontro ser o dr. Pedro de Alpoim, lente de codigo e collegial de S. Pedro, filho (ao que parece) d'aquell'outro que era em 1514 administrador da capella de S. Ildefonso na egreja de Sant'Iago. Foi o dr. Alpoim um dos mais strenuos defensores dos direitos de D. Antonio ao throno portuguez. A Universidade havia exultado com a acclamação do prior do Crato, e tinha feito em acção de graças uma procissão da capella a Santa Cruz, para a qual foram convidadas as religiões e freguezias, recitando a oração gratulatoria o lente de prima fr. Antonio de S. Domingos. Caindo D. Antonio, a Universidade prestou obediencia ao usurpador hespanhol; mas alguns lentes e outras pessoas d'ella, que mais apaixonados partidarios eram de D. Antonio, tiveram a soffrer o odio do feroz rei catholico. O dr. Alpoim, o mais infeliz de todos, foi degollado por sua causa.

Nasceu tambem em Coimbra o dr. Diogo de Gouvêa, capellão de D. João III e tercenario na Sé, que era parente dos Gouvêas

de Evora e de Beja. E da mesma terra foram naturaes: o erudito fr. Leão de S. Thomás; o notavel lettrado e theologo Christovam João; Pedro de Mariz, que, apezar de tudo, tinha merecimento; os desembargadores Ruy Lopes da Veiga e seu filho Thomé Pinheiro; o sabio jesuita Manuel de Azevedo; e Joaquim Machado de Castro, famoso auctor da primorosa estatua equestre do Terreiro do Paço de Lisboa.

D'um prelado natural de Coimbra, o bispo resignatario de Angola D. Luiz Simões Brandão, se conta que, ao officiar elle na Sé de Coimbra, onde estava por vigario capitular, um certo prebendado mostrava muita repugnancia em lhe ajoelhar; tantas vezes isto succedeu que a final deliberou perguntar a um seu intimo qual o motivo d'aquelle procedimento do prebendado. Foi-lhe respondido que o motivo era ser elle bispo filho d'um carpinteiro; ao que o bom prelado replicou «que a maior honra que tinha, abaixo do caracter que possuia era ser filho de *José Simões, carpinteiro*; e que a pena que o acompanhava era não ter a seu pae ainda vivo, para mostrar a todo o mundo que, se em Roma Benedicto XI fez ver quanto estimava sua mãe, que era uma pobre lavadeira, elle tambem em Portugal queria que todos vissem o apreço que fazia de um pobre carpinteiro, que era seu páe».

D'entre os vultos feminis conimbricenses, limitar-me-hei a fazer menção de tres apenas.

Um foi Joanna Vaz, filha do licenciado João Vaz, talvez esse que construiu a casa mysteriosa da rua de Sub-Ripas. Esta dona foi profundamente versada no latim, no grego e no hebraico; escreveu uma epistola a Paulo III, que a honrou com resposta. Teve por marido Fernão Alvares da Cunha, e foi aia e mestra de latim da infanta D. Maria, filha de D. Manuel.

Outro vulto feminil de Coimbra, que se illustrou extraordinariamente, foi Auta da Madre de Deus. Esta rapariga, ao parecer de genio aventureiro, tomou trajes de homem, vestiu capa e batina, e cursou na Universidade direito civil, theologia e humanidades; dizendo-se que pelo seu talento foi julgada digna de substituir na

cadeira de direito civil a seu páe, que d'ella era lente. Descoberto, porém, que ella não pertencia ao sexo barbado, teve de abandonar a carreira, e foi chamada para o paço pela rainha D. Leonor, mulher do *Principe Perfeito. Si non è vero...*

A terceira mulher de Coimbra, que me parece devo nomear, foi Quiteria Borges, a qual consta haver sido a primeira pessoa que na cidade do Mondego ergueu o grito de acclamção a el-rei D. João IV, de musical memoria.

Entre os variadissimos e numerossimos privilegios, isenções, e distincções conferidas á *mui nobre e sempre leal cidade de Coimbra*, é para especialisar-se a honra que lhe deu Affonso V, por carta de 4 de janeiro de 1451. Prometteu o rei e determinou que nunca a cidade fosse dada a ninguem de linhagem real, salvo ao principe herdeiro da corôa, attendendo a ser ella «huma das mais antigas cidades de nossos Rejnos e das mais nobres, em a qual os virtuosos Rejs que ante nós em estes Rejnos forão, de quem descendemos, ordenáram por sua nobreza em ella se auerem de coroar, e esso mesmo o muy virtuoso Rej Dom Afonso anriquez, primeiro Rej que em estes Reynos foy, escolheo em ella sua sepultura.»

Um nome, porém, foi dado a Coimbra, de que lhe resulta maior honra que o conferido pela citada carta regia.

Por occasião da grande esterilidade e peste, que houve no reino pelos annos de 1569, os pobres de todas as partes e os estrangeiros refugiaram-se em Coimbra. A fome foi terrivel por toda a parte; e a peste, a que davam o nome de *tabardilho*, dizimava as povoações. O interesse, como o egoismo, fazia com que os proletarios não fossem soccorridos; só encontravam soccorros em Coimbra, para onde affluiam pela fama que seus habitantes tinham de caridosos; e não eram illusorias as suas esperanças. A camara, pela sua parte contrahiu grandes dividas para poder prestar soc-

corros. Tambem, os pobres não foram ingratos; deram a Coimbra o nome de *Cidade Santa.*

Apezar de todos os seus predicados assim materiaes como moraes, ha quem se compraza em dizer mal de Coimbra, por má lingua ou por espirito de contradicção. Ninguem se fie nesses senhores, embora accarretem, para corroborar sua asserção, citações de auctores mais ou menos auctorisados; que estes auctores são pela maior parte poetas, que dizem mal de Coimbra com a mesma razão com que Byron disse mal dos portuguezes.

Mas são nacionaes esses que dizem mal d'ella. Os estrangeiros gabam-na. O principe Lichnowsky, que valia muito mais que todos os detractores de Coimbra, elogia em extremo a formosa cidade do Mondego, e diz: «os conventos de Sant'Anna, dos Bentos, e dos Mariannos, um bello aqueducto, o palacio da Universidade, tantos edificios grandes apinhados em um espaço tão limitado, e á roda as verdes planicies, a que se chama o campo de Coimbra, atravessadas por alamedas, repartidas em jardins, onde o loireiro cresce livremente — isto tudo dá á cidade e seus arredores um colorido tão poetico, tão meridional, e tanto da edade média, que o observador, a cada passo, julga-se transportado aos seculos passados. O primeiro momento da entrada em Coimbra não desfaz esta illusão. As ruas estreitas e sinuosas, as praças irregulares, e as ingremes calçadas dão testemunho, mesmo com a sua tristeza, da antiga fortificação, e da importancia militar d'aquella praça.»

Coimbra, cuja população é, segundo os dados officiaes, de pouco mais de treze mil almas, tem o defeito das terras pequenas: alli tudo se sabe, de tudo se fala, em tudo se repara, tudo se critíca; nada ha por mais insignificante que não seja notificado, examinado e commentado pelas comadres... e pelos compadres. Não ha alli

felizmente certo vicio, que torna insupportaveis os filhotes d'outras cidades: o pedantismo. É tanto mais para notar isto, que, pela estada da Universidade, esperar-se-hia o contrario.

Nota-se sempre e com razão que as familias puramente conimbricenses saem muito pouco. Embora haja em Coimbra dois theatros, são elles tão pouco frequentados, que é impossivel a uma companhia artistica sustentar-se alli por muito tempo. Não sei a que attribuir este gosto pelo retiro, este retraímento que domina em a cidade, a não ser ao empenho de se distanciar da academia; sendo certo que, apezar de não se darem sempre muito bem esta e a burguezia geralmente, os estudantes são estimados e apparecem nas reuniões d'algumas familias da cidade. Mas custam muito a perder-se os velhos costumes, os usos tradiccionaes; e eu encontro em velhos documentos as causas d'esta antiga isenção das familias conimbricenses concorrerem aos espectaculos. Em 21 de janeiro de 1596 foi communicada ao corregedor da cidade a ordem dos governadores do reino, para elle não consentir que houvesse representações de comedias castelhanas, desde o primeiro de outubro até o meado de maio, ordem dada em vista da informação de que, por tal causa, havia muitas inquietações e brigas. De 26 de outubro de 1607 existe um alvará, pelo qual, para «atalhar aos encouenientes que se seguem de averem comedias publicas na cidade de cojmbra nos meses e tempo do estudo e pera pas e quietasam dos moradores della e recolhimento dos estudantes que naquela universidade residem», el-rei determina «que na dita cidade nem duas legoas ao redor della aja comedias os ojto meses de estudo desde outubro até ho mes de majo de cada huu anno e que sómente nos quatro meses de ferias as possam aver por se não tirar de todo ha dita cidade este intertenimento que ha em todas as cidades e lugares deste Reyno».

Ainda assim, quando apparece uma boa companhia dramatica, as familias coimbrãs concorrem ao espectaculo. Mas o enthusiasmo é sempre da parte dos estudantes, que deitam no chão as suas capas, como tapetes, para as actrizes mais ou menos afamadas pisa-

rem á saida do theatro. É a maior ovação que os estudantes podem prestar ás glorias da scena.

Mais algumas notas de costumes.

Já se não faz em Coimbra a procissão dos fogaréos ou farricocos, que saía da egreja da Misericordia em quinta feira de Endoenças, e tirava o nome de nella se encorporarem mendigos empunhando archotes; já se não faz a *serração da velha* pela quaresma, nem o *enterro das séstas* a sete ou oito de setembro; mas ainda se fazem pelo Natal os *coscoréis*, para gasto da casa e presentes aos amigos; e ainda pelo mesmo tempo se adornam as mezas e os presepes com searas de trigo em pratinhos.

Pelo entrudo, além de todos os projectis vulgares, usa-se arremessar, atirar *laranjinhas*. São estas compostas d'uma delgada camada de cera, de côr e feitio diversos, segundo a fôrma empregada, e cheias de agua, ás vezes aromatizada.

Conserva-se ainda o costume de dar o folar ao parocho, pela Paschoa. O reverendo, acompanhado d'um sacrista que conduz a caldeirinha da agua benta, e d'um menino do coro que leva um crucifixo, percorre as ruas, e entra nas habitações, dando a beijar o Christo, aspergindo a casa com a agua sobredicta, e apoderando-se (é o fim da visita) da *pratinha*, que as devotas da casa têm collocado respeitosamente numa salva, ou espetado delicadamente numa maçã ou num pêro...

Outra costumeira mais curiosa se conserva ainda alli.

No dia de finados é costume irem os rapazes — os garotos, — munidos de cestinhos ou saquitos, bater ás portas designadas na giria local pelo nome de *bolinhos*; fazem elles então grande gritaria, cantarolando numa toada monotona os seguintes pseudo-versos:

Bolinhos, bolinhós,
Para mim e para vós,
E para os vossos finados,
Que estão enterrados
Ao pé da bella cruz
Para sempre. Amen, Jesus.
Truz. Truz. Truz.

Não é preciso ser muito instruido para conhecer que «*bella* cruz» é corrupção de «*vera* cruz».

Geralmente dão-se á garotada os *bolinhos*, isto é, figos seccos, nozes, avellãs, doçarias, etc.; porque, se não se lhes entrega alguma offerta, fazem elles um barulho temivel, berrando em unisono:

Esta casa cheira a unto:
Aqui morreu algum defunto.
Esta casa cheira a breu:
Aqui morreu algum judeu.

E a assoada não fica nisto algumas vezes, pois tem uma sequencia de assobios e coisas peores.

Coimbra sem a Universidade perderia muito, e Coimbra perde em contar tanto com a Universidade. Não quero dizer com isto que haja governo imbecil que chegue a praticar o erro gravissimo de transferir d'alli aquelle estabelecimento; quero dizer que certos habitantes da cidade do Mondego contam excessivamente com o ganho que lhes proporciona a estada lá de tantos individuos alheios. Devem esses considerar que a industria e o commercio serão sempre as suas maiores fontes de riqueza. Estabeleçam fabricas, seguindo o bom exemplo que alguns filhotes já têm dado; desenvolvam cada vez mais o commercio; fundem companhias; animem-se, tomem coragem. Considerem que estão na capital d'um dos mais ricos districtos do paiz, dotado d'um excellente clima; advirtam que são muito boas e muito variadas as suas producções naturaes.

Tem este districto muito boas matas, entre as quaes se devem nomear a de Foja e a do Urso, além das do Choupal e de Valle de Cannas, notaveis ambas por seus viveiros.

Quanto á agricultura e á industria (embora esta pouco varia-

da), bem desenvolvidas, são fontes copiosas de riqueza; basta dizer que das grandes necessidades do consumo restam quantidades muito importantes, que se exportam tanto para os outros districtos como para o estrangeiro.

Eis o calculo d'algumas producções, não contado o que annualmente se guarda para a reproducção: vinho, mais de 200:000 hect.; azeite, 118:800 hect.; milho mais de 1.260:000 hect.; trigo, perto de 73:000 hect.; centeio, perto de 32:000 hect.; feijão, mais de 45:000 hect.; batata, mais de 287:000 hect.; arroz, perto de 119:000 hect.; castanha mais de 42:000 hect.; laranja, mais de 264:000 milheiros; limão, perto de 15:000 milheiros; mel, mais de 63:000 kil.; linho, 28:000 kil.; lã (preta e branca), para cima de 535:000 kil.; etc.

E eis agora tambem quaes as cifras que annualmente attingem algumas transacções, quer feitas com a cidade quer com outras povoações do districto: de fructas, mais de 50 contos; de queijos (só Oliveira do Hospital), 120 contos; de cêra (Poiares), 40 contos; de sal (Figueira da Foz), 78 contos; de papel (valor bruto) 100 contos; de bolachas e massas, só uma fabrica da cidade 16 contos; de louças, tijolo, telha, etc., 400 contos (na cidade ha umas onze fabricas que empregam 150 operarios e rendem por anno 44 contos); de pannos, perto de 500 contos; de palitos de salgueiro, cêrca de 200 contos!

De muitas outras industrias e ramos de commercio poderia ainda fazer menção, como a pesca, que tem um grande desenvolvimento no districto; poderia tambem falar das minas de carvão de pedra, do cabo Mondego, etc., mas remetto o leitor para os trabalhos estatisticos officiaes, e obras especiaes sobre o assumpto, que são muitos.

Perca-se, pois, inteiramente o costume de tirar os principaes interesses da estada da Universidade; é pouco trabalhoso esse negocio, mas é falto de solidez. Um cataclismo natural ou social podem d'um momento para outro fazer seccar inteiramente essa fonte

de receita; e não é quando sobrevem o mal (*quod Deus avertat*), que mais serenos e reflexivos estão os espiritos para lançar então, se é possivel, as bazes a uma empreza proveitosa.

Longe, porém, a ideia de se inferir do que fica dicto que em Coimbra não está muito desenvolvida a industria e o commercio. A quem eu me refiro é aos que se entregam aos *officios miudos*, d'onde se póde tirar o pão de cada dia, mas de que se não póde conseguir o pão da velhice.

Convém muito que os conimbricenses olhem e velem bem pelos interesses da sua terra; e que acima de toda a questão politica ponham o engrandecimento da povoação.

Tem Coimbra por muitas vezes sido lesada nos seus interesses pelos poderes publicos. Sem me deter aqui com outros objectos, direi para exemplo que, quando se fez a linha ferrea do norte, se praticou o erro de situar a estação da cidade a distancia d'uns poucos de kilometros; erro que ultimamente se quiz remediar com a construcção d'um ramal para ligar essa estação á cidade, ramal que tem seu termo no caes das Ameias. E quando se construiu a linha ferrea da Beira, em vez de se tomar Coimbra como ponto de partida, como entroncamento, localisaram este na Pampilhosa, pobrissimo logar sem importancia; de modo que se afastou da antiga cidade a principal linha de communicação entre ella e as povoações beirenses. Mesquinhos interesses d'alguns particulares têm assim prejudicado esta importantissima cidade no seu commercio e na sua industria.

Cheguei ao termo. Uns julgarão que eu disse de mais, outros crerão que disse de menos; e talvez todos pensem que disse mal. Como quer que seja, disse o que senti, e não sollicito a indulgencia de ninguem. Errei, naturalmente; mas, quem não erra? Em summa ahi ficam archivadas as impressões que tive ao visitar a minha terra, depois de alguns annos de auzencia, que para mim foram largos.

«Nos longos dias, passados fóra da patria, achei sempre, em recordar suas coisas, doce conforto para as maguas da auzencia, grato lenitivo para os espinhos da saudade» : isto disse um patricio meu, A. Filippe Simões. Eu que, perdidas as illusões e os enthusiasmos da mocidade, vou vivendo entre duas saudades, alimentado apenas por uma esperança, e obrigado a disfarçar a dor com o riso, encontrei alguns dias de allivio a meus pezares, elevando este pequenissimo e singelo monumento á minha terra natal, eu que me prézo de haver nascido em Coimbra;

> Que não é prémio vil ser conhecido
> Por um pregão do ninho meu paterno.

APPENDICE

I

Foral de Coimbra dado por D. Affonso Henriques em maio de 1179; confirmado por D. Affonso II em outubro de 1217.

In nomine patris et filii et spiritus sancti Amen. Omnibus notum sit quoniam Ego Alfonsus dei gratia Portugalensis Rex, bono animo et spontanea uoluntate et intimo cordis amore do et concedo ciuitati Colimbrie et omnibus habitatoribus suis tam presentibus quam futuris perpetuo ibidem permansuris forum bonum per quod regalia iura inferius plenarie scripta mihi et generi meo a uobis et a successoribus uestris persoluantur. Do itaque uobis pro foro ut qui publice coram bonis hominibus casam uiolenter cum armis ruperit pectet D solidos, et hoc sit sine uozeiro. Et si infra domum ruptor occisus fuerit, occisor uel domnus domus pectet I morabitinum: et si ibi uulneratus fuerit pectet pro eo medium morabitinum. Similiter pro homicidio et rausso publice facto pectet D solidos. Qui etiam calcaribus percusserit et testimonio bonorum hominum conuictus fuerit pectet D solidos. Pro merda in bucca pectet LX solidos testimonio bonorum hominum. Furtum cognitum testimonio bonorum hominum nouies componatur. Qui relegum uini regis ruperit et in relego suum uinum uendiderit et inuentum fuerit testimonio bonorum hominum, primo pectet V solidos et secundo V solidos. Et si tercio iterum inuentum fuerit testimonio bonorum hominum uinum totum effundatur, et archus cupparum incidantur. De uino de foras dent de unaquaque carrega I almude, et uendatur aliud in relegum. De iugata uero hoc mando ut husque ad na-

tale domini trahatur: et de unoquoque iugo boum dent I modium milii uel tritici qualis laborauerit, et si de utroque laborauerint de utroque dent per alqueire directum uille: et sit quartarius de XIIII alqueriis, et meciatur sine brachio curuato et tabula supraposita. Cauon si laborauerit triticum det I teeigam, et si laborauerit milium similiter. Et de geiras de bobus I quartarium de tritico uel milio unde laborauerit. Et parceiro de caualeiro qui boues non habuerit non det ingatam. Et habitatores Colimbrie habeant libere tendas, fornos, panis scilicet et ollarum. Et de forno de telia dent decimam. Qui hominem extra cautum occiderit pectet LX solidos. Et qui uulnerauerit hominem extra cautum pectet XXX solidos. Qui in platea aliquem hominem uulnerauerit pectet medietatem homicidii. Qui arma per iram denudauerit uel a domo ea extraxerit per iram et non percusserit pectet LX solidos. Et homines Colimbrie habeant hereditates suas populatas, et illi qui in eis habitauerit pectent pro homicidio et rausso noto et merda in bucca LX solidos, medietatem scillicet Regi, et medietatem domno hereditatis. Et eant in appellitum Regis et nullum aliud forum faciant Regi. Et homines qui habitauerint in hereditatibus Colimbriensis si furtum fecerint ut supradictum est componatur, medietatem Regi, et medietatem domno hereditatis. Et almotazaria sit de concilio, et mittatur almotaze per alcaidem et per concilium uille: et dent de foro de uacca I denarium, et de zeuro I denarium, et de ceruo I denarium, et de bestia de piscato I denarium, et de barcha de piscato I denarium, et de iudicato similiter, et de alcauala III denarios: de ceruo et de zeuro et de uacca et de porco I denarium, et de carneiro I denarium. Piscatores dent decimam. De equo uel de mula uel de mulo quem uendiderint uel emerint homines de fora, a decem morabitinis et supra dent I morabitinum: et de X morabitinis et infra medium morabitinum. De equa uendita uel comparata den II solidos: et de boue II solidos, et de uacca I solidum, et de asino et asin*a* I solidum. De mauro et de maura medium morabitinum. De porco uel de carneiro II denarios. De caprone uel de capra I denarium. De carrega de azeite

uel de coriis boum uel zeurorum uel ceruorum dent suum forum. De carrega de cera dent suum forum. De carrega de anil uel de pannis uel de pellibus coniliorum, uel de coriis uermeliis uel albis, uel de pipere uel de grana dent suum forum sicut consuetudo est. De bracale II denarios. De uestitu de pellibus III denarios. De lino uel de alliis uel de cepis decimam. De piscato de fora decimam. De concas uel de uasis ligneis decimam. Et pro omnibus his carregis que uendiderint homines de fora et portagium dederint, si alias proprias emerint non dent portagium ex eis. De carrega panis uel salis quam uendiderint uel emerint homines de fora: de bestia caualari uel mulari dent III denarios: de asinali III medalias. Mercatores naturales uille qui soldatam dare uoluerint recipiatur ab eis. Si autem soldatam dare uoluerint, dent portagium. De carrega de piscato quam inde leuauerint homines de fora dent VI denarios. Pedites dent octauam uini et lini. Balistarii habeant forum militum. Mulier militis que uiduauerit habeat honorem militis quousque nubat. Et si nupserit pediti faciat forum peditis. Miles qui senuerit uel ita debilitauerit, quod exitum facere non possit stet in honore suo. Si autem mulier militis uiduata taem filium habuerit qui cum ea in domo contineatur, et caualariamlfacere potuerit, faciat eam pro matre. Almoqueuer qui per almo cauariam uixerit, faciat forum suum semel in anno. Miles uero qui equm suum aut bestias suas ad almocauariam miserit, nullum forum de almocauaria faciat. Conilarius qui fuerit ad sogeiram et illuc manserit det follem unum conilii. Et qui illuc moratus octo diebus uel amplius, det unum conilium cum pelle sua. Et conilarius de fora det decimam quotiens uenerit. Moratores Colimbrie qui panem suum uel uinum uel ficcus uel oleum in Sanctaren habuerit, uel in aliis locis, et ad Colimbriam illud ad opus sui duxerit et non ad reuendendum, non dent inde portagium. Qui cum aliquo rixauerit et post rixam domum suam intrauerit, et ibi inito consilio acceperit fustem uel porrinam et eum percusserit, pectet XXX solidos. Si autem inconsulte et casu accidente percusserit nichil pectet. Inimicus de fora non intret uillam super inimicum

suum, nisi per treugas, aut pro directo illi dare. Si equs alicuius aliquem occiderit domnus equi pectet equm aut homicidium, quod horum domno equi placuerit. Et clericus habeat forum militis per totum. Et si cum muliere turpiter inuentus fuerit, maiordomus non mittat manum in eum, nec aliquo modo eum capiat: sed mulierem capiat si uoluerit. De madeira que uenerit per flumen unde dabant octauam, dent decimam. De atalaia de uilla debet Rex tenere medietatem, et milites medietatem suis corporibus. Militem Colimbrie cui meus diues homo benefecerit de terra sua uel de habere suo per quod eum habeat ego eum recipiam meo diuiti homini in numero suorum militum. Maiordomus uel sagio eius non eant ad domum militis sine portario pretoris. Et meus nobilis homo qui Colimbriam de me tenuerit, non mittat ibi alium alcaidem, nisi de Colimbria. De casis quas mei nobiles homines uel fleires aut hospitalarii aut monasteria in Colimbria habuerint, faciant forum uille sicut ceteri milites de Colimbria. Ganatum perditicium quod maiordomus inuenerit, teneat illud usque tres menses, et per singulos menses faciat de eo preconem dari: ut si domnus eius uenerit, detur ei. Si autem domnus eius precone dato usque ad tres menses non uenerit, tunc maiordomus faciat de eo comodum suum. De caualgada de alcaide nichil accipiat alcaide per uim nisi quod ei milites amore suo dare uoluerint. De caualgada LX^{a} militum et supra, diuidant mecum in campo. Faber aut zapatarius aut pellitarius qui in Colimbria casam habuerit et in ea laborauerit, non det de ea ullum forum. Et qui maurum fabrum uel zapatarium habuerit, et in domo sua laborauerit, non det pro eo forum. Qui autem ministeriales ferrarii uel zapatarii fuerint, et per officium istud uixerint et casas non habuerint, ueniant ad tendas meas, et faciant mihi meum forum. Qui equm uendiderit aut comparauerit uel maurum extra Colimbriam, ubi eum comparauerit uel uendiderit, ibi det portagium. Et pedites quibus suum habere dare debuerint, dent inde decimam maiordomo, et maiordomus det eis directum pro decima. Et si pro decima eis dare directum noluerit, tunc pretor faciat eis directum dari per portarium suum.

Moratores Colimbrie non dent luctuosam. Adaliles de Colimbria non dent quintam de quiniones suorum corporum. Milites Colimbrie non teneant zagam in exercitu Regis. Panetarie dent pro foro de xxx^{a} panibus unum. Portagia uero et forum et quinte sarracenorum et aliorum ita persoluantur sicut consuetudo est: exceptis hiis que superius scripta sunt, et uobis relinquo. Et pro alcaidaria pro una bestia que uenerit de fora cum piscato, det duos denarios. Et de barca de piscato minuto II denarios: et de toto alio piscato dent suum forum. De nauigio uero mando ut alcaide et duo spadalarii, et duo pronarii, et unus petintal, habeant forum militum. Hec itaque omnia prescripta uobis pro foro do et concedo: et ad hec eat maiordomus testimonio bonorum hominum, et non ad alia. Milites de Colimbria testificentur cum infancionibus de Portugali. Siquis igitur hoc nostrum factum uobis firmiter seruauerit, benedictionibus dei et mei repleatur. Qui uero illud frangere uoluerit, maledictionem dei et mei consequatur. Facta karta apud eamdem ciuitatem Mense Maio Era M.^{a} CC.^{a} XVII.^{a} Ego predictus Rex domnus Alfonsus hanc cartam quam fieri iussi roboro et confirmo.

Ego Alfonsus dei gratia Portugalensis Rex, una cum uxore mea Regina domna Vrraca, et filiis meis Infantibus domno Sancio et domno Alfonso et domna Alionor, concedo et confirmo vobis moratoribus de Colimbria istam cartam et istud forum quod uobis dedit auus meus Rex domnus Alfonsus. Et ut hoc nostrum factum in perpetuum firmum robur optineat precepi fieri istam cartam, et eam feci sigillo meo plumbeo communiri. Facta carta apud Colimbriam Mense Octobri Era M.^{a} CC.^{a} L.^{a} V.^{a} Nos supranominati qui hanc cartam fieri precepimus coram subscriptis eam roborauimus et in ea hec signa fecimus +++++.

Qui affuerunt, Domnus Martinus iohannis signifer domini Regis conf.— Domnus Petrus iohannis Maiordomus Curie conf.— Domnus Laurencius suarii conf.— Domnus Johannes fernandiz conf.— Domnus Fernandus fernandiz conf.— Domnus Gomecius suarii conf.— Domnus Gil ualasquiz conf.— Domnus Rodericus

menendiz conf.— Domnus Poncius alfonsi conf.— Domnus Lopus alfonsi conf.— Vincencius menendiz — Martinus petriz — Jhoanninus, test.

Domnus Stephanus Bracarensis Archiepiscopus conf.— Domnus Martinus Portugalensis Episcopus conf.— Domnus Petrus Colimbriensis Episcopus conf.— Domnus Suarius Vlixbonensis Episcopus conf.— Domnus Suarius Elborensis Episcopus conf.— Domnus Pelagius Lamecensis Episcopus conf.— Domnus Bartolomeus Visensis Episcopus conf. — Domnus Martinus Egitaniensis Episcopus conf.— Magister Pelagius Cantor Port.— Petrus garsie — Petrus petriz, test.

Gunsaluus Menendi Cancellarius Curie — Fernandus suarii scripsit.

II

Relação dos Bispos de Coimbra, desde a restauração do bispado em seguida á conquista de Fernando o Magno

1	D. Paterno	1080—1088
2	D. Cresconio	1092—1098
3	D. Mauricio	1099—1109
4	D. Gonçalo	1109—1128
5	D. Bernardo	1128—1146
6	D. João d'Anaia I	1148—1154
7	D. Miguel Salomão I	1162—1176
8	D. Bermudo	1177—1182
9	D. Martinho I	1183—1191
10	D. Pedro Soares I	1192—1233
11	D. Tiburcio	1233–1246
12	D. Domingos (Mestre Domingos) I	1246—1247
13	D. Egas Fafes	1247—1268
14	D. Matheus	1268—1271
15	D. Aimerico	1279—1295
16	D. Pedro Martins II	1297—1301
17	D. Fernando I	1302—1303
18	D. Estevão	1304—1318
19	D. Raymundo Everard I	1319—1324
20	D. Raymundo Everard II	1325—1333
21	D. João II	1334—1338
22	D. Jorge I	1338—1357
23	D. Lourenço	1357—1358
24	D. Pedro Gomes Barros III	1358—1364
25	D. Vasco Fernandes de Toledo	1364—1371
26	D. Pedro Tenorio IV	1371—1378

27 D João Cabeça de Vacca III........ 1378—1384
28 D. Martinho II........ 1386—1395
29 D. Martinho III........ 1396—1398
30 D. João Esteves d'Azambuja IV........ 1399—1402
31 D. João Garcia Manrique V........ 1403—1407
32 D. Gil Alma........ 1408—1415
33 D. Fernando II........ 1419—1429
34 D. Alvaro Ferreira I........ 1431—1444
35 D. Luiz Coutinho........ 1444—1452
36 D. Affonso Nogueira I........ 1453—1460
37 D. João Galvão VI........ 1460—1481
38 D. Jorge d'Almeidà II........ 1483—1543
39 D. João Soares VII........ 1545—1572
40 D. Manuel de Menezes........ 1573—1578
41 D. Fr. Gaspar do Casal........ 1579—1584
42 D. Affonso de Castello-Branco II........ 1585—1615
43 D. Affonso Furtado de Mendoça III........ 1616—1618
44 D. Martim Affonso Mexia IV........ 1619—1623
45 D. João Manuel VIII........ 1625—1633
46 D. Jorge de Mello III........ 1635—1638
47 D. Joanne Mendes de Tavora IX........ 1638—1646
48 D. Sebastião Cesar de Menezes........ 1649—1654
49 D. Manuel de Saldanha II........ 1655—1659
50 D. Fr. Domingos do Rosario II........ 1662—
51 D. Manuel de Noronha II........ 1668—1671
52 D. Fr. Alvaro de S. Boaventura II........ 1672—1683
53 D. João de Mello X........ 1684—1704
54 D. Antonio de Vasconcellos e Sousa I........ 1706—1717
55 D. Miguel d'Annunciação II........ 1739—1773
56 D. Francisco de Lemos I........ 1773—1822
57 D. Fr. Francisco de S. Luiz II........ 1822—1824
58 D. Fr. Joaquim da Nazareth........ 1824—1851
59 D. Manuel Bento Rodrigues III........ 1851—1858
60 D. José Manuel de Lemos I........ 1858—1870
61 D. Manuel Correia de Bastos Pina IV........ 1870—....

III

Relação dos Reitores da Universidade de Coimbra, desde 1537 até ao presente.

		Data da nomeação	Data da posse
1	Garcia d'Almeida	1 Mar. 1537 —	1 Mar. 1537
2	D. Agostinho Ribeiro	27 Out. 1537 —	—
3	D. Frei Bernardo da Cruz	28 Abr. 1541 —	18 Maio 1541
4	Frei Diogo de Murça	5 Nov. 1543 —	—
5	Affonso do Prado	28 Set. 1555 —	26 Out. 1555
6	D. Manuel de Menezes	5 Dez. 1556 —	18 Mar. 1557
7	D. Jorge d'Almeida	25 Jan. 1560 —	26 Jan. 1560
8	Martim Gonçalves da Camara	16 Jun. 1563 —	31 Jul. 1563
9	Ayres da Silva	19 Nov. 1564 —	—
10	D. Jeronymo de Menezes	1 Jan. 1570 —	10 Jan. 1570
11	D. Nuno de Noronha	4 Nov. 1578 —	14 Nov. 1578
12	D. Fernão Martins Mascarenhas	15 Maio 1586 —	30 Ag. 1586
13	Antonio de Mendonça	3 Dez. 1594 —	—
14	Affonso Furtado de Mendonça	19 Jul. 1597 —	28 Out. 1597
15	D. Francisco de Castro	23 Abr. 1605 —	30 Jun. 1605
16	D. João Coutinho	16 Abr. 1611 —	31 Maio 1611
17	Vasco de Sousa	13 Jan. 1618 —	23 Mar. 1618
18	D. Francisco de Menezes	15 Nov. 1618 —	18 Fev. 1619
19	Francisco de Brito de Menezes	20 Fev. 1624 —	2 Dez. 1624
20	D. Alvaro da Costa	28 Maio 1633 —	16 Jul. 1633
21	D. André d'Almada	27 Jan. 1638 —	13 Mar. 1638
22	Manuel de Saldanha	8 Set. 1638 —	2 Fev. 1639
23	D. Manuel de Noronha	7 Dez. 1660 —	10 Jan. 1661
24	Rodrigo de Miranda Henriques	19 Set. 1662 —	6 Nov. 1662
25	Manuel Corte-Real d'Abranches	7 Abr. 1664 —	29 Abr. 1664

	Data da nomeação	Data da posse
26 André Furtado de Mendoça	19 Jul. 1667	6 Out. 1667
27 Manuel Pereira de Mello	23 Fev. 1673	11 Abr. 1673
28 D. José de Menezes	15 Out. 1675	5 Dez. 1675
29 D. Simão da Gama	2 Jun. 1679	24 Jun. 1679
30 Manuel de Moura Manuel	25 Ag. 1685	16 Nov. 1685
31 Ruy de Moura Telles	28 Jul. 1690	26 Set. 1690
32 Nuno da Silva Telles	26 Jun. 1694	16 Nov. 1694
33 D. Nuno Alvares Pereira de Mello	13 Set. 1703	7 Nov. 1703
34 D. Gaspar de Moscoso e Silva	26 Out. 1710	29 Nov. 1710
35 Nuno da Silva Telles	7 Set. 1715	30 Set. 1715
36 Pedro Sanches Farinha de Baena	31 Ag. 1719	14 Nov. 1719
37 Francisco Carneiro de Figueirôa	25 Out. 1722	17 Dez. 1722
38 D. Francisco da Annunciação	18 Maio 1745	2 Jun. 1745
39 Gaspar de Saldanha Albuquerque	—	11 Jun. 1761
40 D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho	14 Maio 1770	29 Maio 1770
41 D. José Francisco Miguel Antonio de Mendoça	25 Out. 1779	30 Abr. 1780
42 D. Francisco Raphael de Castro	30 Dez. 1785	6 Maio 1786
43 D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho	13 Maio 1799	16 Maio 1799
44 D. Frei Francisco de S. Luiz	27 Ag. 1821	20 Out. 1821
45 Diogo Furtado de Castro do Rio de Mendoça	24 Jun. 1823	17 Nov. 1823
46 Sebastião Corrêa de Sá (Conde de Terena)	10 Dez. 1840	16 Jan. 1841
47 José Machado d'Abreu (Barão de S. Thiago de Lordello)	10 Jan. 1849	17 Jan. 1850
48 Bazilio Alberto de Sousa Pinto (Visconde de S. Jeronymo)	7 Abr. 1859	23 Abr. 1859
49 Vicente Ferrer Netto Paiva	23 Jul. 1863	10 Ag. 1863
50 Visconde de Seabra	26 Jul. 1866	14 Ag. 1866
51 Visconde de Villa Maior	9 Jul. 1869	21 Set. 1869
52 Adriano d'Abreu Cardoso Machado	30 Abr. 1886	18 Maio 1886

LISTA

das principaes obras consultadas pelo auctor

ABREU José Maria de, *Legislação academica.*

ALMEIDA Diogo Fernandes de, *Dissertação historica, juridica e apologetica.*

ANDRADA Francisco de, *Chronica do rey Dom João III.*

ANDRADE Miguel Leitão de, *Miscellanea.*

ANJOS fr. Luiz dos, *Jardim de Portugal.*

Annuario da Universidade.

O Antiquario Conimbricense.

O Archivo Pittoresco.

ARRAIZ D. fr. Amador, *Dialogos.*

Assemblea recreativa conimbricense ou Theatro de D. Luiz I.

AZURARA Gomes Eannes d', *Chronica de D. João I.*

BARBOSA A. do C. Velho de, *Memoria ácerca da combinação das epochas que contém a inscripção da torre da Estrella da cidade de Coimbra.*

BARBOSA D. Joseph, *Archiatenaeum Lusitanum sive Regale Collegium Collimbriense.*

— *Memorias do Collegio Real de S. Paulo.*

BARBOSA MACHADO Diogo, *Bibliotheca Lusitana.*

BARREIROS Gaspar, *Chorographia d'alguns logares.*

BARRETO FEIO dr. Florencio Mago, *Memoria Historica e Descriptiva da Bibliotheca da Universidade.*

BARROS André de, *Vida do apostolico padre Antonio Vieyra da Companhia de Jesus.*

BEZERRA Manuel Gomes de Lima, *Os Estrangeiros no Lima.*

Boletim de Bibliographia Portugueza.

BORGES DE FIGUEIREDO A. C., *Oppida restituta—Eminio* (Bol. da Soc. deGeog. de Lisboa, 4.ª série, 1884); *Conimbriga* (ibid.)

BOTELHO Bernardo de Brito, *Historia breve de Coimbra,* segunda edição, annotada por Antonio Francisco Barata.

BRANDÃO fr. Antonio, *Monarchia Lusitana.*

BRITO fr. Bernardo de, *Monarchia Lusitana.*

— *Chronica de Cister.*

CAMÕES Luis de, *Obras.*

CAMPOS João Correia Ayres de, *Catalogo dos objectos existentes no Museu de Archeologia do Instituto de Coimbra.*

— *Indice Chronologico dos Pergaminhos e Foraes... da Camara... de Coimbra.*

— *Indices e summarios dos livros... da Camara... de Coimbra.*

— *Questões forenses.*

CARDOSO George, *Agiologio Lusitano.*

CARDOSO padre Luiz, *Diccionario Geographico.*

CARVALHO DA COSTA, *Chorographia Portugueza.*

CASTRO FREIRE Francisco de, *Memoria Historica da Faculdade de Mathematica.*

Chronicas breves... de Santa Cruz de Coimbra.

Chronicon Albedense.

Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica.

Chronicon Complutense.

Chronicon Conimbricense.

Chronicon Gothorum.

Chronicon Laurbanense.

Collecção dos documentos e memorias da Academia Real da historia.

Compendio Historico da Universidade.

Compromisso da Santa Casa da Misericordia da cidade de Coimbra.

CONCEIÇÃO fr. Claudio da, *Gabinete Historico.*

CONDE D. José, *Historia de la dominacion de los arabes en España.*

O Conimbricense.

Corpus Inscriptionum Latinarum, vol. II.

CORTE REAL Antonio Moniz Barreto, *Bellezas de Coimbra.*

CUNHA D. Rodrigo da, *Catalogo dos Bispos do Porto.*

DE MONCONYS, *Journal des voyages de monsieur de Monconys.*

Descripção da visita, que o excellentissimo e reverendissimo senhor arcebispo bispo-conde D. Manuel Bento Rodrigues fez ao R. Collegio Ursulino das Chagas em S. José de Coimbra.

DOSY Reinhardt, *Recherches sur l'histoire et la littérature des arabes de l'Espagne.*

ÉDRISI, *Géographie,* tr. par P. Amédée Jaubert.

A Epocha.

ESPERANÇA fr. Manuel da, *Historia Serafica.*

ESPRONCEDA D. José de, *Obras.*

ESTAÇO Gaspar, *Varias Antiguidades de Portugal.*

Estatutos da Universidade.

A Estrêa Litteraria.
Exposição districtal de Coimbra em 1884.
Extractos varios tirados do Real Archivo da Torre do Tombo, relativos á historia ecclesiastica do bispado de Coimbra (Mss. B. P. L.)
Faria y Sousa Manuel de, *Europa Portugueza.*
Ferreira Francisco Leitão, *Noticias Chronologicas da Universidade.*
Figueiroa Francisco Carneiro de, *Catalogo dos Reitores da Universidade.*
Florez fr. Henrique, *Espana Sagrada.*
Franklin,
Gasco Antonio Coelho, *Conquista, Antiguidade e Nobreza... de Coimbra.*
Heiss Aloiss, *Description générale des Monnaies des rois Wisigoths d'Espagne.*
Henriques Julio A., *O Jardim Botanico da Universidade de Coimbra.*
Herculano A., *Historia de Portugal.*
Hubner Emilio, *Noticias archeologicas de Portugal.*
— *Inscriptiones Hispaniae Latinae.* Vid. *Corpus Inscriptionum.*
Idacio, *Chronicon.*
O Instituto.
Itinerario dicto de *Antonino* (Ed. de Parthey e Pinder, Berlim 1848).
Jesus fr. Pedro de, *Chronica da Santa e Real Provincia da Immaculada Conceição de Portugal.*
Jornal de Coimbra.
Jornal Litterario.
Juromenha Visconde de, na *Vida de Camões.*
Kinzey, *Voyage.*
Lacerda D. F. Corrêa de, *Historia da vida de... Santa Isabel.*
Lafontaine, *Fables.*
Leão Duarte Nunes de, *Chronicas.*
— *Descripção do Reino de Portugal.*
Lichnowsky Principe, *Portugal, Recordações do anno de 1842.*
Link, *Voyage en Portugal.*
Litteratura Illustrada.
Livro velho das Linhagens in *Port. Mon. Hist. Scriptores.*
Lopes Fernão, *Chronica d'el-rei D. Fernando.*
Loureiro A. Ferreira de, *Memoria sobre o Mondego e a barra da Figueira.*
Macarronea Latino-Portugueza.
Macedo Antonio de Sousa de, *Flores de España, Excellencias de Portugal.*
Malhão Francisco Manuel Gomes da Silveira, *Vida e feitos de... escripta por elle mesmo.*
Mariz Pedro de, *Dialogos de varia historia.*
Martins de Carvalho Joaquim, *Apontamentos para a historia contemporanea.*

Mascarenhas D. Jeronymo de, *Historia da cidade de Coimbra.* Mss. B. P. E. (citado no Panorama Photographico).

Memoria sobre a fundação e Progresso do Real Collegio das Ursulinas de Pereira.

Mirabeau Bernardo Antonio de Serra, *Memoria Historica e Commemorativa da Faculdade de Medicina*

Miranda Francisco de Sá de, *Obras.*

Moraes Ignacio de, *Conimbricae Encomium.*

Motta Veiga Manuel Eduardo da, *Esboço historico Litterario da Faculdade de Theologia.*

Neves e Mello (filho) Adelino Antonio das, *Musicas e canções populares.*

O Panorama.

Panorama photographico de Portugal, sob a direcção de Augusto Mendes Simões de Castro.

Pardoe Miss Julia, *Traits and traditions of Portugal.*

Pedro i D. *Canções.*

Pereira Joaquim Alves, *Resumo historico da Santa Casa e irmandade da Misericordia... de Coimbra.*

Pereira Joaquim da Silva, *Coimbra Gloriosa pelas suas nobilissimas e antiquissimas memorias* (Mss. B. P. L.)

Perim Damiam Fróes (fr. João de S. Pedro), *Theatro heroino de mulheres illustres.*

Pina Ruy de, *Chronicas.*

Pinto Heitor, *Imagem da Vida Christan.*

Plinius (C.), *Historia Naturalis.*

Portugal Pittoresco, sob a direcção de Augusto Mendes Simões de Castro.

Portugaliae Monumenta Historica, Diplomata et chartae.

— *Leges et consuetudines.*

— *Scriptores.*

Plolemeu, *Geographia.*

Preludios Litterarios.

Quicherat J., *Histoire de Sainte Barbe; collège, communauté, institution.*

Raczynski Comte A. de, *Les Arts en Portugal.*

— *Dictionnaire artistique de Portugal.*

Revista Academica.

Rezende L. André, *De antiquitatibns Lusitaniae.*

Ribeiro João Pedro, *Dissertações Chronologicas e Criticas.*

— *Reflexões historicas.*

Ribeiro José Silvestre, *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal.*

ROBINSON, *A antiga escola portugueza de pintura.*
ROCHA Coelho da, *Ensaio sobre a historia do governo e legislação de Portugal.*
ROCHA fr. Manuel da, *Portugal Renascido.*
RODRIGUES DA COSTA Antonio, *Embaixada que fez o Excellentissimo Conde de Villar Maior.*
SACRAMENTO fr. João do, *Chronica dos Carmelitas Descalços.*
SANT'ANNA fr. Belchior de, *Chronica dos Carmelitas Descalços.*
SANTA MARIA fr. Agostinho de, *Sanctuario Mariano.*
SANTA MARIA fr. Francisco de, *Céo aberto na terra.*
SANTA MARIA D. Nicolau de, *Chronica dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho.*
S. BOAVENTURA fr. Fortunato de, *Historia chronologica de Alcobaça.*
S. THOMAZ fr. Leão de, *Benedictina Lusitana.*
SEABRA DE ALBUQUERQUE Antonio Maria, *Considerações sobre o Brasão da Cidade de Coimbra.*
— — *Bibliographia da Imprensa da Universidade.*
SECCO Antonio Luiz de Sousa Henriques, *Memoria Historico-Chorographica dos diversos concelhos do districto administractivo de Coimbra.*
SILVA José Soares da, *Memorias de D. João I.*
SILVA LEAL Manuel Pereira da, *Discurso Apologetico.*
SIMÕES dr. Augusto Filippe, *Da architectura religiosa em Coimbra durante a edade-média.*
— *Reliquias da architectura romano-bysantina em Portugal.*
SIMÕES DE CARVALHO Joaquim Augusto, *Memoria Historica da Faculdade de Philosophia.*
SIMÕES DE CASTRO Augusto Mendes, *Guia Historico do Viajante em Coimbra e arredores.*
— — *Noticia historica e descriptiva da Sé Velha de Coimbra.*
— — *Os tumulos de D. Affonso Henriques e de D. Sancho I*
SOARES João d'Almeida, *Vida e morte do heróe D. Affonso de Castello Branco*, Mss. B. P. E., (citado no Guia Historico do Viajante de Coimbra).
SOUSA D. Antonio Caetano de, *Historia Geneologica da Casa Real e Provas...*
SOUSA fr. Luiz de, *Historia de S. Domingos.*
STRABÃO, *Geographia.*
TELLES Balthasar, *Chronica da Companhia de Jesus.*
VASCONCELLOS Miguel Ribeiro de, *Noticia Historica do Mosteiro da Vaccariça.*
VICENTE Gil, *Obras.*
VILLA MAIOR Visconde de, *Exposição succinta da organisação actual da Universidade de Coimbra.*
VITERBO fr. Joaquim de Santa Rosa de, *Elucidario.*

INDICE

CAPITULO V

CAPITULO VI

CAPITULO VII

CAPITULO VIII

CAPITULO IX

CAPITULO X

CAPITULO XI

CAPITULO XII

CAPITULO XIII

CAPITULO XIV

CAPITULO XV

CAPITULO XVI

CAPITULO XVII

CAPITULO XVIII

CAPITULO XIX

COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS

CORRECÇÕES E ADDITAMENTOS

Pagina 14 *linha* 15, *lêde* ao oriente os bairros dos *Arcos*, de Sant'Anna...

» 73 » 12, *lêde* ALFONSI *em vez de* ALFON SI

» 112 » 34, *lêde* marchetado *em vez de* margetado.

» 148 » 34, *lêde* Este becco é aqui mencionado porque o seu nome faz lembrar uma

» 216 » 15-16, *lêde* o seu emprego em Macau.

» 239 » 1, lêde *quinaria* em vez de *quimaria*.

» 298 » 7, *lêde* aferradas *em vez de* afferadas.

» 305 » 10, *lêde* DO. TPO *em vez de* DO TPO

» 305 » 17, *lêde* E TODO *em vez de* E TODO

» 344 » 13, *lêde* capitel *em vez de* capital.